Veríssimo Dias
Ricardo Faria Paulino

RETRATOS DA REPÚBLICA

Apresentação de **José Mattoso**

Prefácio de **Diogo Freitas do Amaral**

Posfácio de **Eduardo Lourenço**

RETRATOS DA REPÚBLICA

Os autores e o coordenador deste livro dedicam-no às suas mulheres: Aurora, Dora e Isabel

Veríssimo Dias
Ricardo Faria Paulino

RETRATOS DA REPÚBLICA

Apresentação de **José Mattoso**

Prefácio de **Diogo Freitas do Amaral**

Posfácio de **Eduardo Lourenço**

FICHA TÉCNICA

Título
Retratos da República

Autoria
Veríssimo Dias
Ricardo Faria Paulino

Apresentação
José Mattoso

Prefácio
Diogo Freitas do Amaral

Posfácio
Eduardo Lourenço

Do Autor
Veríssimo Dias

Outros Textos
Diversos Retratados

Fotografia	Páginas
Alexander Alexandrovitch Kharmalov	409
Jorge Garcia	192
Ricardo Faria Paulino	33 , 85 , 100 , 102 , 169 , 184 , 224 , 323 , 354 , 369 , 378
Estúdios Locais	139, 407
Veríssimo Dias	Todas as páginas restantes

Tratamento de imagens
Veríssimo Dias
Ricardo Faria Paulino
Helena Ponte

Coordenação e Revisão Geral
Armando Botelho

Execução Gráfica e Impressão
Punkte Art - Produções Gráficas

Paginação
Eduardo Jorge Cardoso e Ana Cláudia Pinheiro

Tiragem
2000 exemplares

Depósito Legal
319588/10

ISBN
978-989-20-2218-5

Lisboa, Dezembro 2010

© Blossom, Lda.

AGRADECIMENTOS

O primeiro agradecimento dirige-se a todas as pessoas que aceitaram o convite para serem retratadas para este livro. São os seus rostos, plenos e belos na singularidade de cada um, que constituem o corpo fundamental deste livro.

Seguidamente, pretendo agradecer ao patrocinador principal do livro, Comendador Rui Nabeiro, da Delta Cafés, que me honra com a sua amizade, que é recíproca. Agradeço também o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian que acarinhou desde o início este projecto. Estou reconhecido igualmente a todos os outros patrocinadores e apoiantes do livro, cujos logótipos se apresentam em página específica no final do livro.

Agradeço à Associação Comercial do Porto e ao ACM de Coimbra, que disponibilizaram as suas instalações para a realização de retratos de diversas pessoas das zonas norte e centro do país.

Estou particularmente grato ao Ricardo Faria Paulino, pela co-autoria, e ao Armando Botelho pelo rigor da coordenação das diversas fases de realização do projecto e pela revisão geral do livro. Aos Eduardo Cardoso (pai e filho – e bons amigos) agradeço a excelência da produção gráfica e à Ana Cláudia Pinheiro o apoio na paginação.

À Canon, Colorfoto e CityLab, nas pessoas de José Manuel Antas, José Manuel Silva e José Manuel Veríssimo Teixeira, manifesto reconhecimento pelas facilidades concedidas no acesso a material e equipamento fotográfico. Estou grato também aos meus amigos Vítor Nédio e Júlio Lousada pela colaboração que me prestaram em diversas tarefas.

Agradeço à minha família a compreensão pelas ausências que a realização deste projecto implicou e pelo encorajamento e estímulo que me deram.

Finalmente, expresso gratidão a todos os que escreveram pequenos textos para associar aos respectivos retratos e, particularmente, a Diogo Freitas do Amaral, Eduardo Lourenço e José Mattoso que produziram belíssimos textos introdutórios.

APRESENTAÇÃO

Que sentido tem reunir num álbum as fotografias de umas tantas pessoas que em Portugal se tornaram conhecidas do público nos últimos anos?

São pessoas vivas e portugueses. Pretende-se, por ocasião do centenário da República, celebrar, numa liturgia discreta e silenciosa, aqueles que, pelo seu talento, a sua obra, o seu trabalho ou o seu testemunho, contribuíram para a permanência e a vitalidade da comunidade nacional a que pertencemos. Aqueles que lhe têm dado vida, renovado esperanças e energias, explorado caminhos diferentes, tentado resolver dificuldades. Não propõem todos o mesmo. As suas opiniões podem até ser contraditórias. Mas todos se distinguem por algo de especial. Pretende-se tomar a sua reunião num conjunto como expressão de um voto de complementaridade, ou seja, atribuir maior importância ao que os une do que ao que os separa, sem receio de assim adoptar uma posição idealista ou utópica. Imagina-se o som das suas vozes e mensagens como um grande coro polifónico em que as diferenças se harmonizam num todo.

Sendo assim, não é necessário explicar as razões da escolha individual. Também não é preciso atribuir classificações. Noutras instâncias importará dizer o que realizaram de melhor ou de menos bom. Aqui, pretende-se apenas transmitir a ideia de que a construção da identidade nacional (sempre provisória, sempre recomeçada) é feita por muitos, e envolve pessoas de todas as profissões, capacidades e instituições. E também, sem fazer juízos de valor, afirmar que, pelo simples facto de em alguma coisa se distinguirem do comum, conferem maior valor ao tecido nacional. Como pano de fundo dos que se notabilizaram, pressupõe-se uma comunidade, uma Nação. Propõe-se que os leitores, também espectadores, tomem consciência de que são membros desta mesma comunidade, percebam os vínculos que os unem e aquilo que devem aos "melhores" dos seus membros.

Esperamos que não se confunda a publicação de uns tantos retratos com uma feira de vaidades. Outros coleccionadores de figuras públicas prefeririam editar qualquer coisa como uma réplica do *Álbum das glórias* de Rafael Bordalo Pinheiro. A ironia baseada na evidência do ridículo a que se expõe todo aquele que se faz notar por sair da norma também pode ser benéfica, enquanto convite à crítica ou denúncia da vaidade. Mas em vez de salientar as fraquezas e defeitos que existem em todos os seres humanos, e se tornam mais visíveis quando eles se destacam do conjunto, preferiu-se relevar o seu efectivo contributo para a construção comum.

A "República" cujo centenário se comemora toma-se, pois, no sentido etimológico (*res publica*), não como sistema de governo contrário à monarquia. Com efeito, o critério da selecção de retratos não foi distinguir os heróis de uma qualquer ideologia ou partido, mas reconhecer o que pessoas concretas fizeram de positivo nas suas diferentes áreas de acção e de pensamento, e lembrar aqueles que se distinguiram ou distinguem por meio de acções criativas. Pretendeu-se juntar numa mesma celebração criadores e intérpretes, homens e mulheres de acção ou de pensamento, defensores de ideias coincidentes ou doutrinas opostas, pessoas de todas as idades, representantes de todas as artes e de todas as ciências, responsáveis de vários organismos. Ao reunir num só conjunto pessoas tão diferentes umas das outras, pretendeu-se seguir a lição da vida, que é sempre plural, e cuja capacidade de regeneração implica manter a evolução num sentido determinado, vencendo obstáculos, dificuldades, contradições e incoerências. Pretendeu-se também proclamar a confiança no misterioso processo universal das mutações que desarmam a morte e a transformam em reverso da vida.

Reunir os rostos de quem se entregou intensamente à vida, nesta porção da humanidade a que pertencemos, para seguir o seu próprio impulso, ou para responder ao apelo alheio, é também um convite a transmitir a corrente à geração seguinte, a fazê-la durar no tempo, e, por isso, a garantir a sua perpetuação. É uma forma de luta contra a destruição e a morte que, sem dúvida, nos ameaçam, no plano da comunidade nacional e no plano da comunidade mundial, mas que será tanto mais eficaz quanto menos medo delas tivermos.

Génios ou não, todas as pessoas que se escolheram contribuíram com a sua parte para o que Portugal é hoje, bom ou mau, pequeno ou grande, rico ou pobre, central ou periférico. O que hoje temos deve-se de alguma maneira a eles. Numa celebração jubilosa como a que se pretende, não há lugar para a representação dos obstáculos que nunca foram nem serão vencidos, porque a construção da comunidade nunca está terminada. Mas prefere-se ignorá-los. Nesta espécie de acto litúrgico não se pretende contar nenhuma história. Evoca-se uma tensão permanente, dramática, inerente à condição humana, mas não os episódios das sucessivas confrontações com forças contrárias.

Também não se pretende separar do conjunto aqueles que se escolheram. São pessoas concretas; mas, além de serem eles próprios, representam "soldados desconhecidos". Celebra-se aquilo com que contribuem para a comunidade que formam. Não como modelos individuais, mas como parte visível de um todo. Não se reifica a pátria, mas nem por isso se deixa de considerar a identidade do conjunto. O que implica que se mostrem os actores mas não se esqueçam os figurantes, cujo papel é essencial. Escondidos ou invisíveis, são eles que asseguram o funcionamento normal da sociedade a que pertencem. São os cidadãos comuns. A *res publica* é feita por todos.

José Mattoso

O IDEAL REPUBLICANO

A República moderna nasce com o "Contrato Social" de Jean-Jacques Rousseau, em 1766.

O argumento principal era, e continua a ser, o de que todos os homens nascem livres e iguais, pelo que nenhum deles pode legitimamente reivindicar o direito de governar como rei, ou o direito aos privilégios da nobreza, ou quaisquer outros direitos que não resultem da actuação livre e meritória de cada um. Foi à luz desta concepção que, com a Revolução Francesa e a partir dela, se substituiu a doutrina "direito divino dos reis" pelo princípio da "soberania popular", que os cargos públicos deixaram de ser preenchidos por herança e passaram a sê-lo por eleição, que a concentração de todos os poderes do Estado na Coroa cedeu o lugar à separação dos poderes (legislativo, executivo e judicial) e que os Direitos Humanos foram arvorados em limite ao poder potencialmente abusivo do Estado.

Portugal teve a sua primeira Revolução liberal em 1820; tornou-se numa República em 1910; e atingiu a Democracia em 1974. A esta seguiu-se a Descolonização em 1975, e a adesão à CEE, hoje União Europeia, em 1985-86. Generalizaram-se os direitos políticos, económicos e sociais. O país tornou-se economicamente mais moderno e socialmente mais justo. Conquistámos um significativo prestígio internacional. Construímos, em condições ímpares, uma fraterna e promissora Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP). Que mais nos falta agora? Sobretudo duas coisas: crescimento económico e justiça social.

Temos paz, temos liberdade, temos democracia. Mas somos o país europeu com maiores desigualdades e injustiças sociais! Não é aceitável. Os ideais humanistas, republicanos e democráticos clamam por um urgente esforço – firme, corajoso e ousado – no caminho da justiça social. Se o não fizermos, não teremos compreendido o essencial em 100 anos de República – ou seja, que o valor cimeiro de qualquer comunidade política tem de assentar no respeito da dignidade do Homem.

Diogo Freitas do Amaral

FUTURE OR NOT FUTURE

Sempre foi temerário o ofício de Cassandra. E perigoso, como o seu fim o testemunha. Hoje, não é perigoso, nem temerário. Profetizar, imaginar o futuro, faz parte da cultura intrinsecamente lúdica em que a nossa se converteu. Lúdica e futurante. Ninguém tem tempo sequer para comentar, e ainda menos, viver as profecias realistas com que, por obrigação ou divertimento, antecipou o seu futuro já incluído num presente em si mesmo tão imprevisível como o mais fantástico dos futuros.

Simbolicamente, nunca consumimos tanto futuro como futuro antecipado ou presente reciclado. Basta ir ao cinema, a todos os "Avatares", que nunca imaginam um futuro siderante, senão como viagens ao passado mais longínquo. Talvez Elmano Olmi, cineasta místico, tenha razão. Ao fim e ao cabo, confrontados com um presente de uma complexidade infinita e um futuro paradoxalmente estático, no fundo, aquilo que realmente nos interessa e buscamos é a "Origem". Em suma, o sem-tempo, o imemorial.

Isto é tão vago para a nossa busca individual, como para aquilo que, pensando em nós, Pessoa chamava "navios nações". Que não navegam em mares já todos descobertos mas no "mar-tempo" que, se teve " princípio " – questão insolúvel – não tem um fim à vista concebível ou imaginável. Para nosso conforto, chamamos-lhe – e não há muito, só com os gregos - "História". Que não era na visão original de Heródoto mais que a narração de acontecimentos dignos de memória dos povos e costumes de que a sua curiosidade tinha notícia ou conhecimento. Só mais tarde se tornaram aquele paradoxal conhecimento dos acontecimentos humanos que dariam aos seus actores (todos nós) a ilusão de que, decifrando-os, nós descobríamos o Sentido da nossa própria existência. Fora desta convicção não há, nem pode haver, História alguma. Quer dizer, decifração do enigma mesmo que nos constitui ou nós constituímos chamando-lhe história. Na realidade, somos nós que constituímos os acontecimentos como "História", descobrindo-lhe ou impondo-lhe sentidos. Quer dizer, leituras destinadas a substituir a memória fragmentada, impossível ou inesgotável deles que é sempre a nossa, pela ficção de uma memória humana tão virtualmente ominipresente como imaginamos a de Deus. O que nós somos, como "temporalidade" não consente uma tal ficção. Mas é justamente por isso que nós inventamos a História, uma noção sublime destinada a deter no seu espelho mágico a água do tempo.

Como todos os povos também nós, portugueses, temos uma História. História que, por sua vez é, mesmo em cada época, uma multiplicidade de histórias e ao longo do seu passado, sucessivos "portugais". Os retratos deste livro de Veríssimo Dias são um deles.

Mas também em cada momento e só nessa medida, somos uma comunidade com regras de viver comum, "leis", costumes, crenças mais ou menos partilhadas, dotadas de uma autonomia política e de uma vontade de a defender em relação àqueles que a cercam e donde em tempos se separou. No mundo em que vivemos, tão diferente do das suas origens, mundo interligado em todos os domínios, o tipo de autonomia que outrora distinguia uma nação de outra é, ao mesmo tempo, um milagre e uma ficção. Nada nos é garantido por direito divino. Pela primeira vez, e agora por motivos que pouco têm que ver com os "clássicos" que repousavam sobre o direito natural de defender o que era "nosso" de ambições alheias, perdeu praticamente todo o sentido. Só os "grandes" deste mundo gozam ainda deste arcaico privilégio. A interdependência é a regra do jogo entre as nações e para as pequenas "um destino". Depois da adesão à Europa, estamos e partilhamos o seu destino para o bem ou para o mal. Estamos lá com todo o nosso "passado", com um "império que nunca fomos", por conta da mesma Europa que acabamos por perder. Igualmente com a experiência e vivência desses outros continentes

onde em tempos estivemos. É por isso que a "barca Europa" é tão singular, agora que regressou ao porto e nós com ela. A esse título, nós como os outros europeus não temos já um destino singular como durante séculos. Estamos como que "parados"neste tempo épico e o mundo que nos cerca não se tornou num mar de rosas.

O "mar tenebroso" que teremos de enfrentar – que com uma parte da humanidade enfrentamos – não é o da "Natureza". É só o que teimamos em chamar "História". Tão opaca como foi sempre. Mas agora a opacidade é toda nossa.

Eduardo Lourenço

DO AUTOR

RETRATOS DA REPÚBLICA navega parcialmente a onda que celebra a efeméride do Centenário da Implantação da República em Portugal, mas, simultaneamente, extravasa-a. É que o livro sucede a um outro, RETRATOS DE ABRIL 35 ANOS DEPOIS, editado por mim em Abril de 2009 e, se tudo vier a correr a contento, antepõe-se a um novo livro, que penso editar daqui a cerca de dois anos, e que deverá chamar-se RETRATOS DA LÍNGUA PORTUGUESA. Ficará, assim, completa uma *Trindade de Retratos da minha autoria que, do primeiro ao terceiro livro, se alarga em extensão de cobertura: Abril, Portugal e a Língua Portuguesa.*

O livro RETRATOS DA REPÚBLICA representa um projecto autoral, sendo eu e o Ricardo Faria Paulino inteiramente responsáveis pelo conteúdo, particularmente no que respeita aos critérios de escolha dos retratados. O termo República, tal como José Mattoso refere no seu texto "Apresentação" é assumido na acepção de país, mais do que na visão de regime oposto à Monarquia, sendo os retratados gente que, com os autores, partilha torrão e cultura. Optámos por convidar pessoas a partir de uma lista inicial indicativa que elaborámos e à qual se foram juntando nomes provenientes das conversas que íamos tendo com cada retratado.

Para as personalidades políticas, a sequência em que os retratos surgem no livro teve em consideração, no essencial, o protocolo de Estado, embora na escolha dos retratados a colocar lado a lado fossem usados, por vezes, critérios estético-fotográficos. O ordenamento dos retratados oriundos de outras áreas fez-se por agregação de grandes zonas e, no interior destas, fundou-se, sobretudo, na estética fotográfica dos autores.

A maioria das pessoas convidadas respondeu favoravelmente, mas ocorreram algumas recusas por razões variadas, que aceitamos naturalmente, sem indicação de nomes nem comentários adicionais.

A extensão da informação anexada a cada retrato é semelhante à que tínhamos utilizado já no livro Retratos de Abril. Exceptuando os cargos superiores de soberania, o estatuto e situação profissional referidos para cada retratado, não indicam, normalmente, a função específica desempenhada na altura de realização do retrato, nem as entidades laborais ou de pertença profissional, tendo sido adoptada uma descrição mais geral.

Alguns retratados responderam à solicitação de escrever breves textos temáticos (ou poemas) ligados às áreas ou a interesses filosófico-estéticos da sua preferência. Esses textos estão colocados próximo dos retratos respectivos.

À data da escrita deste texto, todos os retratados estão vivos, excepto António Feio, que faleceu pouco tempo depois de ter sido retratado, no Porto, especificamente para este projecto. Acredito que seria seu desejo: estar nos RETRATOS DA REPÚBLICA. A doença e morte de José Saramago inviabilizaram o retrato que ambos gostaríamos de ter feito.

A idade dos retratados, à data de saída do livro, varia entre 101 anos (Manuel de Oliveira) e 13 anos (Patrícia Aguiar). No total, o livro contém 377 retratos.

Gostaria agora de partilhar com os leitores, também espectadores, algumas notas sobre fotografia em geral e sobre retrato fotográfico, em particular. Desde que Joseph Nicéphore Niepce produziu, em 1826, a primeira fotografia reconhecida como tal (numa placa de estanho coberta com um derivado fotossensível de petróleo, chamado Betume da Judeia), a actividade fotográfica percorreu uma evolução

tecnológica gigantesca e foi constituindo tema de reflexão, mote para debates de paladar diverso e objecto de teorização.

É antiga, longa e de múltipla abordagem a controvérsia sobre a fotografia como arte, refutando-lhe alguns puristas tal condição, com o argumento fulcral de que a fotografia é produzida e multiplicada com facilidade, não contendo a singularidade inerente à arte. É célebre o libelo arrebatado de Baudelaire, ao comparar Pintura e Escultura com Fotografia:

> "Em matéria de pintura e de estatuária, o *credo* actual dos mundanos, sobretudo em França (e não creio que quem quer que seja ouse afirmar o contrário) é este: creio na Natureza e só na Natureza (há boas razões para isso). Creio que a Arte é, e não pode deixar de ser, a reprodução exacta da Natureza (...). Assim, a indústria que nos desse um resultado idêntico à natureza seria arte absoluta. Um Deus vingador escutou as preces desta multidão. Daguerre foi o seu Messias. E então ela disse-se: uma vez que a fotografia nos dá todas as garantias desejáveis de exactidão (acreditam nisso os insensatos), a arte é a fotografia. A partir desse momento a sociedade imunda lançou-se, como um único Narciso, a contemplar a sua vulgar imagem no metal. Uma loucura, um fanatismo extraordinário apoderou-se de todos estes novos adoradores do Sol".

Heidegger assimilava a imagem fotográfica à *reprodução do ente*, condenando-a por não ser arte: a *revelação do Ser*. E em plena era digital, rememoremos uma reflexão arguta de Susan Sontag: "*a fotografia tornou-se um passatempo quase tão difundido quanto o sexo e a dança – o que significa que, como qualquer outra forma de arte de massa, a fotografia não é praticada pela maioria das pessoas como uma arte. É sobretudo um rito social, uma protecção contra a ansiedade e um instrumento de poder*".

No que me respeita, vejo a fotografia como arte, e arte maior, mas seja ela, para outras pessoas, costume, rito ou técnica - não se erige aqui a arena para dirimir razões e argumentos - sei que ao fazer o *clique* para os meus *retratos*, o dedo que aperta o disparador não é o agente único em acção. Empurra-o um silêncio vindo de dentro, uma geometria enternecida e uma flecha desassossegada mas afável. E, dedo e emoção geram, por móbil inexplicável, num fôlego concluído e não totalmente concluído, uma esperança-certeza: haverá retrato, haverá fotografia! O *outrora-agora-sempre* vai ser registado. E um semblante será feito milagre, recriando-me nele através de um pensamento que atravessou outro pensamento sem nele se confundir, através de um coração que, brevemente, pulsou em uníssono com outro coração. Imagino que foi por razões deste tipo que Henry Cartier-Bresson, o grande Mestre, dizia que fotografar é *colocar na mesma linha de mira a cabeça, o olho e o coração*. E Stieglitz escreveu que a fotografia é uma *realidade ainda mais subtil que a própria realidade*.

Num tempo subjugado pela comunicação visual, a fotografia oscila, às vezes, entre dois pólos geradores de uma tensão não resolvida: estar presente para *acrescentar* e estar presente para *isolar*, como duas versões diferentes da mesma coisa, no mesmo tempo, ou vice-versa, em função dos argumentos, da circunstância, do teor, da simbologia e dos ícones envolvidos. Cabe aos observadores avaliar, apreciar e interpretar as imagens, acrescentando-lhe sentido, reportório, significação e sentimento.

Diversos autores (cito alguns: Walter Benjamin, André Bazin, Edmund Husserl, Roland Barthes, Vilém Flusser, Rosalind Krauss, Philippe Dubois, Michael Fried) têm teorizado sobre fotografia e imagem fotográfica, recorrendo a diferentes categorias e noções. Em síntese, cruzam-se postulados - que ora se individualizam ora se entrelaçam - em torno de três vectores basilares de interpretação teórica: a fotografia como espelho do real (o discurso da *verosimilhança* ou da *mimesis*); a fotografia

como transformação do real/codificação das aparências (o discurso da *desconstrução* ou do *código*); a fotografia como um vestígio do real (o discurso do índice e da *referência*, ou seja do *retorno* à inseparabilidade entre imagem fotográfica e o acto que a funda). Os retratos deste livro, cada um à sua maneira, revelam e ilustram *verosimilhança, desconstrução e retorno*.

Seguramente que a maioria das fotografias que se fazem, fizeram ou farão, são, foram e serão *retratos:* em estúdio ou no exterior; em suporte analógico ou digital, a cores e a preto e branco, retrato documental, retrato de família, retrato artístico, retrato psicológico, retrato conceptual, auto-retrato; retrato de plano inteiro, plano médio, plano americano, primeiro plano, primeiríssimo plano, plano-detalhe - são inúmeros os meios e formas de fazer o retrato do homem. E não estou simplesmente a constatar um facto autêntico. A produção de retratos corresponde, também, a uma espécie de *necessidade*: que é vital, intrínseca e profunda. O homem, ser racional gregário, dotado de auto-estima e quase sempre provido do quinhão - parco ou avantajado - do velho, mas sempre jovem, *Narciso*, mirando na cristalina água o cristalino rosto, carece de ver a imagem de si próprio e dos seus. Também a imagem do *outro*. E nesta docemente obscura jornada humana, balizada pelo misterioso par de marcos, entre o advento da luz e o regresso à cerração, tudo aquilo que somos, o patente e o mais profundamente oculto, plasma-se nos nossos retratos, reaparece neles. A *fotografia* foi inventada para fazer o retrato do homem (com luminoso pedido de desculpas aos outros géneros fotográficos)!

Os retratos permitem-nos lembrar o passado, e a memória dessa lembrança une o pretérito ao presente, ajudando a interpretar, caracterizar e representar o que foi ocorrendo com a passagem do tempo. Ao olharmos um retrato, aquilatamos o *salto* entre o momento em que a pessoa (*nós*, o *outro* ou *ambos*) foi fotografada e o presente, em que se contempla a imagem. O retrato e a fotografia em geral contêm, latentemente, o *antes* e o *agora* e, quando os unimos, percebemos a mudança e a transformação. Mas, mais do que isso, podemos de alguma maneira, decifrar o que virá, prognosticar o *devir*, o devir do homem e o grande e insondável devir do mundo.

O retrato permite armazenar o *precioso*, guardar os instantes que se consideram valiosos. Tirar fotografias ajuda a combater o nada e o esquecimento. Fotografamos para recordar, porque os acontecimentos findam e as fotografias permanecem, embora muitas vezes não saibamos, com rigor e plenitude, se esses momentos foram significantes em si mesmos ou se tornaram memoráveis por terem sido fotografados. Recordemos um velho diálogo:

> ESTRANGEIRO: - Que linda criança a senhora tem.
>
> MÃE: - Isso não é nada; devia ver o retrato dela!!!

Apesar da diversidade dos planos de tomada, o tema central do retrato é o rosto humano: esse *mapa-mundi* do nosso universo interior e exterior, do que nos vai (e foi) na *mente* e do que recebemos da *terra*; essa realidade que, pedindo emprestadas as palavras de Cristina Robalo Cordeiro, é *matéria* e *espírito*, *forma* e *significação, destino*, *morte*, *arte*, *mundo*, *cultura*, *absoluto - enfim o que fisicamente mais distingue o homem do animal.*

Considero-me um retratista clássico. Para além da técnica fotográfica (analógica e digital) que domino com espessura e pormenor, fundeio profundamente na pintura. Leonardo, Rafael, Rembrandt, Ticiano e os russos Kramskoy e Repin são fontes permanentes de inspiração. Inspiração directa - para a composição e nas minhas opções de iluminação; inspiração indirecta - no entendimento da

mensagem incorpórea que se oculta nos retratos, aguardando leitura. Com frequência retorno também a Caravaggio, Dürer, Goya, Miguel Ângelo, Van Gogh, Velasquez e Vermeer. Entre os fotógrafos, constituem afeiçoamento maior, no que concerne ao retrato, Richard Avedon, Henry Cartier-Bresson, Yousuf Karsh, Dorothea Lange, Alexander Rodtchenko, August Sander, Edward Steichen, Thomas Struth, entre os estrangeiros, e José Manuel Rodrigues, Fernando Lemos e A. Homem Cardoso, entre os portugueses. Revisito ainda com frequência, lá de fora, Alvarez Bravo, Diane Arbus, Édouard Boubat, Brassaï, Bill Brandt, Robert Doisineau, Walker Evans, David Octavius Hill, André Kertész, William Klein, Josef Koudelka, Nadar, Robert Frank, Leni Rienfsthal, Alfred Stieglitz, Edward Weston e, cá de dentro, Gérard Castello-Lopes, Eduardo Gageiro e Luiz Carvalho.

Não alimento a polémica do "digital" *versus* "analógico". O meu posicionamento face à fotografia (e ao retrato) é, sobretudo, de atitude e de olhar, sendo o "digital" e o "analógico" unicamente ferramentas e caminhos para fotografar, aprendendo mais e mais, sempre, sobre os segredos do rosto humano. Prefiro o preto e branco, como forma pessoal de expressão, mas não hostilizo a cor.

As imagens de RETRATOS DA REPÚBLICA tentaram, devagar e serenamente, aflorar a questão, tantas vezes recorrente, da identidade nacional: o que é ser português? O que é Portugal? Peço, antes de tudo, emprestada a prosa luminosa de Eduardo Lourenço: "*nação pequena que foi maior do que os deuses em geral o permitem, Portugal precisa dessa espécie de delírio manso, desse sonho acordado que, às vezes, se assemelha ao dos videntes (*Voyants *no sentido de Rimbaud) e, outras, à pura inconsciência, para estar à altura de si mesmo. Poucos povos serão como o nosso tão intimamente quixotescos, quer dizer, tão indistintamente Quixote e Sancho. Quando se sonharam sonhos maiores do que nós, mesmo a parte de Sancho que nos enraíza na realidade está sempre pronta a tomar os moinhos por gigantes. A nossa última aventura quixotesca tirou-nos a venda dos olhos, e a nossa imagem é hoje mais serena e mais harmoniosa que noutras épocas de desvairo o pôde ser. Mas não nos muda os sonhos*".

Que sonhos são esses? Será possível retratá-los? Quais os elementos constituintes da portugalidade? Haverá um carácter nacional? Será possível retratá-lo?

Fora da limpidez de Eduardo Lourenço, especulemos! Retratar Portugal será captar a *saudade*, essa vocábulo pungente, supostamente ausente de todos os outros idiomas? Retratar Portugal será fixar rostos que expressem o sentido de *desenrascanço* do nosso povo? Ou a ancestral paixão pelo fado, o fervor do futebol, a devoção a Fátima, a veneração dos Bombeiros Voluntários, o preito à Santa Casa da Misericórdia, a vassalagem ao endinheirado, a reverência ao *senhor doutor* e *ao senhor engenheiro*? Retratar Portugal será aprisionar nas imagens a inabalável confiança dos portugueses no *endireita* e o seu crédito revigorante na *ginginha*? Retratar Portugal será fotografar um povo que, nas palavras de Pascoais: é mais emotivo *do que intelectual* (…), *faz muito e planeia pouco, afirma e não discute* e *quando uma ideia o comove*, *despreza a dialéctica* (...) *e é sendo e não raciocinando que ele prova a sua verdade*? Retratar o país será registar um *querer crer* (ou o inverso) em Alqueva e nos Bolhões (o pato ou o da ribeira)? Retratar Portugal será perpetuar na imagem o amor pela Calçada Portuguesa, mas enchê-la de beatas de cigarro: ter condição de pobre, mas vida de rico; coração de plebeu mas sorriso de monarca (em trono de ouro rodeado de pastéis de nata)? Retratar Portugal será fixar um povo carregado de ânimo sofredor e valentia sem alardes, como propalava Salazar? Será retratar uma nação que cultiva saloiice, mediocridade e essa incompetente forma de admirar chamada *inveja*? Será fixar em imagens lusitanos incertos, amarrados a fidelidades contraditórias, tresmalhados nos seus

próprios atalhos, incógnitos no próprio lar, municiados de grilhetas que lhes acorrentam os gestos e lhes entorpecem as pernas? Ou será - haja luz - retratar um povo hospitaleiro, gentil, generoso e bom? Cada leitor, também espectador, que se inclua ou exclua, serenamente!

E, com luzes e sombras interagindo, quem quiser ler mais sobre a *nossa identidade,* visite, para além do já referido Eduardo Lourenço, outras penas: Boaventura Sousa Santos, José Mattoso, António Barreto e Augusto Santos Silva - todos, por sinal, retratados neste livro. E ainda, Onésimo Teotónio Almeida, Rui Feijó, João de Pina-Cabral, Eduardo Prado Coelho, Manuel Villaverde Cabral.

Conheço muitas das teses em presença, mas não importa aqui indicar o meu alinhamento, nem discutir ou contra-argumentar. O posicionamento assumido no livro Retratos da República é elementar e simples: **a portugalidade que existe é a portugalidade de cada um**. E foi essa que procurámos retratar. A originalidade, singularidade e peculiaridade de cada rosto, a expressão e o olhar de cada retratado são assim, e não de outra forma, porque carregam a *portugalidade* pessoal sentida e vivida pelo corpo, pela memória e pelo coração de cada um.

Para mim, a capacidade que a fotografia encerra de eternizar os instantes representa um estado sublime, uma dimensão superior, quase divina. Há uma magia e uma fascinação únicas ao pressionar o botão do obturador: nesse momento em que o rosto do nosso retratado se vai - nas palavras de uma amiga - *cristalizar numa essência*, *tornando-o intemporal*, estamos a produzir *infinito* a partir do que é *passageiro* e *fugaz*. E isso – qual conquista da ubiquidade – é coisa própria apenas de omnipotentes! É ao retratar que eu - balança oscilante entre ateísmo e agnosticismo - me sinto, com alguma segurança e regozijo, quase um *deus* a perpetuar os meus retratados (e que Deus me perdoe e o Diabo me não leve a mal)...

Vejo porque acredito...

Veríssimo Dias

Aníbal Cavaco Silva

15-7-1939, Boliqueime

Professor Universitário e Político
Presidente da República

18-9-1939, Lisboa
Advogado e Político
Ex-Presidente da República

Jorge Sampaio

7-12-1924, Lisboa

Advogado e Político,
Ex-Presidente da República

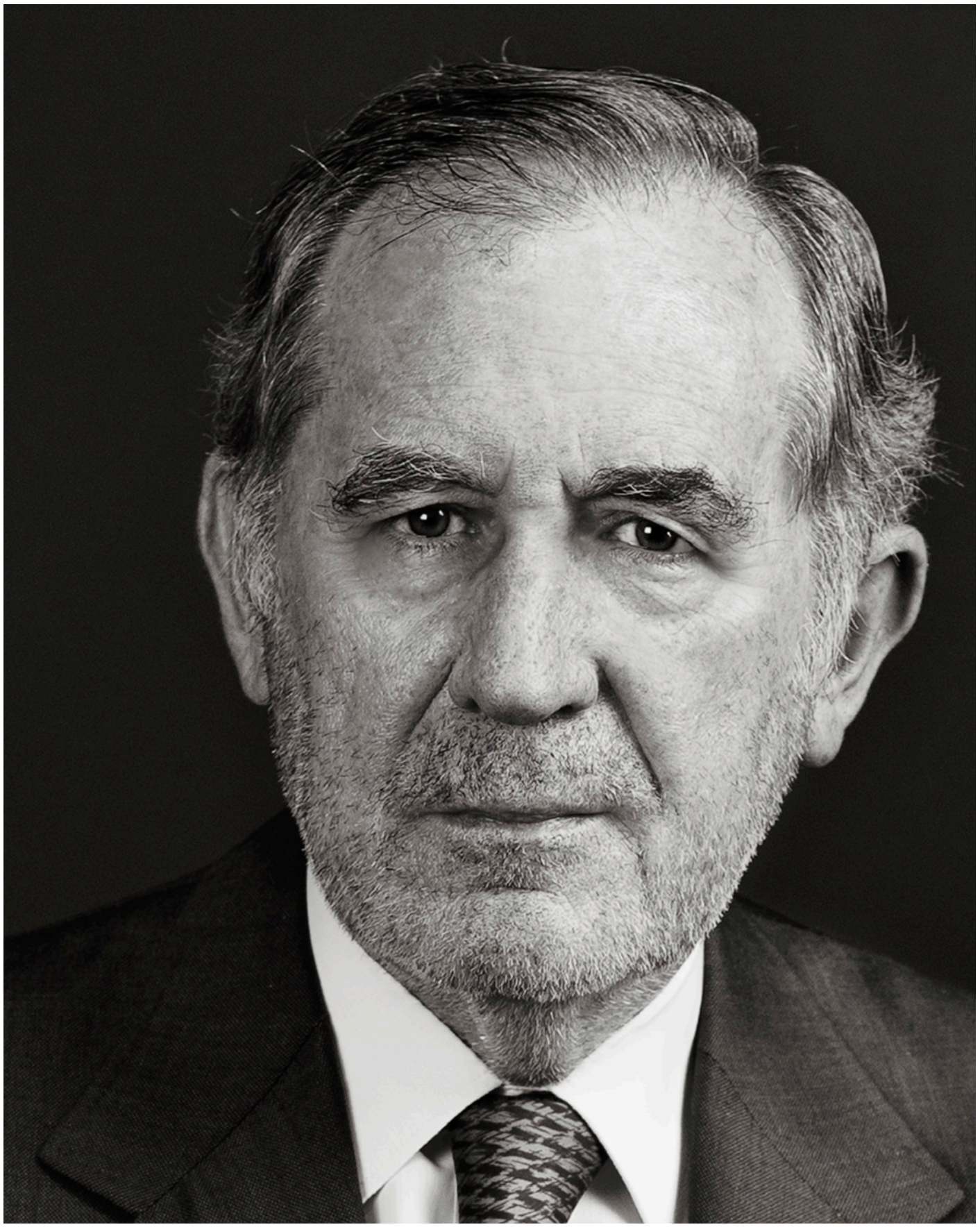
Mário Soares

25-1-1935, Alcains

Militar e Político

Ex-Presidente da República

António Ramalho Eanes



Maria Cavaco Silva

19-3-1938, São Bartolomeu de Messines
Professora e Activista de causas humanitárias

19-12-1941, Vila Real de Santo António

Activista de causas ligadas à criança (Fundação do Gil) e à cidadania empresarial (GRACE)

Maria José Rita

Maria Barroso

2-5-1925, Fuzeta

Diplomada em Arte Dramática e Ciências Histórico-Filosóficas, Activista de causas humanitárias

29-12-1938, Almada

Licenciada em Direito, Presidente do Instituto de Apoio à Criança

Manuela Ramalho Eanes

Jaime Gama

8-6-1947, Fajã de Baixo, Açores

Licenciado em Filosofia e Político

Presidente da Assembleia da República

José Sócrates

6-9-1957, Vilar de Maçada, Alijó

Licenciado em Engenharia e Político

Primeiro Ministro

José Manuel Durão Barroso

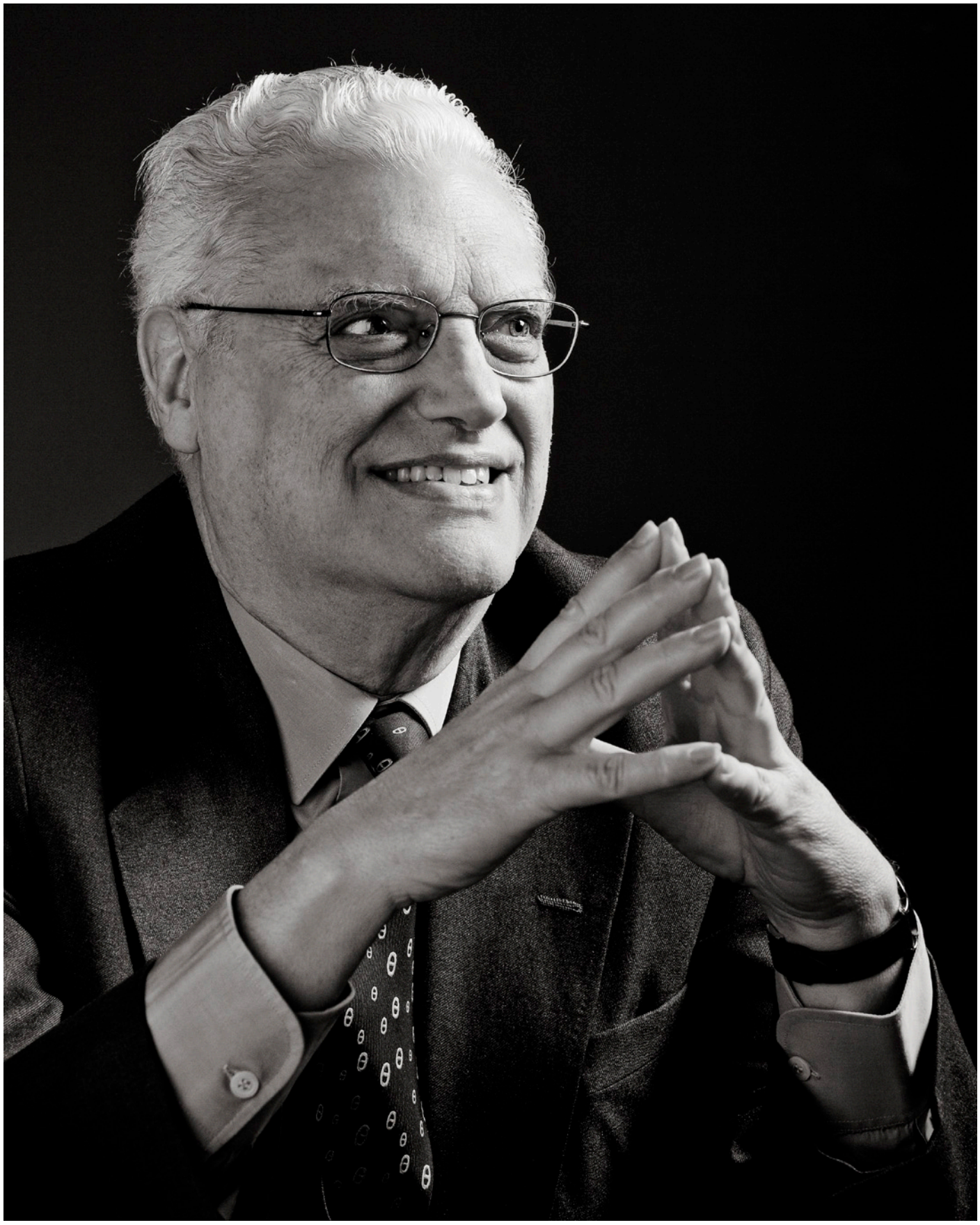
23-3-1956, Lisboa

Jurista e Político
Ex-Primeiro Ministro
Presidente da Comissão Europeia

Diogo Freitas do Amaral

21-7-1941, Póvoa de Varzim

Doutor em Direito e Político
Professor Catedrático de Direito



12-1-1957, Lisboa
Jurista e Político

António Vitorino

Luís Noronha Nascimento

2-12-1943, Porto

Juiz Conselheiro
Presidente do Supremo Tribunal de Justiça

"(…) Hoje, considero que onde se julga verdadeiramente é na Primeira Instância, não nos Tribunais de recurso.

Na Primeira Instância julga-se o sal da vida em todo o seu esplendor; nos Tribunais Superiores, autopsiam-se cadáveres embalsamados em resmas de papel.

É na Primeira Instância que se sente o pulsar das tensões, a violência das palavras, os actos falhados que denunciam algo, os golpes palacianos para enganar alguém. (…)

Tenho saudades do calor dos advogados, do companheirismo com os colegas, da época em que a experiência nos fez atingir o nirvana, e pouco importava julgar rei, ou servo.

E no fim, quando se é promovido, sente-se subitamente que, afinal, o tempo também passou para nós."

Rui Moura Ramos

30-6-1950, Batalha

Mestre em Ciências Jurídicas e Docente
Presidente do Tribunal Constitucional

Guilherme de Oliveira Martins

23-9-1952, Lisboa

Jurista, Professor Universitário e Político
Presidente do Tribunal de Contas

"Uma cultura de responsabilidade obriga a que todos os cidadãos estejam sempre disponíveis para agir em defesa do bem comum e para prestar contas dos talentos que receberam."

Luís Amado

17-9-1953, Porto de Mós
Licenciado em Economia e Político

29-3-1961, Sá da Bandeira, Angola
Pianista e Política

Gabriela Canavilhas

"Ao celebrar este centenário da República somos convocados a recordar e a reflectir sobre o passado. A Monarquia não resistiu à crise financeira de 1981 e ao vexame do *Ultimatum* inglês. A implantação da República foi o culminar de um processo crescente de insatisfação popular que pôs fim a privilégios e restituiu ao povo a sua dignidade e o seu papel na História. Mas a Primeira República não resistiu aos efeitos da Guerra e ao descontrolo das finanças públicas. O sectarismo das forças políticas e a instabilidade governativa foram incapazes de evitar o agravamento da situação financeira do país conduzindo-o a uma situação muito próxima do colapso.

Hoje, acima de tudo, há que olhar para o futuro e importa que o façamos com confiança. Que o nosso olhar sobre o passado reforce essa confiança ensinando-nos a não cometer hoje os erros de outrora."

13-9-1951, Moreira da Maia, Porto
Doutor em Economia e Político

Fernando Teixeira dos Santos

Pedro Silva Pereira

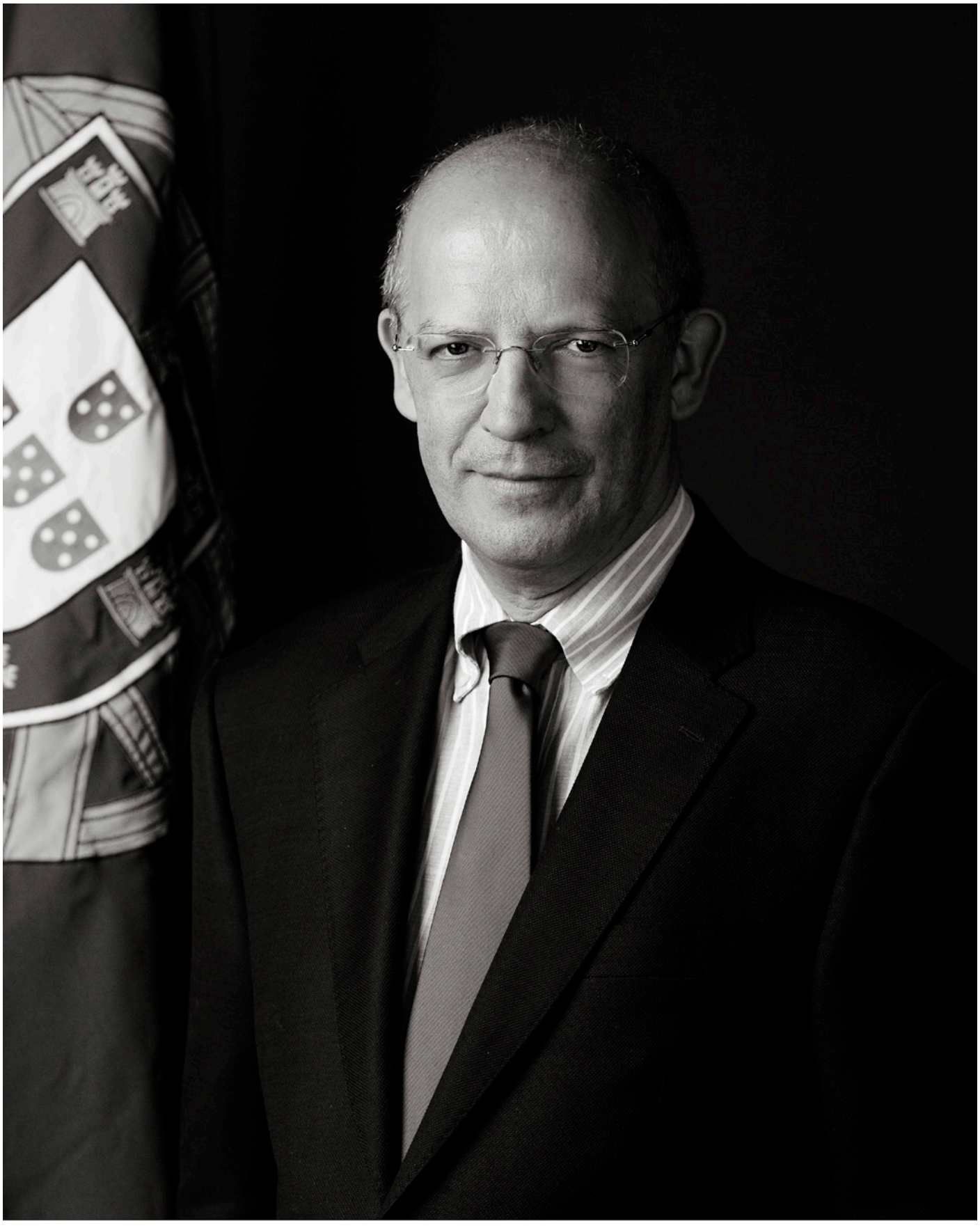
15-8-1962, Lisboa
Jurista e Político

20-8-1956, Porto

Doutor em Sociologia

Professor Universitário e Político

Augusto Santos Silva



Rui Pereira

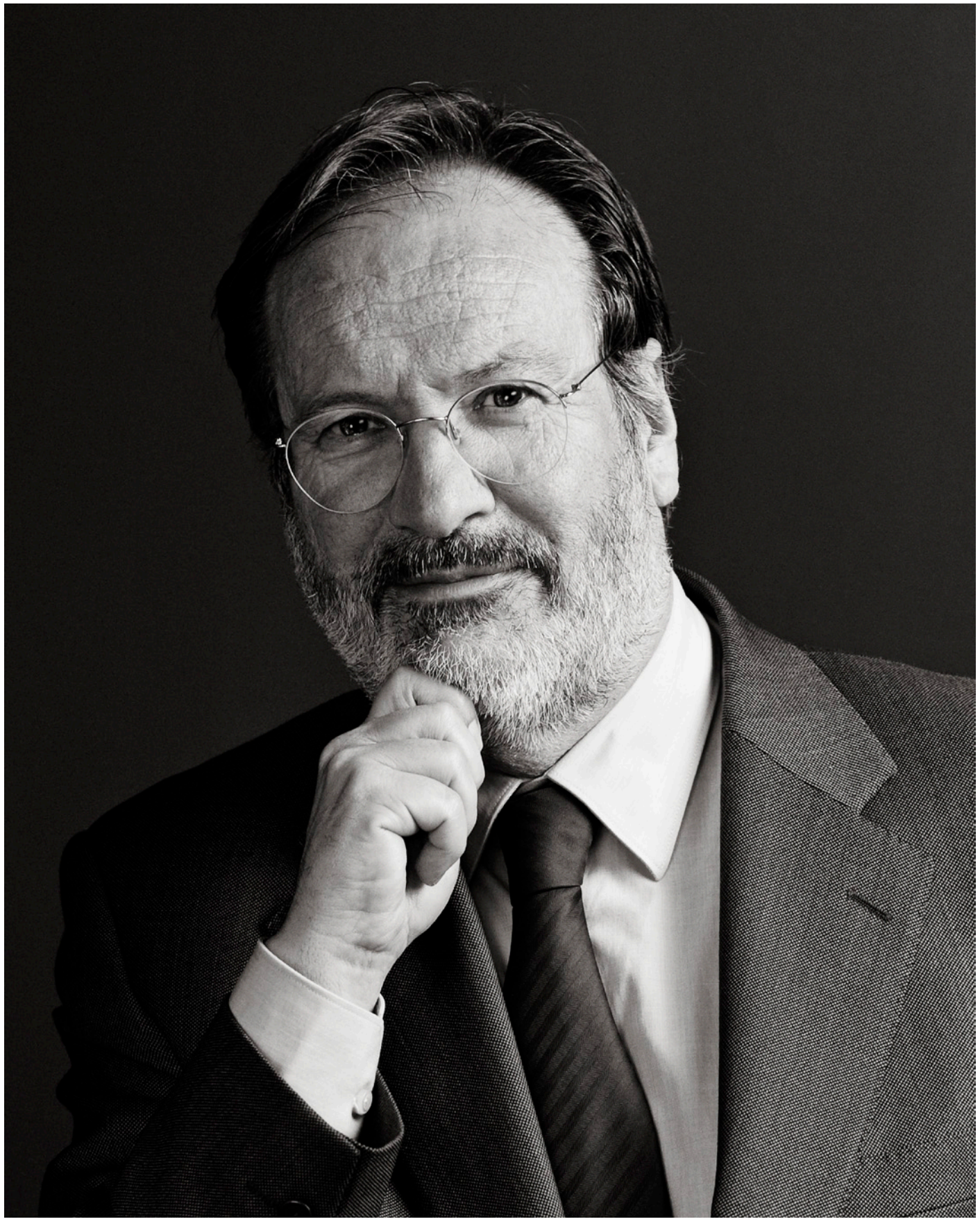
24-3-1956, Miranda do Douro

Mestre em Ciências Jurídicas

Docente e Político

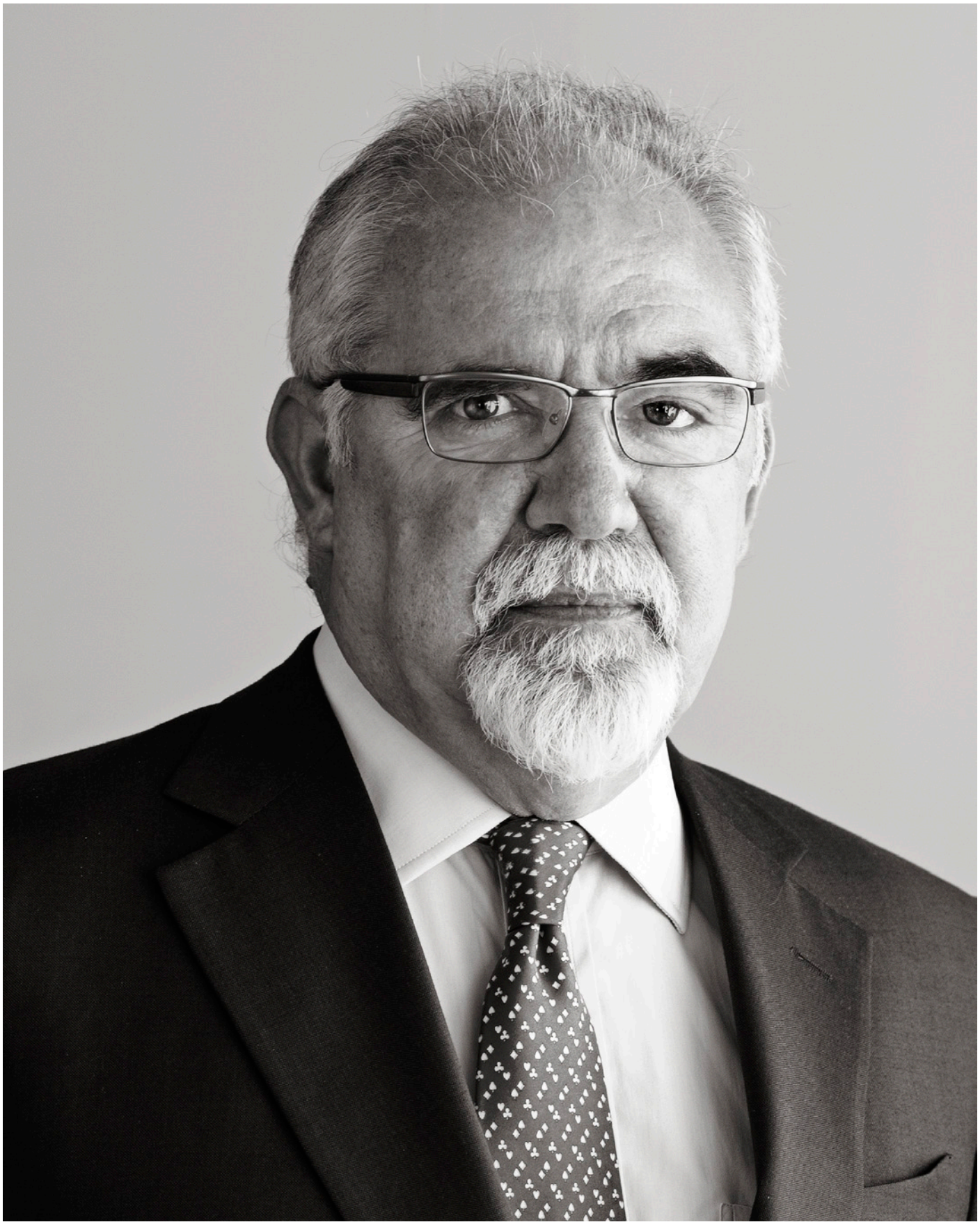
25-4-1945, Guimarães
Jurista e Político

Alberto Martins



José Vieira da Silva

14-2-1953, Marinha Grande
Economista e Político



23-11-1953, Oliveira do Hospital
Licenciada em Engenharia Química e Política

Dulce Álvaro Pássaro

Mariano Gago

16-5-1948, Lisboa
Cientista e Político

29-5-1950, Lisboa
Escritora e Política

Isabel Alçada

Ana Jorge

23-9-1949, A-dos-Cunhados, Torres Vedras

Médica e Política

29-10-1960, Paço d'Arcos
Sindicalista e Política

Maria Helena André

Os Vencidos da Vida

Eça de Queiroz, Teófilo Braga, Manuel de Arriaga, Antero de Quental, Oliveira Martins e tantos outros. A 18 de Maio 1871 um grupo de jovens, das letras e da cultura, propunha-se "agitar na opinião pública as grandes questões da filosofia e da ciência modernas" e "estudar as condições da transformação política, económica e religiosa da sociedade portuguesa". Na vanguarda do pensamento tinham uma visão divergente da participação, da cidadania, da liberdade. Queriam inovar, renovar e revolucionar. Queriam, com ideias novas, mudar o país. Queriam um Portugal diferente e objectivamente melhor. Duas décadas mais tarde estes mesmos Homens livres, reuniram-se novamente. Perante o fracasso das suas ideias auto-intitularam-se os Vencidos da Vida. Nestes cem anos de República vivemos muitas repúblicas. Três repúblicas. Talvez mais. Presidencialistas, parlamentaristas e semi-parlamentaristas. Vivemos repúblicas novas, velhas e velhas novas. Nestes cem anos nem sempre soubemos compreender a República. Mas a República é muito mais que um sistema. A República, dos cidadãos para os cidadãos é um ideal, de participação, de liberdade, de responsabilidade e de ética. Está para além dos diferentes tipos de forma de governo. Está para além das repúblicas novas e das repúblicas velhas. Dos golpes, dos contra-golpes e das muitas revoluções. Esta República, enquanto ideal, foi a única que permaneceu verdadeiramente imutável nos últimos cem anos. É essa que invocamos e celebramos neste centenário. A nossa República deve tanto ou mais aos escritos da geração de 70 como às armas que a impuseram na Rotunda. Os Vencidos da Vida nunca o chegaram a ser. O seu pensamento, a sua coragem, mudaram o país. Trouxeram-nos um ideal que fazemos por compreender. Essa é a minha República. A nossa República.

24-7-1964, Coimbra
Licenciado em Economia
Gestor e Político

Pedro Passos Coelho

O FUTURO PASSA PELA CENTRALIDADE DO TRABALHO E DO EMPREGO

Observando as múltiplas dimensões da actual crise do capitalismo, pode dizer-se que ele se depara com três profundas contradições bem visíveis nas políticas seguidas em Portugal: a velha e sempre ressurgida contradição capital/trabalho expressa em diferentes componentes e, em particular, na crescente dificuldade em operacionalizar com rigor e justiça o valor do trabalho; o sistema a negar-se como universal e capaz de integrar as dimensões de multilateralidade e multiculturalidade a que a globalização apela; uma contínua degradação da relação metabólica Homem/Natureza ou Homem/Sociedade/Natureza.

Temos de questionar os paradigmas dominantes da teoria e das práticas económicas e, obrigatoriamente, recentrar o conceito de emprego. O emprego tem de ser situado na produção de bens e serviços úteis à sociedade, à vida sustentada e equilibrada das pessoas e ancorar-se em factores de segurança e estabilidade, sacudindo subjugações àquelas contradições.

Na recentragem do conceito de emprego é indispensável assumir que o trabalho e as relações de trabalho têm, concomitantemente, dimensões económica, social, cultural e política.

Reflectindo sobre o lugar do trabalho, situo a sua centralidade em nove (9) componentes que sintetizo da seguinte forma: (i) o trabalho como factor de produção pois o trabalho é, desde logo, actividade produtiva de criação de valores de uso e de troca; (ii) o trabalho enquanto actividade socialmente útil que contribui para a estruturação e organização da sociedade, para o fornecimento de bens e serviços que harmonizam e qualificam o seu funcionamento; (iii) o trabalho como factor essencial de socialização, sendo que a grande presença das pessoas no trabalho produz experiências/vivências/processos de socialização e o trabalho é o primeiro factor de inclusão; (iv) o trabalho enquanto expressão de qualificações ligadas à valorização do trabalho, das profissões, das trajectórias e carreiras profissionais; (v) o trabalho enquanto fonte de emanação de direitos sociais e de direitos de cidadania, tendo presente que a valorização e dignificação do trabalho constituem uma base fundamental da afirmação dos direitos sociais e das melhores dimensões do conceito de cidadania; (vi) o trabalho como direito universal, fonte e espaço de dignidade e valorização humana; (vii) o trabalho (em certas condições) como factor de alienação económica, ideológico-política e até religiosa, pois o trabalhador não é senhor de participação activa e decisiva no processo produtivo e no produto, e acumula dependências face ao poder patronal; (viii) o trabalho como condição de acesso aos padrões de consumo e aos estilos de vida, factores que reciprocamente influenciam os comportamentos dos trabalhadores, individual e colectivamente, sendo de observar, a partir desta componente, o importante lugar do salário no patamar de socialização de cada indivíduo; (ix) o trabalho como actividade humana que se adapta e valoriza numa sociedade crescentemente chamada a cuidar do ambiente e dos valores ecológicos, observando-se a crescente importância da valorização da Saúde, Higiene e Segurança no Trabalho (SHST) e o significado dos contextos ambientais e ecológicos internos e externos às empresas.

As características e os significados objectivos do enunciado desta centralidade, fornecem-nos indicadores para a acção geral e específica do movimento sindical e indicam-nos amplitudes de participação de outros actores sociais e políticos. Por outro lado, conduzem-nos a uma reflexão profunda sobre os conceitos trabalhador, consumidor, cidadão e confirmam-nos a existência de uma relação profunda entre os direitos no trabalho, os direitos sociais, a cidadania, o tipo de Estado e o modelo de sociedade.

2-11-1948, Viatodos, Barcelos
Sindicalista e Investigador

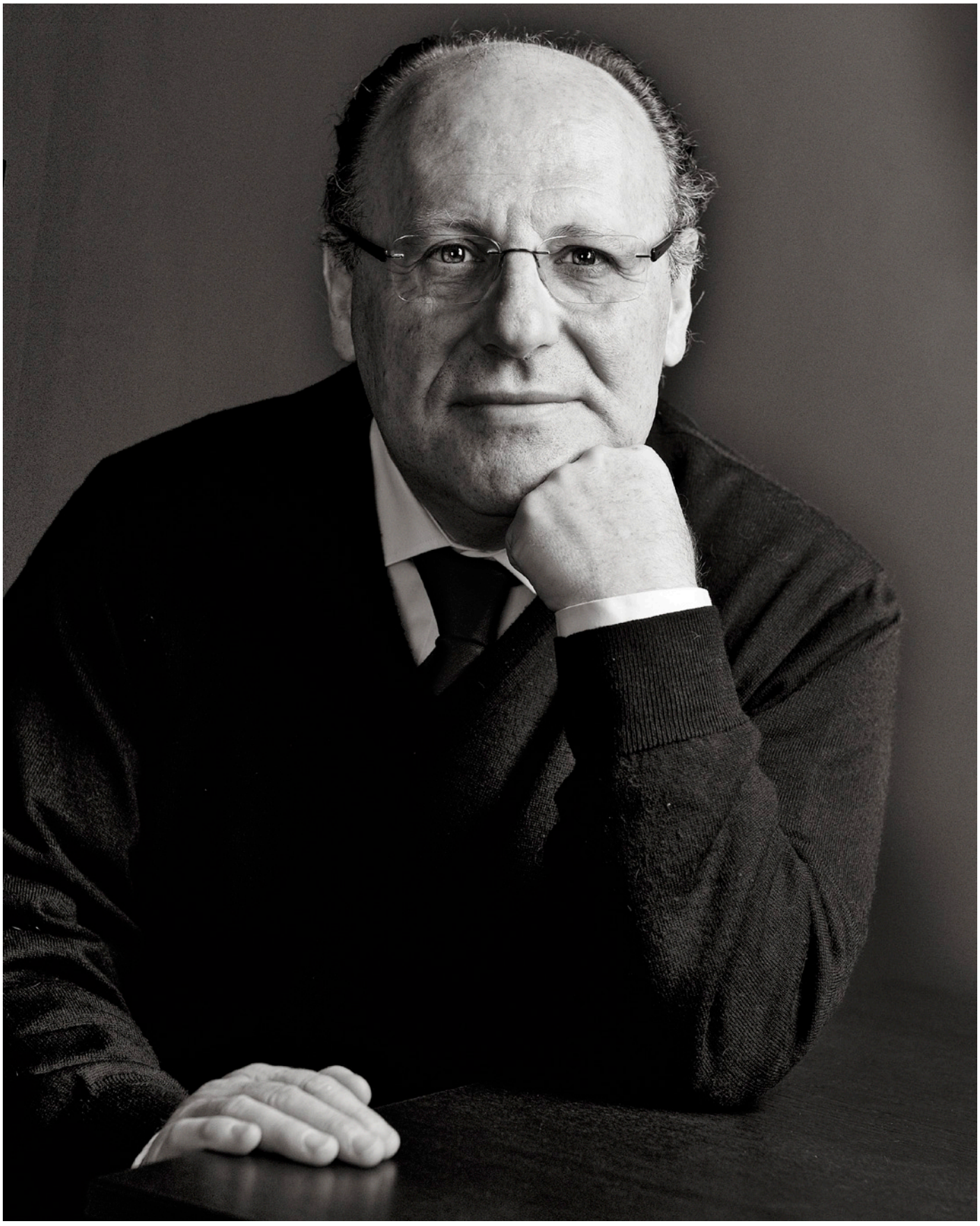
Manuel Carvalho da Silva

João da Eira

5-6-1942, Lisboa
Sindicalista e Gestor

29-7-1947, Enguias, Belmonte
Licenciado em Engenharia e Sindicalista

João Proença



Vasco Lourenço

19-6-1942, Lousã, Castelo Branco

Militar e Dirigente Associativo
(Associação 25 de Abril)

31-8-1936, Lourenço Marques, Moçambique

Militar (Exército)

Otelo Saraiva de Carvalho

"Numa sociedade de exploração capitalista, em caso de conflito entre patrões e trabalhadores, os trabalhadores, por princípio, têm sempre razão. Utilizei-a com frequência quando, durante o PREC, o COPCON se viu obrigado a intervir em conflitos laborais."

Claro como Água

Em 2010, a Assembleia-Geral das Nações Unidas reconheceu como DIREITO HUMANO FUNDAMENTAL o acesso à água e saneamento. Portugal votou favoravelmente esta resolução honrando compromissos e práticas da República Portuguesa de longa data, bem evidenciadas no articulado do Decreto Nº 5787 de 1919 quer quanto à garantia do uso das águas públicas quer quanto à preocupação, já presente, da defesa da qualidade das águas.

Com o 25 de Abril de 1974 e face à situação calamitosa de atraso herdada dos 48 anos do regime fascista, foram desencadeadas de imediato acções concretas voltadas para a melhoria das condições de vida das populações, por todo o país, envolvendo todos os meios disponíveis, incluindo os militares. E no que à água e saneamento diz respeito, com particular empenho e responsabilidade das autarquias locais. Deste esforço resultaria um salto qualitativo significativo que continuou e mesmo se consolidou com a adesão de Portugal à CEE, em consequência dos vultuosos investimentos canalizados para o sector.

NÍVEIS DE ATENDIMENTO REGISTADOS EM PORTUGAL

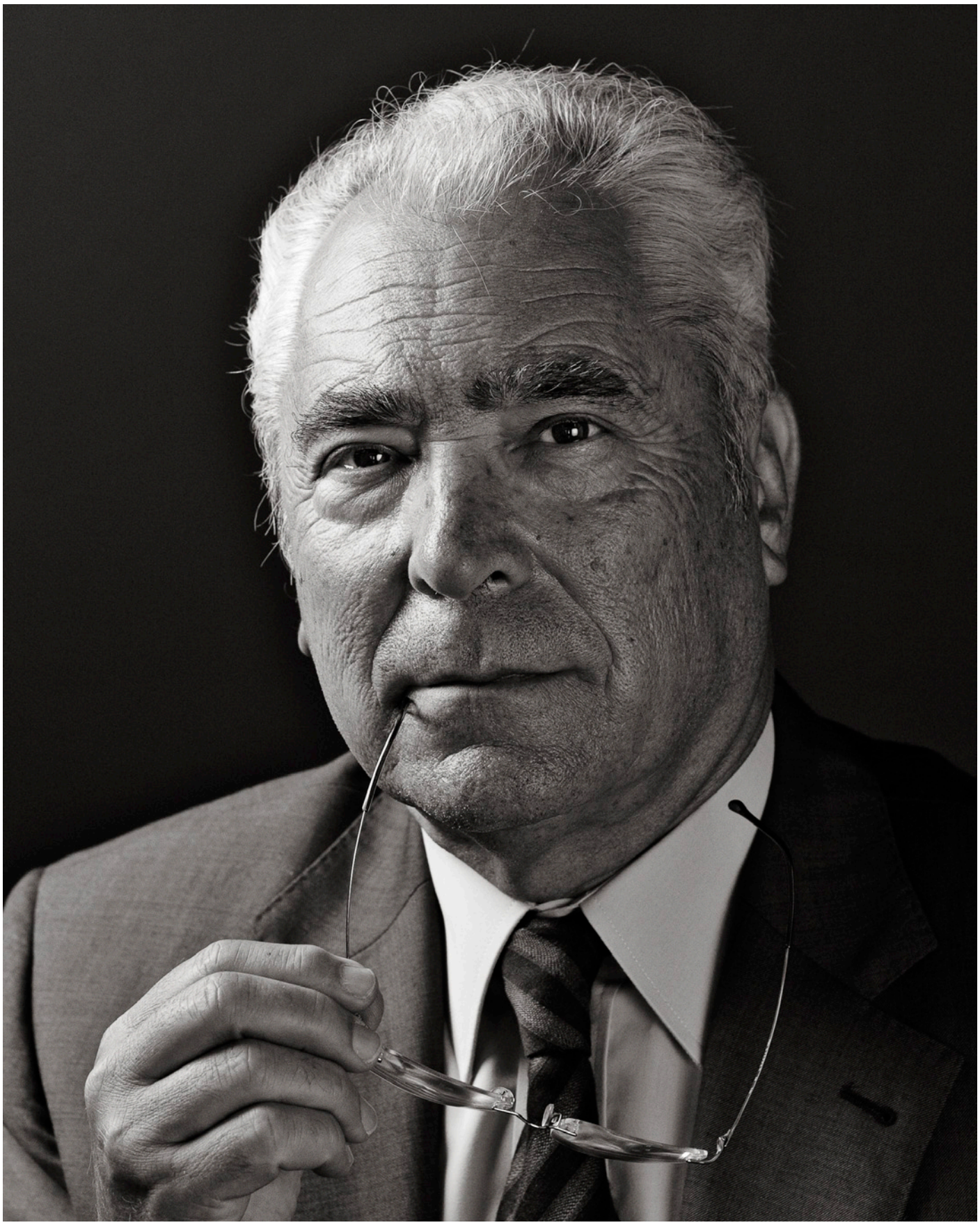
	1974	**1984**	**2008**
Abastecimento de Água	49%	84%	94%
Recolha de Águas Residuais	32%	63%	80%
Tratamento de Águas Residuais	1%	32%	71%

Também em consequência da adesão assistimos à abertura do sector à gestão privada (que se encontrava bloqueada pela Lei de delimitação dos Sectores saída da Revolução de Abril) permitindo assim o início da mercantilização do Sector tão ao gosto e interesse dos defensores das teses neo-liberais dominantes na Europa e tão ao arrepio das obrigações do Estado Democrático na garantia do acesso à água a todos os cidadãos enquanto bem essencial para o usufruto do direito à vida.

Contudo e apesar do domínio avassalador do mercantilismo predador, a nível planetário, a luta da humanidade pelo DIREITO AO FUTURO continua e o Mundo avança.

29-3-1943, Cabeceiras de Basto
Licenciado em Engenharia, Militar e Gestor

José Baptista Alves



Rogério Alves

20-11-1961, Lisboa
Advogado e Dirigente Desportivo

10-9-1950, Amarante
Jornalista e Advogado

António Marinho e Pinto

António José Seguro

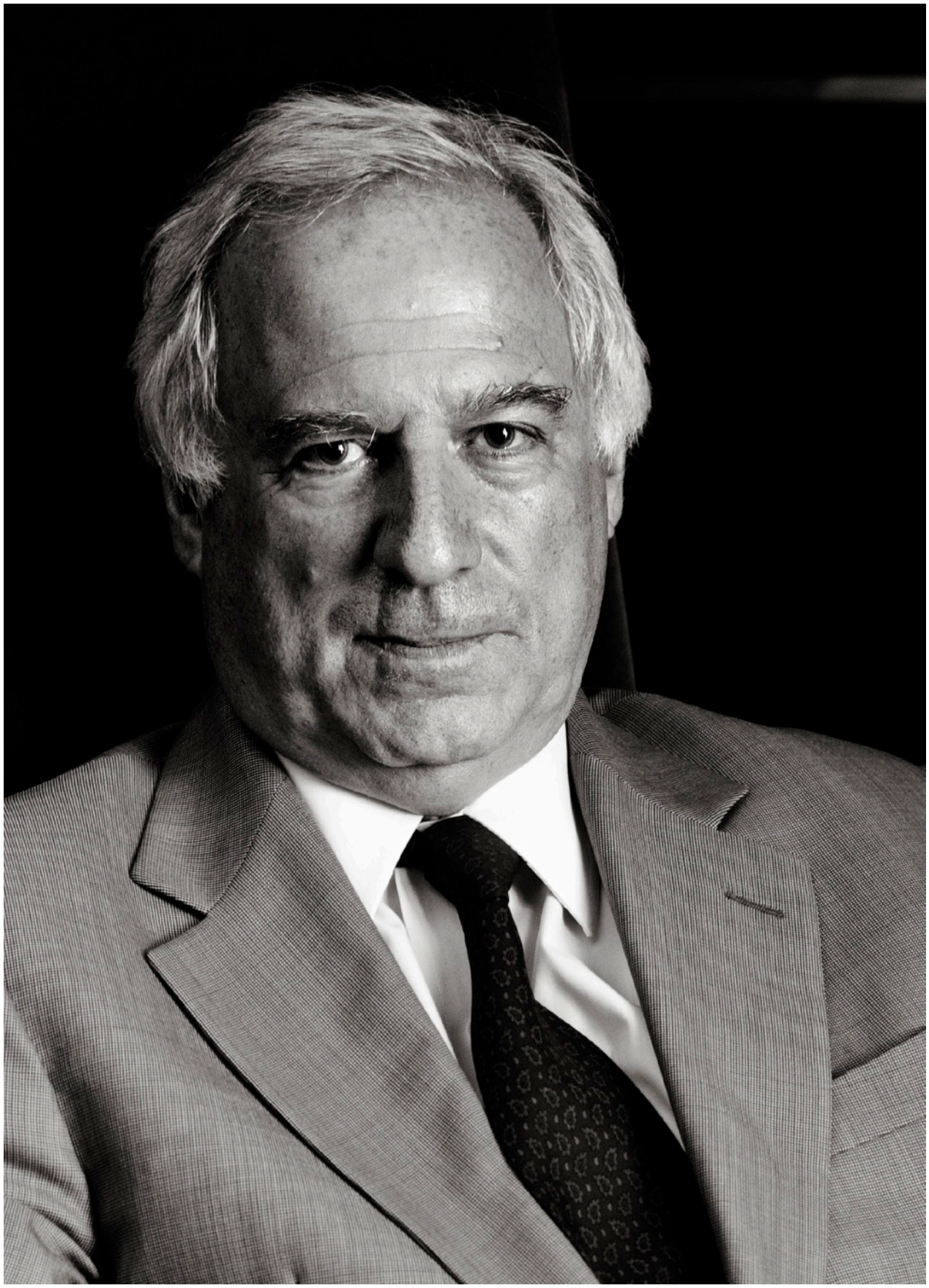
11-3-1962, Penamacor

Diplomado em Relações Internacionais
Docente Universitário e Político

16-7-1943, Funchal

Jurista, Pós-Graduado em Direito Comunitário e Político

Guilherme Silva



Luís Fazenda

8-10-1957, Lisboa
Professor e Político

"A República tem uma divisa próxima, que falta cumprir: terra da fraternidade, onde o povo é quem mais ordena."

14-2-1969, Lisboa
Jurista e Política

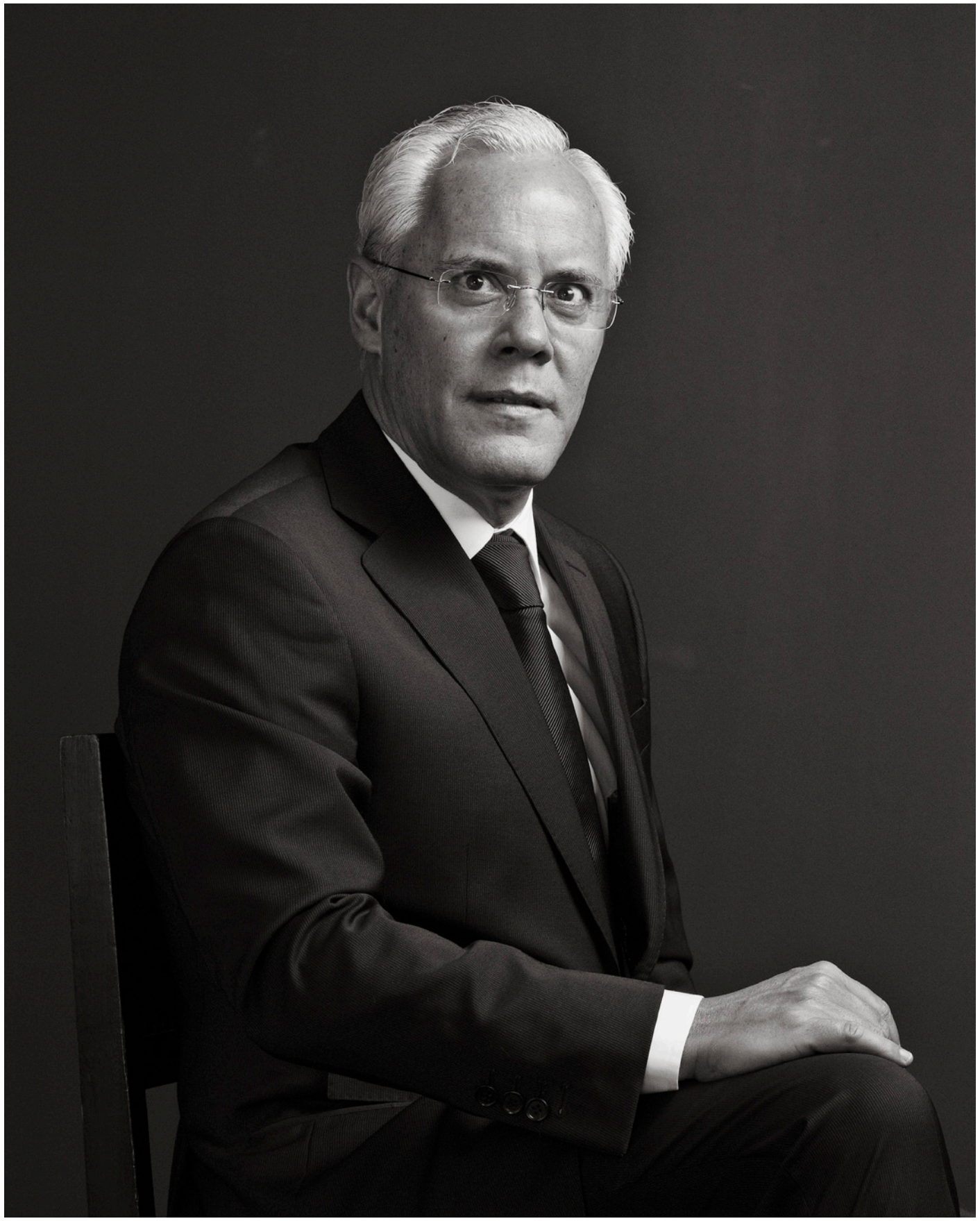
Teresa Caeiro

Francisco Assis

8-1-1965, Amarante
Licenciado em Filosofia e Político

6-5-1959, Braga
Advogado e Político

Miguel Macedo



José Manuel Pureza

18-12-1958, Coimbra
Professor Universitário e Político

"Mia Couto escreveu, como só ele poderia escrever, que "contra factos só há argumentos". Esse é o princípio de toda a política emancipadora. Porque arranca da recusa da fatalidade e do determinismo eterno ("contra factos…"). E porque afirma a confiança na força transformadora da acção e da razão contra o império do que está ("só há argumentos"). Neste tempo de sombras, em que renovadas novilínguas orwellianas usam palavras de transformação para perpetuar a dominação e a desigualdade, a política tem que responder à exigência de inconformismo, de mudança e de radicalidade."

15-9-1971, Lisboa
Jurista e Político

Bernardino Soares

Heloísa Apolónia

26-6-1969, Barreiro
Jurista e Política

28-8-1975, Lisboa
Socióloga e Política

Ana Drago

Fernando Pinto Monteiro

5-4-1942, Porto de Ovelha, Almeida, Guarda

Jurista e Magistrado, Procurador Geral da República

"A Justiça deve ser um verdadeiro serviço público que o Estado democrático não poderá deixar de proporcionar aos seus cidadãos.

Impõe-se assim que os intervenientes judiciários – Juízes, Ministério Público, Advogados, Solicitadores e cidadãos – contribuam de uma forma decisiva para que exista uma Justiça mais próxima do cidadão, mais transparente e em que ele acredite."

Alberto João Jardim

4-2-1943, Funchal

Licenciado em Direito e Político
Presidente do Governo da Região Autónoma da Madeira

Carlos César

30-10-1956, Ponta Delgada

Presidente do Governo da Região Autónoma dos Açores

Paulo Portas

12-9-1962, Lisboa
Jurista e Político

Francisco Louçã

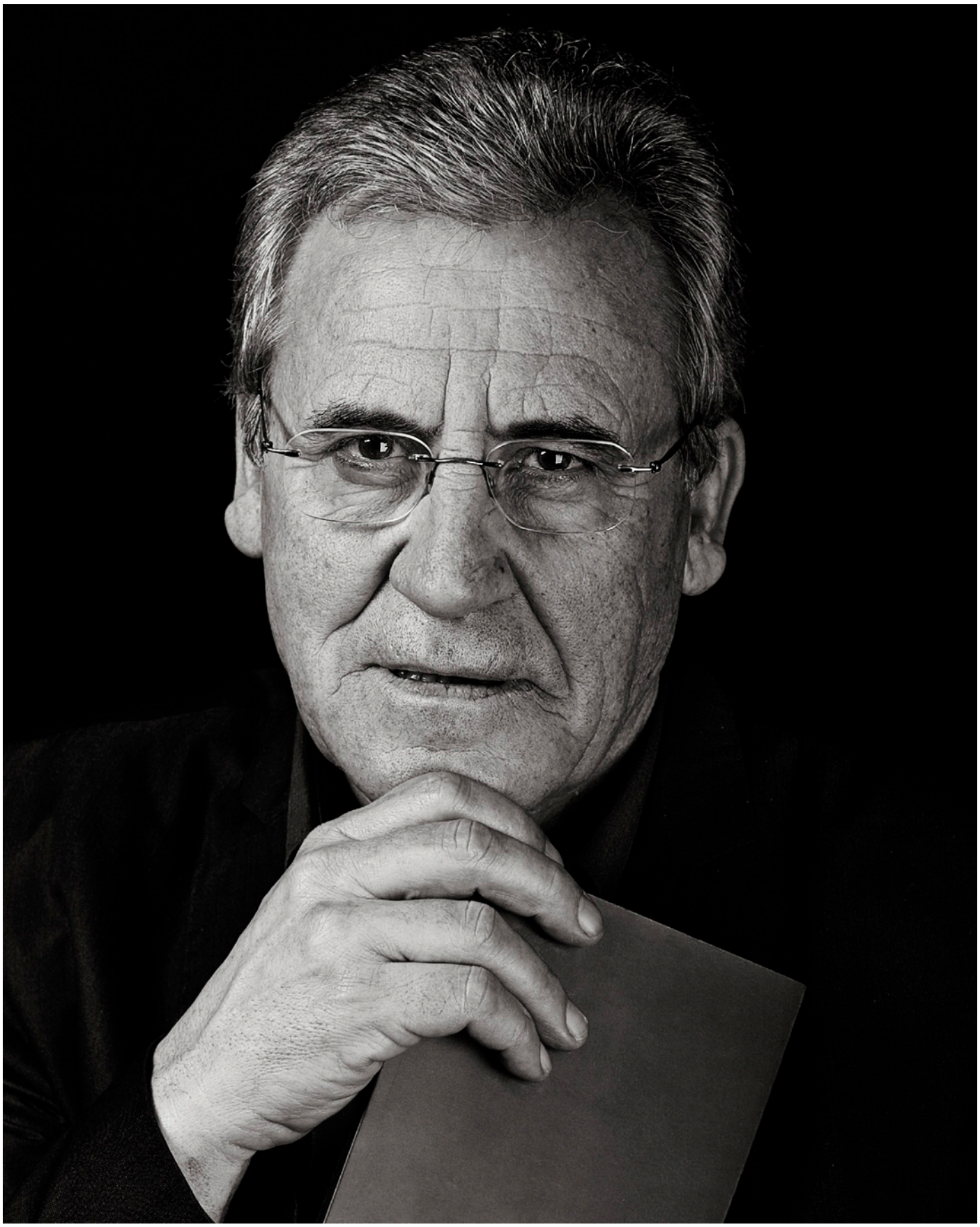
12-11-1956, Lisboa

Doutor em Economia, Docente Universitário e Político

“A vida correu veloz nestas últimas três décadas e meia que nos separam da grande ruptura revolucionária de Abril. Em cem anos de República, não encontramos um período tão intensamente vivido e sentido, por todos e por cada um de nós, como neste tempo novo que para nós foi sempre um tempo de procura de um mundo novo, mais justo, mais fraterno, mais solidário. Um tempo de afirmação de uma democracia plena a que as conquistas de Abril de 1974 e a acção e participação das grandes massas davam conteúdo, espessura e sentido de justiça. Uma procura guiada pelo sonho antigo de pôr termo à exploração do homem pelo homem de gerações de combatentes pela liberdade, a democracia e o socialismo e cujo testemunho pessoal e colectivo aceitamos receber. Este não foi e não é um tempo fácil. Os que anunciam que o capitalismo é o “fim da história” conseguiram, por momentos, conter pelo arbítrio, a intolerância e os sinuosos caminhos da mistificação o avanço da roda da história, dessa mesma história que lhes anuncia o fim. Temos uma ideia para Portugal. Abril ainda é a palavra mágica carregada de futuro, porque os seus valores de liberdade, justiça social, desenvolvimento, Estado ao serviço do povo e do país e independência nacional continuam não só no coração dos portugueses, como são os valores essenciais para um Portugal de progresso e com futuro. Esse futuro que não se espera acontecer, mas que se constrói e conquista!”

13-4-1947, Santa Iria de Azóia
Operário e Político

Jerónimo de Sousa



"Sempre acreditei que o futuro é agora. E sempre tentei nortear a minha presença na vida pública portuguesa pelos ideais republicanos da liberdade, igualdade, fraternidade, solidariedade, que são hoje a trave mestra de uma cidadania consciente e participada. Ideais de uma simplicidade espantosa, que se impõem por serem verdades absolutas, evidentes.

Agir de acordo com os ideais republicanos é um desafio permanente, e uma tarefa de vida, que nunca está concluída. E ao percorrer este caminho, devo confessar que não sofro do "cansaço antecipado e infinito" de que falava Álvaro de Campos, nem pretendo gastar "o dia de amanhã a pensar em depois de amanhã".

A minha máxima de vida é de que "o esforço inútil conduz à melancolia". Criar, resolver, decidir e ser feliz. Sempre com os amigos por perto e com a família no centro de tudo."

5-9-1961, Lisboa

Licenciado em Ciência Política e Relações Internacionais, Gestor e Político

Miguel Relvas

Carmelinda Pereira

8-8-1948, Torres Novas
Professora e Política

14-11-1952, Lisboa

Advogado, Professor Universitário e Político

António Garcia Pereira

João Bosco Mota Amaral

15-4-1943, Ponta Delgada S. Miguel, Açores

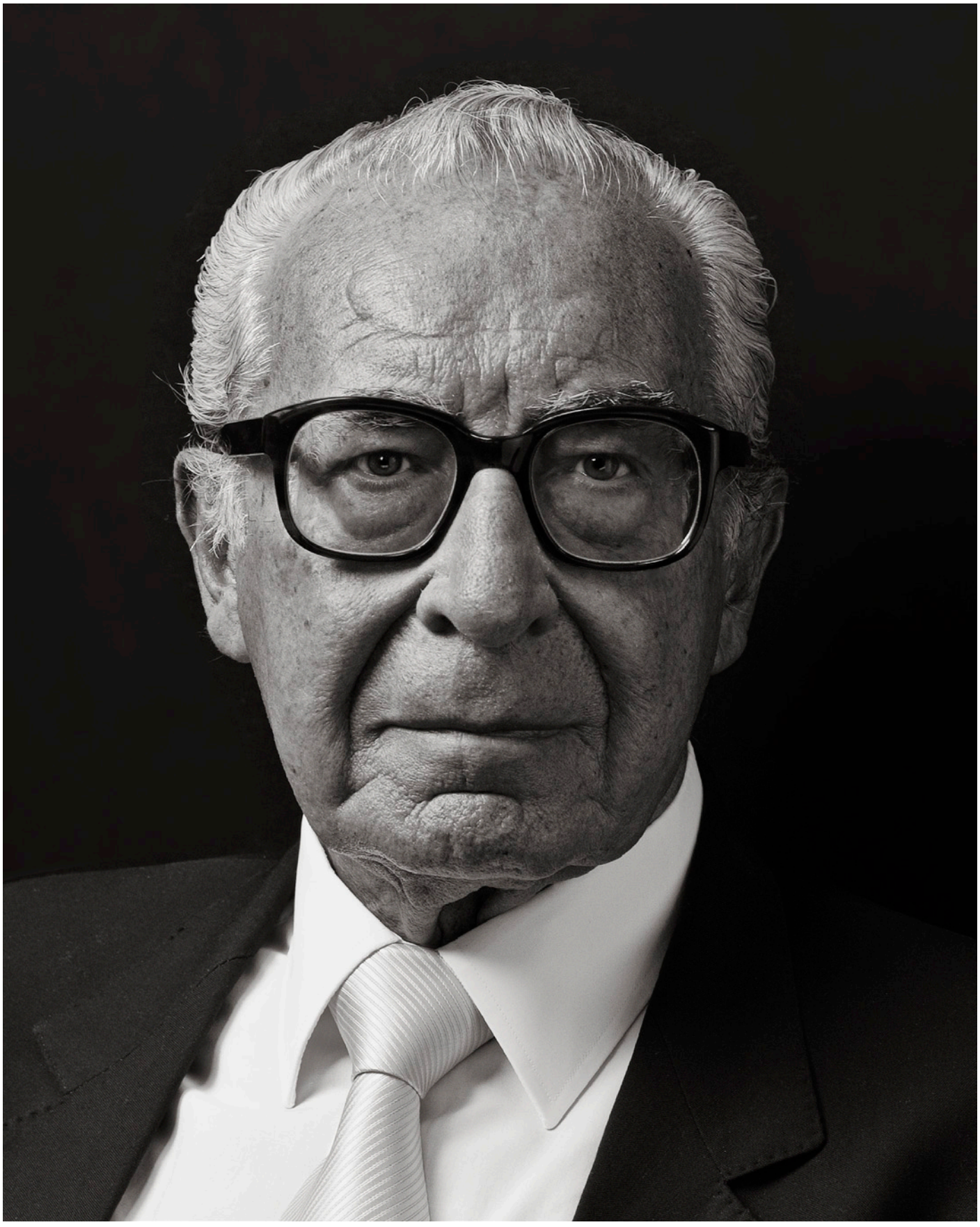
Advogado e Político,
Ex-Presidente da Assembleia da República

15-2-1926, Cabeça, Seia

Advogado e Político

Ex-Presidente da Assembleia da República

António de Almeida Santos



Victor Pereira Crespo

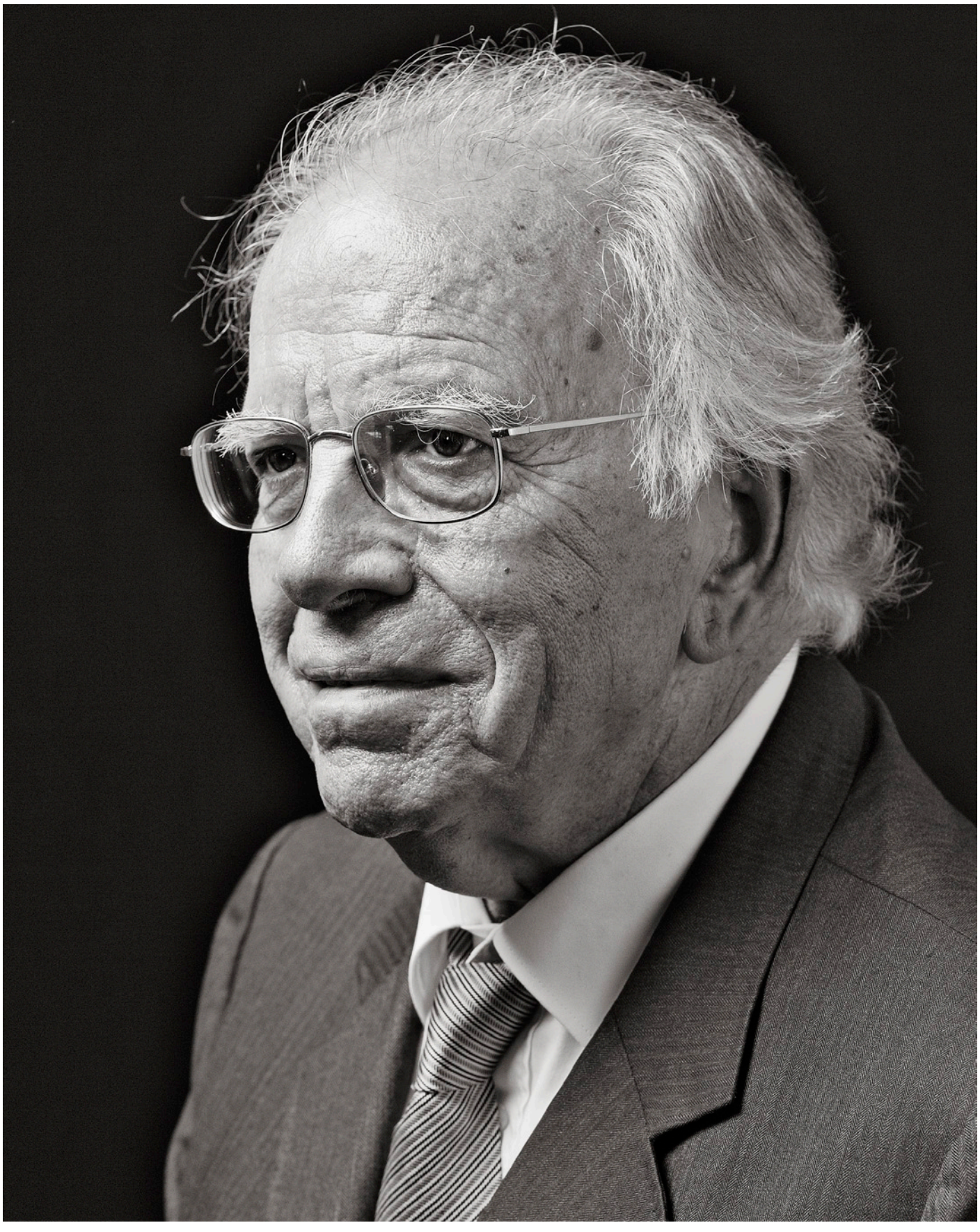
2-12-1938, Milagres, Leiria

Doutor em Química,
Professor Catedrático Jubilado
Ex-Presidente da Assembleia da República

2-11-1932, Lagares, Penafiel

Jurista, Professor de Direito
Ex-Presidente da Assembleia da República

António Barbosa de Melo



António Guterres

30-4-1949, Lisboa

Licenciado em Engenharia e Político
Ex-Primeiro Ministro
Alto Comissário da ONU para os Refugiados

29-6-1956, Lisboa

Advogado e Político

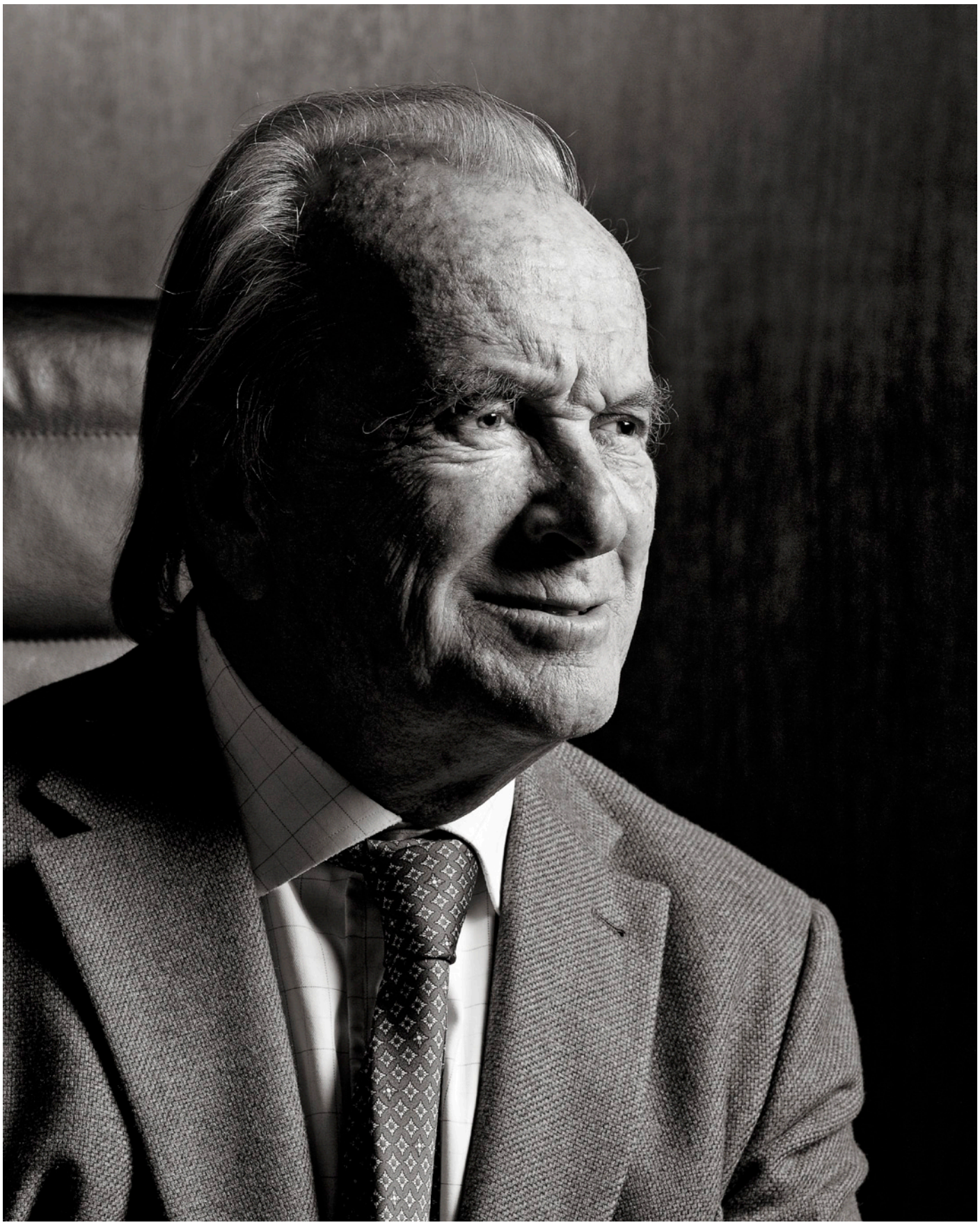
Ex-Primeiro Ministro

Pedro Santana Lopes

Francisco Pinto Balsemão

1-9-1937, Lisboa

Empresário e Político
Ex-Primeiro Ministro



12-12-1948, Lisboa

Professor Catedrático, Comentador e Político

Marcelo Rebelo de Sousa

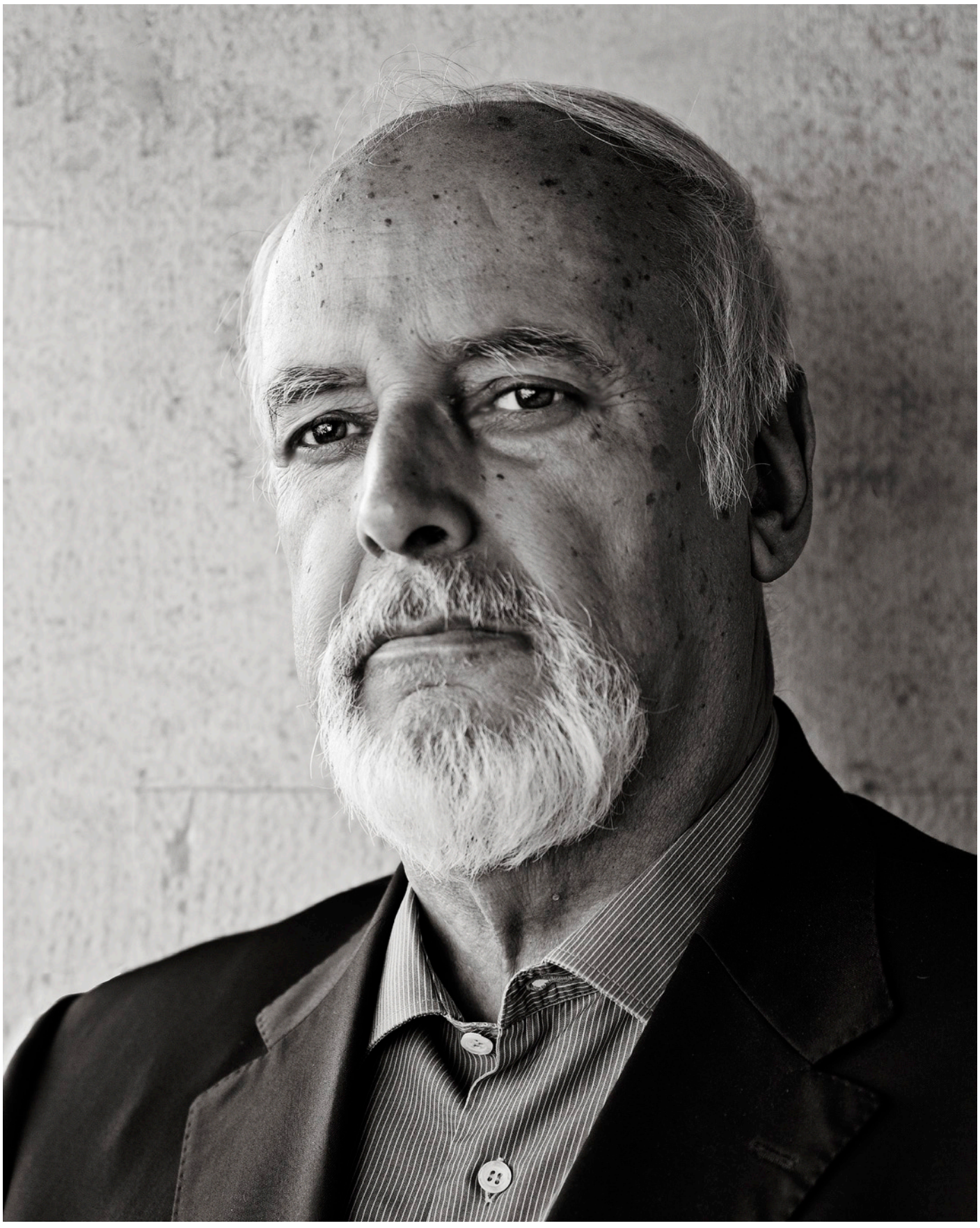
"No começo da República, Portugal ainda era Império multicontinental, tinha um regime político não democrático, pertencia geográfica e culturalmente à Europa mas não a integrava efectivamente em termos económicos e sociais, e possuía uma economia sobretudo agrícola e comercial alheia à Revolução Industrial que assinalara o século XIX nas mais avançadas economias europeias.

Um século volvido, a descolonização, a democratização, a integração europeia e a procura de um novo regime económico moldaram um Portugal diferente. Não isento de crises, angústias, injustiças, ilusões frustradas. Até de novas partidas para o mundo, em busca do que se não encontra fronteiras adentro.

Mas, neste Portugal - 2010, a República não matou ou esvaziou séculos de História de gestas de grandes portugueses e de heroísmos anónimos da arraia miúda, que o mesmo é dizer do povo. E, na medida em que for cada vez mais democrática - e, para isso, mais educada -, permitirá que mais sirvam melhor os desígnios nacionais."

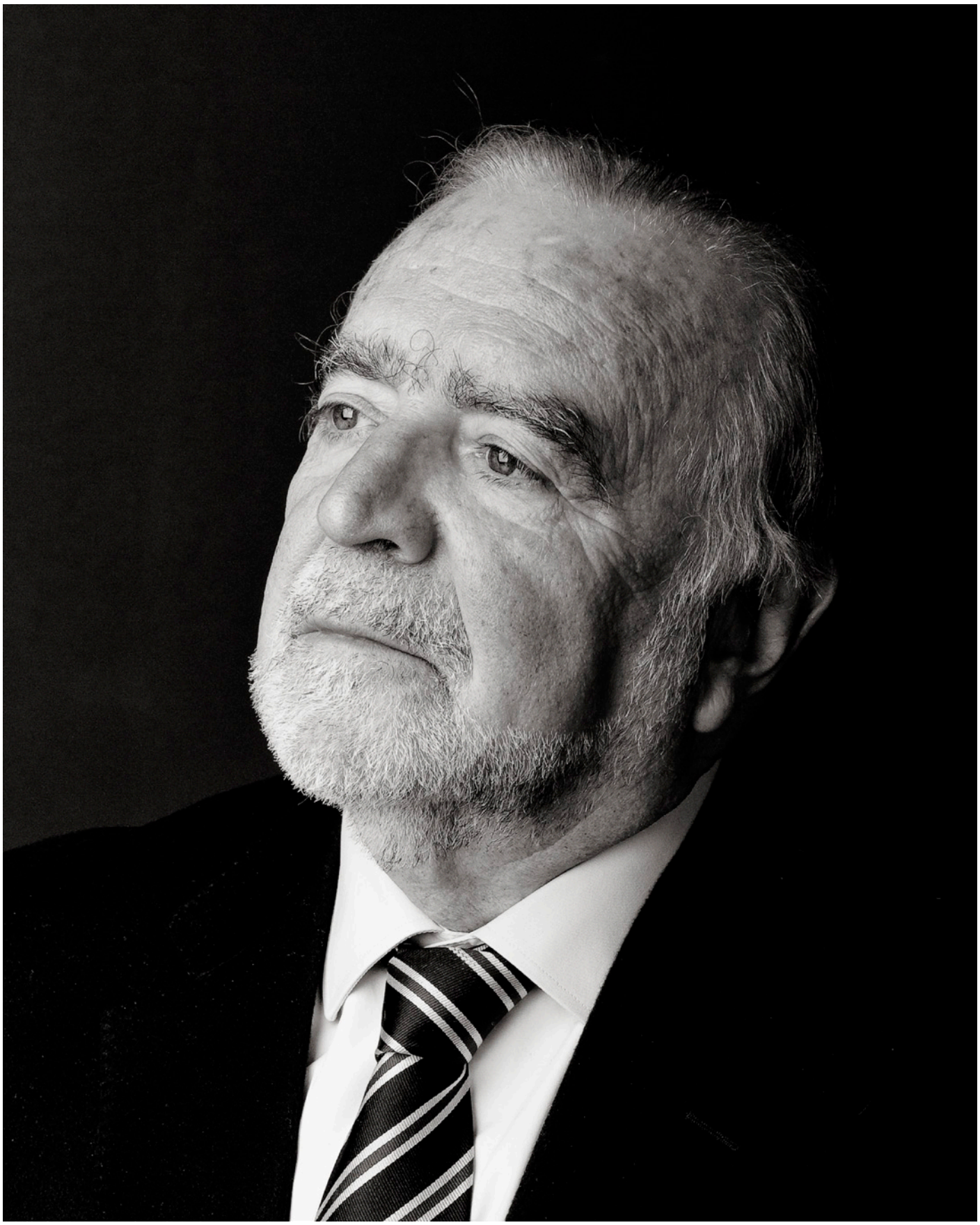
José Vera Jardim

2-1-1939, Ponte de Sôr
Jurista e Político



15-5-1936, Águeda
Poeta e Político

Manuel Alegre



Manuela Ferreira Leite

3-12-1940, Lisboa
Licenciada em Economia e Política

Leonor Beleza

23-11-1948, Porto

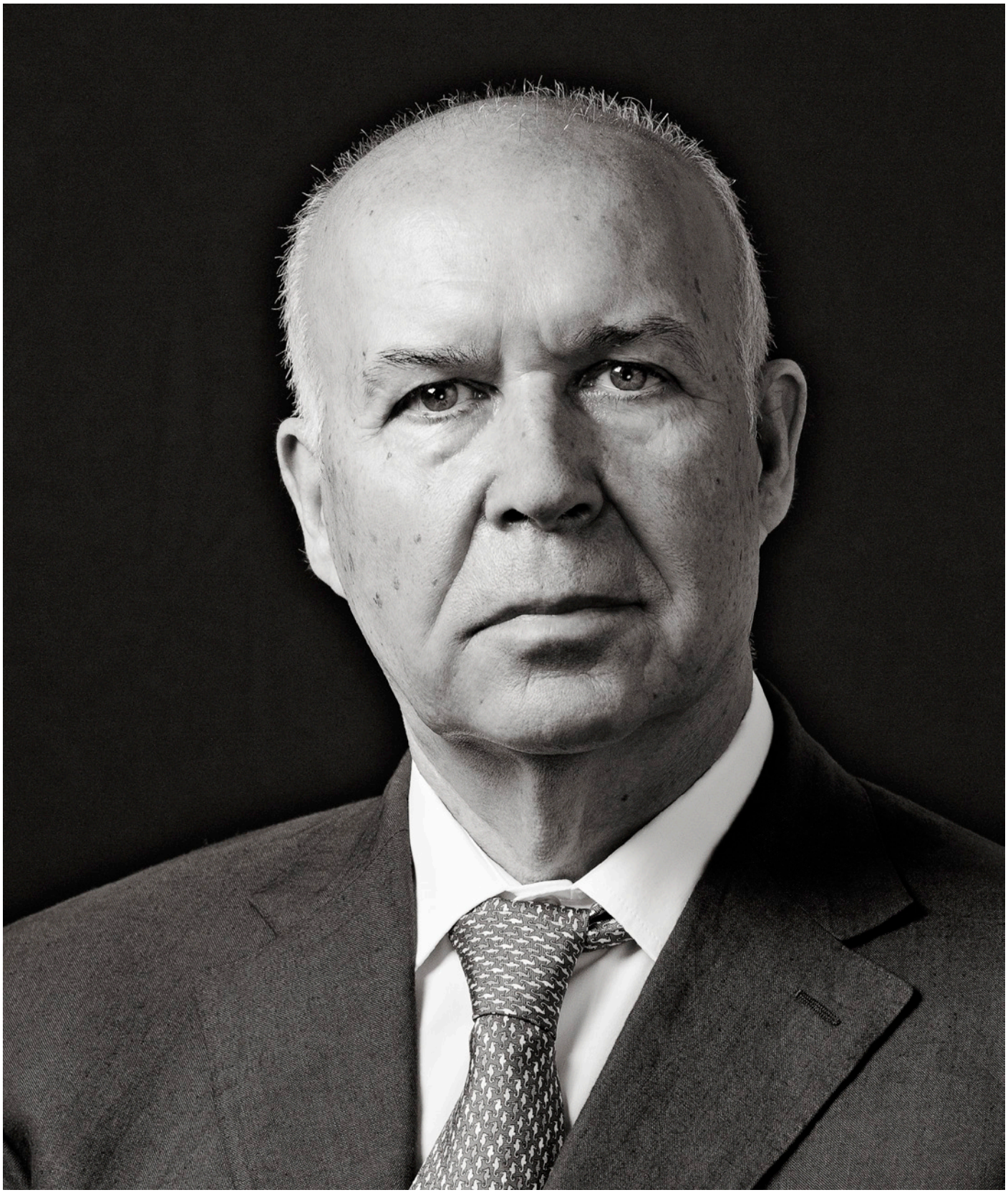
Jurista, Política

Presidente da Fundação Champalimaud

Joaquim Gomes Canotilho

15-8-1941, Pinhel, Guarda

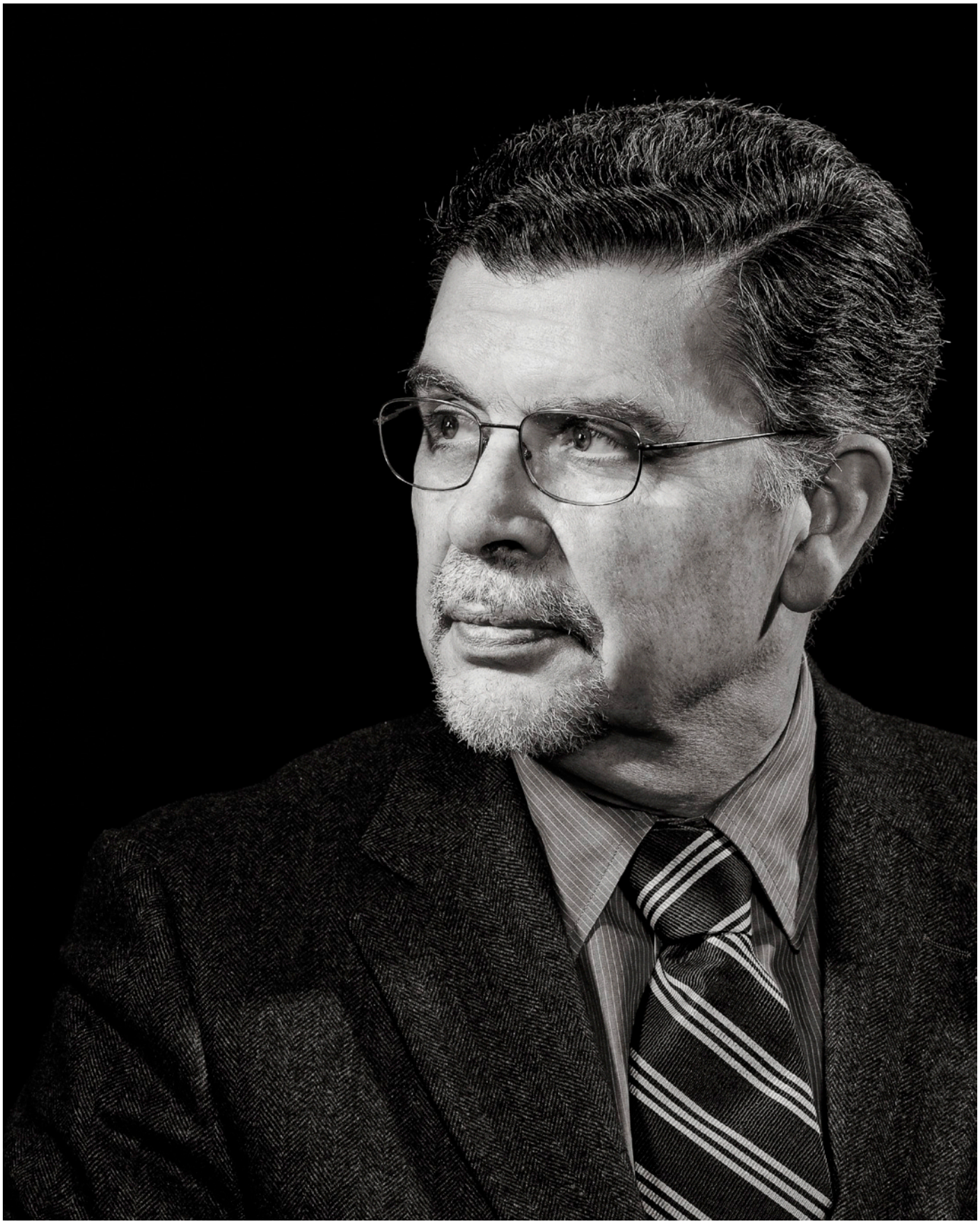
Professor Catedrático de Direito e Constitucionalista



António Capucho

3-1-1945, São Mamede, Lisboa

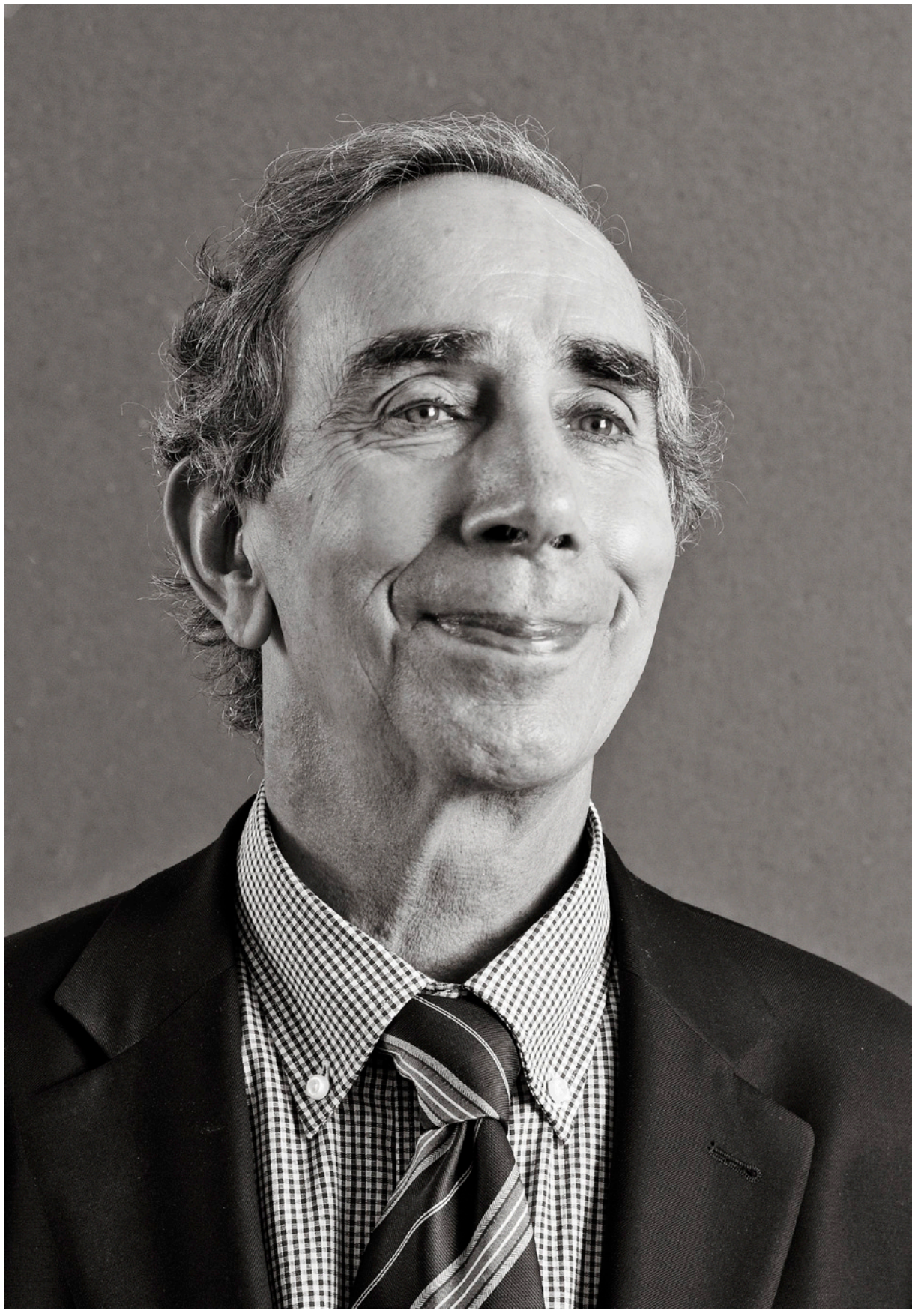
Licenciado em Organização e Gestão de Empresas, Praticante e Dirigente Desportivo, Autarca e Político



Jorge Miranda

15-4-1941, Braga

Professor Catedrático de Direito e Constitucionalista



Fernando Nobre

1-12-1951, Luanda

Médico, Activista de causas humanitárias e Político

José Ribeiro e Castro

24-12-1953, Lisboa
Advogado e Político

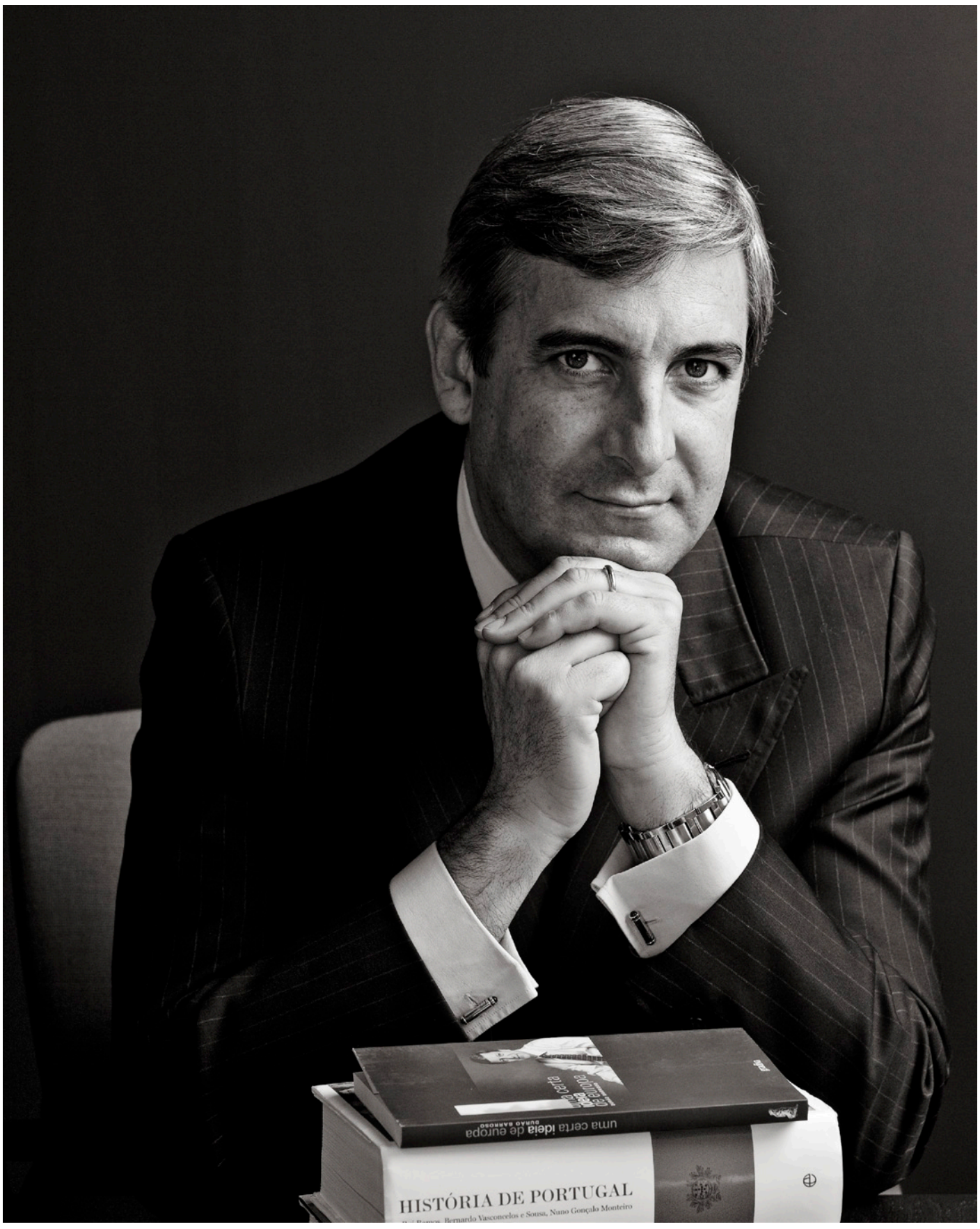
Nós e os outros

Um dos filmes da minha vida é o "Les Uns et les Autres", a obra-prima de Claude Lelouch. Três gerações de diferentes famílias em França, na Alemanha, na ex-União Soviética, nos Estados Unidos da América, atravessam a História dos anos 30 ao fim dos anos 60 do século XX. Pontos comuns: a música e a II Grande Guerra.

Ocorreu-me um filme semelhante de quatro gerações portuguesas, do tempo dos meus avós ao dos meus filhos, viajando na História dos nossos últimos 100 anos. Uma família goesa, que repartia os filhos da costa de Moçambique a Timor, reúne-se sucessivamente em Portugal após a invasão da União Indiana, a independência de Moçambique, a ocupação indonésia de Timor. Outra família de funcionários, fixada em Angola desde o século XIX, vai de Benguela para o interior, serve na Administração de Posto em Pungoangongo, sofre o êxodo dos anos 70 e, reconstruída a vida como "retornados", tem os mais novos a ingressar em carreiras nas instituições europeias. Um casal transmontano emigra para o Brasil, no final da Monarquia, tem sucesso em S. Paulo, que se consolida na geração dos filhos, expandindo-se com netos e bisnetos para a Venezuela e os Estados Unidos. Outra família, em que pontificam juristas, tem membros intervindo na política na I República, outros no Estado Novo, outros já depois do 25 de Abril. Outra família, de empresários, atravessa períodos de expansão e falências nos diferentes ciclos do século XX, lançando-se os mais novos em novos projectos em Cabo Verde e em Angola, independentes. Fios vários de um tecido largo. Fios que se entretecem numa história comum, mesmo quando uns choram o que outros festejam. Fios que são laços. Os portugueses.

4-3-1963, Covilhã
Advogado e Político

José Luís Arnaut



Vítor Ramalho

21-7-1948, Caála, Angola
Advogado e Político

16-6-1964, Lisboa

Doutor em Relações Internacionais, Professor Universitário e Político

João Gomes Cravinho

Marcos Perestrello

23-8-1971, Lisboa
Jurista, Gestor e Político

28-5-1959, Óbidos
Professor Universitário e Político

Carlos Zorrinho

Inovar na República

Portugal é um País de pioneiros e de descobridores e de gente criativa e talentosa. A República não tem sido pródiga a aproveitar estas características únicas e valiosas num mundo em mudança. Tem-lhe faltado qualificações e confiança. Precisa de mais capacidade de fazer acontecer e de maior disponibilidade para conjugar esforços e atingir objectivos ambiciosos.

Ao contrário da voz corrente não é a mentalidade que a limita, mas antes a atitude perante o conhecimento e o seu uso. Por isso o Plano Tecnológico, enquanto agenda de mobilização da sociedade portuguesa para o conhecimento, a tecnologia e a inovação, agitou consciências, mobilizou vontades e iniciou uma nova etapa na ligação da inovação às pessoas e na afirmação de Portugal como País rede, aberto, cosmopolita e capaz de surpreender no engenho das soluções.

Hoje a República trepa lugares em todos os "Rankings" de Inovação. Virou o cabo da Boa Esperança mas ainda há muito mar pela frente. Navegar e inovar fazem parte do nosso retrato como povo.

Laurentino Dias

4-2-1954, Fafe
Jurista e Político

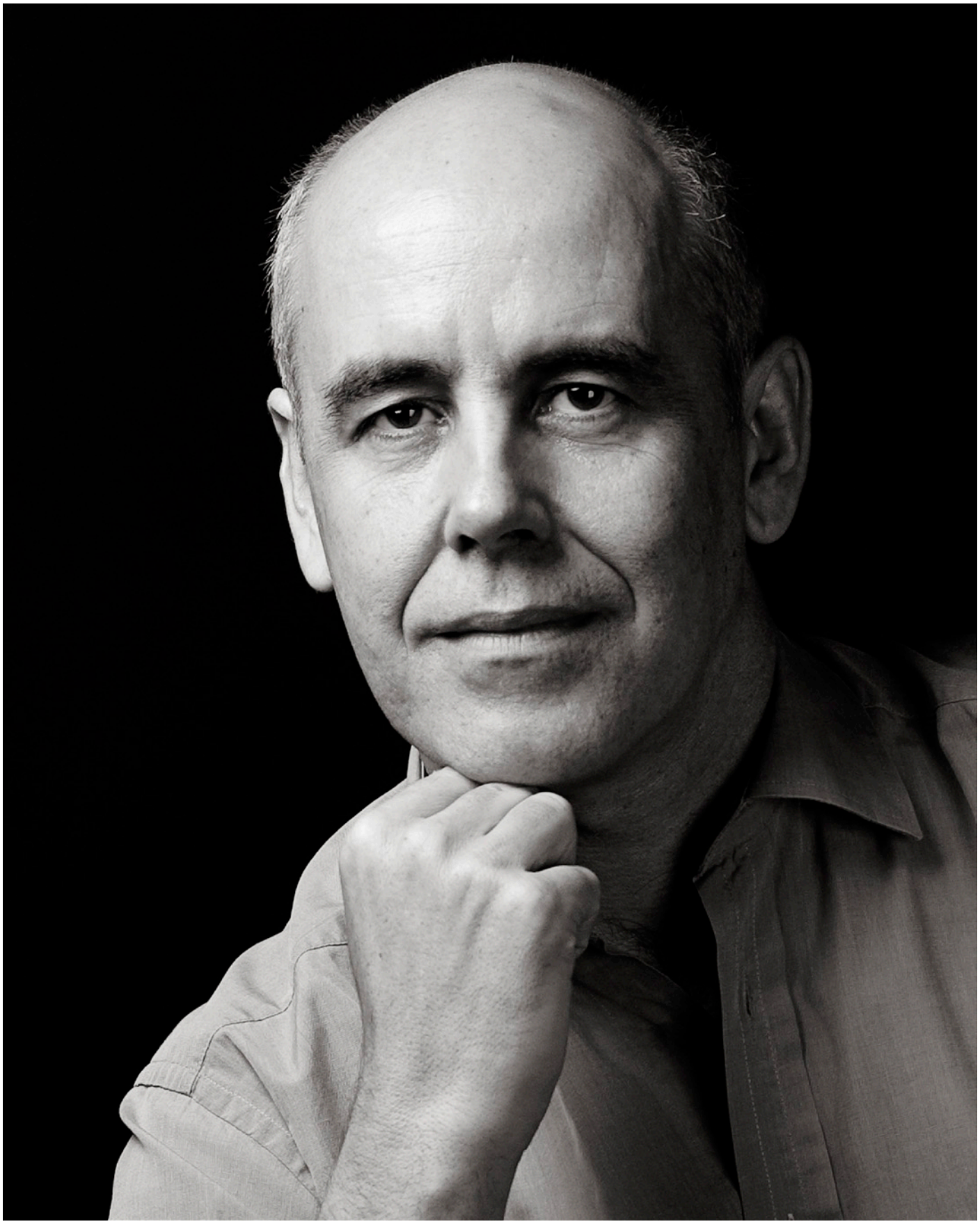
16-5-1964, Lisboa
Violinista e Política

Idália Moniz

Humberto Rosa

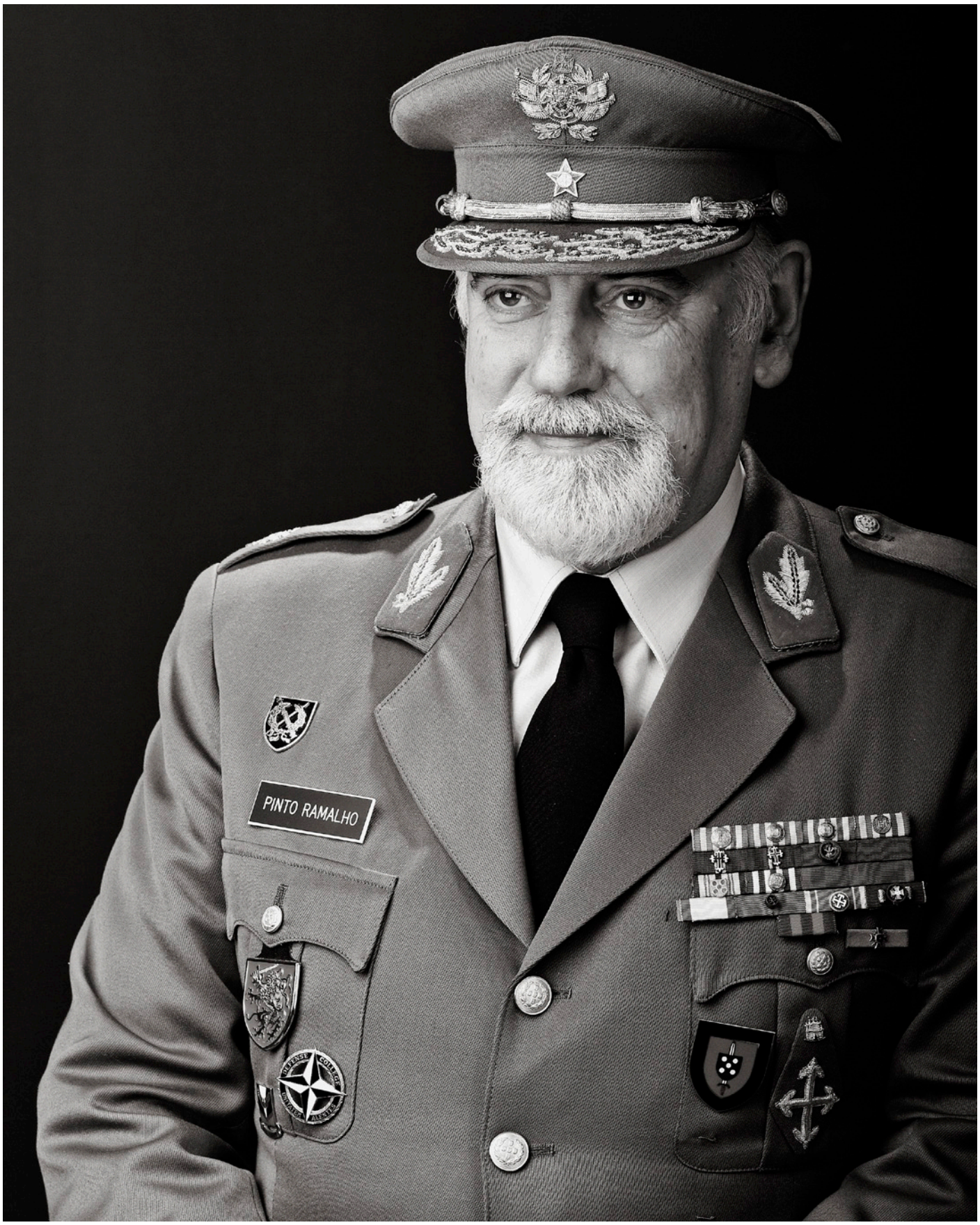
5-10-1960, Lisboa

Doutor em Biologia, Professor Universitário e Político



21-4-1947, Sintra
Militar
Chefe do Estado Maior do Exército

José Luís Pinto Ramalho



Fernando José Gomes

14-9-1946, Lisboa
Militar
Chefe do Estado Maior da Armada

A Marinha e a República

Os navios têm alma! Assim reza a tradição marinheira. Essa alma é qualquer coisa que se transmite, sem se saber bem como e porquê, a todos os que por lá passam. É o fruto intangível de uma vivência única, que singulariza a identidade de cada navio. Nós, os do Mar, temos uma forma de ser e estar muito própria. É a Liberdade dos horizontes sem fim que desamarra os nossos sonhos; é a Igualdade, sentida no corpo e no espírito, com que se enfrentam as tempestades, o remanso das calmarias e a lusa saudade dos afastamentos; é, enfim, a Fraternidade de quem sabe, como ninguém, que todos dependem de todos para ultrapassar a adversidade e chegar a bom porto com o sentimento do dever cumprido. Estes são os valores comuns aos homens do mar, os quais, afinal, mais não são que os valores que enformaram a República. Talvez por isso, mas não só, a Marinha esteve e está com ela desde a primeira hora.

25-2-1949, Porto
Militar
Chefe do Estado Maior da Força Aérea

Luís Evangelista Araújo

A Força Aérea ao Serviço da República

A Força Aérea, inserida nas Forças Armadas, e como tal Instituição estruturante do Estado, tem como Missão estar, permanentemente, ao serviço da Comunidade, seja nas acções de carácter vincadamente militar, como a Vigilância e Controlo do espaço aéreo nacional, o Patrulhamento e Fiscalização do espaço interterritorial, a participação em operações internacionais no âmbito da Segurança Colectiva, ou no emprego dos seus meios e recursos em acções de Segurança Humana, no apoio ao bem-estar das populações, particularmente em situações de crise e catástrofe.

Na procura constante de "fazer bem para servir bem", a Força Aérea vem, igualmente, ao longo da sua história, garantindo apoio e cooperação aos mais diversos departamentos do Estado e entidades civis, mantendo uma permanente receptividade e prontidão na disponibilização de meios e infra-estruturas em proveito de iniciativas de interesse nacional e no estreitamento de relações com as autoridades e as populações que envolvem as suas Unidades no Continente, nos Açores e na Madeira.

O elevado conteúdo tecnológico da maioria das especialidades da Força Aérea, conduzindo a uma estrutura própria de ensino, pautada por critérios de qualidade, exigência e rigor, tornaram a Instituição numa Escola de referência, reconhecida por entidades oficiais de certificação profissional e pelo mercado de trabalho, prestando, também neste âmbito, um valioso contributo para o desenvolvimento do País.

A Força Aérea vem, deste modo e num vasto espectro de actividades e tarefas, cumprindo com dedicação e exemplar competência, todas as missões e responsabilidades que lhe têm sido confiadas, assegurando um Serviço Público relevante e insubstituível, em prol da segurança dos cidadãos, do desenvolvimento e apoio à Comunidade e da defesa da Nação.

Nuno Vieira Matias

9-7-1939, Porto de Mós
Militar (Marinha)

28-1-1963, Lisboa

Jurista, Professor Universitário e Político

António Filipe

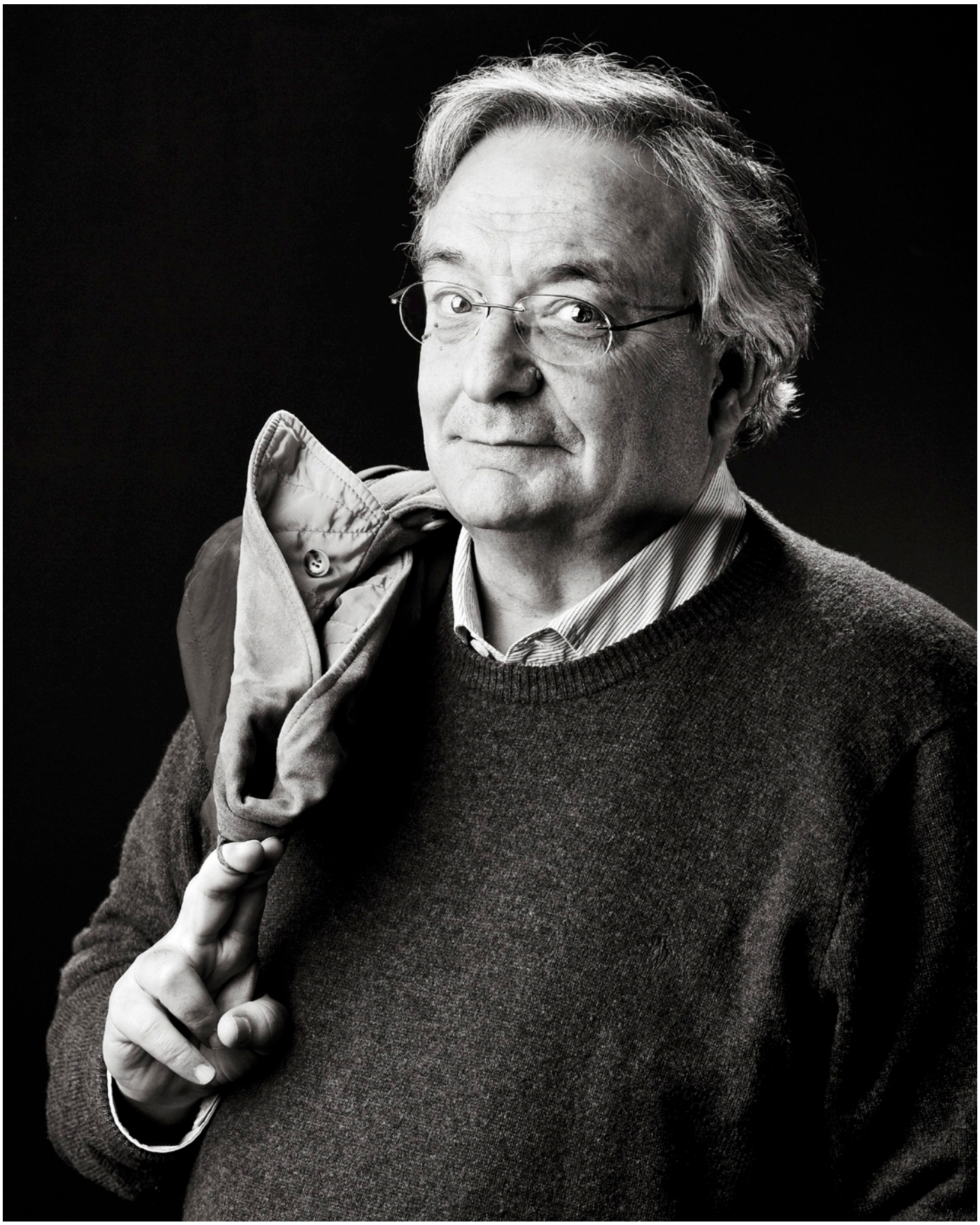
Francisco Lopes

29-8-1955, Vinhó, Arganil
Electricista e Político

18-4-1946, Lisboa

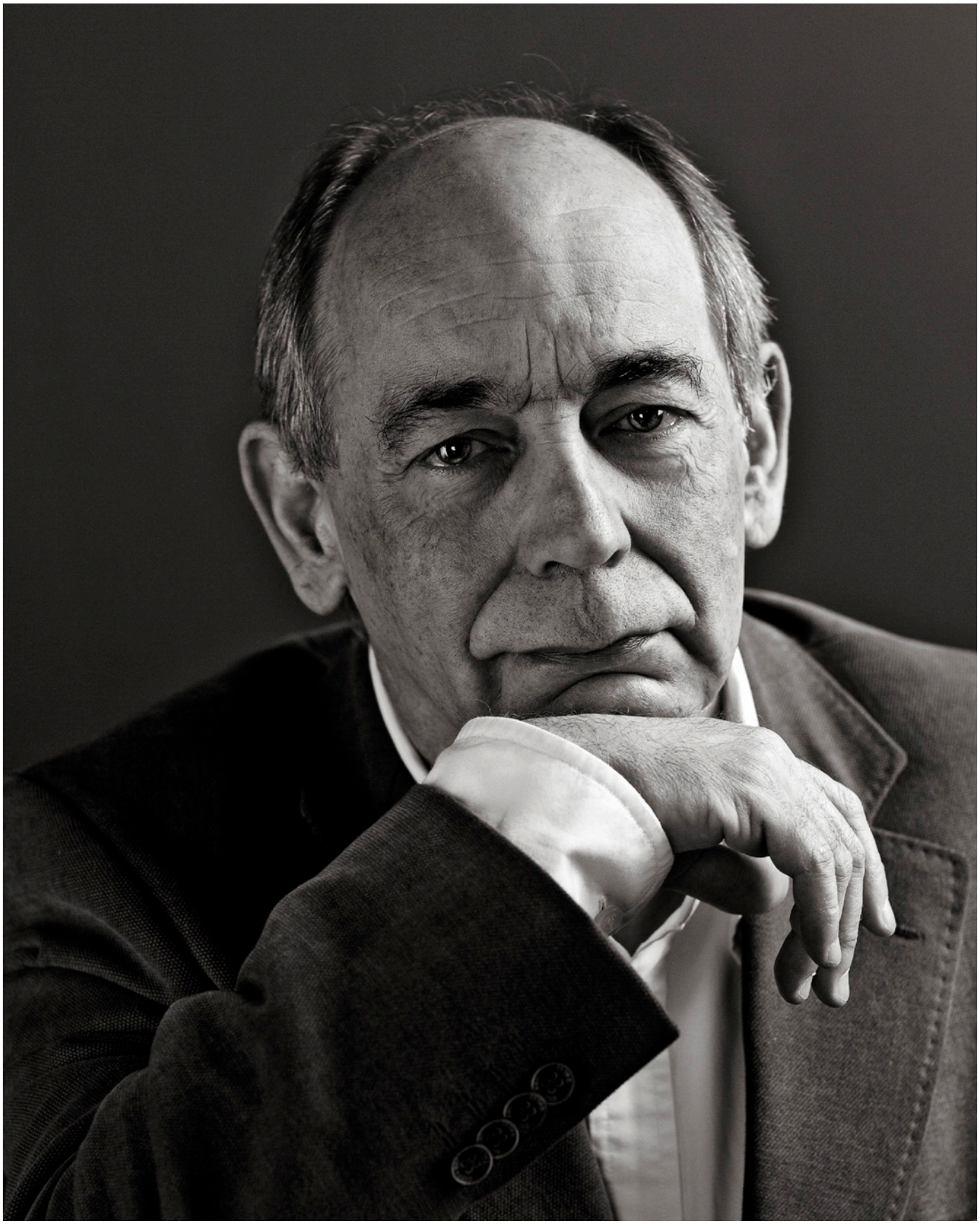
Doutor em História, Professor Universitário e Político

Fernando Rosas



João Semedo

20-6-1951, Lisboa
Médico e Político



28-7-1949, Porto
Jurista e Política

Maria de Belém Roseira

Ana Catarina Mendes

14-1-1973, Lisboa
Jurista e Política

29-7-1972, Lisboa
Jurista e Político

Sérgio Sousa Pinto

Maria Teresa Morais

21-7-1959, Loures
Jurista e Política

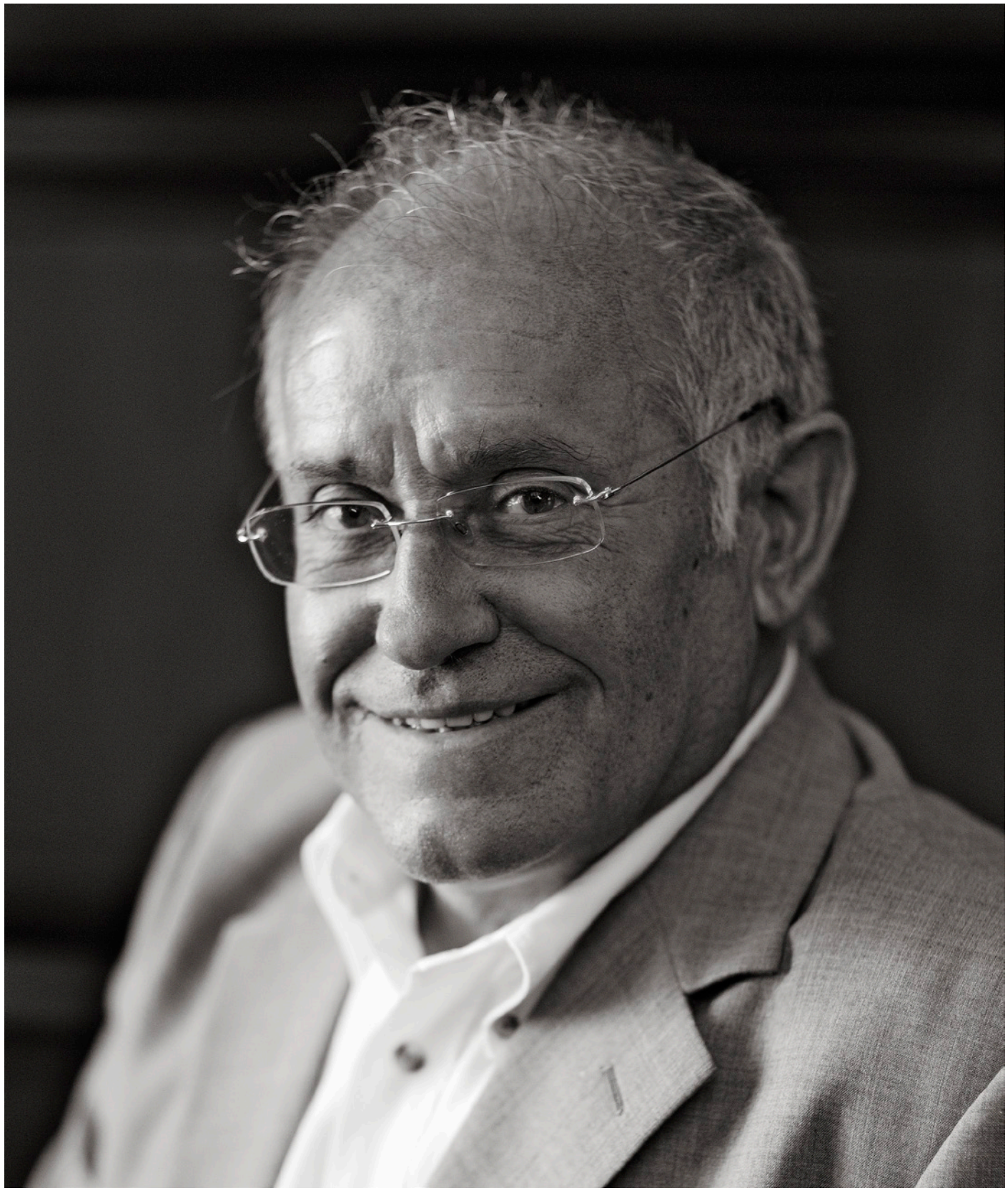
6-1-1949, Porto

Professor Universitário, Comentador e Político

José Pacheco Pereira

José Soeiro

17-1-1948, Salvada, Beja
Trabalhador Agrícola e Político



1-5-1958, Lisboa
Licenciado em Economia, Jornalista e Político

Miguel Portas

Marisa Matias

20-2-1976, Coimbra
Socióloga e Política

17-10-1955, Porto

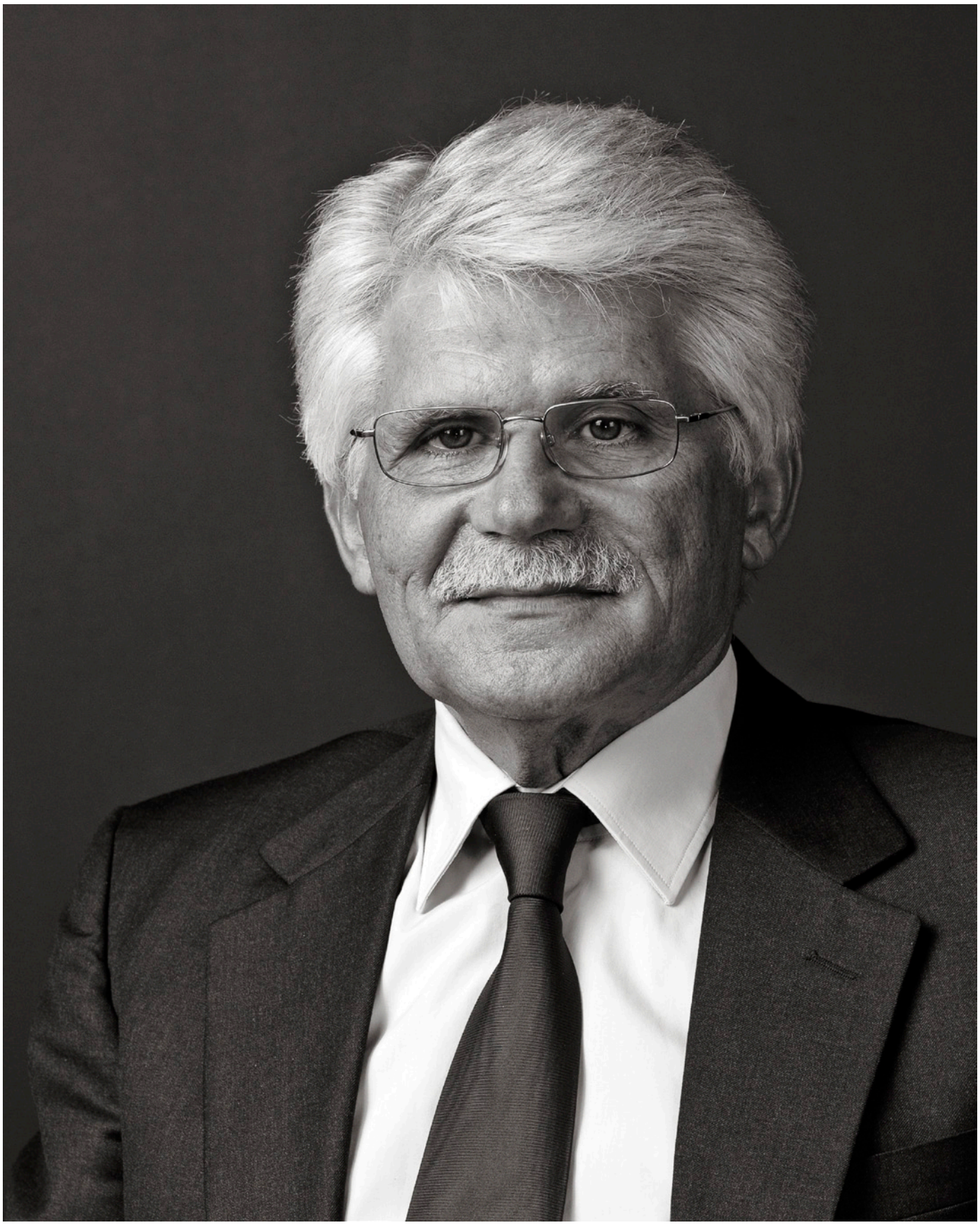
Economista, Professora Universitária e Política

Elisa Ferreira

Vital Moreira

8-11-1944, Vilarinho do Bairro, Anadia

Professor Universitário, Constitucionalista e Político



9-2-1954, Lisboa
Diplomata de carreira e Política

Ana Gomes

Paulo Rangel

18-2-1968, Vila Nova de Gaia
Jurista e Político

14-11-1942, São Miguel do Rio Torto, Abrantes

Economista, Administrador de Empresas, Professor Universitário

Eduardo Catroga

"Para um futuro melhor, Portugal precisa de mudar de vida. Mais trabalho de qualidade. Mais poupança adaptando os gastos aos rendimentos. Mais espírito de iniciativa e de risco. Mais empreendedorismo e inovação em todos os domínios."

Abril

Neste Portugal que nasceu da revolução de Abril de 1974, acentuam-se contradições que medraram com o passar dos tempos, quais ervas daninhas que podem destruir as searas se não cuidarmos delas todos os dias.

Em 36 anos de luta de classes mais ou menos intensa, muitos sonhos esbarraram com uma realidade que não correspondia às palavras de quem usou meios e instrumentos poderosos para apregoar promessas que não queria cumprir.

Mas de Abril mantém-se a confiança na alternativa que é sempre possível, com democratas e patriotas, com as lutas dos trabalhadores e do povo, a força transformadora de onde há-de brotar a primavera que é sempre a realidade florida depois do triste inverno que a antecede.

É esta a convicção que anima todos os que sabem que o "Abril de novo" se constrói com a luta organizada e dirigida, de forma objectiva, contra as políticas de direita que nos têm sido impostas, em Portugal e na União Europeia.

Foi assim noutros momentos importantes da história e da vida deste país, onde a força de um povo unido na sua luta mudou muita coisa. Tem sido assim muitas vezes, ao longo destes 36 anos, para defender direitos, para protestar contra atropelos aos ideais de Abril, para exigir justiça social.

Só assim foi possível garantir que chegasse até hoje a Constituição da República Portuguesa onde se "afirma a decisão do povo português de defender a independência nacional, de garantir os direitos fundamentais dos cidadãos, de estabelecer os princípios basilares da democracia, de assegurar o primado do Estado de direito democrático e de abrir caminho para uma sociedade socialista, no respeito da vontade do povo português, tendo em vista a construção de um país mais livre, mais justo e mais fraterno."

Bem haja pelos rostos que aqui juntou do Portugal que temos, 36 anos depois da revolução de Abril.

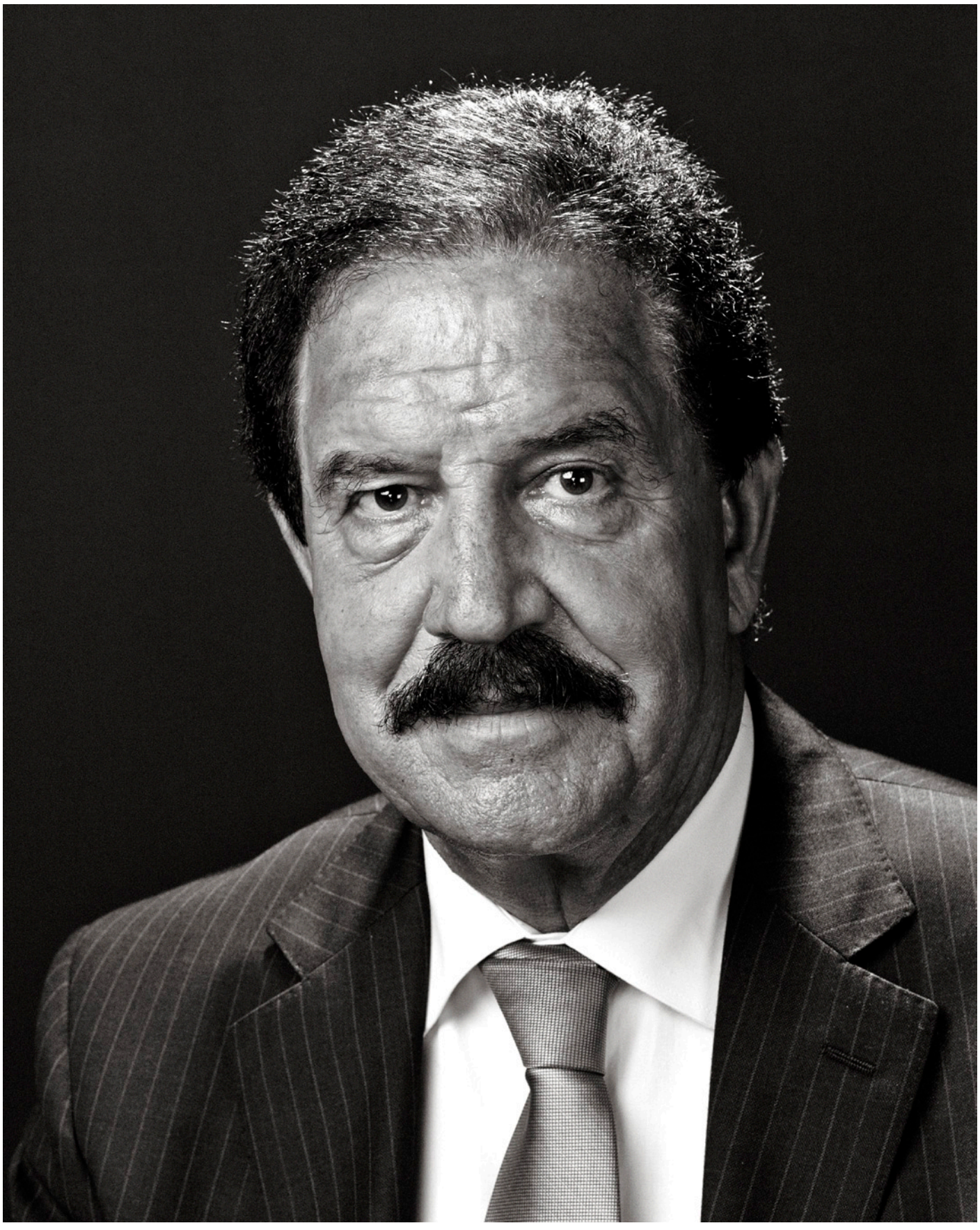
Ilda Figueiredo

30-10-1948, Troviscal, Oliveira do Bairro, Aveiro

Licenciada em Economia e Política

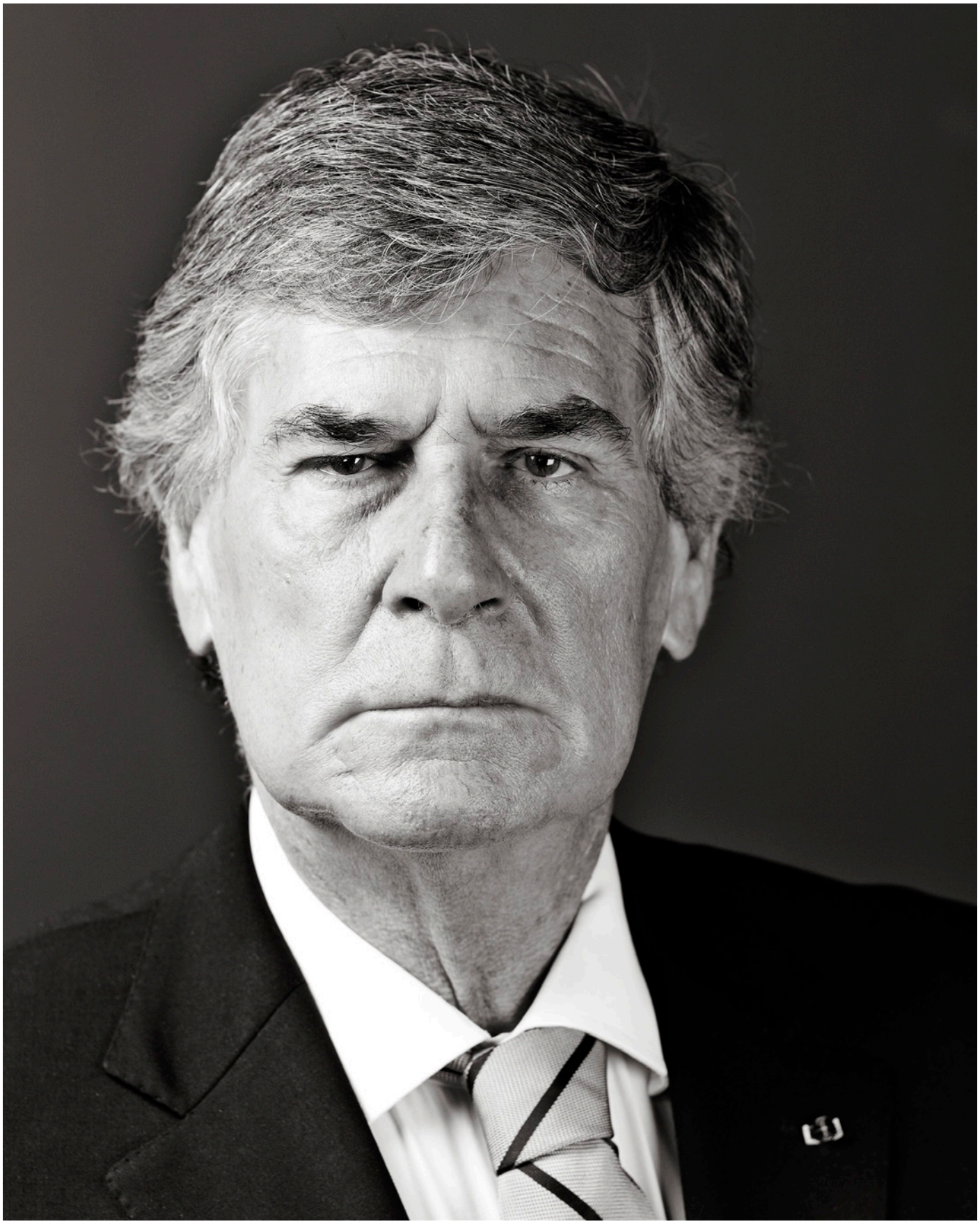
Fernando Ruas

15-1-1949, Farminhão, Viseu
Economista, Autarca e Político



6-9-1946, Nova Lisboa, Angola
Engenheiro Civil e Político

Artur Trindade



"O Poder Local é a verdadeira Escola da Democracia. Sem Poder Local Democrático não existe, de facto, uma verdadeira Democracia.

O Poder Local, obreiro de progresso, construtor de desenvolvimento, conduziu a uma notável qualificação da vida dos portugueses. No país inteiro, na cidade grande ou na pequena aldeia."

Vítor Constâncio

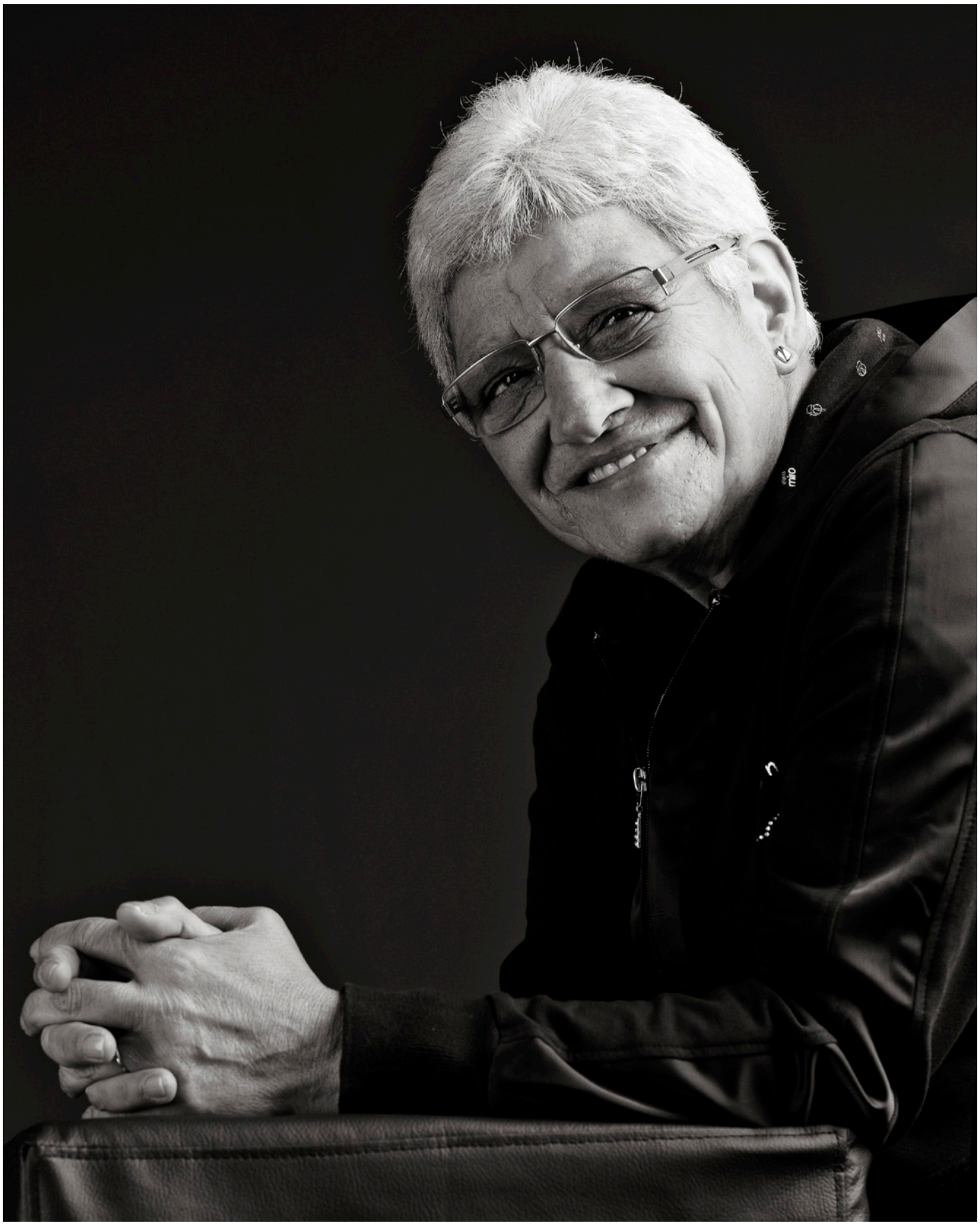
12-10-1943, Lisboa
Economista e Político

14-4-1935, Tabuaço
Magistrado

Armando Leandro

Maria Augusta Sousa

2-2-1947, Pero Pinheiro, Sintra
Enfermeira e Dirigente Sócio-Profissional



18-6-1951, Lisboa
Economista e Político

José Manuel Nunes Liberato

António Costa

17-7-1961, Lisboa
Jurista, Autarca e Político

13-5-1948, Vila Franca de Xira
Funcionária Pública e Política

Maria da Luz Rosinha

RETRATOS DE SEMPRE

Nunca será demais invocar e exaltar os ideais que impulsionaram os Homens da República, e cujo percurso encontrou no Porto o acolhimento que só uma cidade de homens livres é capaz de assumir nas encruzilhadas da História.

A bem dizer, a chama do espírito livre que o iluminismo semeara por toda a Europa ao longo do século XIX, fez-se luz muito antes de 1910, nas calçadas, nas ruas, nas praças e nas avenidas do Porto liberal. Por isso, quando a República viu formalmente reconhecido o seu direito à existência como regime, já há muito os Homens do Porto partilhavam entre si o poder da liberdade, da igualdade e da fraternidade.

Implantada, enfim, a República, novos caminhos e novos horizontes se rasgaram no imaginário colectivo dos portugueses em geral, e dos portuenses em especial. E de tal sorte que a História de um século testemunha e enaltece, na nobreza do nosso espaço público, os exemplos e os feitos de homens como Alves da Veiga, Capitão Leitão, Alferes Malheiro, João Chagas, Sampaio Bruno, Basílio Teles entre muitos outros.

Os Retratos da República são os de ontem e os de hoje. Os de todos aqueles que, no seu tempo e na sua circunstância, demonstram, pelos actos e pelos ideais, que são merecedores do legado, material e imaterial, que a causa pública incorpora.

6-8-1957, Porto

Economista, Autarca e Político

Rui Rio

O ALGARVE NA REPÚBLICA

A República foi implantada no Algarve com as eleições de 28 de Maio de 1911. A lei eleitoral, do mesmo ano, manteve o direito de voto a maiores de 21 anos que soubessem ler e escrever ou fossem chefes de família há mais de um ano. Foi também esta a lei que permitiu às mulheres exercerem o direito de voto – Carolina Beatriz Ângelo foi a primeira.

A sessão parlamentar de 19 de Junho desse ano revestiu um carácter histórico, na medida em que nela se aboliu a dinastia de Bragança e a Monarquia e se aprovou a nova bandeira e "a Portuguesa", como novo hino nacional.

Passaram 100 anos. 2010 marca, de forma indelével, o centenário da República. Neste último século Portugal foi pródigo na mudança de regimes: de monarquia passou a república, de república a ditadura e com a revolução, chegou à democracia.

Os últimos 30 anos de poder local constituíram uma grande conquista democrática, designadamente, no que se refere à escolha dos representantes locais. No Algarve, essa proximidade que se gerou com os eleitores permitiu uma grande capacidade de realização de infra-estruturas básicas e de equipamentos lúdicos, educativos e culturais, possibilitando a grande transformação da região em grande parte do seu território.

100 anos volvidos sobre a implantação da República, as questões que dominam hoje o panorama político no Algarve são a regionalização, a evolução do processo de descentralização do Estado, a sustentabilidade do turismo, a inclusão social, a falta de fundos europeus para a região, a dificuldade em investir no interior, a burocracia excessiva e a injustiça existente em alguns documentos de ordenamento do território. Questões que a República, por si só, não resolve, mas que devem constituir ponto de reflexão governativa.

São vários os desafios que se colocam ao Governo da República e ao Algarve; Cabe-nos a nós ser capazes de melhorar e antecipar o futuro. Ele depende de nós.

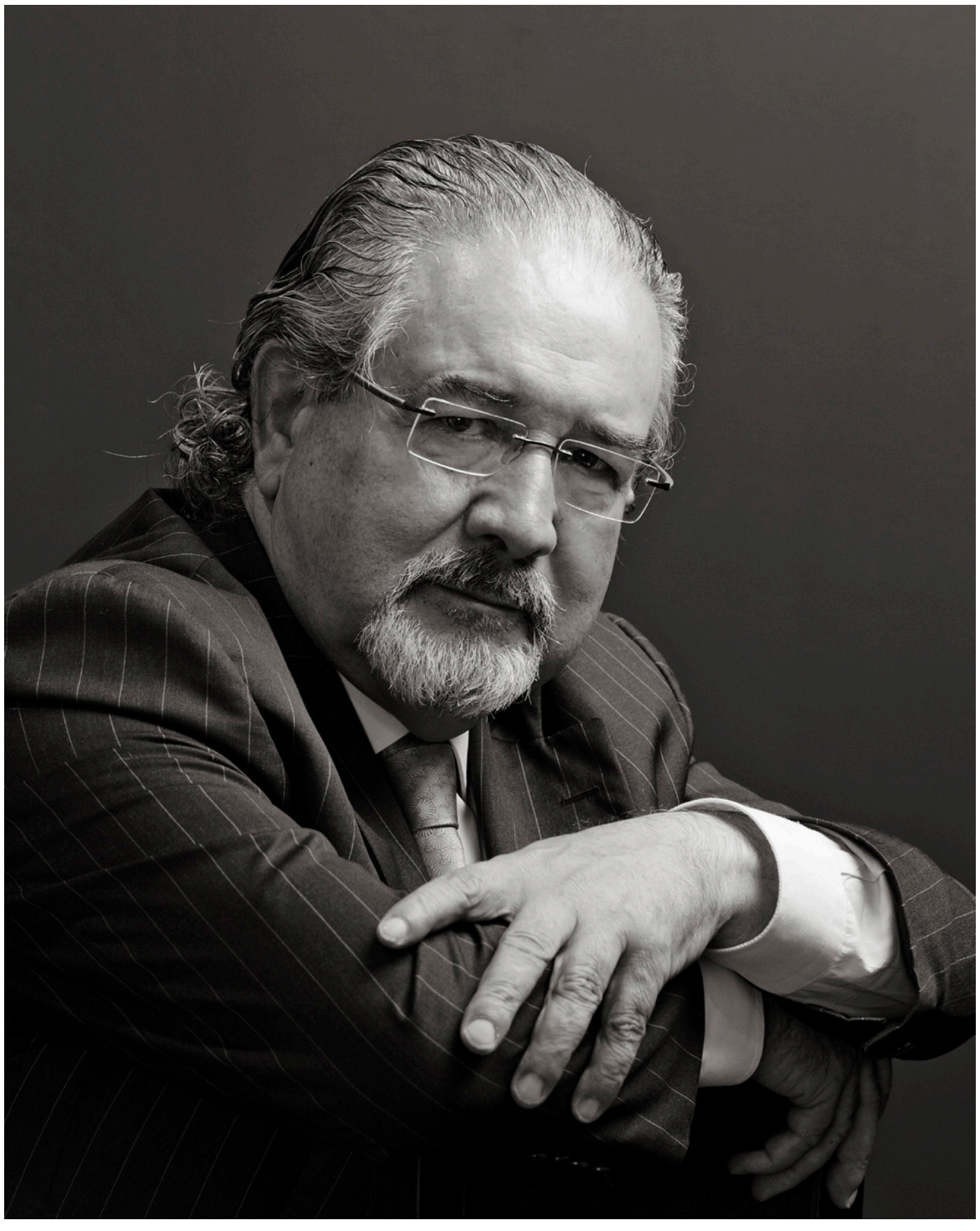
1-4-1957, Tavira

Licenciado em Engenharia, Autarca e Político

José Macário Correia

Isaltino Morais

29-12-1949, Mirandela
Jurista, Autarca e Político



23-2-1953, Moura
Escritor, Autarca e Político

Francisco Moita Flores

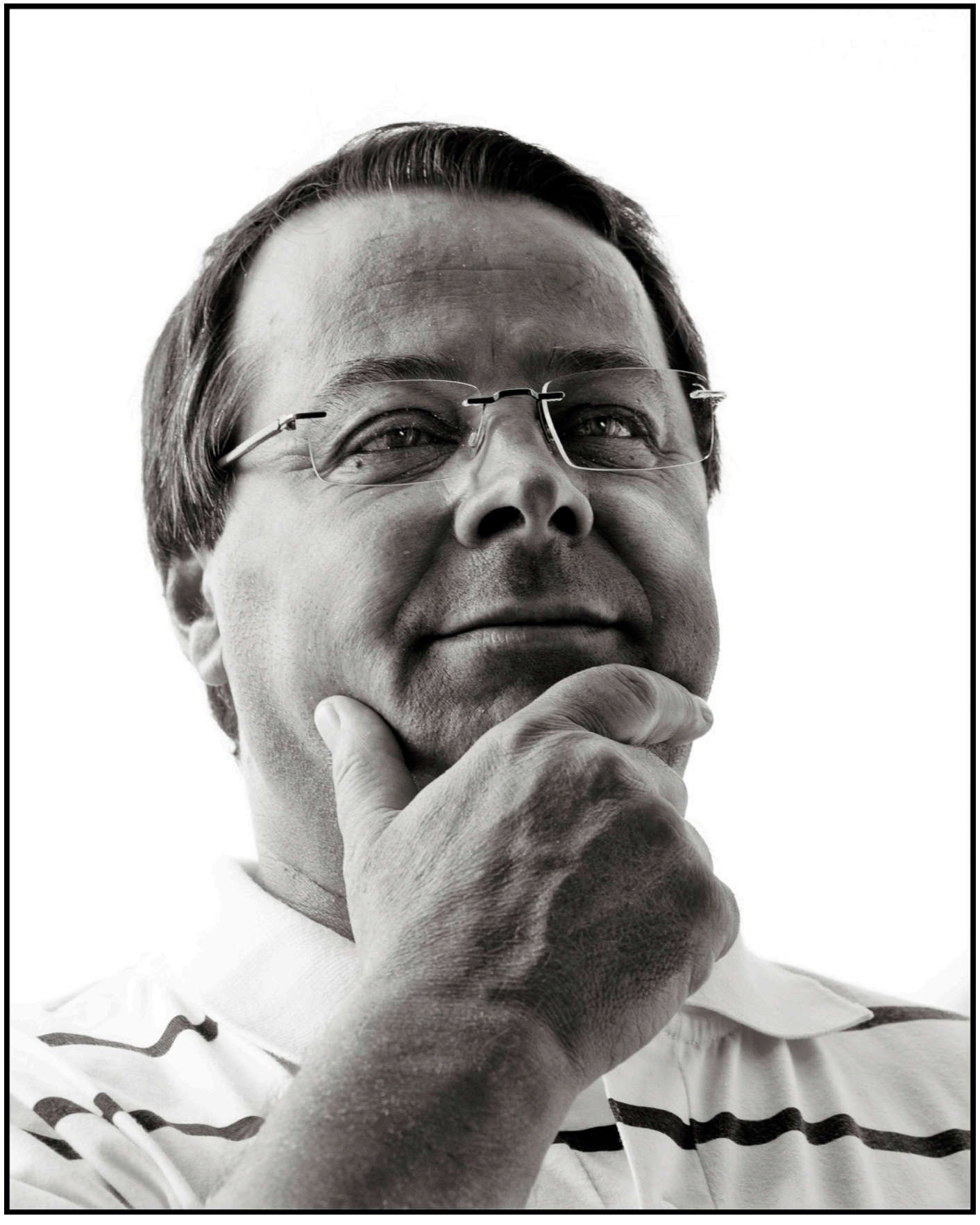
Carlos Beato

2-11-1945, Lisboa

Militar (Exército), Licenciado em Relações Económicas Internacionais, Autarca e Político

21-2-1954, Manteigas
Funcionário Público, Autarca e Político

Esmeraldo Carvalhinho



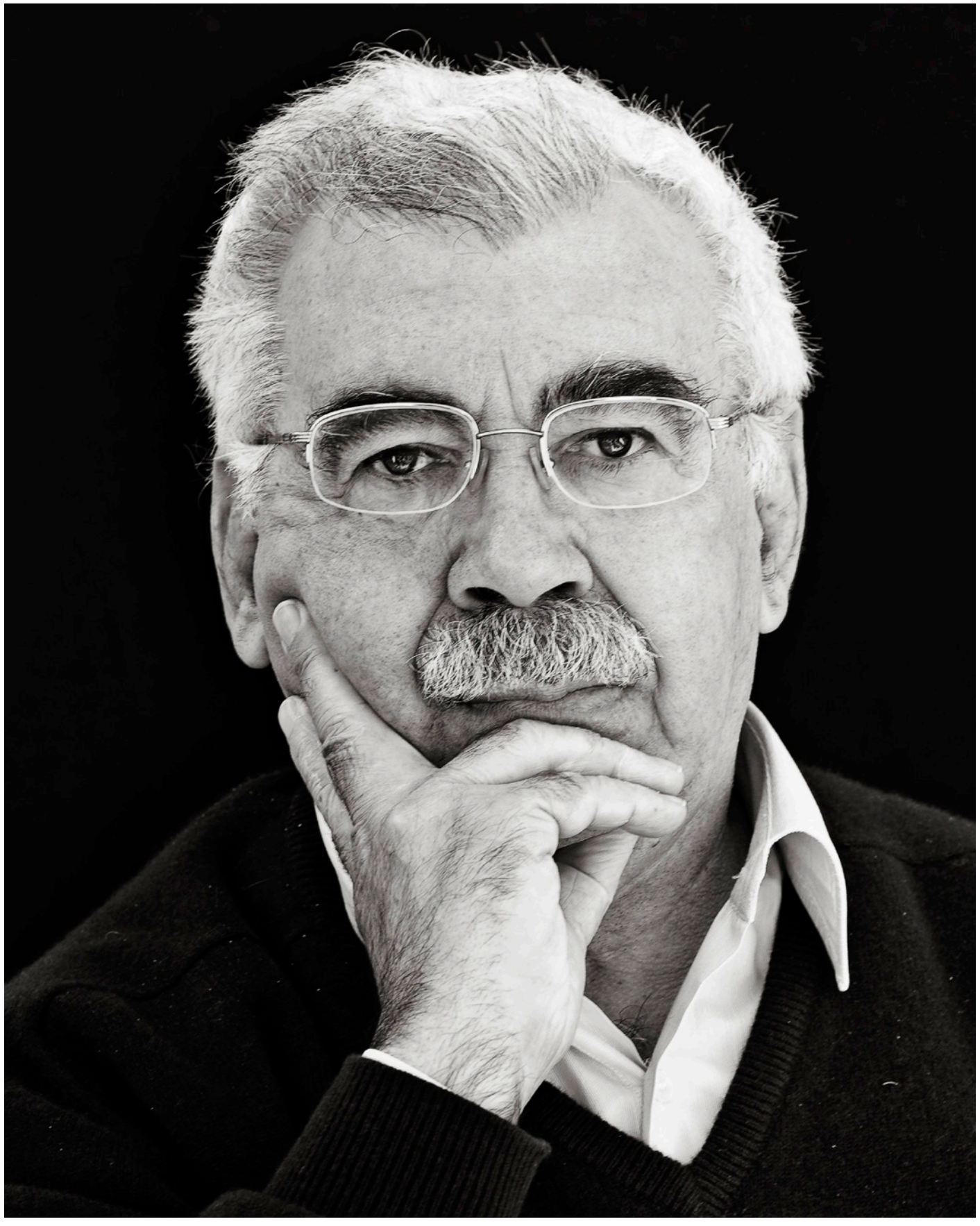
Pedro Paredes

16-6-1953, Lisboa

Arquitecto, Praticante e Dirigente Desportivo,
Autarca e Político

9-11-1940, Coimbra
Médico, Autarca e Político

Manuel Coelho



José Alberto Guerreiro

30-11-1963, Odemira

Licenciado em Engenharia (Civil e Informática), Professor, Autarca e Político

30-1-1957, Lisboa
Engenheiro Electrotécnico e Autarca

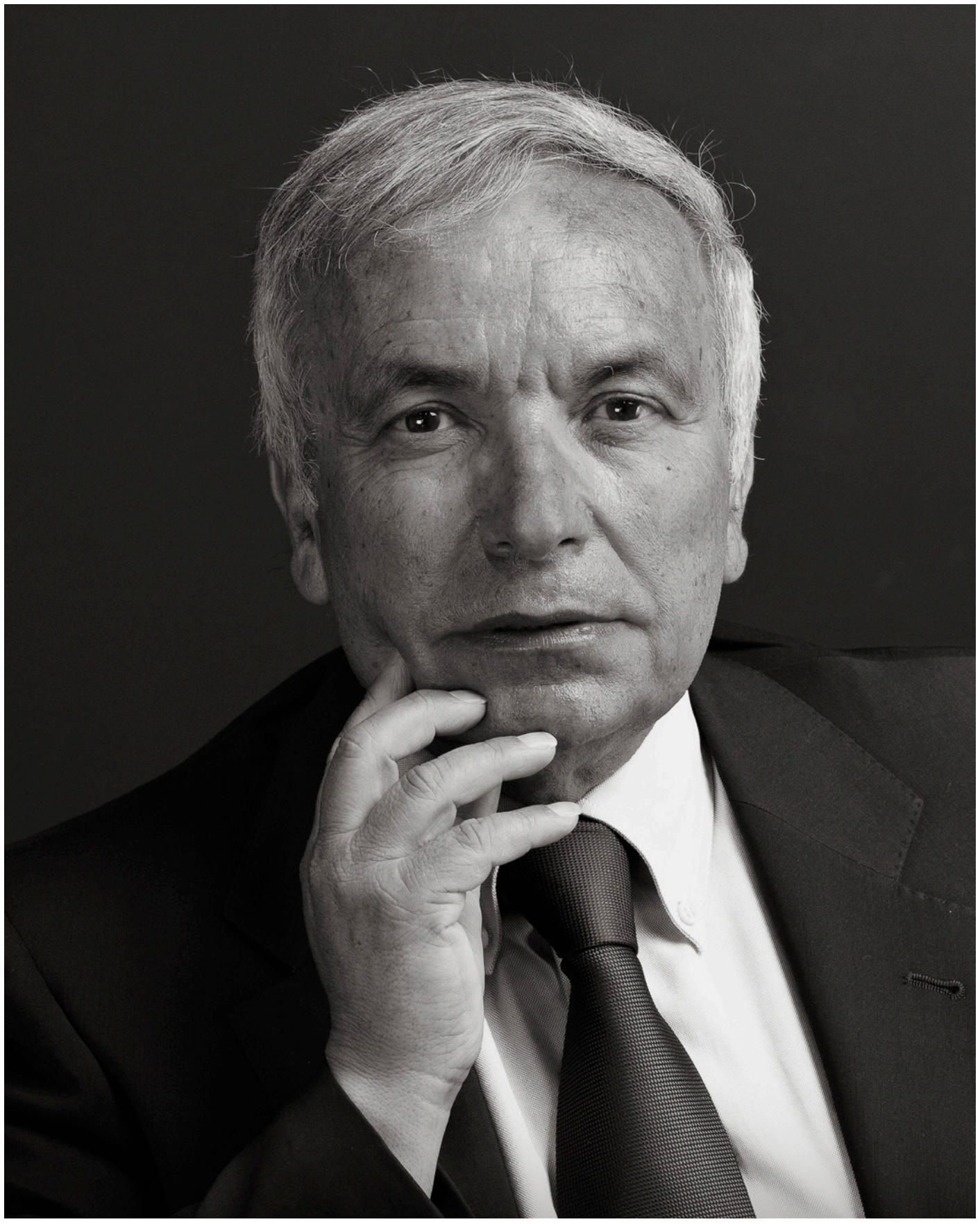
Carlos Teixeira

Carlos Pinto de Sá

10-1-1958, Montemor-o-Novo
Economista, Autarca e Político

22-7-1945, Idanha-a-Nova
Bancário, Autarca e Político

Joaquim Morão



“Somos muitas vezes o rosto do colectivo de rostos onde nos inserimos ou do qual emergimos.
Somos o que fazemos, o que damos, o que recebemos, o que sentimos.
Somos o que somos.”

28-1-1966, Setúbal
Socióloga, Autarca e Política

Ana Vicente

José António Monteiro

21/09/1964, Lisboa
Gestor

4-5-1961, Funchal
Advogado, Autarca e Político

Miguel de Albuquerque

"Permitir que os Portugueses escolham livremente quem os represente e que o cidadão tenha a possibilidade, por sua própria decisão, a candidatar-se à magistratura suprema são princípios fundamentais de ética republicana. Implicam e envolvem, naturalmente, objectivos democráticos e de justiça social.

Ora, constituem pilares da Saúde Pública de Hoje princípios que permitem assegurar igualdade e equidade no acesso aos cuidados que visam proteger e promover a saúde de todos os cidadãos, das famílias e das comunidades. A desigualdade não é socialmente aceite.

País rural, com a maioria da população analfabeta[1], Portugal, em 1910, era um país pobre.

A Proclamação da República colocou a prosperidade como objectivo social por todos desejada.

A Saúde Pública é desde logo reconhecida como "base essencial de todo o progresso económico" nos termos proclamados pelos médicos reunidos no Congresso de 1911 que, por unanimidade, considerou "como factores primários do desenvolvimento progressivo económico do país os mecanismos das assistências médica e sanitária"[2].

A valorização do humanismo na perspectiva de dignificar e requalificar as condições de vida, especialmente dos pobres, foi definida como principal prioridade. Os anos seguintes revelaram, porém, a complexidade do processo de desenvolvimento e a intransponibilidade de inesperadas barreiras."

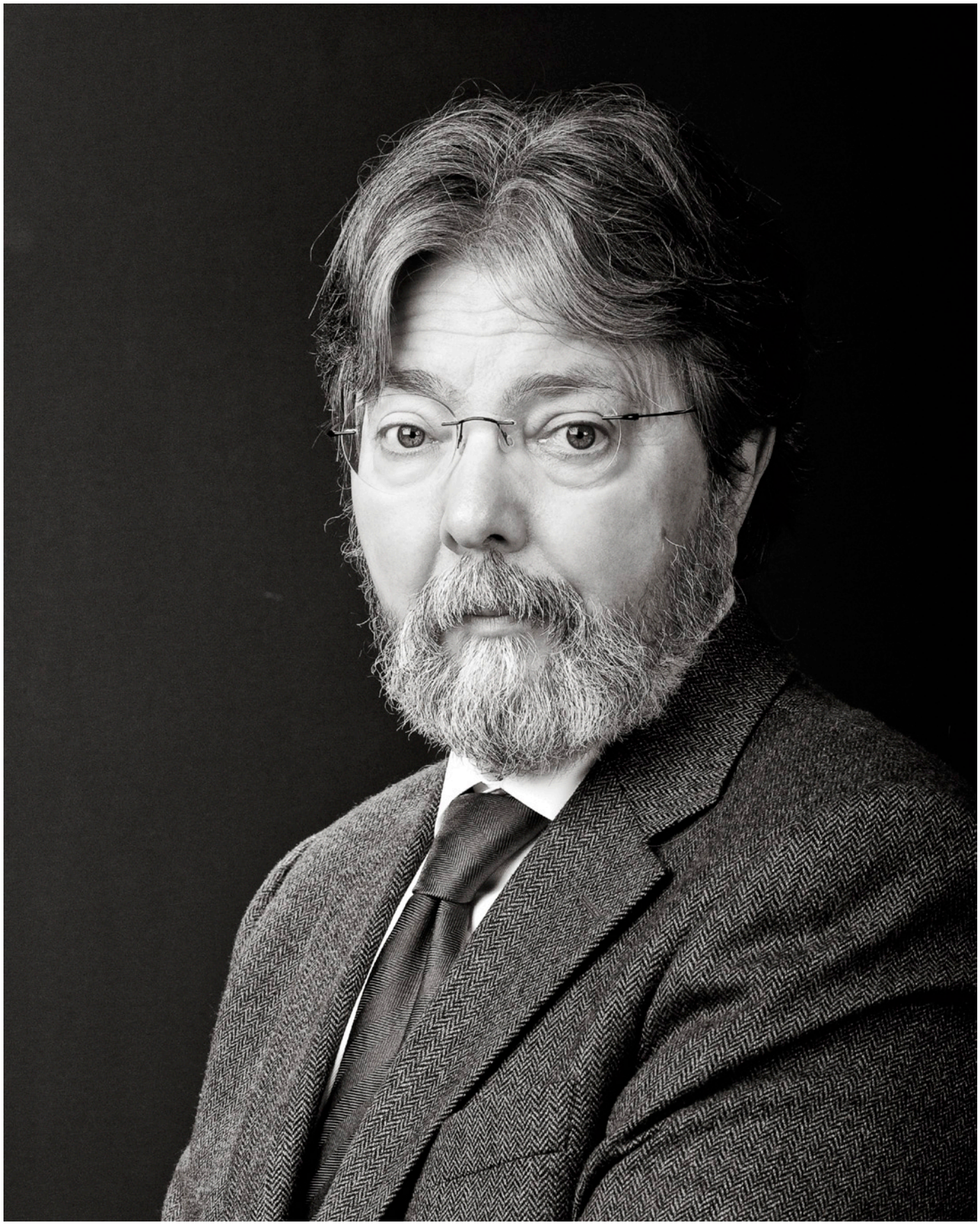
1 Taxa de analfabetismo estimada em 70%.

2 Actas do Congresso dos Médicos Municipais promovido pela Associação dos Médicos portugueses em Lisboa, Fevereiro de 1911 que contou com a presença do ministro António José de Almeida e de Ricardo Jorge, então Director-Geral de Saúde.

21-10-1947, Lisboa

Médico e Dirigente da Administração Pública

Francisco George



“No princípio, as águas corriam por onde queriam, ou por onde os deuses as haviam traçado, aonde estes não as tinham levado, os homens não sabiam conduzi-las; onde os deuses não tinham criado lago ou fonte, os homens não faziam albufeiras ou fontanários. Os homens não pensavam governar as águas: onde as havia aí se assentavam, donde não surgiam se afastavam.”

Não era por isso, infundado o orgulho com que Frontino, um dos mais famosos “curatores aquarum” da Roma antiga dizia a propósito dos aquedutos: “comparai-os às pirâmides, que não servem para nada, ou às obras dos gregos, célebres em todo o mundo, mas inúteis”.

Platão também se referia à justiça, não a nível individual, mas ao nível dos Estados, cujo objectivo não é fazer uma classe feliz, mas que toda a cidade, tenha bem-estar e usufrua do bem comum.

Não há bem comum, mais universal, do que a água, cujo aproveitamento em todas as suas origens (rios, lagos, albufeiras, mares e oceanos) e com as suas múltiplas funções (económicas, sociais, ambientais) constitui um grande desafio, desde os deuses, aos imperadores, e aos reis.

A “res publica” (coisa pública, o estado, a administração) que por vezes, tem cuidado pouco deste bem comum dos cidadãos, estará a governar bem este recurso, ou neste aspecto a República ainda não se cumpriu?!

Orlando Borges

5-4-1960, Luanda

Geógrafo e Dirigente da Administração Pública

António Macieira Antunes

13-2-1951, Lisboa

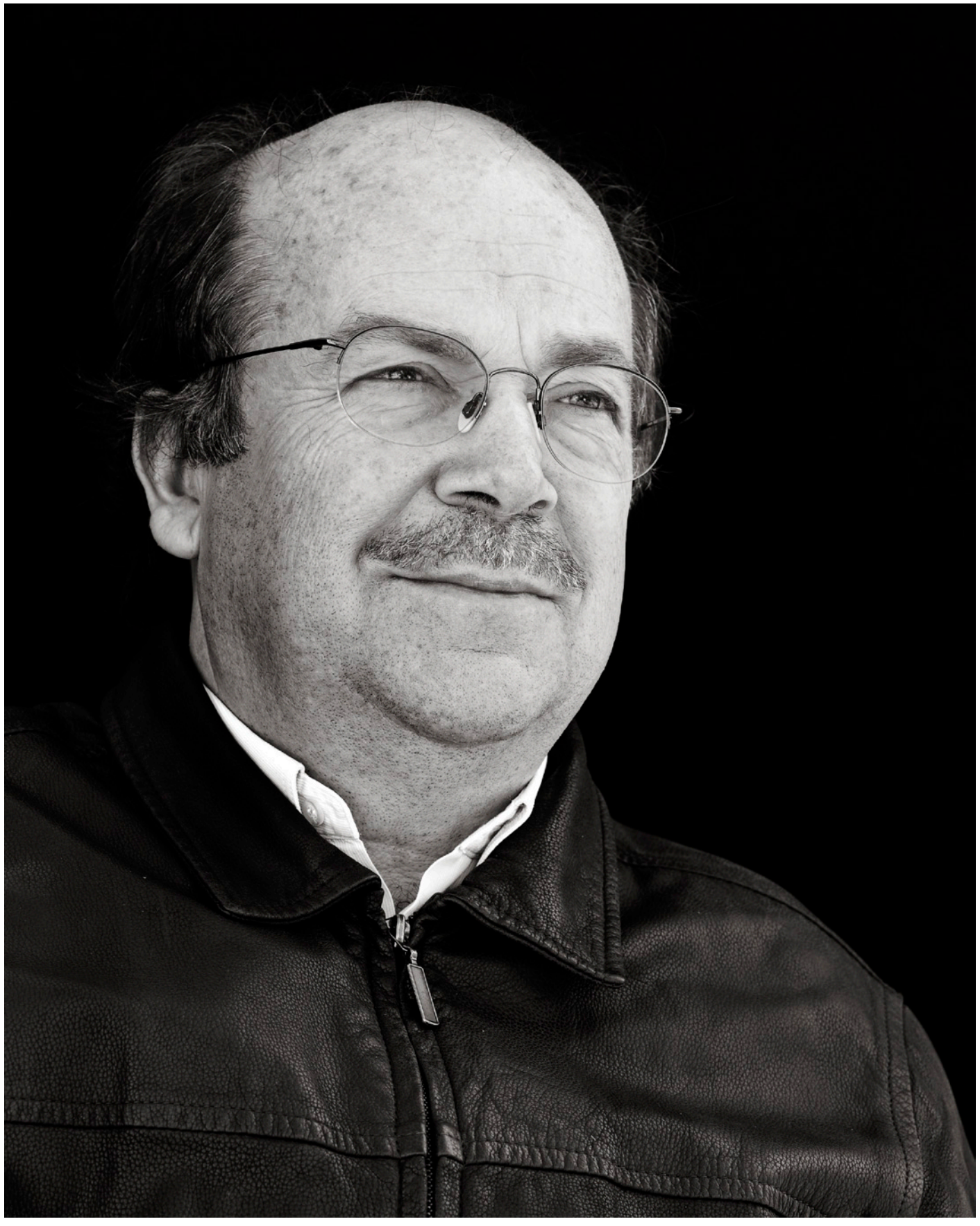
Engenheiro Electrotécnico e Administrador de Empresas

15-6-1960, Goa, Índia
Gestora Cultural e Autarca

Catarina Vaz Pinto

José Ferreira da Costa

14-6-1945, Fafe
Técnico de Electrónica e Autarca



28-4-1955, Zambujeira do Mar
Empresário e Autarca

António Camilo

Narciso Miranda

30-7-1949, Viana do Castelo
Desenhador Industrial, Autarca e Político

13-4-1946, Vila do Conde
Economista, Gestor e Político

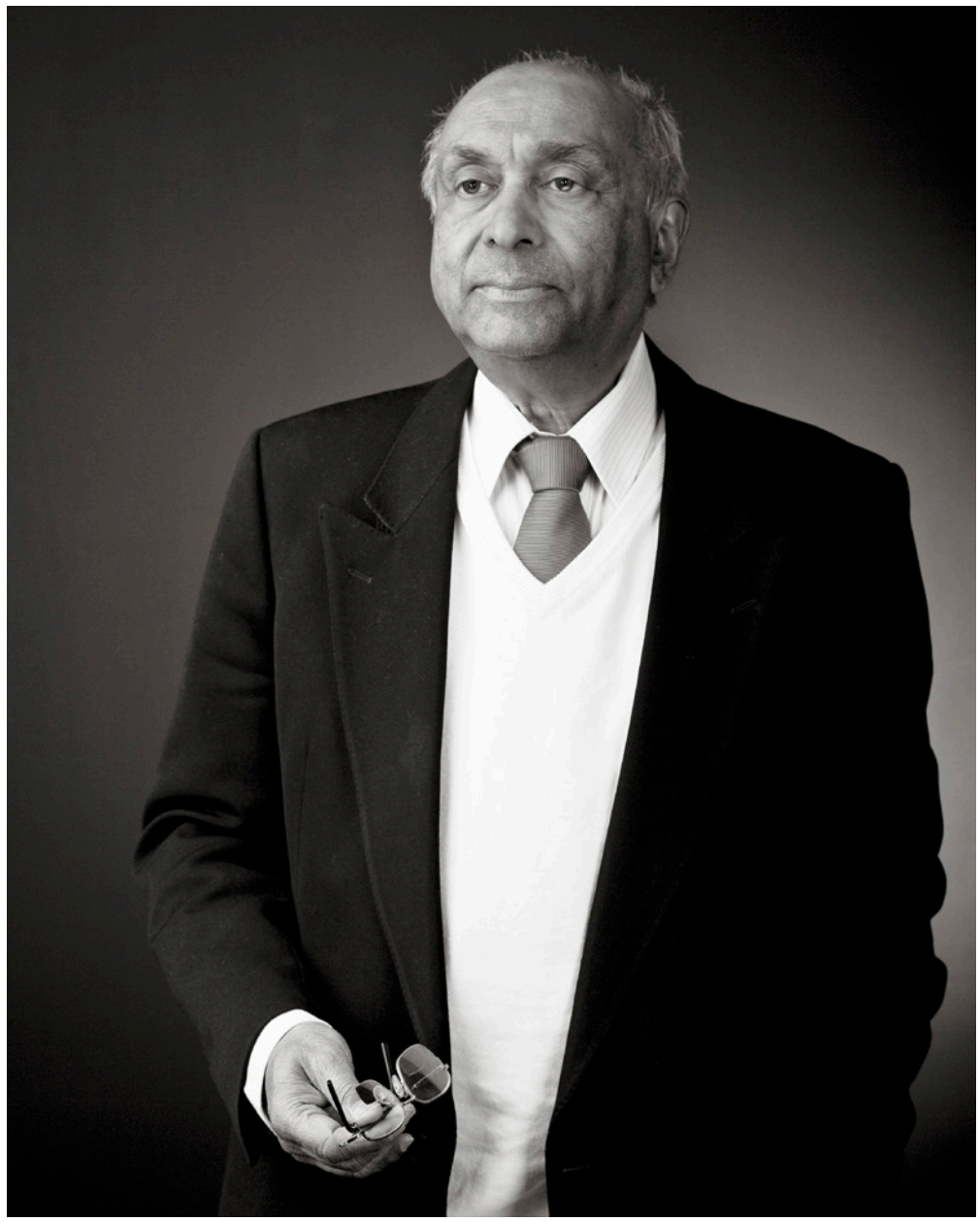
Fernando Gomes

Daniel Campelo

3-4-1960, Freixo, Ponte de Lima
Engenheiro Agrónomo e Político

22-2-1938, Inhambane, Moçambique
Docente Universitário e Político

Abílio Fernandes



"Foi muito gratificante juntar a minha contribuição pessoal à gestão colectiva da CME durante 25 anos em que fui presidente.

Foi gratificante porque Évora cresceu, melhorou e desenvolveu-se, não só no tamanho, não só nos dados estatísticos, não só no reconhecimento como Património da Humanidade, não só em beleza e ordenamento do território, nem sequer pelos muitos outros aspectos quantitativos, que contribuíram para que Évora tivesse alcançado o reconhecimento nacional e internacional. O que foi para mim particularmente gratificante foi a alteração e a consolidação de uma nova qualidade de vida democrática em profunda ruptura com os costumes e tradições anteriores dos seus concidadãos.

Em Évora, os trabalhadores passaram a utilizar o Palácio de D. Manuel para realizarem os seus plenários, a frequentar o Teatro Garcia de Resende, passaram a ter os seus filhos nas creches e jardins-de-infância, nas escolas e na Universidade, passaram a estar em tudo quanto é espaço público, em pleno direito de cidadania.

Passaram a conviver com os proprietários latifundiários, com os empresários, com os chefes de serviço das repartições públicas, com os gerentes dos bancos, com "os senhores doutores", com todo e qualquer cidadão rico ou pobre, em direitos iguais de cidadania.

A Câmara Municipal constituída ao longo de 25 anos por maiorias comunistas, eleitos democraticamente, algumas vezes com percentagens elevadíssimas, teve um papel determinante nesta transformação da qualidade de vida dos seus cidadãos. Nunca discriminou ninguém. E sempre fomentou uma participação generalizada na base de critérios transparentes de actuação e intervenção. Respeitou sempre os direitos constituídos de cada cidadão, qualquer que fosse a sua condição económica, social ou cultural.

Foi gratificante ter podido contribuir pessoalmente para este grande projecto de construção da democracia no Portugal saído do 25 de Abril."

Marta Pereira de Sousa

10-1-1977, Lisboa
Consultora de Comunicação e Imagem

"A luta pela igualdade das mulheres nunca está concluída. É uma tarefa diária, permanente e com carácter de urgência. Nota-se nos pequenos gestos do dia-a-dia. Se, como escreveu o dramaturgo Nelson Rodrigues, "Deus está nos detalhes", o segredo da igualdade de género reside na delicadeza dos pequenos gestos que fazem a diferença. A afirmação da identidade feminina num mundo ainda marcadamente masculino é uma planta que precisa de ser regada todos os dias.

A República, com os seus ideais perenes de igualdade, liberdade, fraternidade, deu um impulso extraordinário para que as relações de género fossem mais equilibradas e quase consensuais. Nesta, como noutras áreas, "o caminho faz-se caminhando". E a jornada das mulheres pelo reconhecimento pleno dos seus direitos está longe de estar concluída."

21-11-1976, Maputo, Moçambique
Professora Universitária e Política

Nilza Mouzinho de Sena

A adultez da República (e este lugar mágico que é Portugal)

A *República* portuguesa conheceu passagens e passageiros díspares. Adormeceu a monarquia sonhada por alguns e criou memórias na penumbra de um firmamento de que a História recente se arroja. Centenária e pródiga em adeptos na contemporaneidade, quase *ad numerum*, a *República* foi o palco privilegiado de figuras ímpares que foram reconstruindo de forma impressiva a identidade de um povo.

Coração providencial de Fernando Pessoa, Florbela Espanca, Alves Redol, José Régio, Miguel Torga, Eugénio de Andrade, Alexandre O'Neill, Sofia de Melo Breyner, Vitorino Nemésio ou Agostinho da Silva, exemplos de homens de letras que marcaram o traçado literário e filosófico português, e eirado de tantos outros que a alma lusa não esquece, mas que a memória por vezes atraiçoa.

Este século de *República* corresponde também ao múnus social de Nação sólida, com vis política, loquacidade veemente e, mesmo assim, responsabilidade naquilo que Eduardo Lourenço chamou de 'labirinto de saudade'. Espécie de Portugal profundo descoberto em tantos rostos desconhecidos de que se fez este tempo e demais fastigiados que honram a nossa Cultura.

Este balanço só poderá locupletar-se de esperança. Sem ela o horizonte seria mais lúgubre e esta mensagem não seria mais que metáfora vazia de impressões nacionais. Portugal é isso e mais que isso. Não se confunde com o tempo nem se faz circunstancialmente de compassos episódicos. Por isso, mesmo que celebremos o século, façamo-lo sem constrangimentos em assumir o que somos e sem nos divorciarmos do que éramos antes. A adultez da *República* é livre, mas Portugal antes de ser já o era.

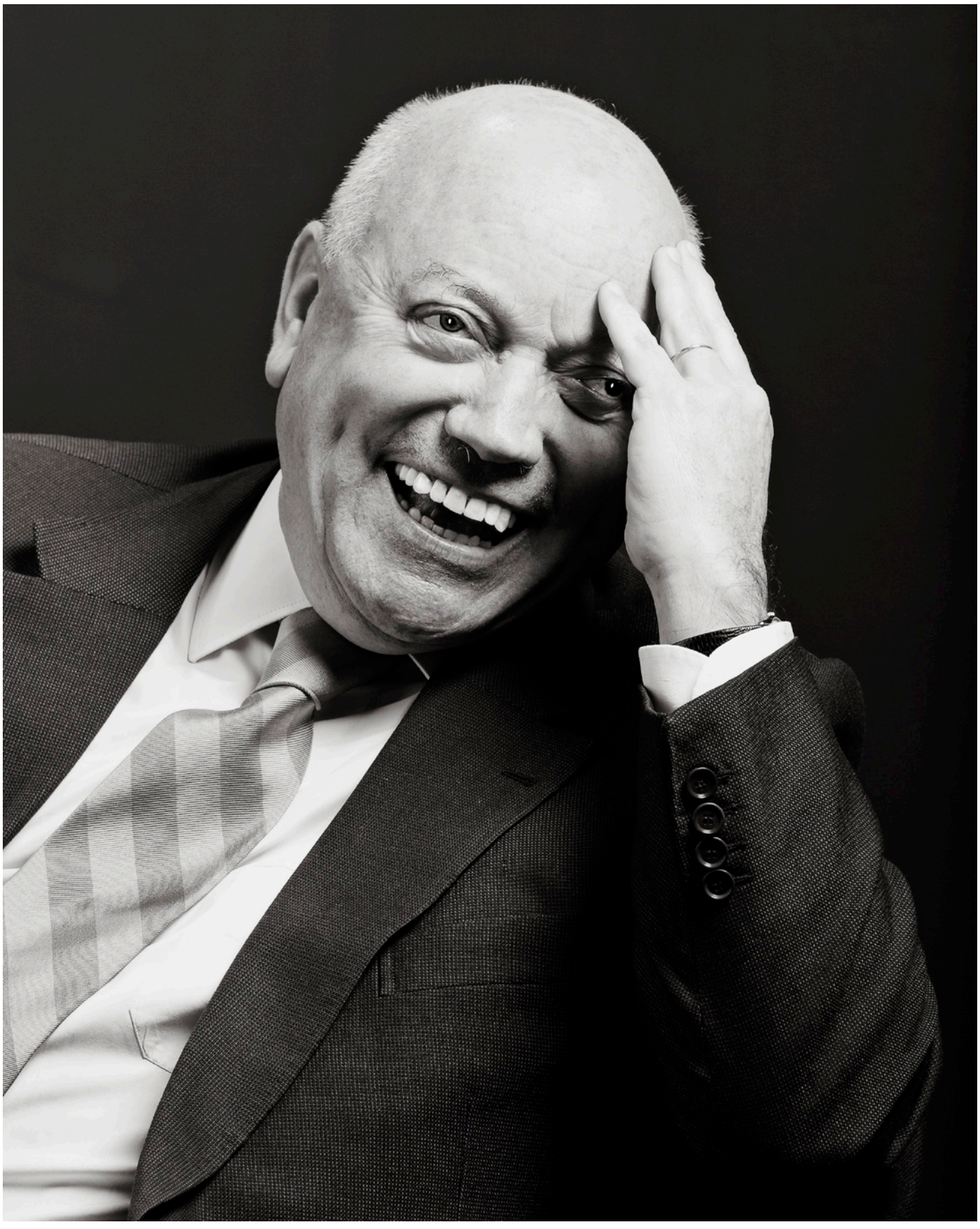
Jorge Coelho

17-7-1954, Mangualde

Licenciado em Organização e Gestão de Empresas, Político e Gestor

20-2-1942, São Miguel, Açores
Professor Universitário e Político

José Medeiros Ferreira



Mário Lino

31-5-1940, Lisboa
Engenheiro e Político

28-10-1954, Lisboa

Licenciado em Economia, Professor e Político

Manuel Pinho

"É uma honra que julgo não merecer ser colocado ao mesmo nível de portugueses de grande valor e que deixaram uma marca muito importante.

Gosto muito do meu país, da sua História, pessoas, luz, diversidade e capacidade de acolhimento. Tenho dele, não só uma visão a partir do interior, mas também do exterior, porque vivi cerca de 6 anos no estrangeiro. Fora de Portugal, não há nada que me agrade mais do que promover o País onde nasci e defendê-lo se o atacam. Cá dentro, sempre procurei contribuir para que se encontrem soluções, em vez de passar o tempo a falar dos problemas.

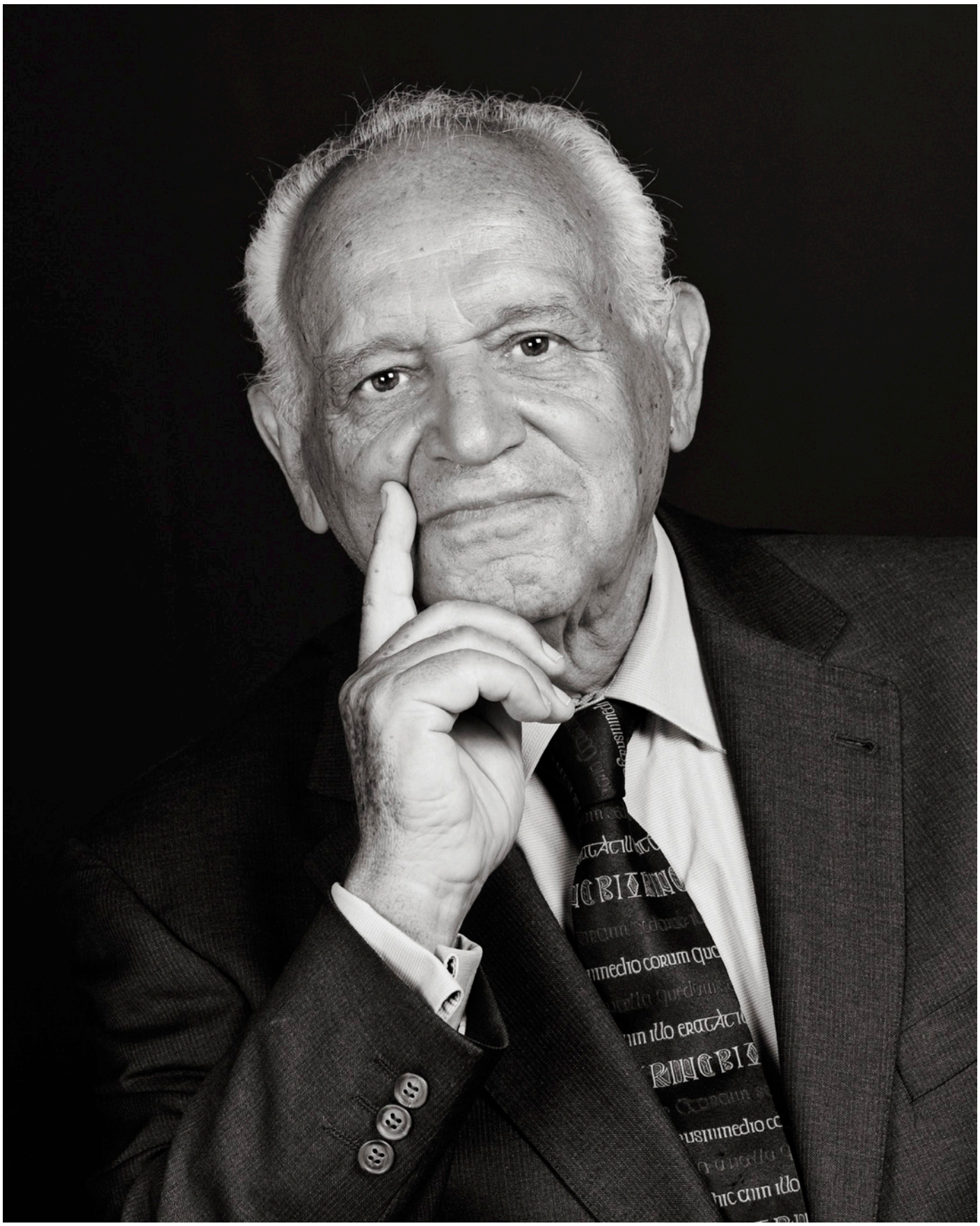
No século XX, o rendimento por habitante em Portugal passou de cerca de ¼ para um pouco menos de ¾ do rendimento médio da Europa (excluindo os países do Leste), o que é notável, mas nesta 1ª década do século XXI deixámos de nos aproximar, porque vieram ao de cima problemas estruturais sérios, que durante muito tempo conseguimos disfarçar através da nossa garra e capacidade de improvisação. Acredito que os vamos resolver, mas tal requer não só uma mudança de políticas, como uma mudança de atitude, porque teremos de ser menos conservadores e mais persistentes do que até agora.

Tive o privilégio de servir o meu País em lugares públicos durante cerca de 8 anos, primeiro no Tesouro e, depois, como o Ministro da Economia que mais tempo ocupou o lugar nas últimas décadas. Fiz o melhor que pude e só fiz aquilo em que acredito porque sou uma pessoa independente. A Humanidade está a viver um momento único, no sentido em que sabemos com razoável precisão o que será o planeta dentro de 50 ou 100 anos se continuarmos a lidar da mesma forma coma energia e o ambiente. Talvez eu venha a ser recordado por ter sido responsável por termos uma política de energia que é admirada em todo o mundo, sobretudo no que respeita às energias renováveis."

José Veiga Simão

13-3-1929, Guarda

Professor Catedrático Jubilado e Político



"O Sonho da I República, por "uma Educação e Cultura de Valores" continua por realizar. A esperança vai-se esvaindo na nossa Democracia perante o abismo ético que separa homens da I República de homens da III República, para quem a Política é simplesmente Negócio."

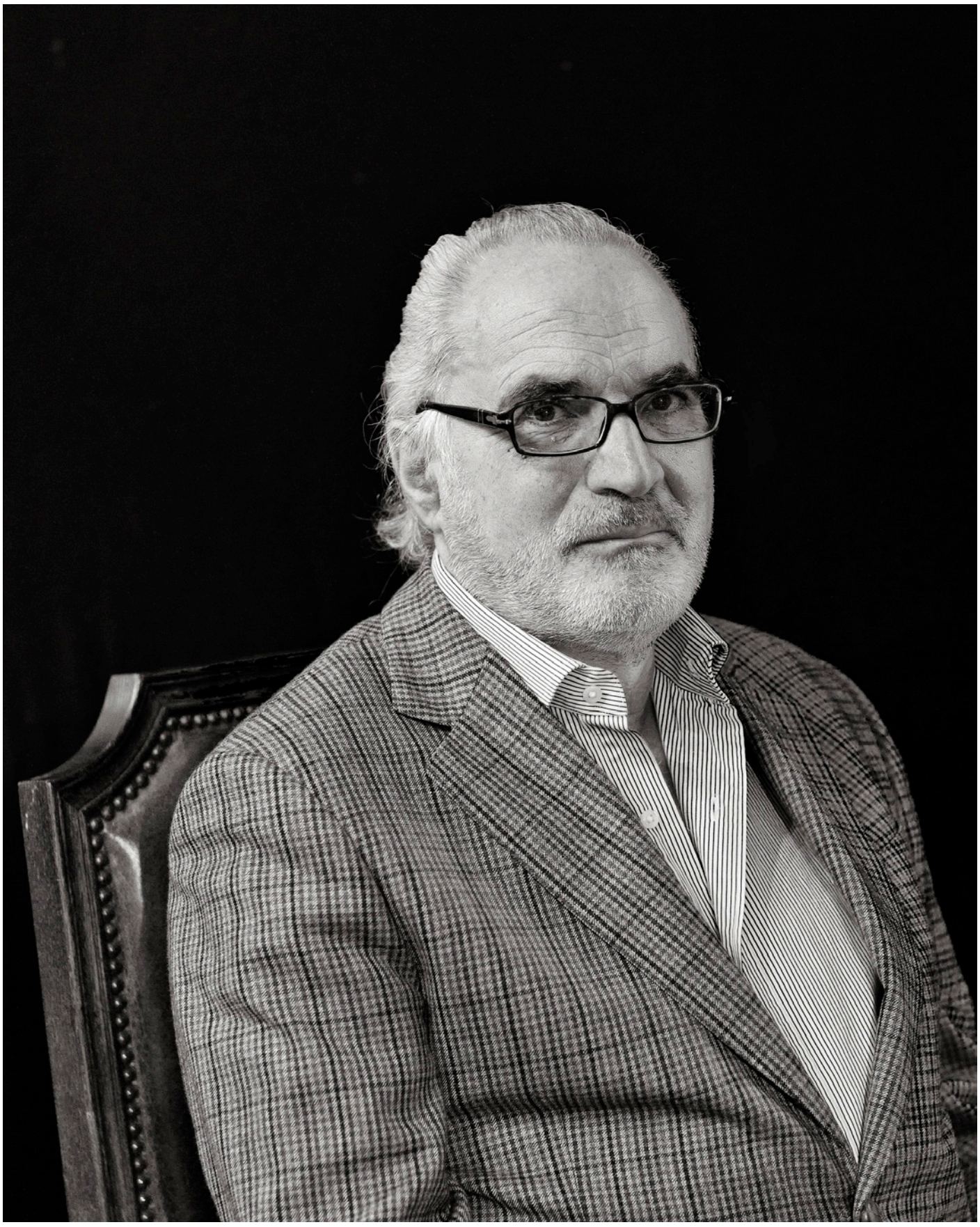
19-9-1936, Malange, Angola
Engenheiro, Economista e Político

João Cravinho

António Reis

9-5-1948, Lisboa

Historiador e Grão-Mestre do Grande Oriente Lusitano

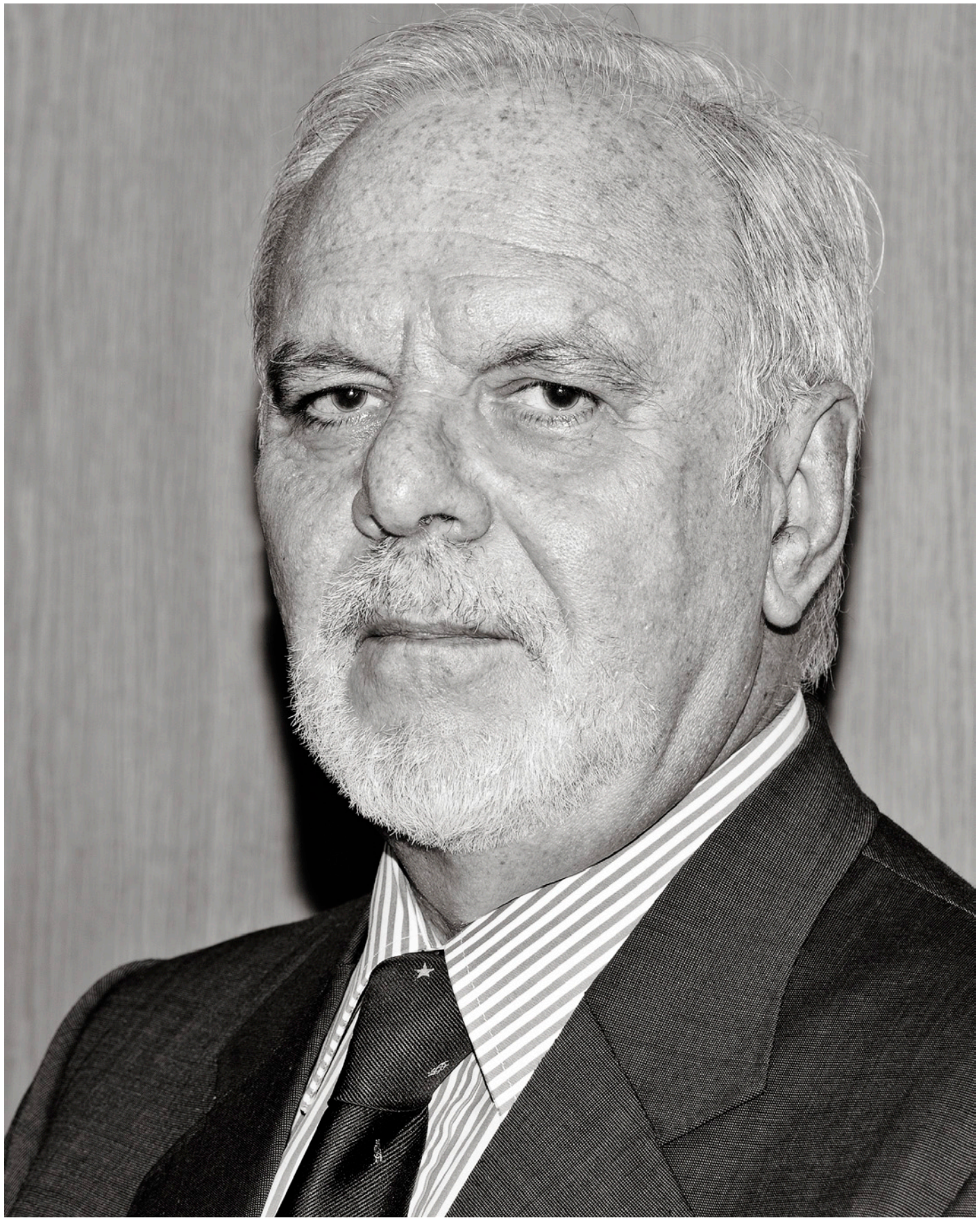


28-1-1936, Cumeeira, Penela
Advogado, Escritor e Político Socialista

António Arnaut

Luís Valente de Oliveira

29-8-1937, São João da Madeira
Professor Catedrático, Gestor e Político



31-1-1961, Lisboa
Político e Advogado

Nuno Morais Sarmento

Roberto Carneiro

10-5-1947, Cascais
Professor Universitário e Político

Viagem às Origens: Um Sonho Confuso

Há muito, no horizonte longínquo da história, decorria o ano de 1513 quando Jorge Álvares pela primeira vez pisou solo chinês.

Território de territórios, cultura de culturas, povo de povos, quotidiano de quotidianos, sortilégio de sortilégios, alegoria de alegorias, Macau foi berço de uma justaposição estranha de dois mundos distintos, a ocidente e a oriente, à semelhança dos braços envolventes do delta lodoso do Rio das Pérolas em que mergulha a sua existência física.

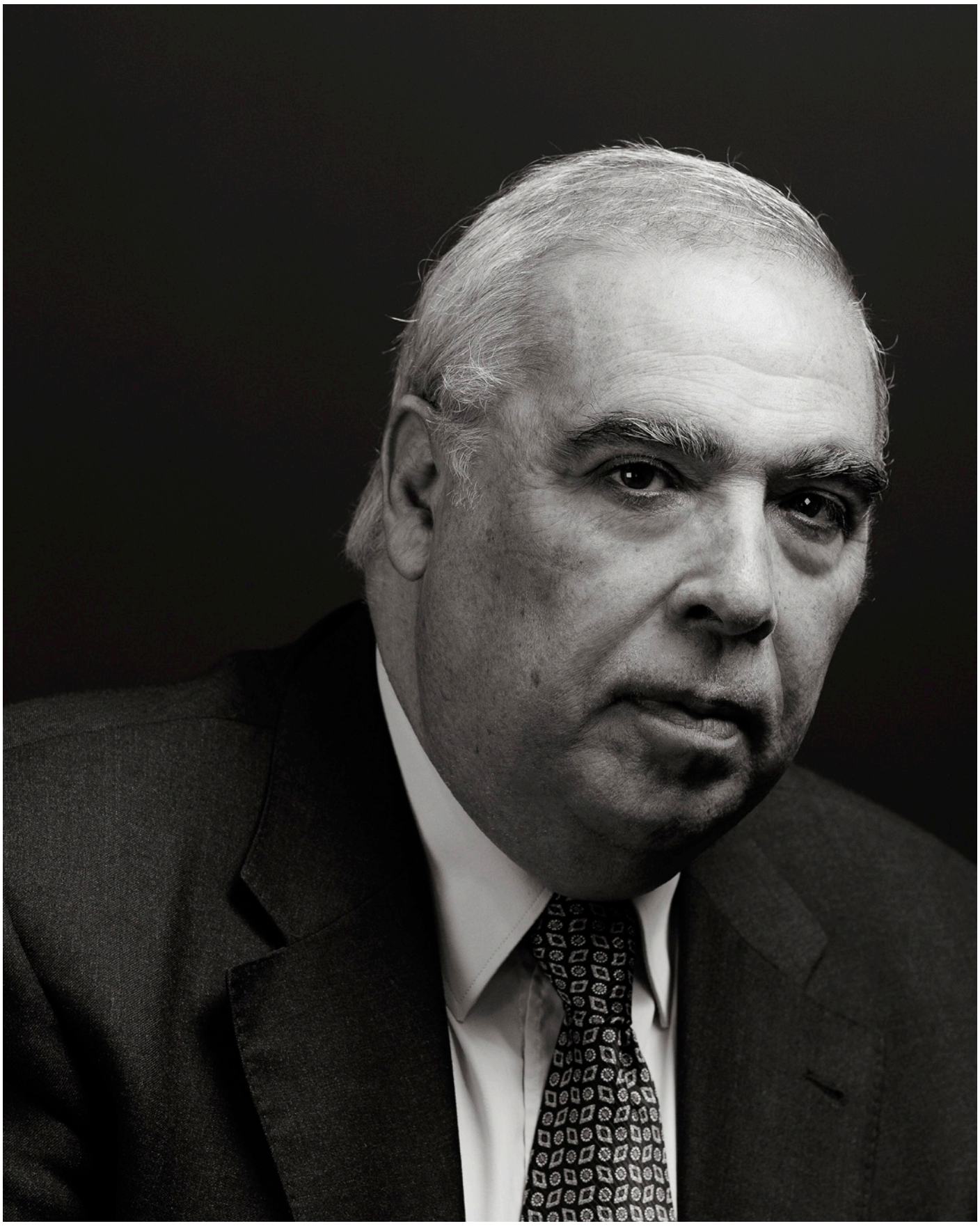
A partir daí, ela amadureceu, ao longo dos séculos, uma vincada personalidade própria, uma espécie de tertium genus cultural, uma síntese original fruto de alquimia histórica cerzida na permanente encruzilhada de caminhos: da China, Macau recebe o Mistério, a Sensibilidade, a Civilidade; de Portugal, ela é herdeira de Aventura, Maresia e Cristianismo. De ambos, Macau tem de comum o Fado.

Macau possui o encanto discreto das grandes instâncias de síntese. Ela consegue reunir, sem antagonismo, a espiritualidade chinesa e o humanismo português, e realizar o milagre da comunicação entre a expressão ideográfica chinesa e a poética ínsita no linguajar de Camões, Pessanha e Pessoa.

Macau, um sonho confuso de Portugal, no sábio dizer de Torga.

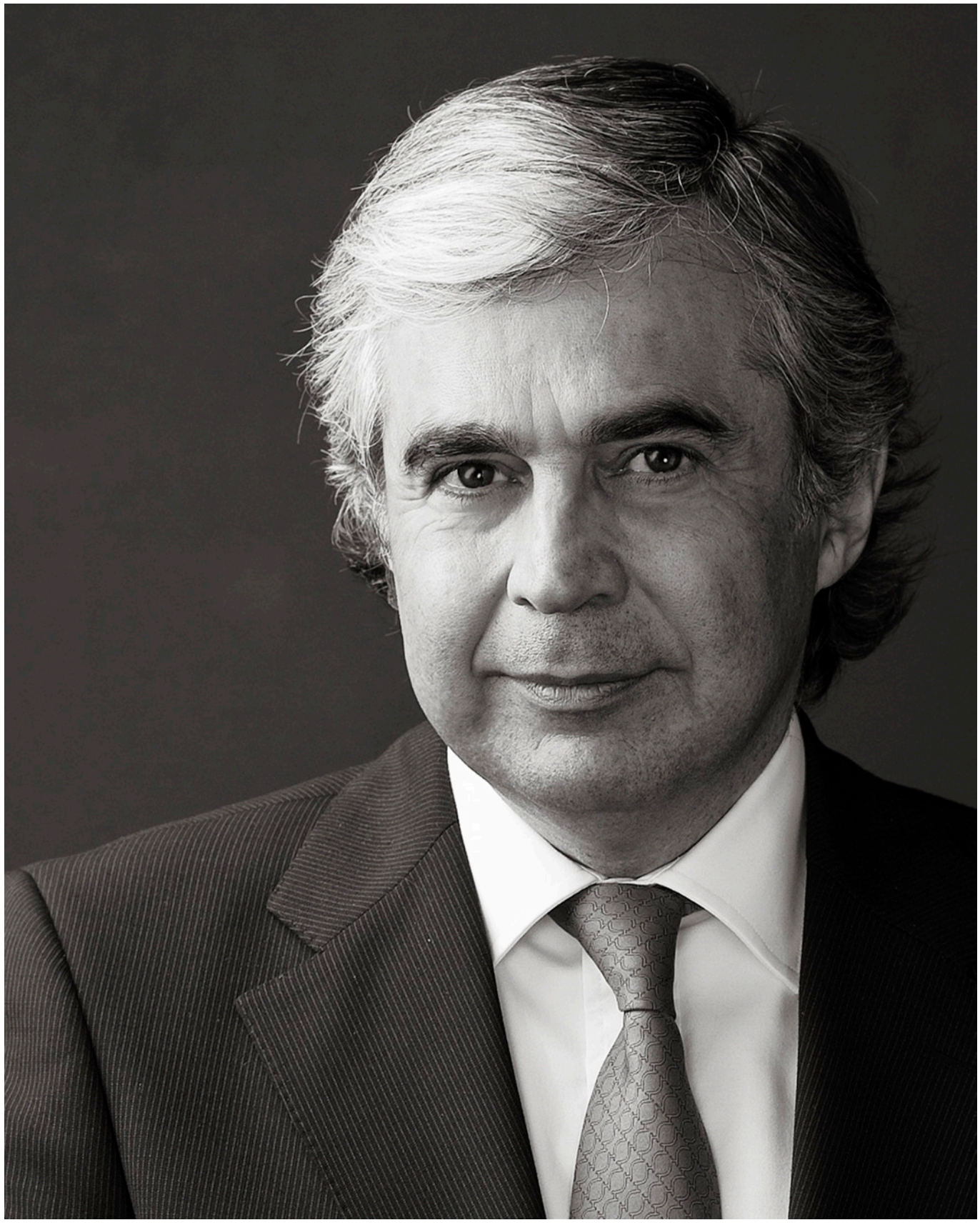
18-7-1945, Almada
Licenciado em Engenharia, Gestor e Político

Ângelo Correia



José Pedro Aguiar Branco

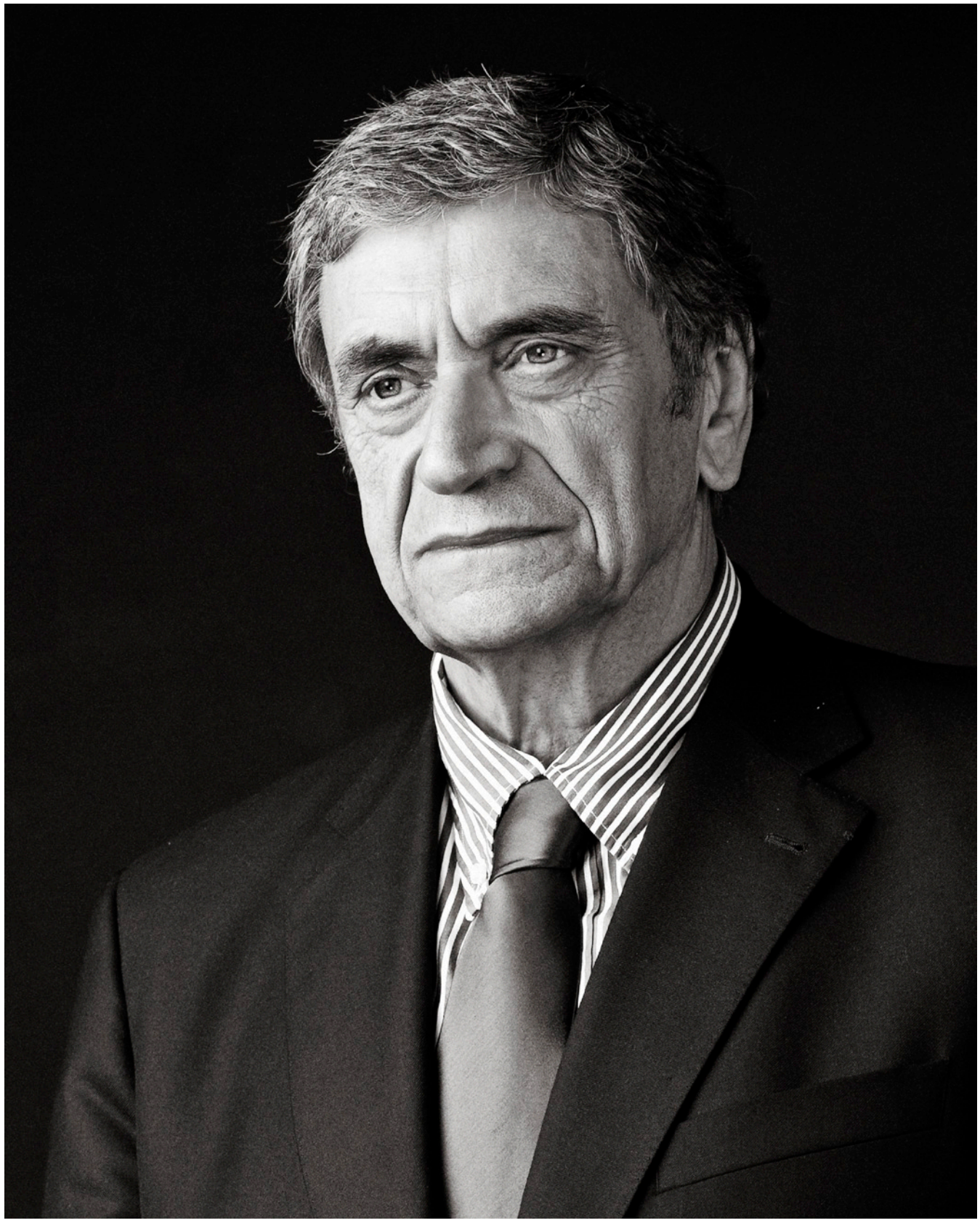
18-7-1957, Porto
Advogado e Político



1-12-1941, Nazaré

Licenciado em Direito, Juiz Conselheiro e Político

Álvaro Laborinho Lúcio



"Gosto de olhar a República como projecto, como construção. E de encontrar nela um desígnio permanente de liberdade, de solidariedade, de dignidade da pessoa humana. De uma liberdade sem exclusão, de uma solidariedade sem recompensa, de uma dignidade sem discriminação. Um espaço de cidadania, envolvendo o direito reconhecido a cada um de participar na vida pública e de se saber e sentir senhor e responsável pelo seu destino.

Uma res publica. Uma coisa verdadeiramente de todos."

Ética Republicana

Sei que o que aqui escrevo não é políticamente correcto. Refiro-me à agora tão proclamada ética republicana, num tempo em que se comemoram os cem anos da República.

Ética republicana? A palavra ética não vale por si? Como já tivemos três "Repúblicas", o que quer dizer essa adjectivação da ética? É que já houve de tudo no plano ético e político. Uma coisa e o seu contrário. De positivo e de negativo. De construtivo e de destrutivo. De seguidismo e de persecutório. De direitos e de míngua deles. De verdade e de mentira. De carácter e da sua falta. De serviço probo e de aproveitamento criminoso.

Diz-se que a ética republicana consiste em cumprir escrupulosamente a lei. Acontece que o conjunto das normas jurídicas e o conjunto das normas éticas jamais coincide. Há matérias reguladas pela lei que não exprimem qualquer juízo ético, como há muitas regras de conduta ética que não estão juridicamente plasmadas. A ética não se estrutura na dicotomia legal / ilegal, mas radica na consciência. O conjunto do que é moralmente aceitável (o legítimo) é mais restrito do que é juridicamente aceitável (o legal). Nem tudo o que a lei permite se nos deve impor, e há coisas que a lei não impõe mas que se nos podem e devem impor. A pessoa tem mais deveres éticos do que o cidadão. A consciência de uma pessoa honesta é mais exigente do que o produto de um legislador.

Nenhuma lei proíbe em absoluto a mentira, a desonestidade, a deslealdade, a malvadez, o ódio, o desprezo, a vilanagem… Como nenhuma lei só por si assegura a decência, a verdade, a amizade, a generosidade.

Por isso, não faz sentido adjectivar ou catalogar a ética. Há simplesmente a ética. Pura e, não raro, dura.

9-4-1948, Ílhavo
Licenciado em Finanças, Gestor e Político

António Bagão Félix

Jorge Moreira da Silva

24-4-1971, Vila Nova de Famalicão
Engenheiro e Político

7-5-1955, Lisboa
Engenheiro, Empresário e Político

Carlos Pimenta

Tiago Pitta e Cunha

25-3-1967, Lisboa

Jurista, especialista em políticas e assuntos do mar

10-10-1960, Nova Lisboa, Angola
Jurista, Ex-Político, Editor, Poeta e Pintor

Paulo Teixeira Pinto

NEVOEIRO

nuvem
ou fuligem
homem
ou espécime
o que importa
se encobre
o que persigo
sem descobrir
se consigo
ser nuvem

ou fuligem
homem
ou espécime
que mais importa
senão romper
adentro
do que me cobre
nuvem
ou fuligem
para entender

por fim
qual o meu porvir
homem
ou espécime
quando entro
em mim
e digo
sim

Maria José Nogueira Pinto

23-3-1952, Lisboa
Jurista e Política

2-7-1969, Lisboa
Jornalista e Político

Daniel Oliveira

Domingos Duarte Lima

20-11-1955, Régua
Advogado, Músico e Político

30-6-1936, Porto
Advogado, Escritor e Político

Miguel Veiga

"O tempo conta muito e não conta nada.
Os homens dizem que o tempo passa. O tempo diz que os homens passam.
Certo é que os tempos são curtos para aquele que pensa e infindáveis para aquele que deseja."

Basílio Horta

16-11-1943, Lisboa
Jurista, Gestor e Político

13-5-1973, Luanda
Docente Universitária e Política

Joana Amaral Dias

"Como contributo para se perceber a situação actual do país neste fim de ano de 2010, passo a descrever, a pedido dos autores deste livro, as posições que assumimos na altura devida e o que nos foi respondido.

Na verdade quando afirmámos que a economia portuguesa não estava preparada para adoptar o Euro e que este pela pressão da Alemanha e pelas políticas do Banco Central Europeu, tenderia a valorizar-se o que criaria grandes dificuldades à economia portuguesa, foi-nos respondido com desdém que Portugal só teria a ganhar em estar no pelotão da frente (Cavaco Silva), ou no centro das decisões (António Guterres).

Quando afirmámos que a cotação do escudo para a integração no Euro estava sobrevalorizada o que criaria graves problemas de competitividade em relação aos outros países nomeadamente em relação à Espanha, disseram-nos que não e que era importante valorizar os nossos activos!

Quando afirmámos que uma União Económica e Monetária entre regiões e países com economias tão desiguais levaria à polarização da riqueza nos mais desenvolvidos e ao atraso nos mais débeis e que tal ainda seria mais acentuado se não houvesse um Orçamento Comunitário que fizesse uma efectiva compensação redistributiva, disseram-nos que os Fundos Estruturais eram suficientes.

Quando afirmámos que com o alargamento aos países de Leste, Portugal seria o país mais atingido e que a manutenção das verbas do Orçamento Comunitário era inaceitável, disseram-nos que não, que Portugal teria vantagens com o acesso aos novos mercados (Durão Barroso).

Quando afirmámos que as privatizações de empresas básicas e estratégicas levariam a que muitas viessem a cair em mãos estrangeiras, tornando ao país cada vez mais dependente e vulnerável, disseram-nos que tal posição era um preconceito ideológico!

Quando afirmámos que com a política das privatizações e do Euro forte a nossa dívida externa iria aumentar aceleradamente, e quando afirmámos que a dívida externa seria um dos mais graves problemas do país – um garrote ao nosso desenvolvimento - disseram-nos que não, que com a integração a dívida não era problema! Só passados anos e quando Cavaco se referiu à questão é que acordaram para o precipício!

Agora que estamos na fossa até já admitem a hipótese de sair do euro. E encostados ao muro com a crise interna e internacional já põem em causa as políticas seguidas.

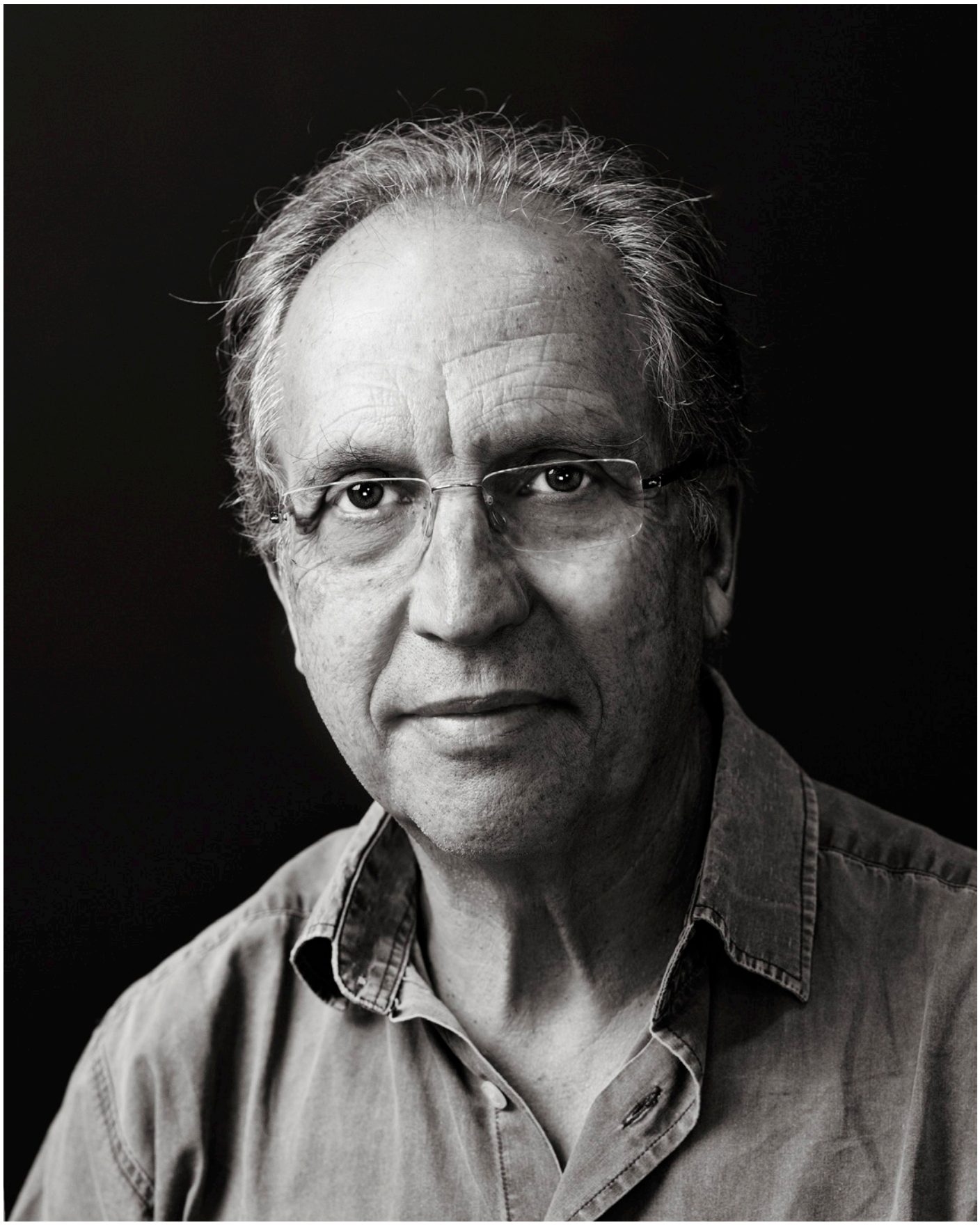
É tempo de se admitir que a política da condução da economia mundial pelos mercados, essa entidade abstracta mas que tem bilhete de identidade – os mega Bancos e as multinacionais – é uma política falida, ao serviço da concentração e centralização de capitais.

Nunca como agora, se impõe uma ruptura com as políticas seguidas e uma mudança de rumo.

A lei de Ricardo, que serviu de argumento aos neoliberais – todos os países podem tirar vantagem dum comércio internacional aberto – sucumbiu à lei das vantagens absolutas que "privatiza" a acumulação de riqueza em proveito das grandes empresas e dos grandes senhores do dinheiro. Estes com todo o descaramento ainda nos dizem que é necessário fazer um pouco mais em matéria de liberalização! É necessário sim, desmascarar a teologia da "mão invisível" dos mercados e pôr a economia ao serviço dos trabalhadores e dos povos e não ao serviço dos banqueiros."

9-11-1942, São Pedro do Sul
Economista e Político

Carlos Carvalhas

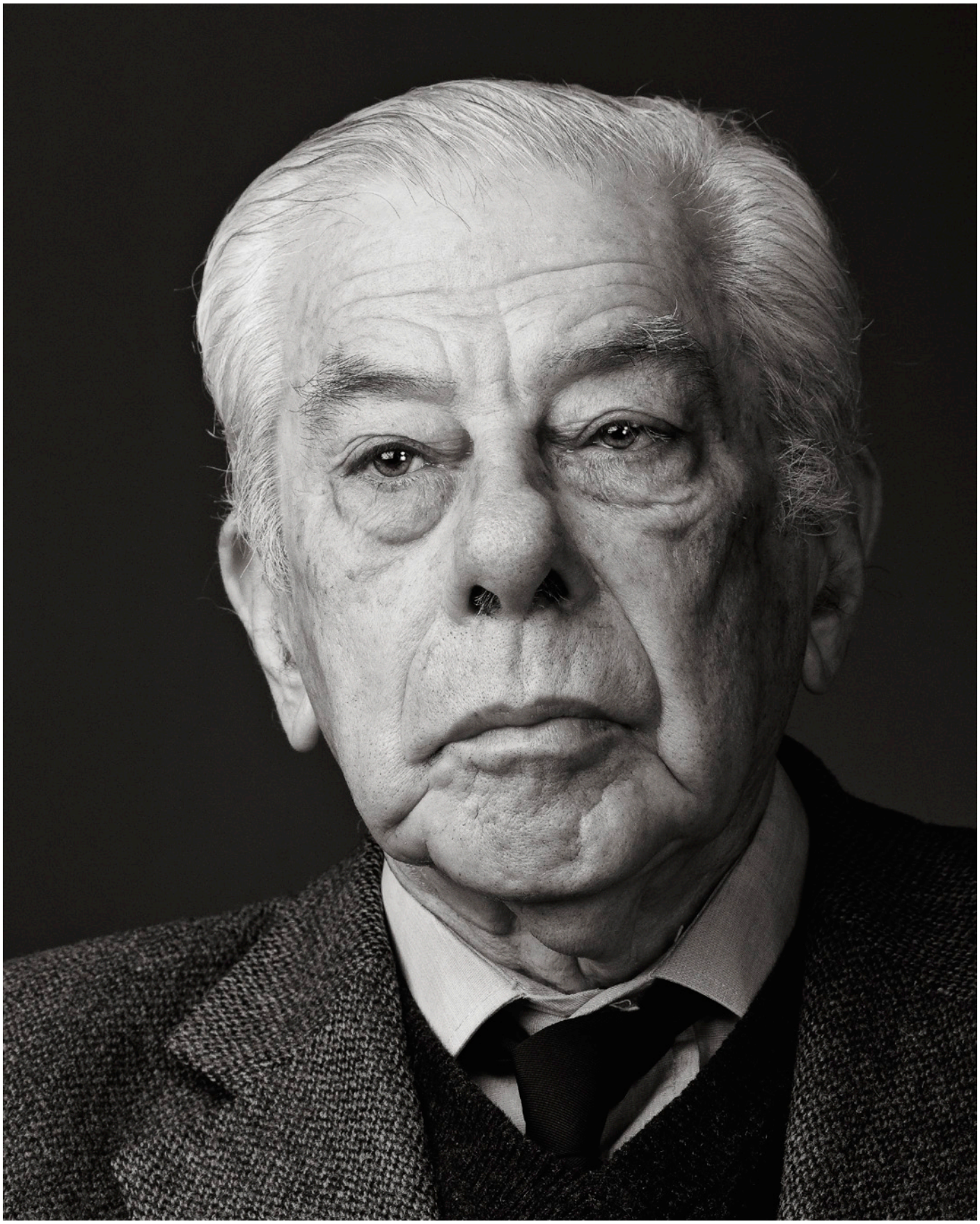


José Lamego

5-1-1953, Coimbra
Advogado, Professor Universitário e Político

25-5-1922, Lisboa
Arquitecto Paisagista e Político

Gonçalo Ribeiro Telles



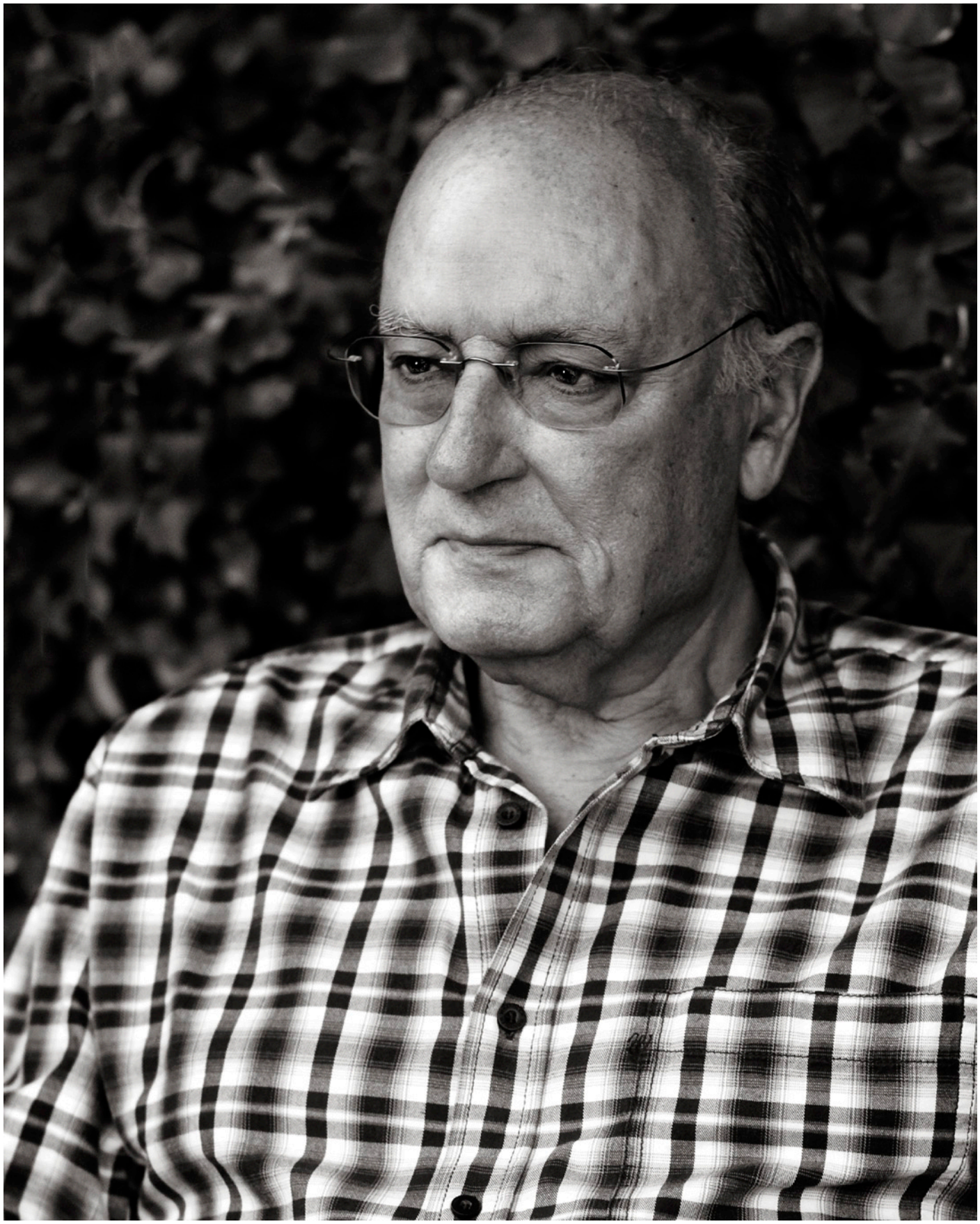
Luís Marques Mendes

5-9-1957, Guimarães
Advogado, Gestor e Político

"Sem princípios e valores a sociedade não se desenvolve com harmonia.
Sem respeito por exigências éticas a política perde o respeito dos cidadãos.
Sem convicções o exercício do poder torna-se num exemplo detestável."

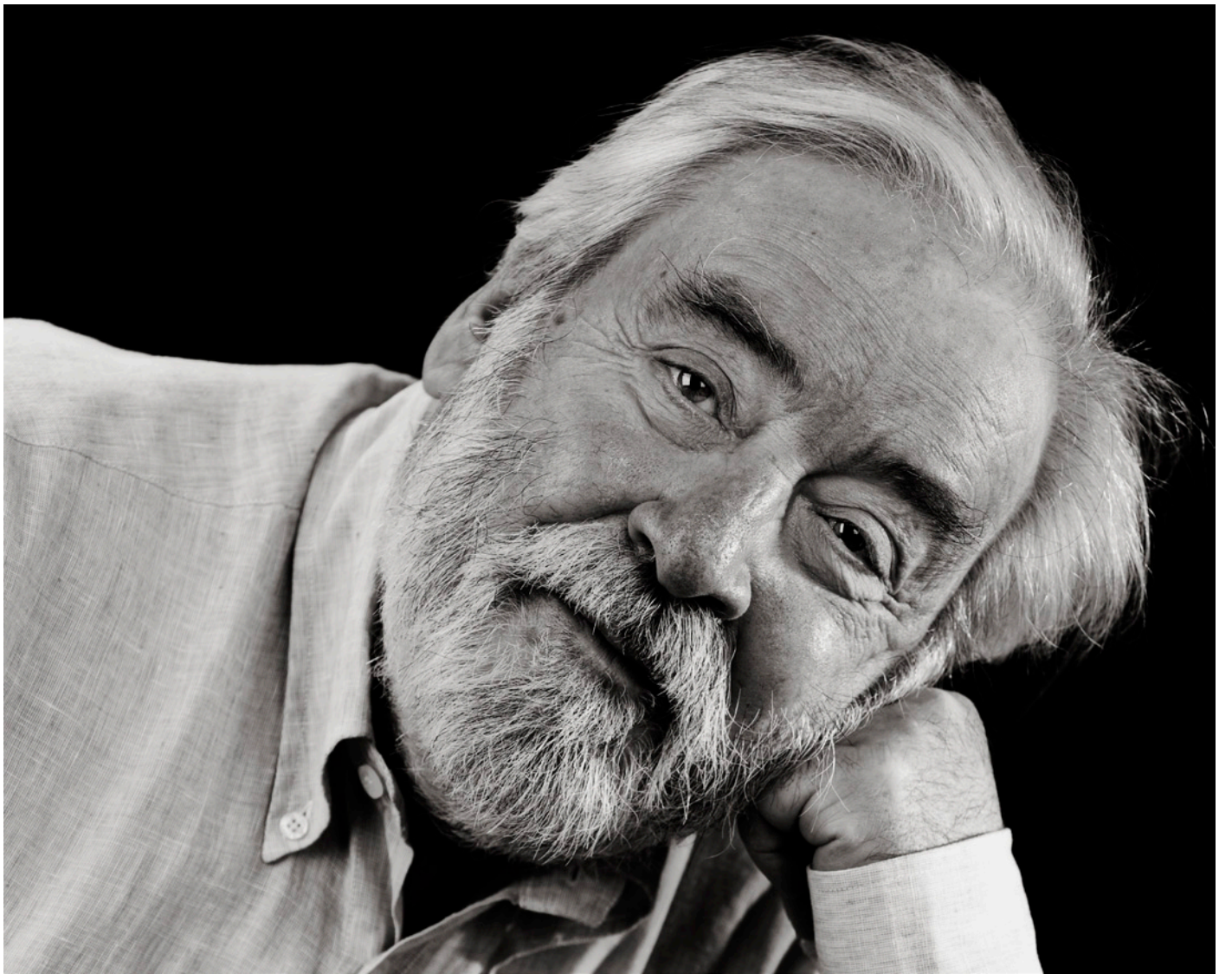
12-4-1932, Portimão
Professor Universitário e Político

José Manuel Tengarrinha



Carlos Antunes

18-6-1938, Cabreira, Vieira do Minho
Gestor e Político



12-9-1940, Barreiro
Médica e Política

Isabel do Carmo

Helena Cidade Moura

27-8-1923, Porto
Pedagoga e Política

1-4-1962, Lisboa
Jurista e Político

Manuel Monteiro

Américo Ferreira de Amorim

21-7-1934, Mozelos, Santa Maria da Feira

Industrial e Empresário

17-2-1938, Marco de Canavezes
Empresário

Belmiro de Azevedo

Luís Portela

28-7-1951, Maia
Médico e Empresário

22-5-1941, Porto
Banqueiro e Gestor Cultural

Artur Santos Silva

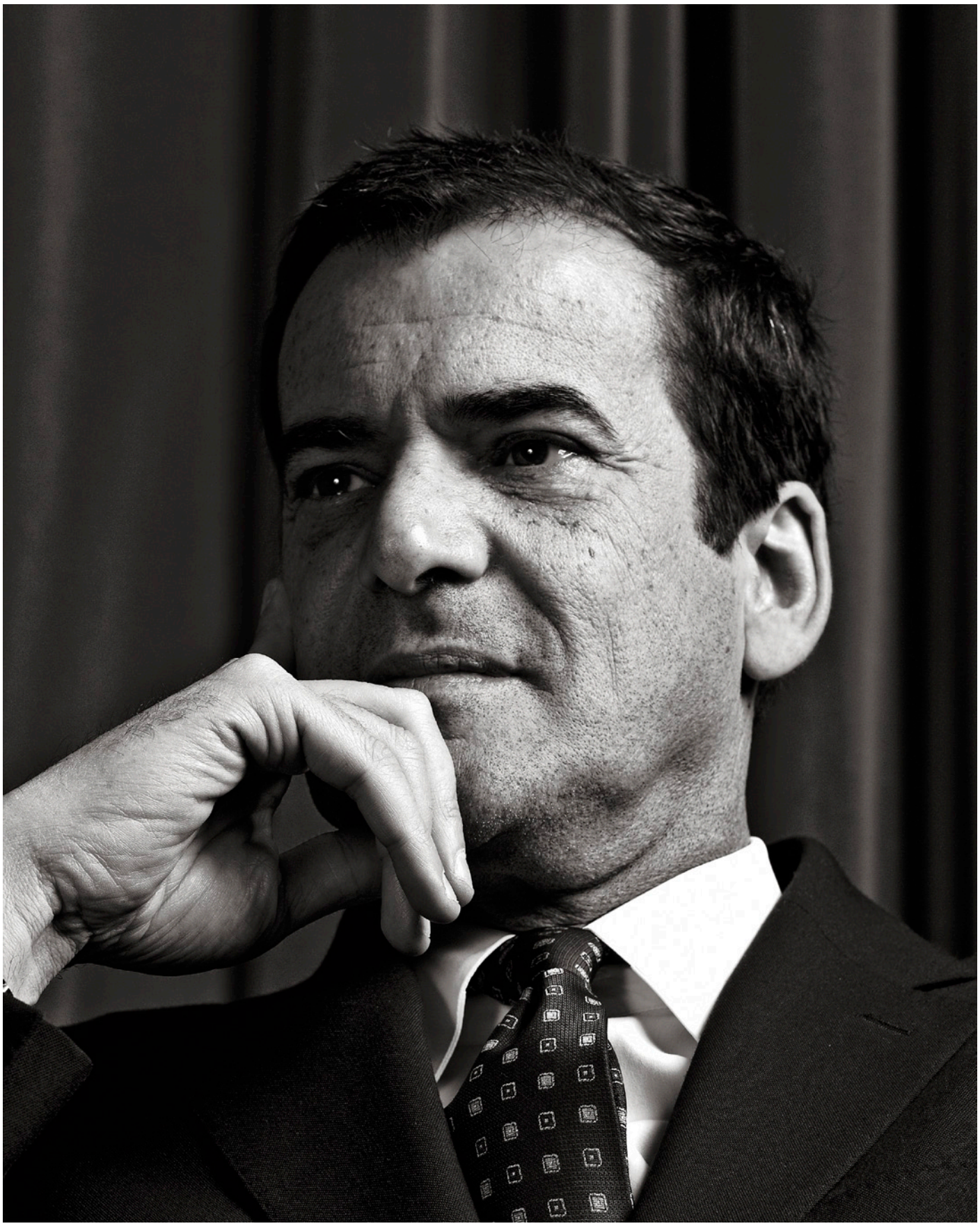
Miguel Pais do Amaral

31-7-1954, Lisboa
Empresário e Desportista

8-8-1956, Porto

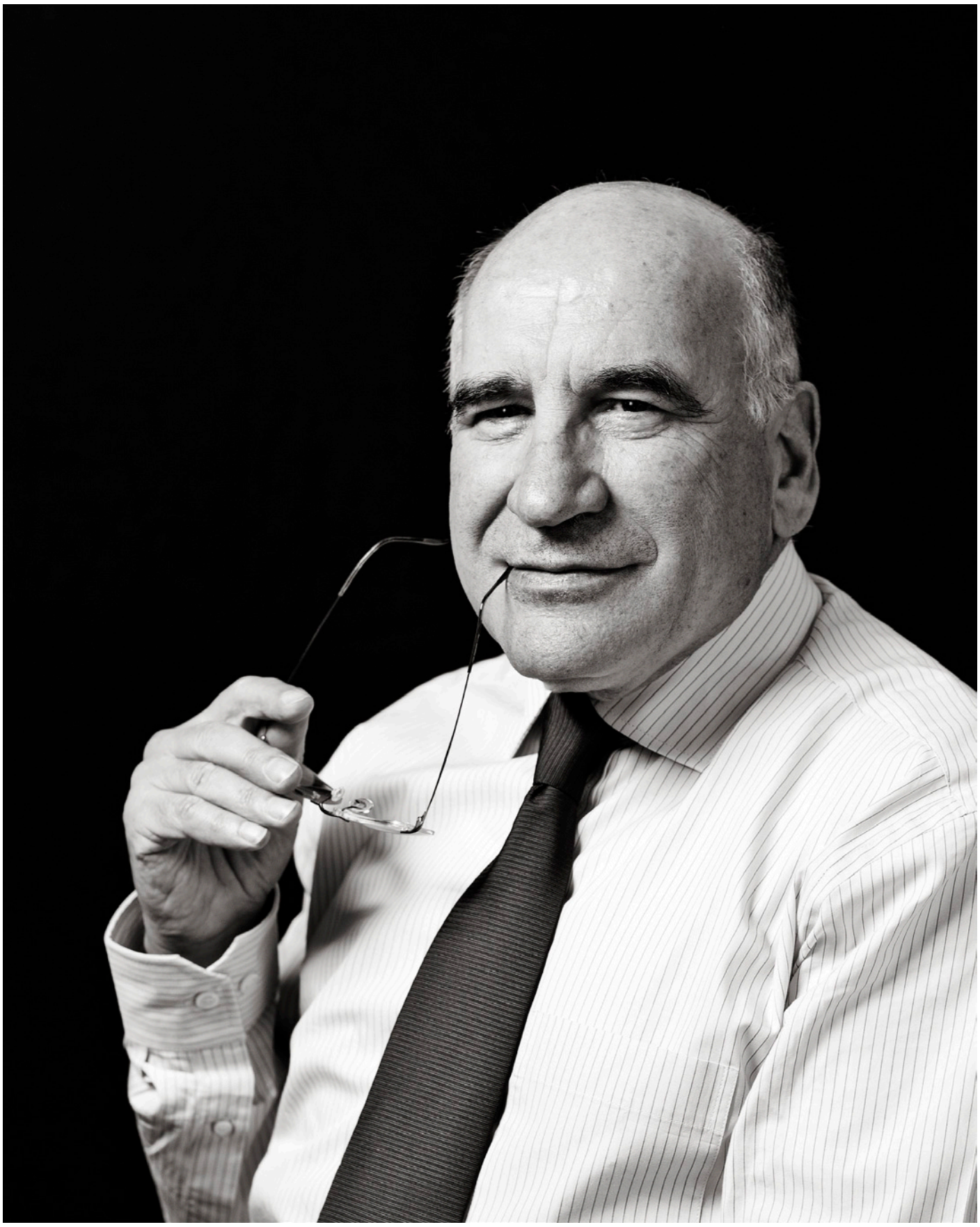
Economista, Empresário e Dirigente Associativo

Rui Moreira



Jorge Baptista

17-1-1949, Lisboa
Engenheiro Mecânico e Gestor



18-12-1980, Lisboa

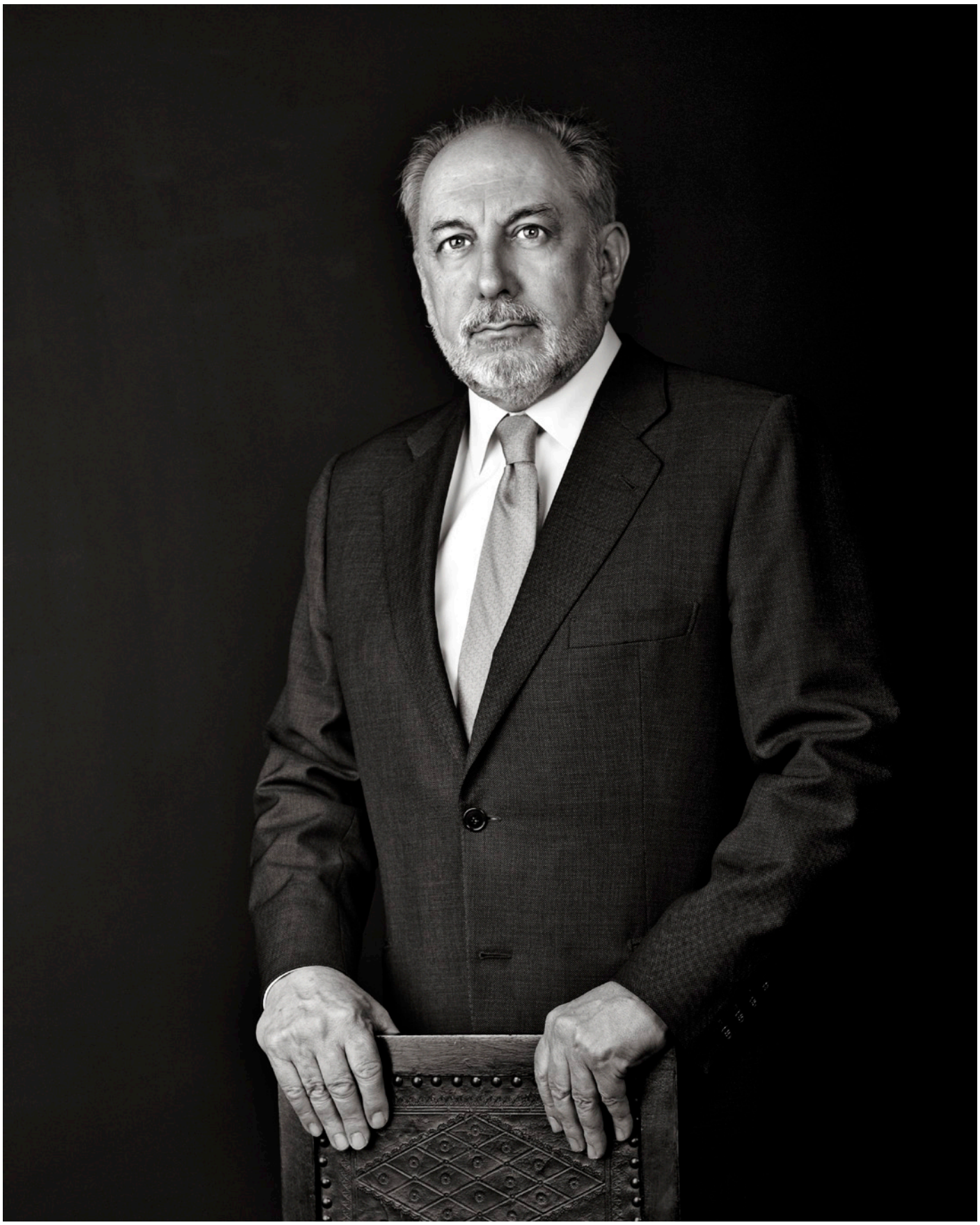
Especialista em Design e Empresária

Rita Nabeiro

Emílio Rui Vilar

17-5-1939, Porto

Jurista e Ex-Político, Presidente da Fundação Calouste Gulbenkian



Teresa Patrício Gouveia

18-7-1946, Lisboa

Licenciada em História, Ex-Política e
Administradora da Fundação
Calouste Gulbenkian

Isabel Mota

15-8-1951, Lisboa

Licenciada em Finanças, Ex-Política e
Administradora da Fundação
Calouste Gulbenkian

8-2-1942, Castelo Branco

Engenheiro Doutor em Engenharia Mecânica,
Ex-Político e Administrador da Fundação
Calouste Gulbenkian

Eduardo Marçal Grilo

Martin Essayan

16-11-1959, Londres

Licenciado em Engenharia, Consultor e Administrador de Instituições

11-11-1964, Porto
Gestor Cultural

Nuno Azevedo

Simonetta Luz Afonso

18-6-1946, Lisboa
Gestora Cultural e Autarca

22-11-1940, Lisboa
Presidente da Fundação Humberto Delgado

Iva Delgado

Bárbara Coutinho

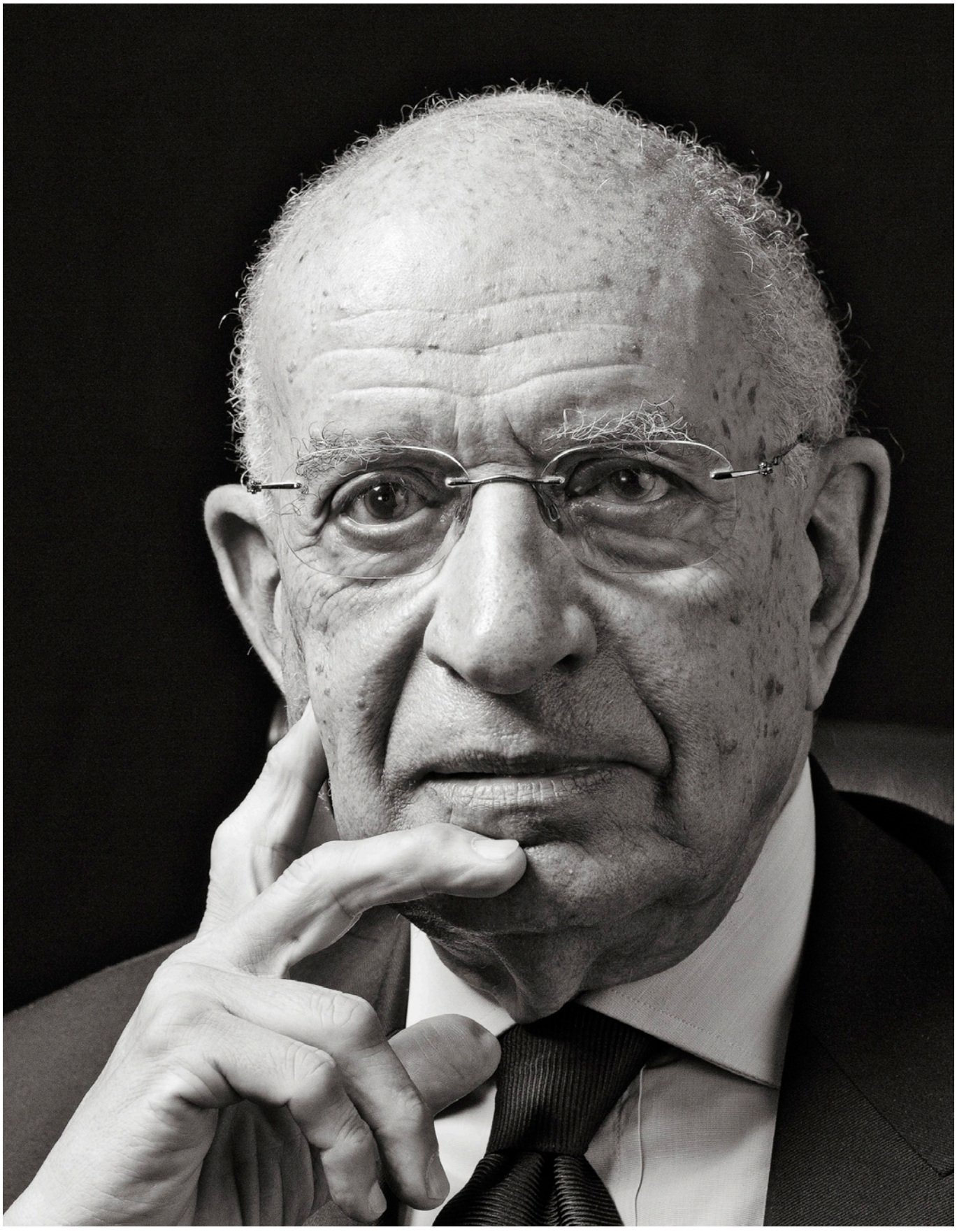
16-12-1971, Lisboa

Professora Universitária
Historiadora de Arte

22-2-1930, Coimbra

Doutor em Direito e
Professor Catedrático Jubilado

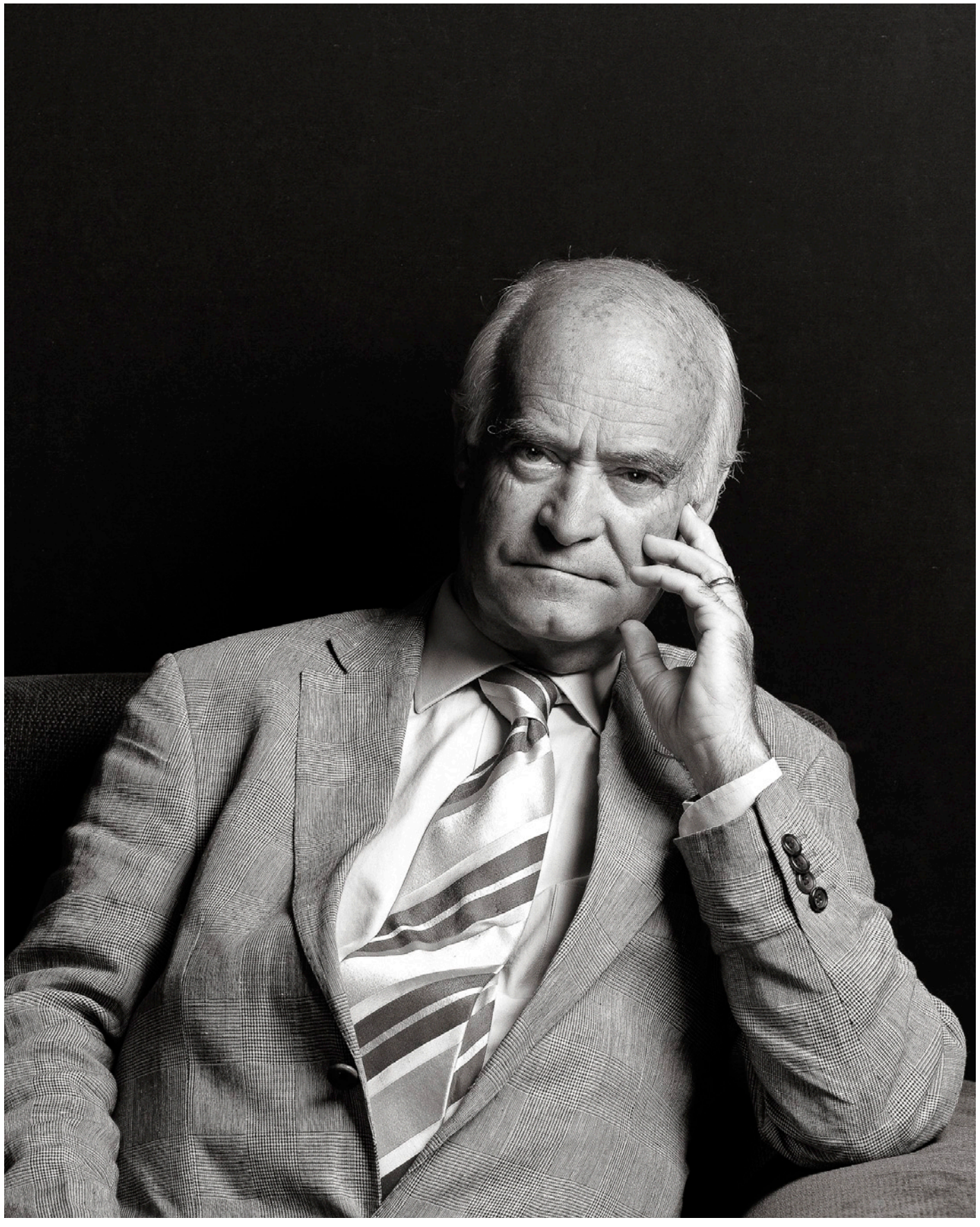
Rui Alarcão



Fernando Rebelo

16-9-1943, Espinho

Doutor em Geografia e
Professor Catedrático Jubilado



Helena Nazaré

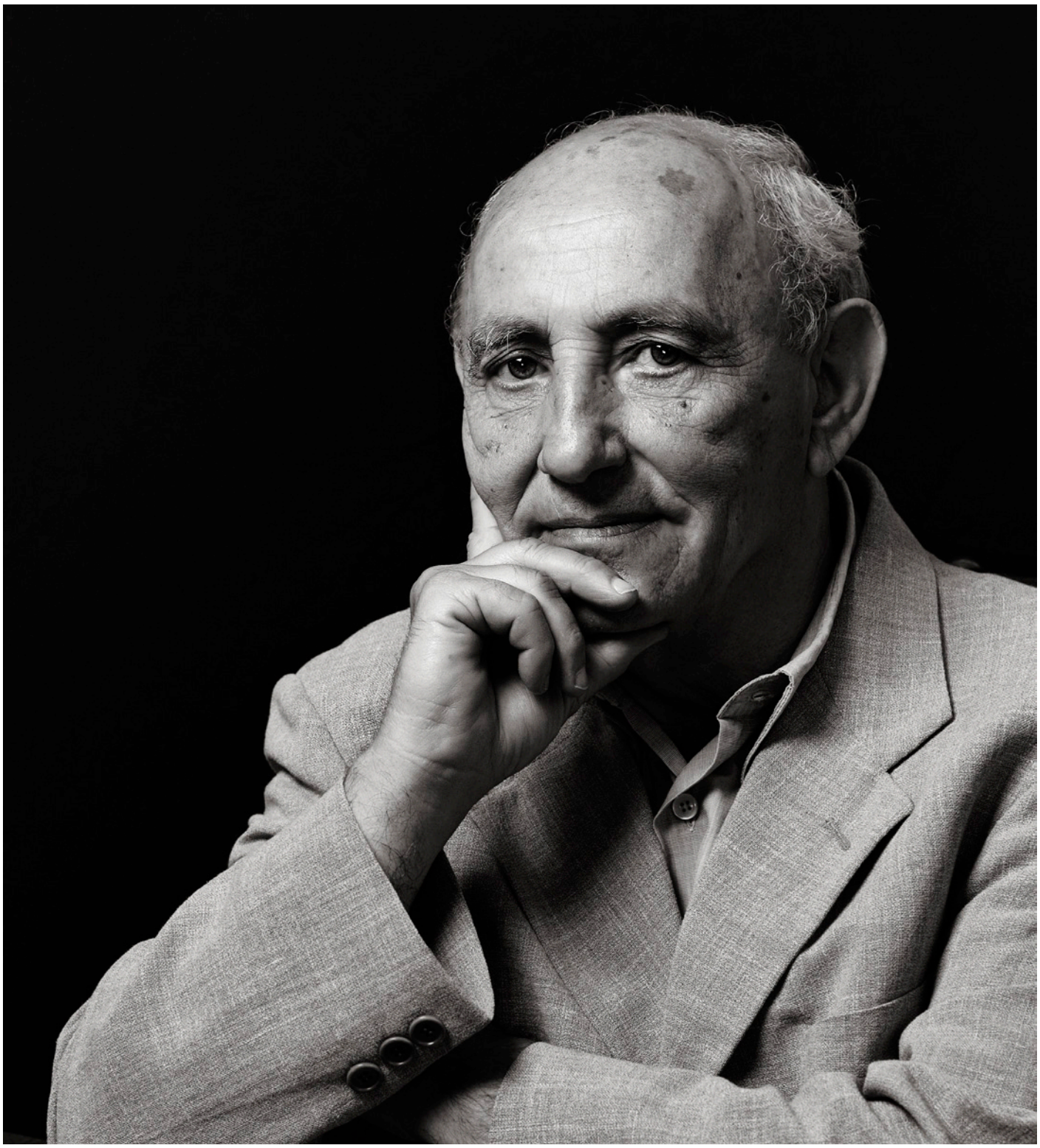
4-8-1949, Lisboa

Doutora em Física e Professora Catedrática

J. Renato Araújo

6-3-1934, Angola

Doutor em Geologia e
Professor Catedrático Jubilado



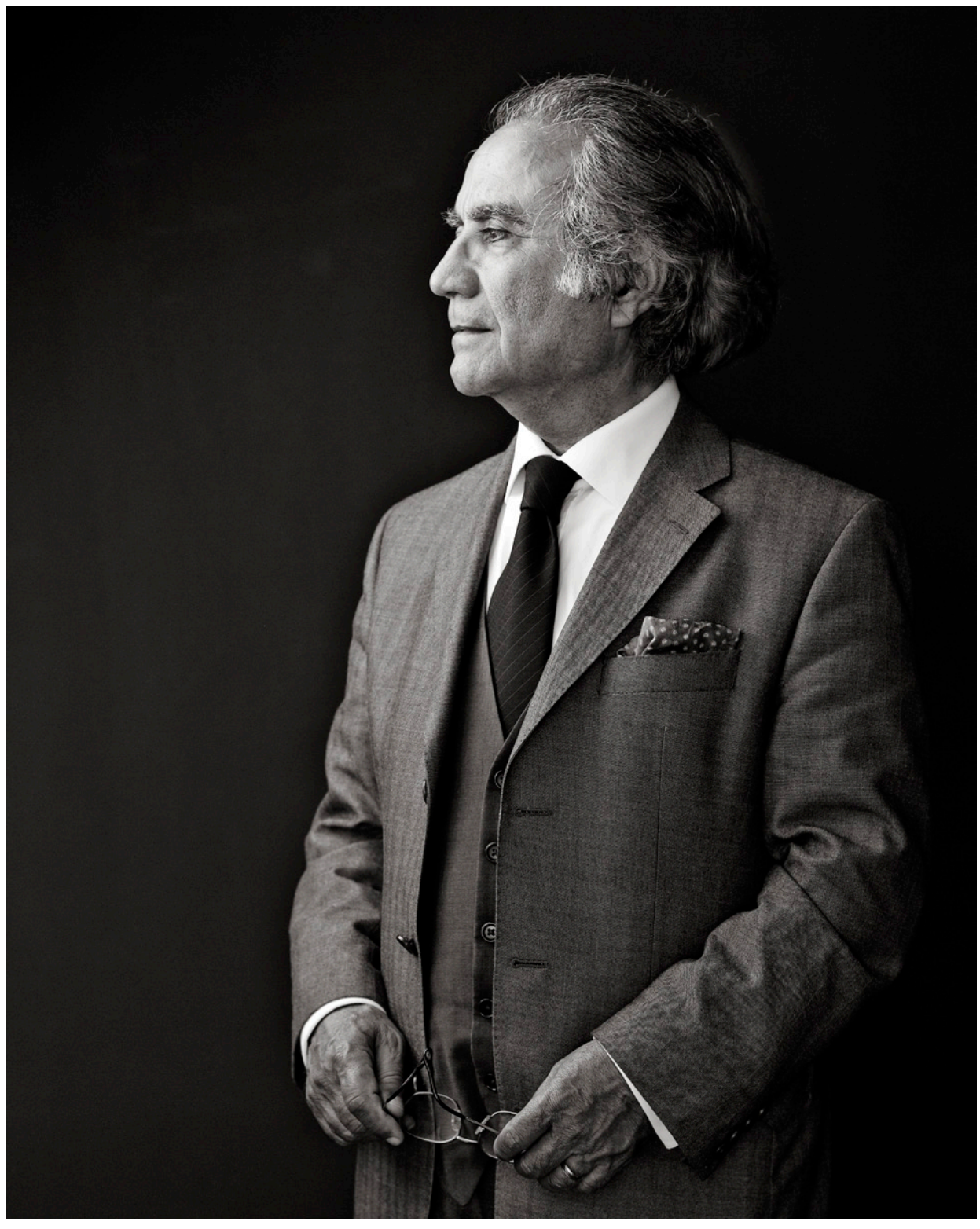
"Olhando deste 4º piso para a horizontalidade que a Ria me oferece, mesclada de uma luz "única" e sedutora, tropeço nas minhas recordações. Estar aqui, e estar no meio de tanta gente que oferece ao país saber e dedicação, é um puro acaso que se deve aos Professores Cotelo Neiva, da Universidade de Coimbra, Adriano Moreira e Veiga Simão, fundadores e verdadeiramente criadores das Universidades no além mar e das "novas" que no país se ergueram.

O acaso vem muito ainda da aposta da família na educação, opção dura, custosa e de sacrifício, para quem foi criado numa aldeia serrana, e que, na escola primária, teve a sorte de beneficiar da influência de um Professor, Abílio Mendes do Amaral, um motivador e um exemplar cidadão.

A família e os colegas conjugam ajudas a quem acredita nos outros e no trabalho."

24-1-1939, Lisboa
Professor Catedrático Jubilado
Pintor e Escritor

Leopoldo Guimarães



“RESPLANDECE A TORMENTA,
ESVAI-SE O INTEMPORAL,
FLUI O EFÉMERO...
ABENÇOADA
A CULTURA DO IRRELEVANTE
QUE SACIA,
A NOSSA FOME DO NADA...”

Cristina Robalo Cordeiro

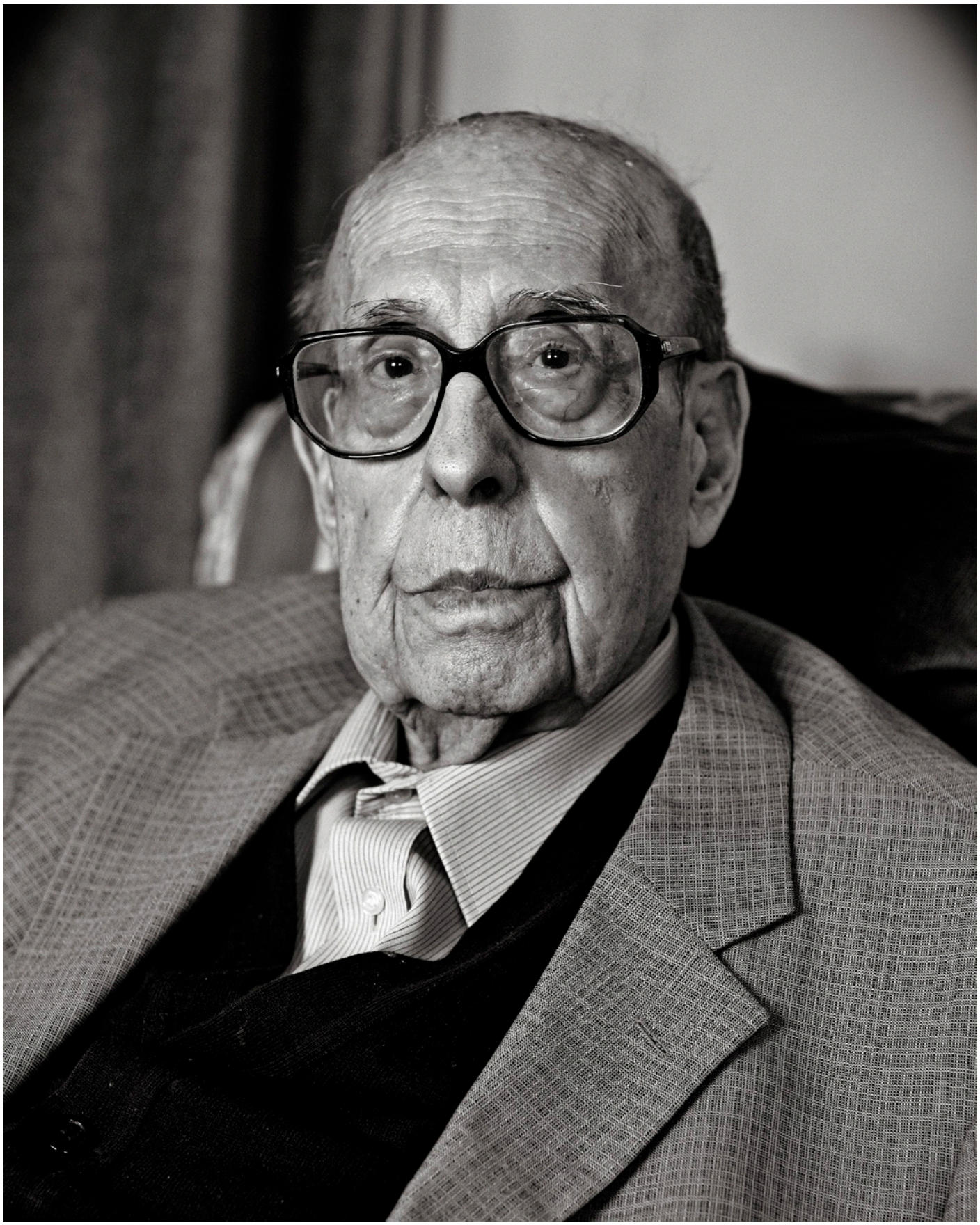
7-8-1954, Coimbra
Professora Catedrática

"A Universidade não é um claustro, um lugar de recolhimento estudioso e de vida contemplativa a despeito da sua longa filiação religiosa. Mas também não é uma fábrica ou um centro comercial apesar de todos os laços vitais que a prendem à sociedade e ao mundo empresarial. É na determinação e definição de um espaço próprio que se situa a questão cada vez mais urgente da sua identidade e da sua legitimação.

Numa fase singularmente frenética da história da Universidade, compete a cada um de nós encontrar os elementos de uma nova síntese pessoal capaz de assegurar a estabilidade e o conforto moral que só ele, no dizer de Aristóteles, permite o exercício das virtudes intelectuais. Na vocação universitária de cada um, aceitemos o convite à pausa reflexiva, esse *espaço do invisível* onde a inteligência se põe a si mesma em causa interrogando-se sobre os seus próprios limites sem pedir licença a ninguém a não ser talvez aos outros trabalhadores da "cidade científica". Só assim se poderá de novo tornar sensível a unidade do espírito que, para lá das regiões e das fronteiras disciplinares, para lá das "faculdades", nos eleva num mesmo movimento de racionalidade partilhada ou, por assim dizer, num mesmo sentimento de transcendência."

9-6-1918, Lisboa
Professor Catedrático Jubilado

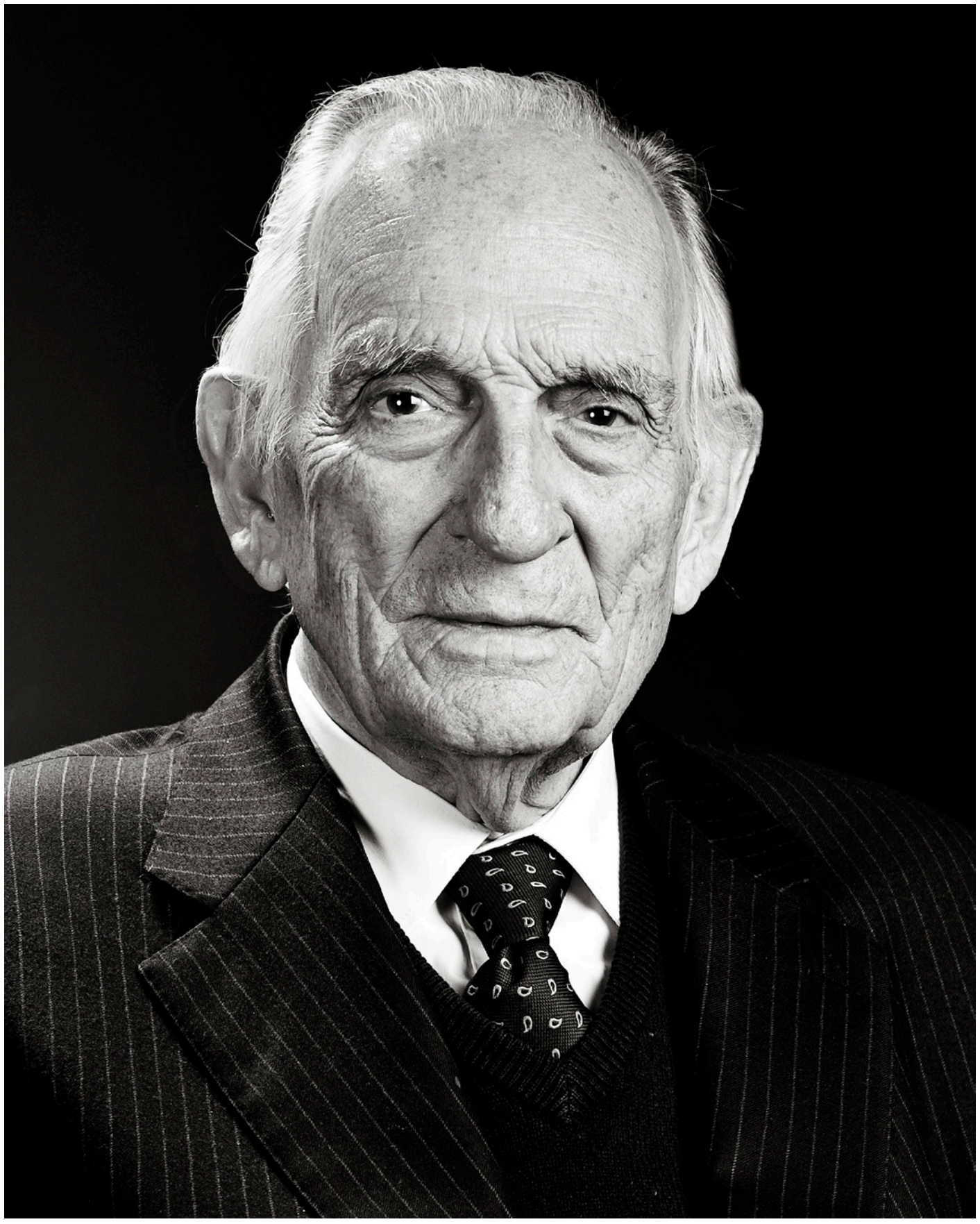
Vitorino Magalhães Godinho



“Teimo em ser cidadão!”

Adriano Moreira

6-9-1922, Grijó de Vale Benfeito
Académico, Professor Catedrático e Político



3-9-1925, Porto
Professora Catedrática Jubilada

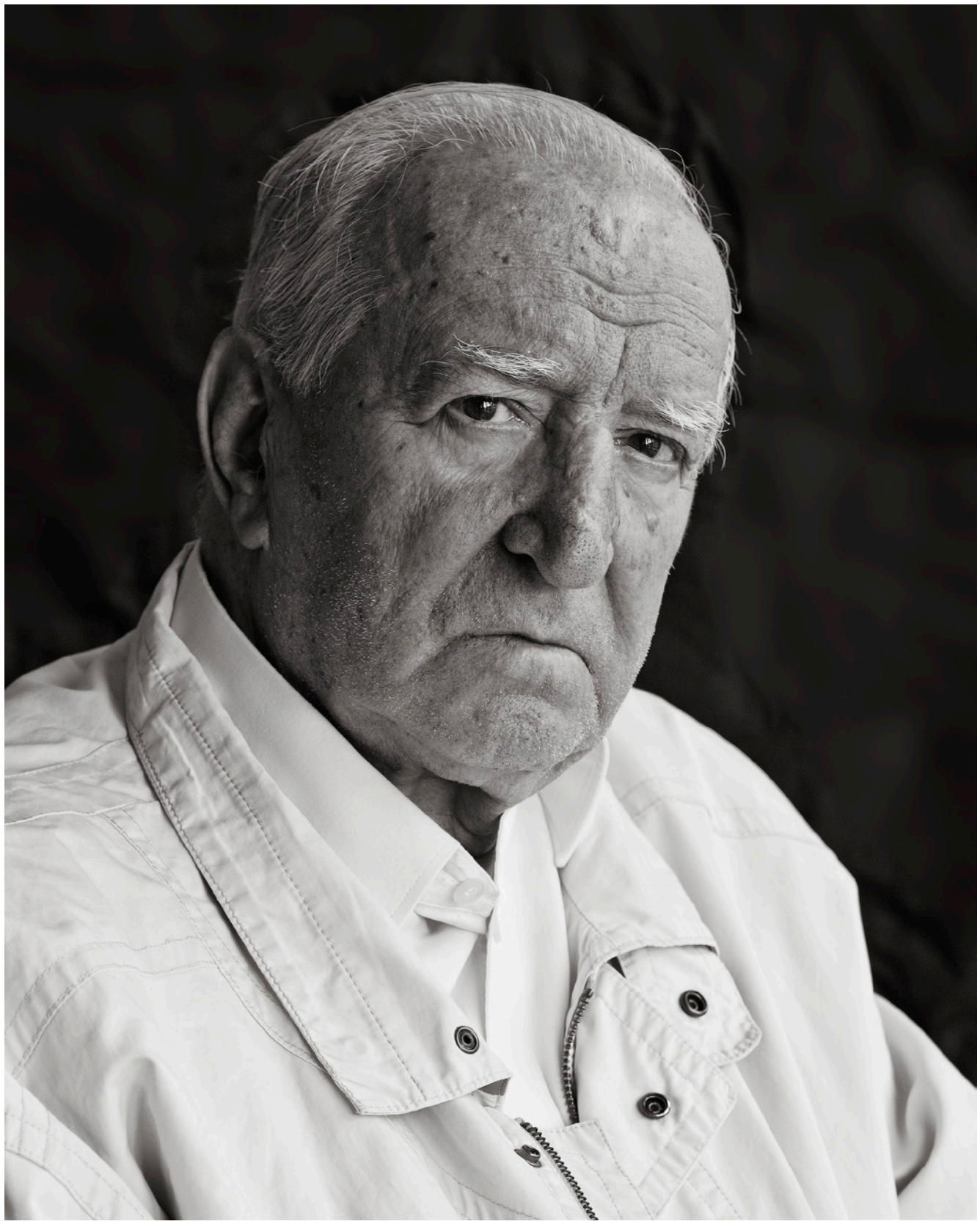
Maria Helena Rocha Pereira

Entre as muitas sentenças gregas que especialmente me agradam, destaco esta, que Platão repetiu em mais do que um diálogo (só na república figura duas vezes) e que no original se exprime em três palavras apenas: "as coisas belas são difíceis".

Eduardo Lourenço

23-5-1923, São Pedro do Rio Seco, Almeida, Guarda

Ensaísta e Crítico Literário



"Nação pequena que foi maior do que os deuses em geral o permitem, Portugal precisa dessa espécie de delírio manso, desse sonho acordado que, às vezes, se assemelha ao dos videntes (Voyants no sentido de Rimbaud) e, outras, à pura inconsciência, para estar à altura de si mesmo. Poucos povos serão como o nosso tão intimamente quixotescos, quer dizer, tão indistintamente Quixote e Sancho. Quando se sonharam sonhos maiores do que nós, mesmo a parte de Sancho que nos enraíza na realidade está sempre pronta a tomar os moinhos por gigantes. A nossa última aventura quixotesca tirou-nos a venda dos olhos, e a nossa imagem é hoje mais serena e mais harmoniosa que noutras épocas de desvairo o pôde ser. Mas não nos muda os sonhos."

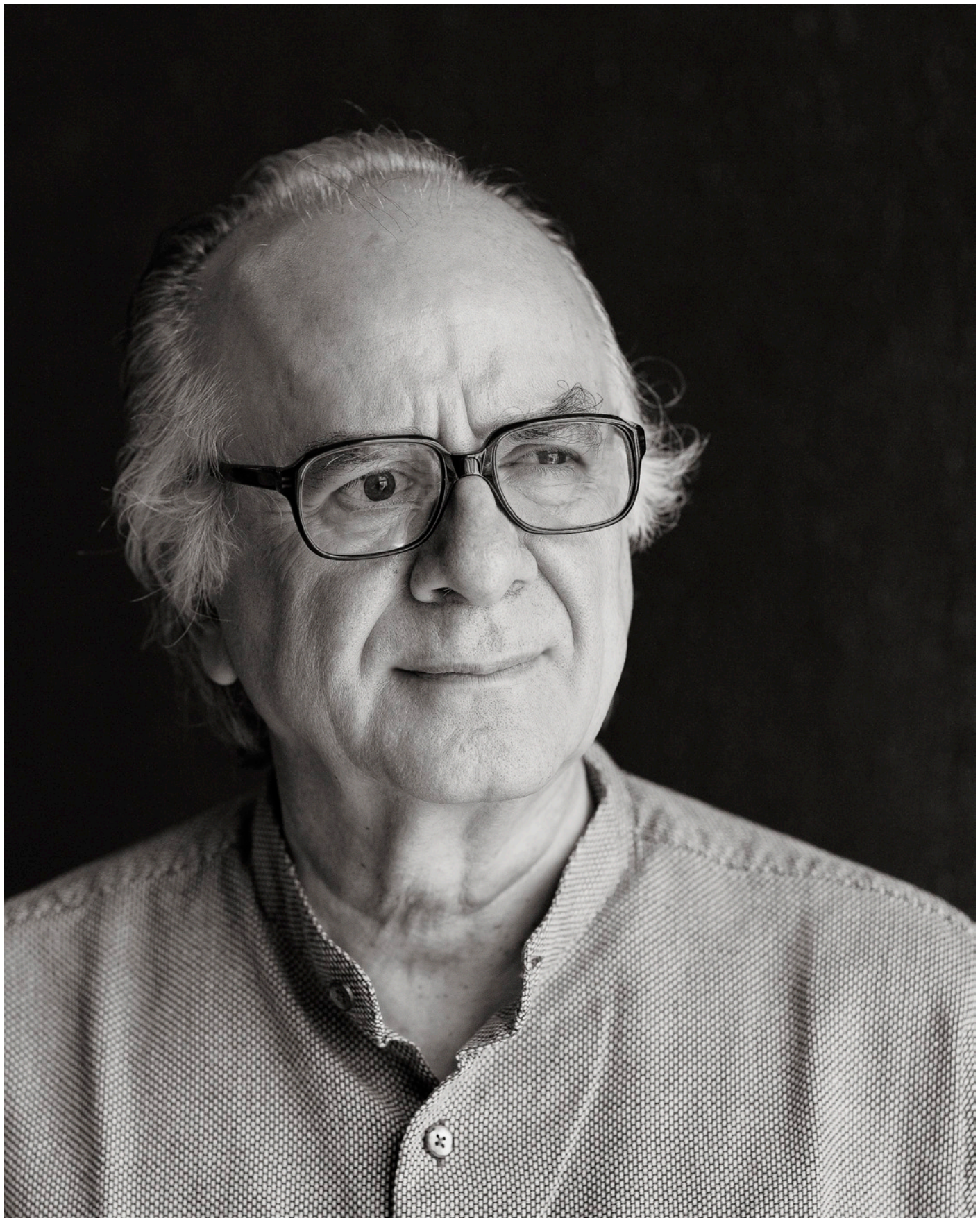
22-1-1933, Leiria
Historiador

José Mattoso

Boaventura Sousa Santos

15-11-1940, Coimbra

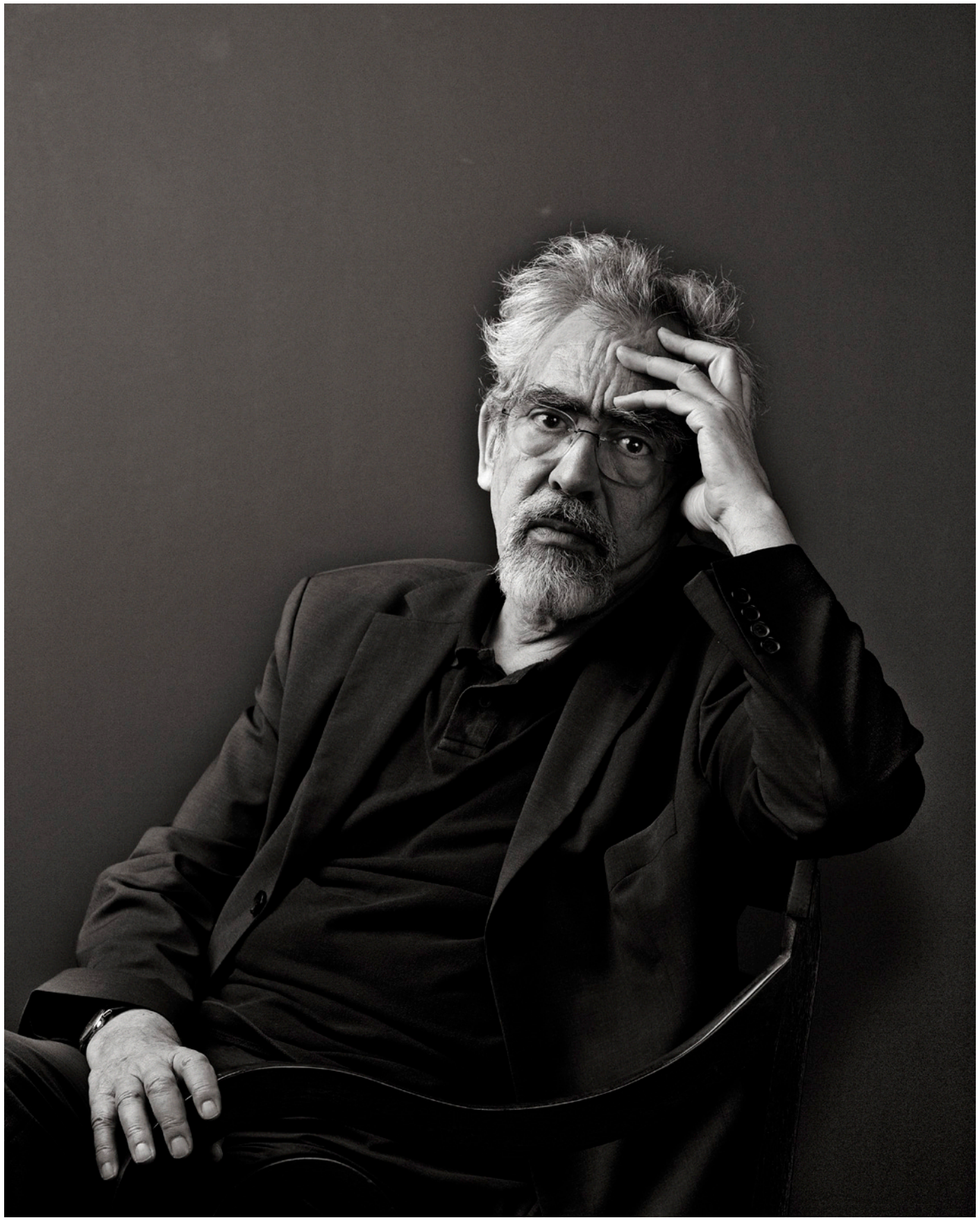
Sociólogo e Professor Catedrático
Director de Instituição de Estudos Sociais



"Temos o direito à igualdade, quando a diferença nos inferioriza.
Temos o direito à diferença, quando a igualdade nos descaracteriza."

30-10-1942, Porto
Sociólogo

António Barreto



"Tenho três Repúblicas e não gosto de nenhuma. A primeira, porque não era democrática. A segunda, porque não era republicana. E a terceira, porque não se sabe governar. E, no entanto, sou republicano."

Viriato Soromenho Marques

9-12-1957, Setúbal

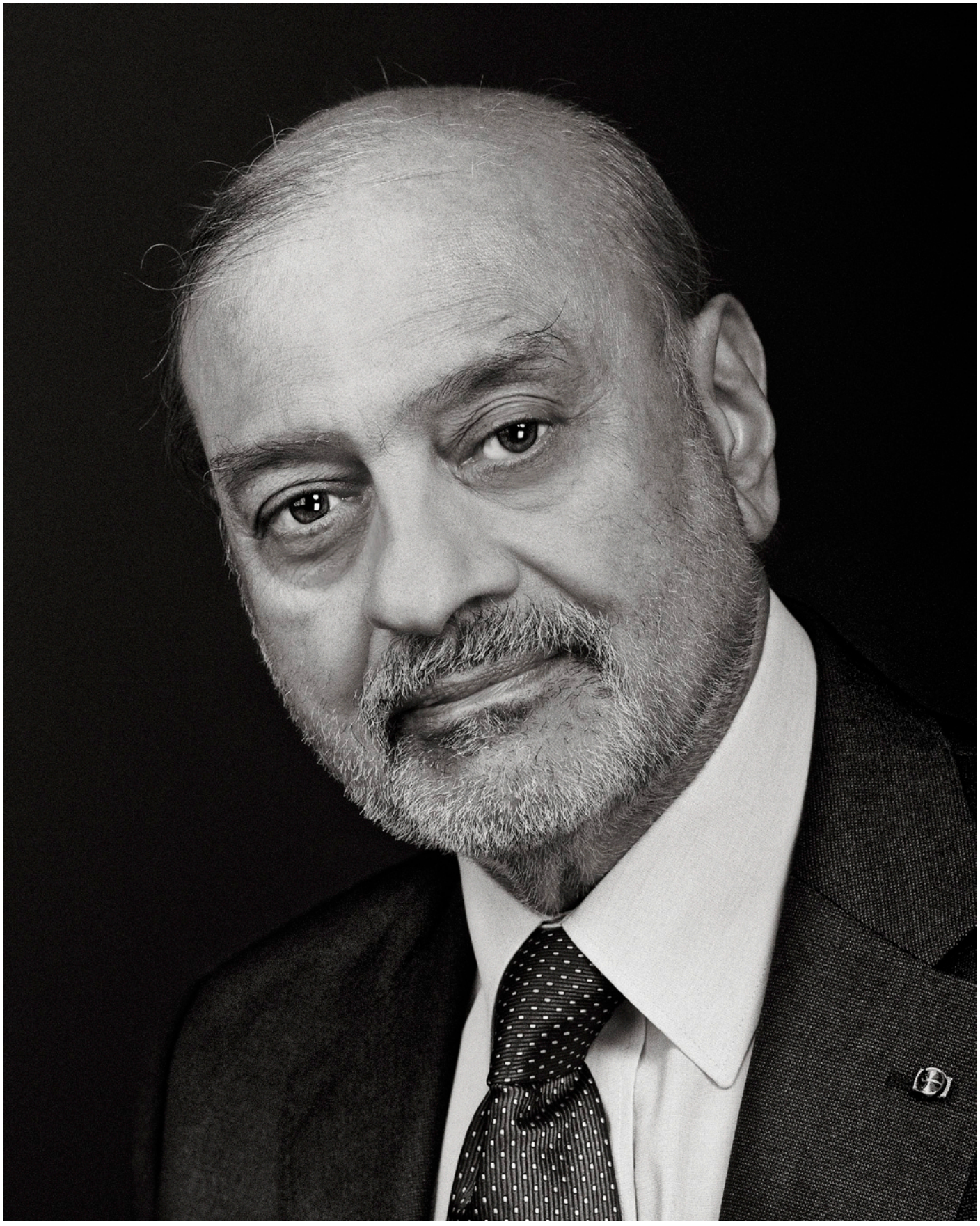
Doutor em Filosofia, Consultor
Professor da Universidade de Lisboa

"Apostar significa acreditar que algo é possível, embora incerto. A aposta ecologista constitui-se em torno da crença de que a história da humanidade pode manifestar um *sentido interno* se os homens souberem reivindicá-lo. A luta contra as ameaças que sobre nós impendem é igualmente a luta pela manutenção de um sentido que dê coerência e unidade à história humana. Só nessa esfera de racionalidade superior todos os sacrifícios e privações dos indivíduos e dos povos poderão ter um efectivo peso. De outra forma, toda a nossa aventura sobre a Terra terá sido um sonho (ou pesadelo) inútil e vão."

in: Ecologia, Saber e Crise Contemporânea, 1986

26-5-1939, Lourenço Marques, Maputo
Banqueiro
Dirigente da Comunidade Islâmica de Lisboa

Abdool Vakil



"Ser um bom muçulmano é também ser um bom cidadão."

Esther Mucznik

25-12-1946, Lisboa

Dirigente da Comunidade Israelita de Lisboa

O Talmude babilónico conta que, um dia, um homem pediu ao Rabi Hillel que lhe ensinasse toda a Torá enquanto ele se equilibrava sobre uma perna só. Respondeu-lhe o Rabi: **"Não faças aos outros o que não queres que te façam a ti. Eis toda a Torá. Tudo o resto é comentário…".**

1-9-1958, Vila Franca de Xira
Advogado
Dirigente da Aliança Evangélica de Lisboa

Fernando Soares Loja

"O que o Senhor te pede, óh homem, é que ajas com justiça, ames a misericórdia e caminhes humildemente com o teu Deus."

Profeta Miqueias, 6:8

Manuel Clemente

16-7-1948, Torres Vedras
Bispo do Porto

20-1-1927, Leça do Balio
Ex-Bispo de Setúbal

Manuel Martins

BALADA DO PAÍS QUE DÓI

O barco vai
o barco vem

português vai
português vem

o corpo cai
o corpo dói

português vai
português cai

o barco vai
o barco vem

português vai
português vem

o país cai
o país dói

o tempo vai
o tempo dói

português cai
português vai
português sai
português dói

15-6-1929, Porto

Poeta, Pintora
Professora Catedrática Jubilada

Ana Hatherly

“Não posso adiar o amor para outro século
não posso
ainda que o grito sufoque na garganta
ainda que o ódio estale e crepite e arda
sob as montanhas cinzentas
e montanhas cinzentas

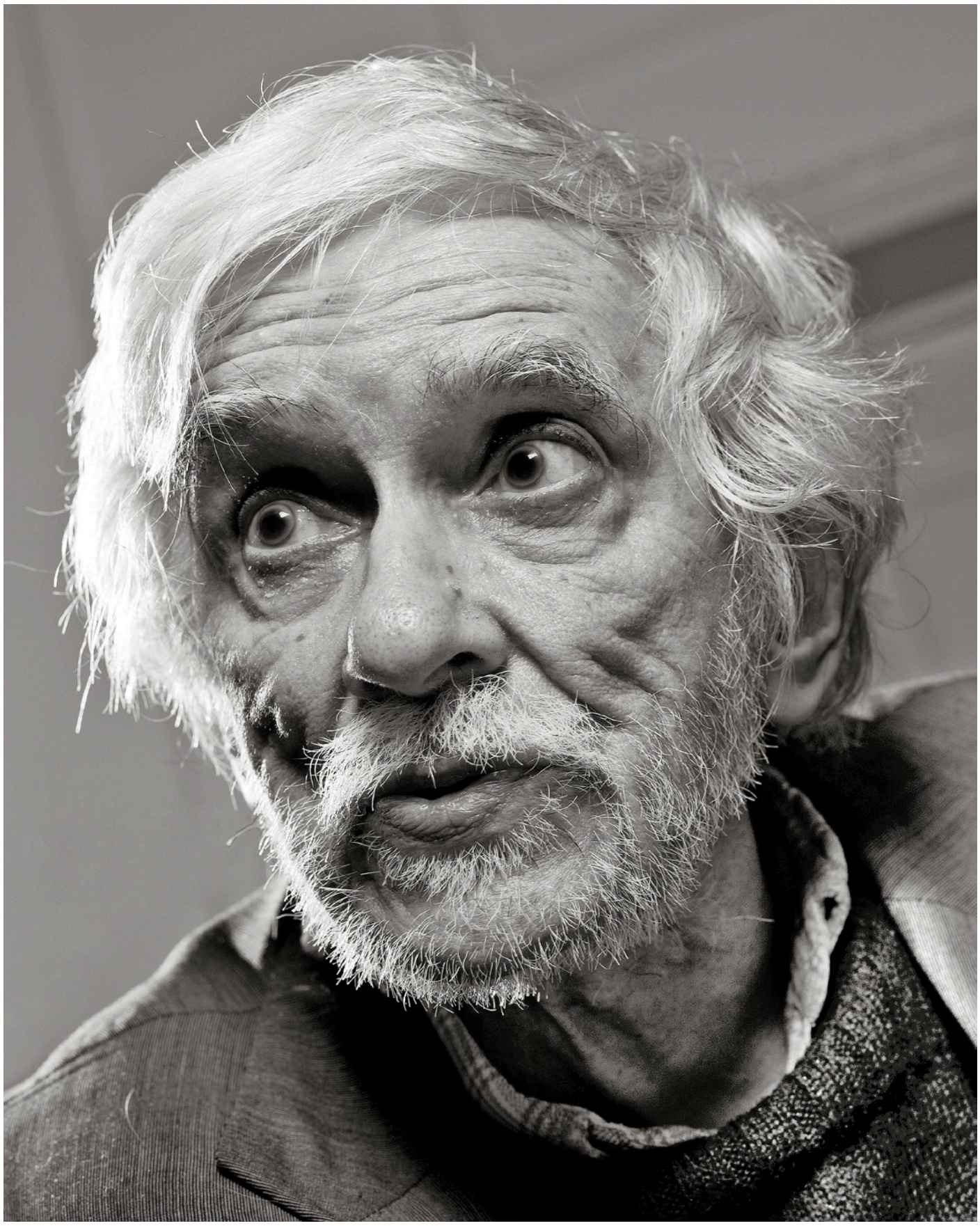
Não posso adiar este braço
que é uma arma de dois gumes amor e ódio

Não posso adiar
ainda que a noite pese séculos sobre as costas
e a aurora indecisa demore
não posso adiar para outro século a minha vida
nem o meu amor
nem o meu grito de libertação

Não posso adiar o coração.”

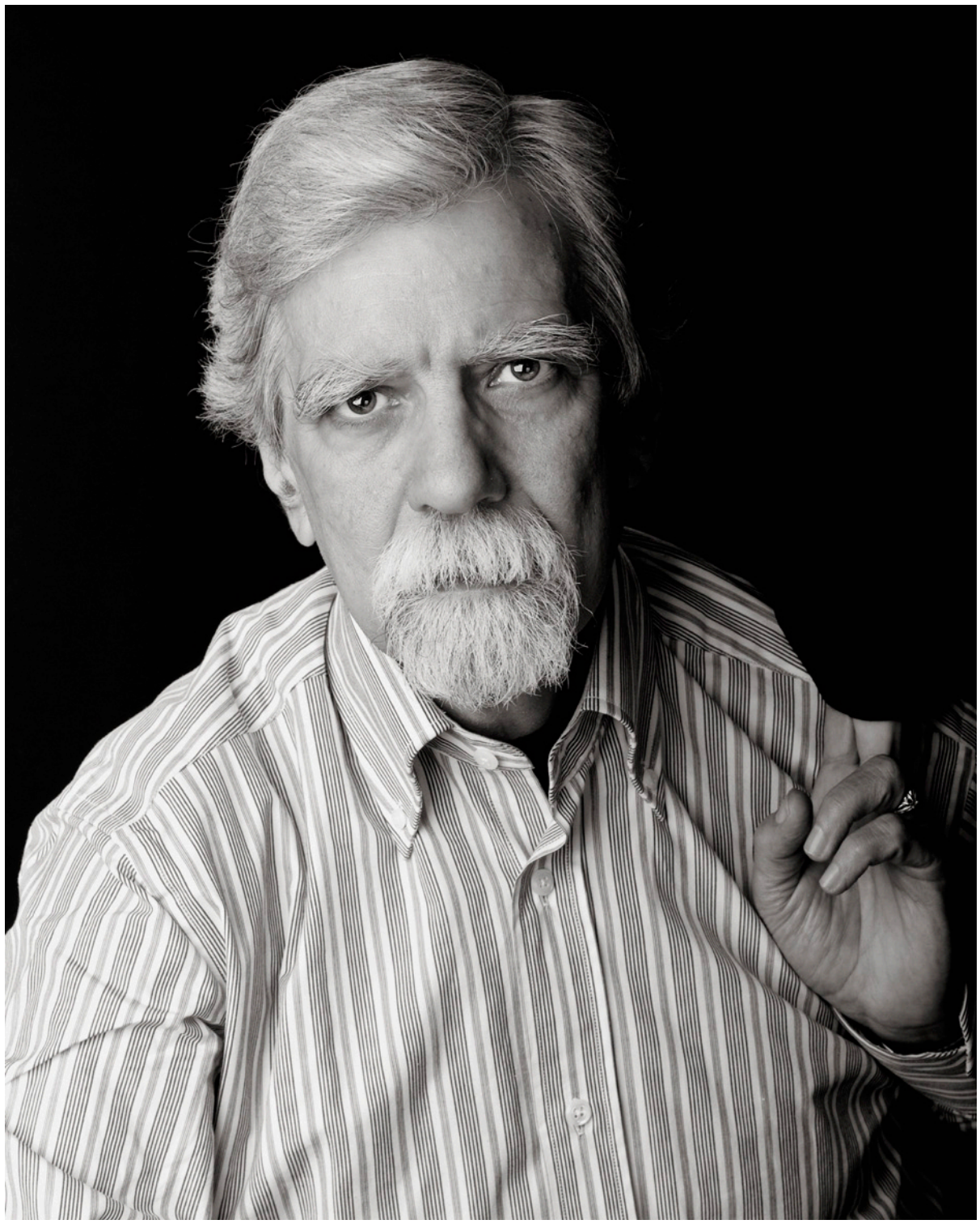
17-10-1924, Faro
Poeta

António Ramos Rosa



José Manuel Mendes

9-9-1948, Luanda
Escritor



Moderato

uma noite assim no arame
sob céus de granito e cavalos
que o tufão atrai.
meu pé em falso, si bemol?,
ou a solidão na transparência do verbo,
aqueduto em vigília. e faz tanto frio.
escorre pelas tábuas o metal dos corvos,
cruzam-se as gôndolas e o canto que os
bêbados
levam até ao sopro do vidro, esse areal.
de todos os enlevos a forma
suspensa, bolor e erva,
cisne enrugando à luz da vela.
recolho o tumulto do mundo e turva-se o voo.
um dezembro no fio da navalha
e o eclipse da página a ocidente,
onde estremecem casas, arbustos
de cristal, azáleas partindo na clave
do vento.

18-6-1946, Boliqueime
Escritora

Lídia Jorge

Sangue Vermelho

Em Portugal, não mora nenhum rei.
O nosso sangue azul corre na constituição
Na noite da eleição, e na força que tem
A lei.

De resto, no coração dos portugueses
Todo o sangue é vermelho. E o progresso
Quando vier, há-de ser fruto de sua espuma
E seu conselho.

da europa

da europa a consciência é estranha:
talvez não saibamos nada dela enquanto
dela sabemos tudo em cada experiência
de vida. como a pátria de ulisses,

é um território onde,
entre as ruínas e algumas fidelidades contraditórias,
a alma aporta e renasce para a aventura.
os navegadores projectaram-na para além dos mares,
as artes e as técnicas, as orações e os medos, as alegrias e os lutos,
os crimes, as penitências, as substâncias do bem e do mal
impregnaram-lhe os próprios horizontes.
eu nasci numa pequena cidade do norte

num país do seu extremo ocidental.
há muitos outros países, cidades, montes, vales, planícies
e gentes que vivem mais afastadas do poente, gentes que,
para saberem do mundo, cultivam quanto a ela

uma espontânea distracção. e todavia, em toda a parte,
pelos séculos fora os homens não se pouparam ao sofrimento, enquanto
buscavam sempre a felicidade. ficavam exaustos mas
não falavam da europa que chegasse, não conseguiam

descobrir essa presença matricial
na dignidade da sua história, dos seus trabalhos e dos seus dias,
da sua paz, das suas guerras, das sombras mais profundas
de um conhecimento quantas vezes trágico.

da europa que se faz e se imperfaz
de tantas línguas, céus vários e costumes,
talvez saibamos pouco, talvez eu saiba apenas
ter consciência disso.

3-1-1942, Porto
Poeta, Escritor e Político

Vasco Graça Moura

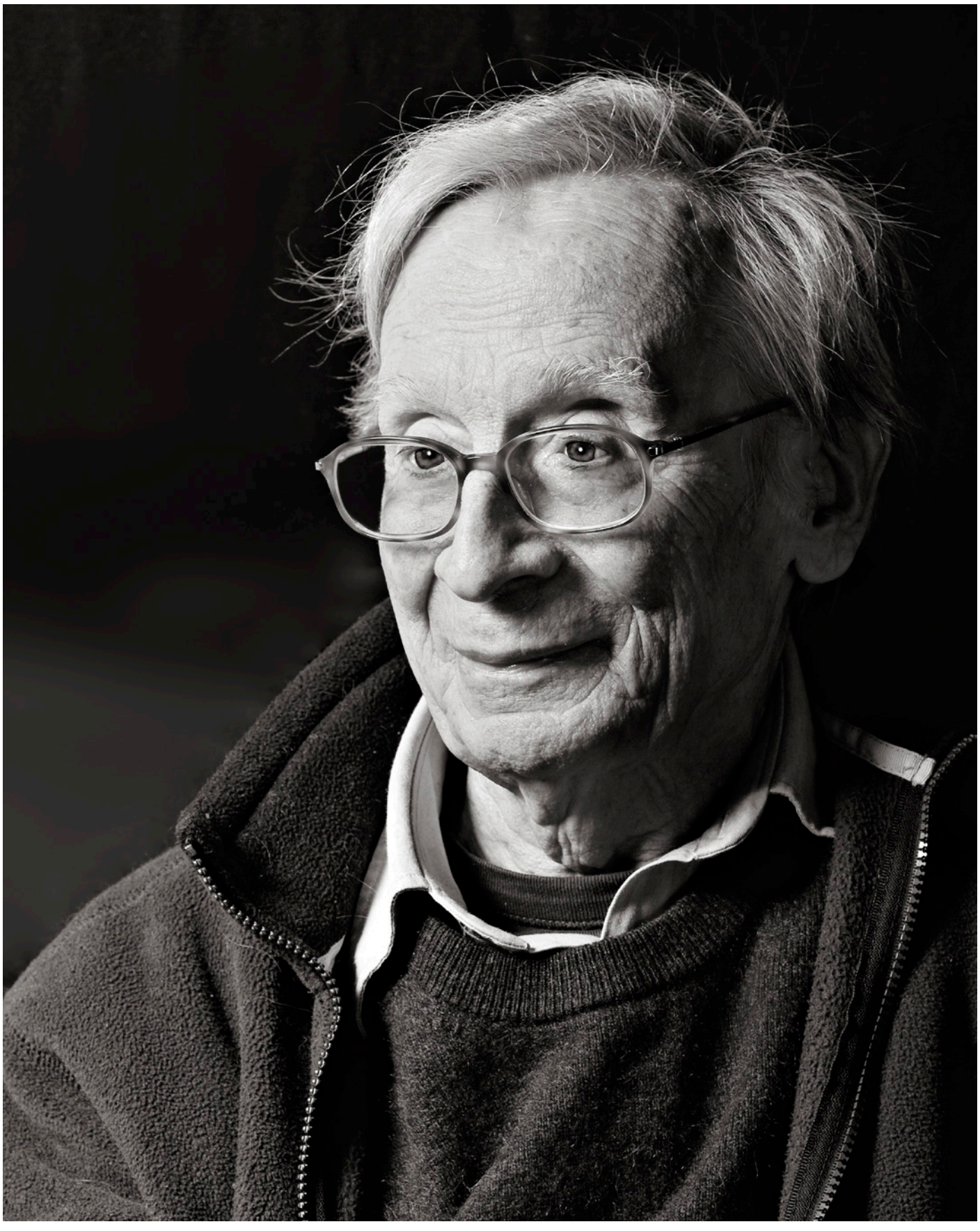
A minha Res Publica

O que acima de tudo desejo e sempre desejei é a aliança profunda da liberdade e da justiça social.
A desagregação do capitalismo, da sua horrenda face neo-liberal, geradora de tanto desemprego, miséria e moderna escravidão, abre perspectivas a uma nova sociedade, capaz de defender o mundo da catástrofe ecológica e de gerir equitativamente os bens comuns.
Essa Res Publica, que assim imagino, promoverá a solidariedade e a tolerância, a igualdade possível. E fará brotar sorrisos nos rostos mais sombrios.
Será a Res Publica amiga da cultura, patrona do amor, acolhendo e estimulando a criatividade de cada um.

Haverá utopia nesta minha antevisão do futuro? Se transportar sementes de esperança, tanto melhor.

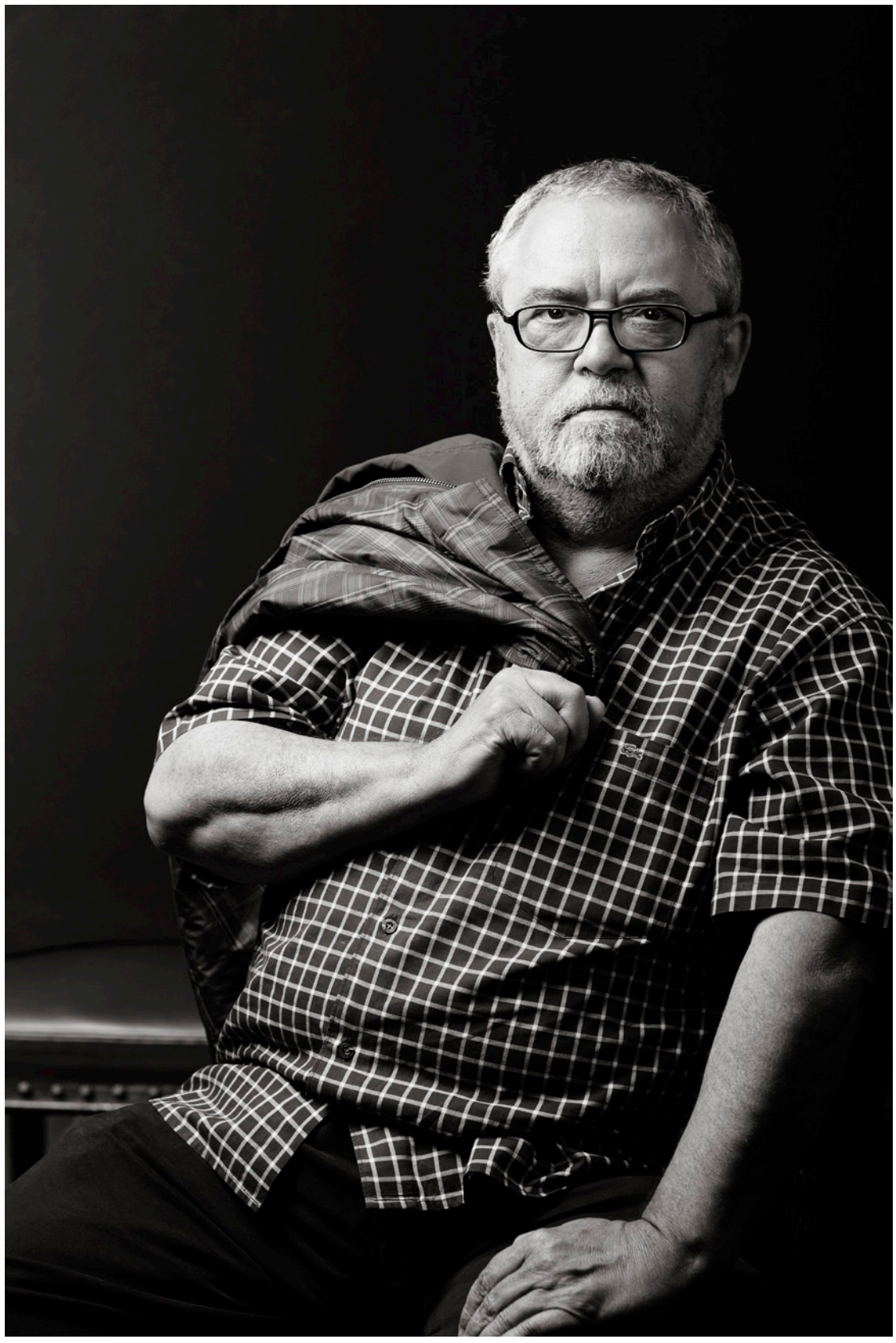
6-12-1923, Lisboa
Escritor

Urbano Tavares Rodrigues



Mário Cláudio

6-11-1941, Porto
Escritor



"Descubro os instantes perfeitos, diante de um copo de água, atravessado pelo sol. E batem à minha porta, numa noite de Outono, numa dessas que são de crisântemo de luz ou esponja de neblina. Dou com um homem de meia-idade, aportado do Norte profundo, de mãos brancas e vazias. E pede-me ele que inicie a primeira linha, a primeira página, o primeiro livro, que mais ninguém escreveu."

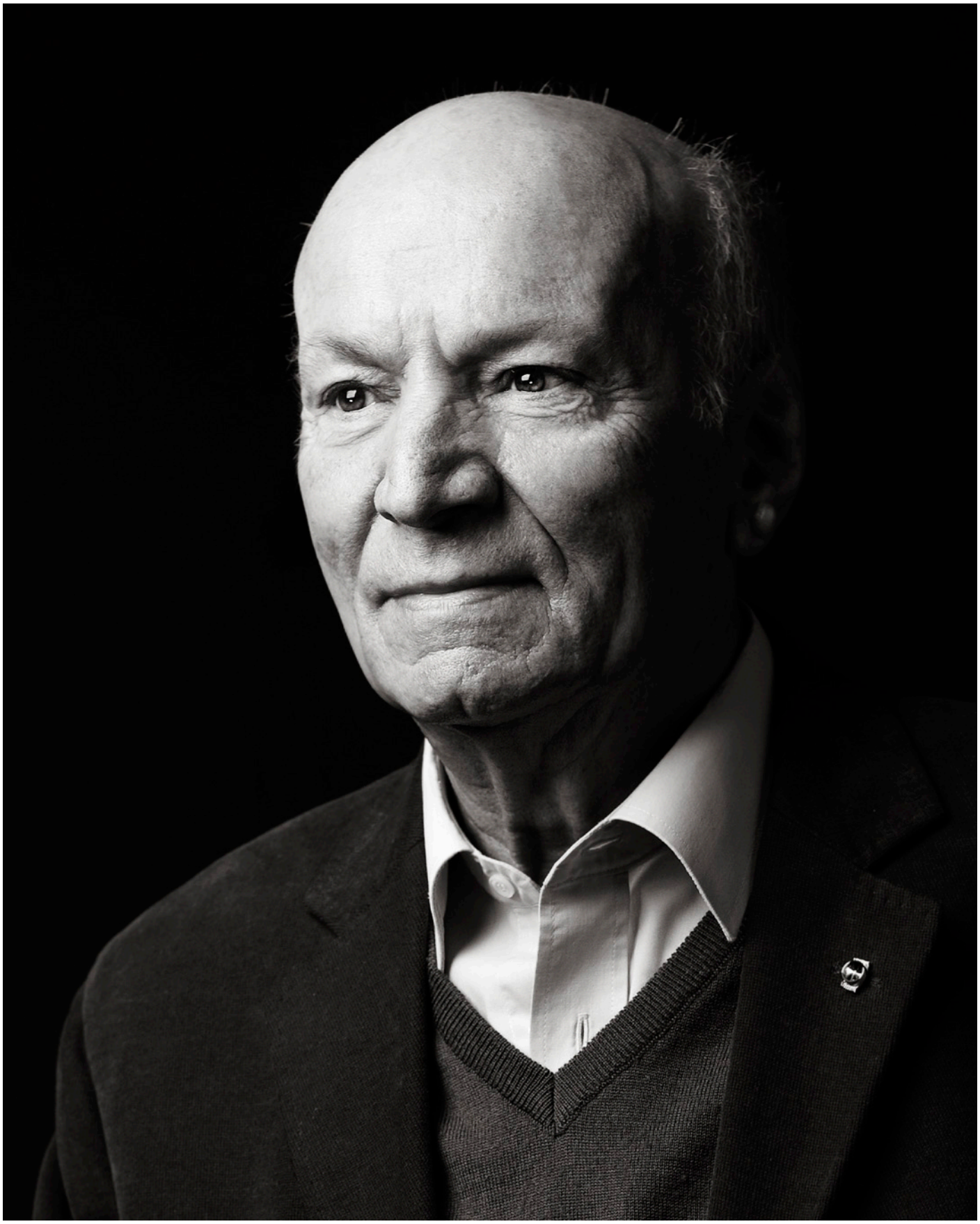
31-8-1911, Lisboa
Escritora e Jornalista

Manuela Saraiva de Azevedo

“Cabelos brancos que são?
O penhor de uma ilusão
Restos de esperança tão grata
Que deixa fios de prata
Por mera recordação.”

Albano Martins

6-8-1930, Telhado, Fundão
Professor Universitário e Poeta

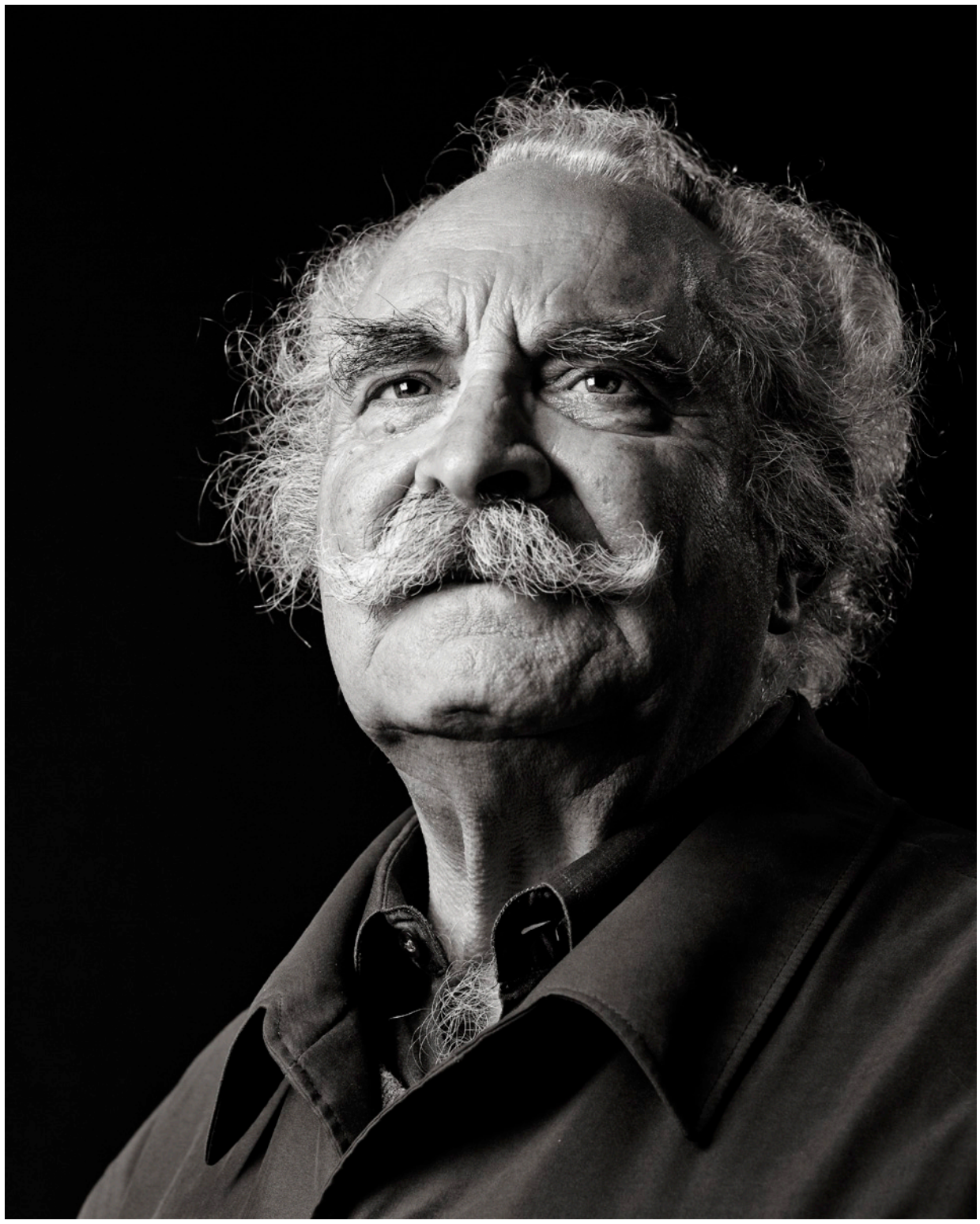


“Basta uma flor, basta uma asa, para saber que a primavera entrou em nossa casa.”

26-2-1929, Cabezón de La Sal,
Autonomia Cantabrica

Poeta

Fernando Echevarría

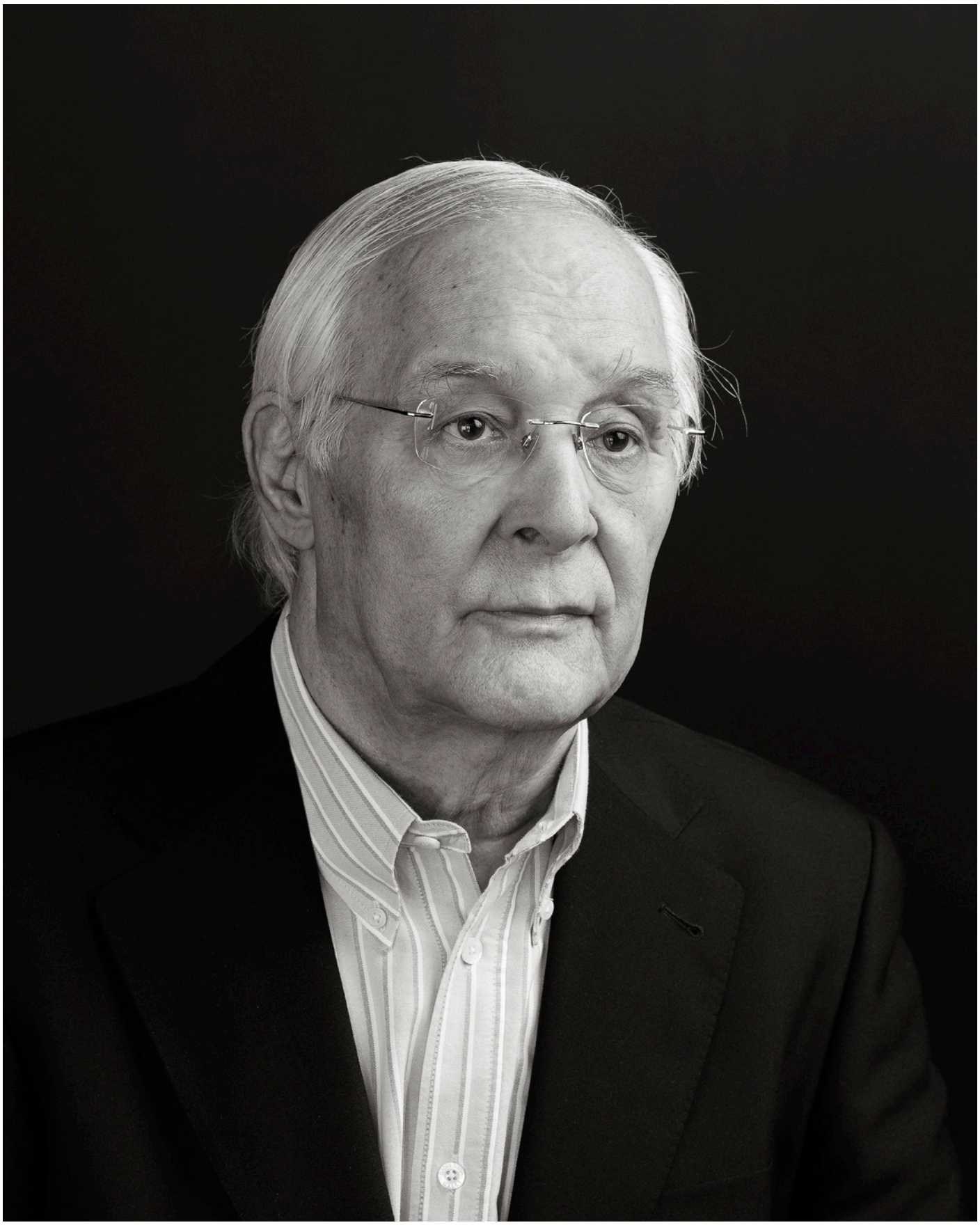


"Vieram vindo pela noite fora.
E, quando estavam a chegar ao dia,
viraram para o lado por que a sombra
amava preservar a sua ida.
Mas, antes disso, houve uma atónita
encandeação de sonolência íntima
que eternizou a fímbria de memória
antes de regressarem àquela noite antiga."

Do livro : USO DE PENUMBRA

Armando Baptista-Bastos

27-2-1934, Lisboa
Escritor e Jornalista



"Morre-se de amor. Também se morre dessa doença cruel e implacável, que a sociedade moderna criou e parece não estar muito preocupada em exterminar - o desprezo pelos outros."

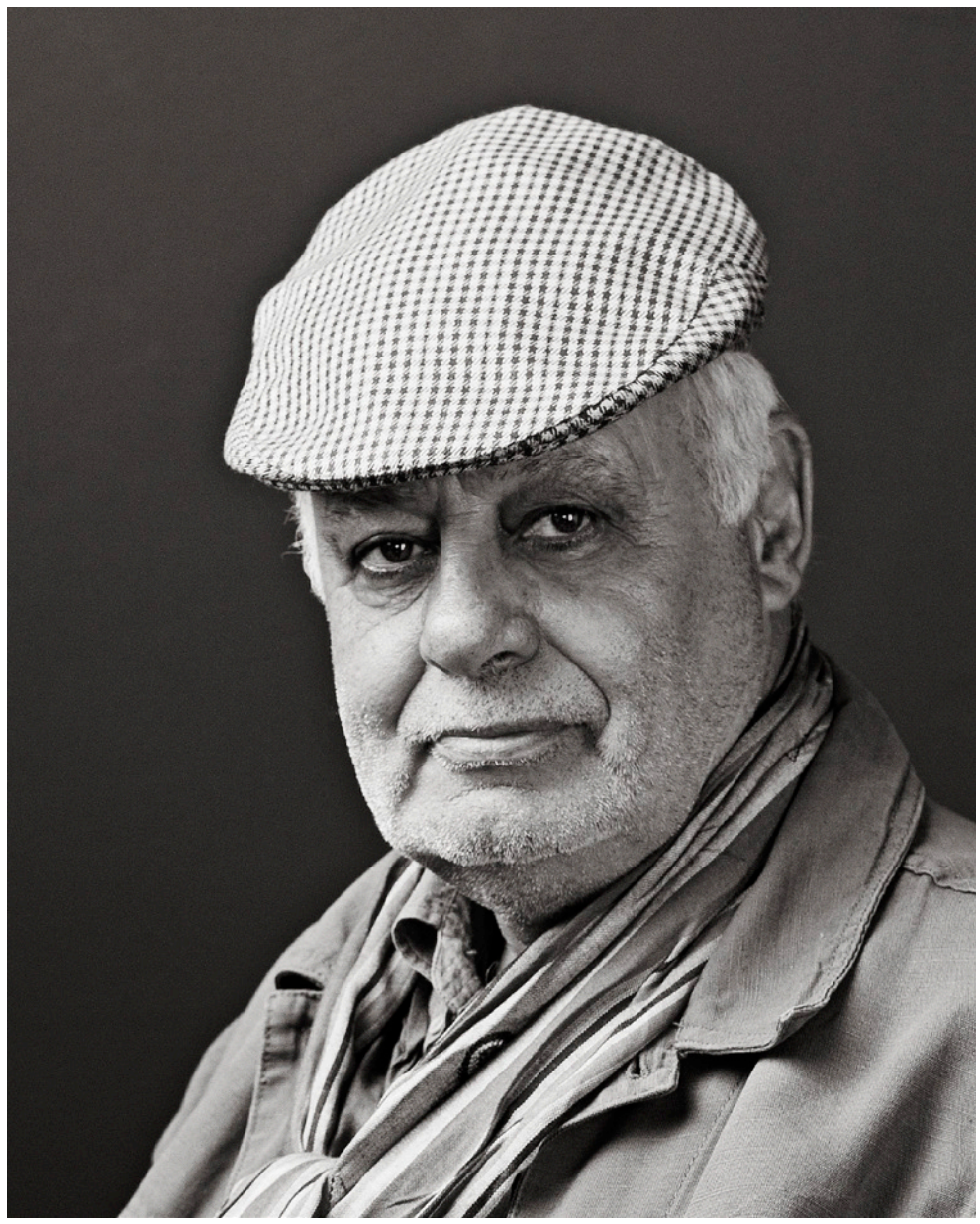
12-12-1970, Lisboa
Escritora

Patrícia Reis

"Nasci na Avenida da República em Lisboa, mesmo ao lado do Galeto, numa maternidade que já não existe. Sou alfacinha de gema com uma costela alentejana e outra, mais escondida, espanhola. Eu tinha três anos quando rebentou a revolução. Lembro-me das lágrimas do meu pai. Ele tinha vinte anos. Quando perguntei o que era a República, o meu tio-avô contou-me a história toda: do regicídio ao salazarismo, do Salgueiro Maia ao 25 de Abril. O meu tio-avô dizia: "Para perceberes o presente tens de olhar para trás, conhecer a História". Até hoje ando num novelo, a correr o fio da história e das histórias, para entender melhor os dias que me acontecem, para imaginar o futuro dos meus filhos. Não penso, confesso, em termos de república, tenho a democracia como um dado adquirido. Sinto-me grata por isso. Conto aos meus filhos as mesmas histórias que o meu tio-avô me contou. Para eles perceberem que, mesmo o que está adquirido, pode falhar um dia; para que possam valorizar o que é viver em liberdade e ter liberdade de expressão, quem sabe um dos bens mais preciosos de vivermos em democracia."

Carlos Matos Gomes

24-7-1946, Vila Nova da Barquinha
Militar, Historiador e Escritor



Nós

A República somos nós.

A República é esta multidão de caras, com as suas rugas e as suas peles sedosas.

A República é a história e as histórias por detrás destes olhares.

A República é o nosso espelho.

A República é o nós em forma de Estado.

A República foi o que fizemos com o nosso passado, o que fazemos com o nosso presente. Será o que fizermos com o nosso futuro. É assim para o bem e para o mal. Não nos podemos queixar da República. Só de nós.

A República é um Estado Moral. A Moral da República são os deveres dos homens e das mulheres que a constituem. De nós.

A República é a Liberdade de todos, mesmo dos que a querem só para si.

A República é um Bem de todos nós, mesmo dos que querem o melhor do bem de todos só para si e para os seus. Não há República corporativa, porque a República pode funcionar sem corporações, só não pode existir sem cidadãos.

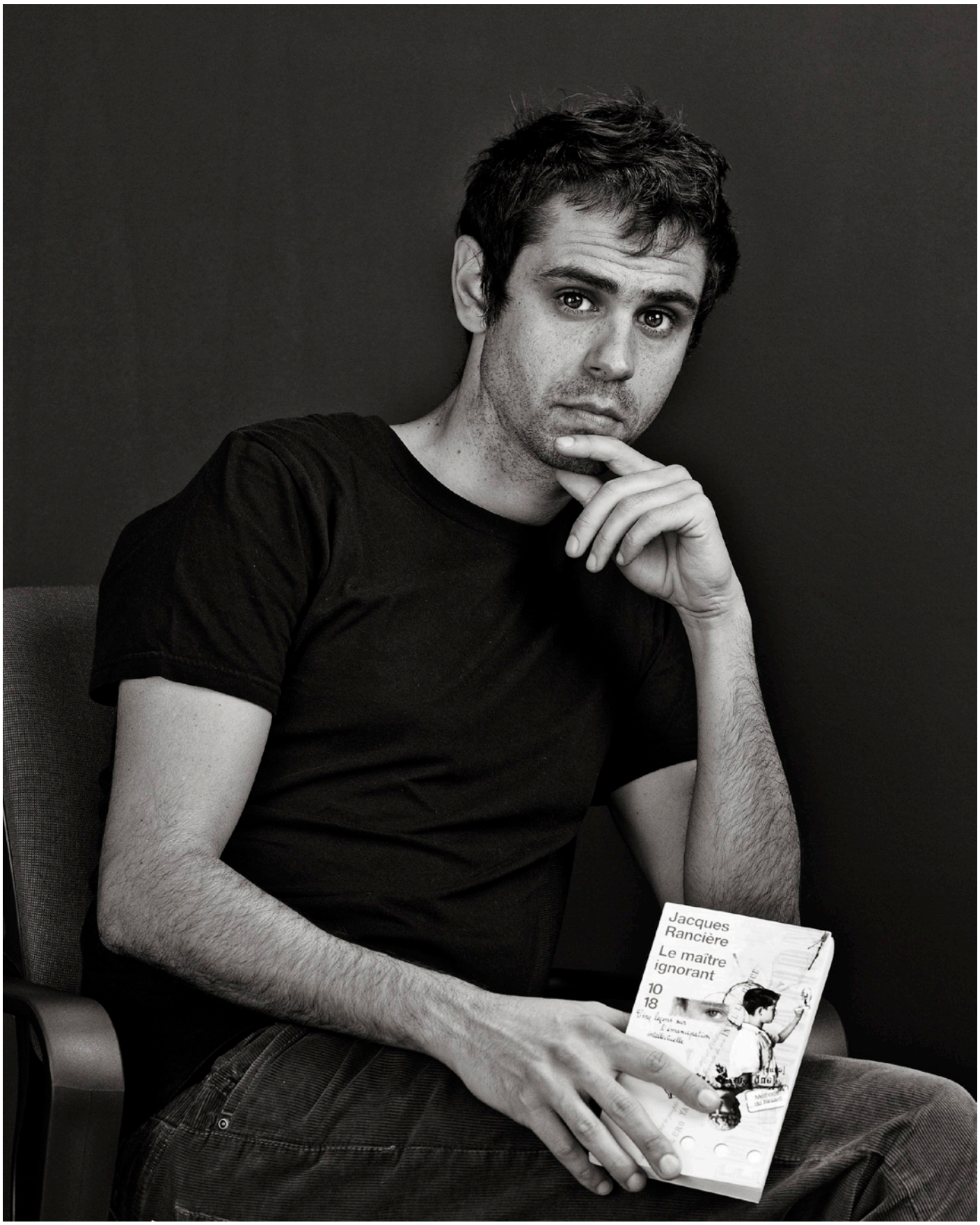
A República é a nossa casa e começa na casa de cada um, mesmo dos que não têm casa.

A República somos nós. Podemos fazer o que quisermos com ela e dela.

A República não tem salvadores nem anjos da guarda. Somos responsáveis por nós.

8-4-1976, Lisboa
Dramaturgo/Autor

José Maria Vieira Mendes

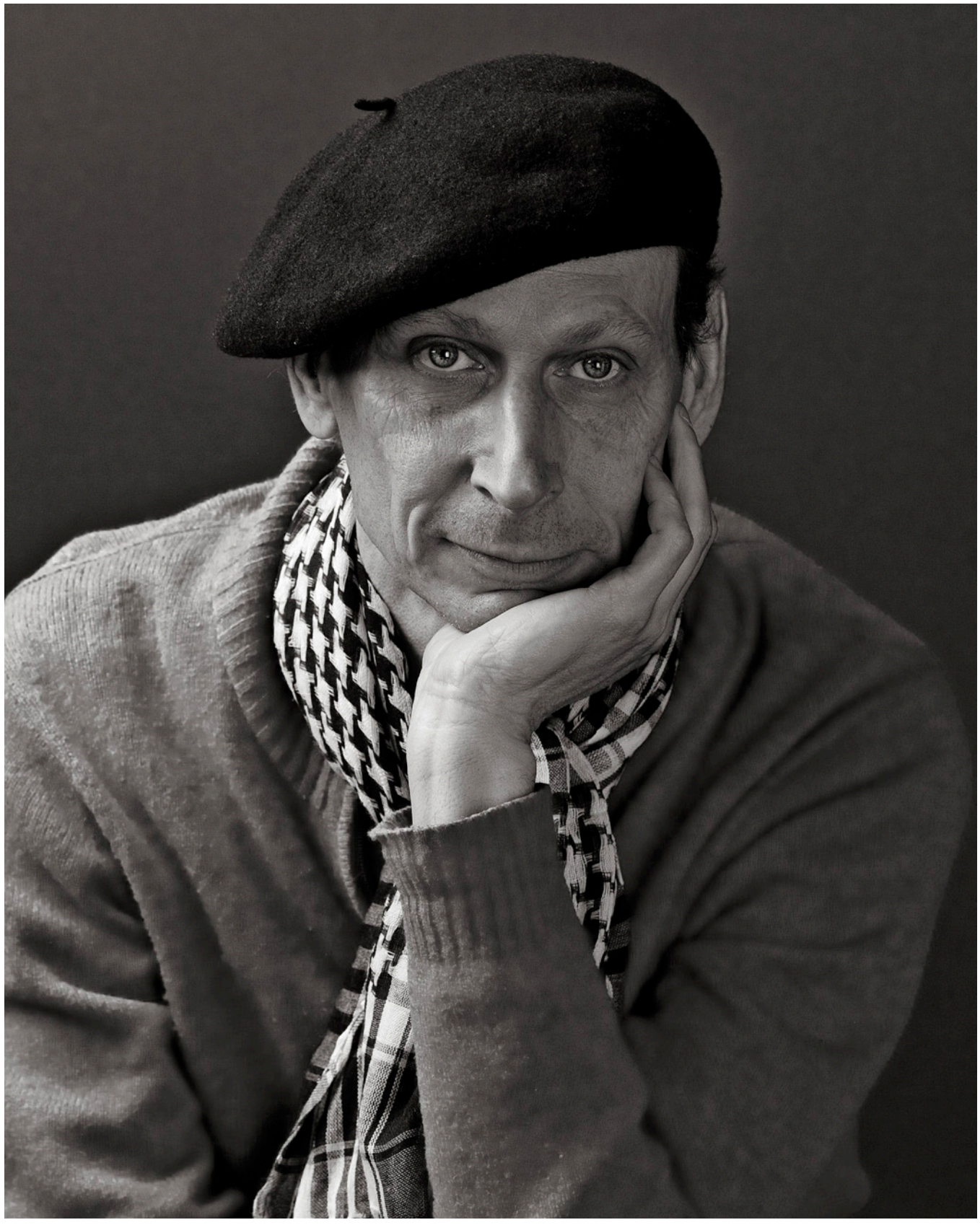


Fernando Dacosta

12-12-1945, Luanda
Escritor

1-1-1956, Roslyn Heights, New York
Escritor

Richard C. Zimler



"You measure democracy by the freedom it gives its dissidents, not the freedom it gives its assimilated conformists."

"Mede-se a democracia pela liberdade que oferece aos seus dissidentes e não pela liberdade que oferece aos seus conformistas assimilados."

Abbie Hoffman

Alexandre Quintanilha

9-8-1945, Lourenço Marques / Maputo
Cientista

"Take care of freedom and truth will take care of itself"

Richard Rorty

(Protejam a liberdade e a verdade será capaz de se proteger a si própria)

22-7-1964, Almada
Professora Universitária e Cientista

Elvira Fortunato

Fernando Catarino

9-11-1932, Ourém

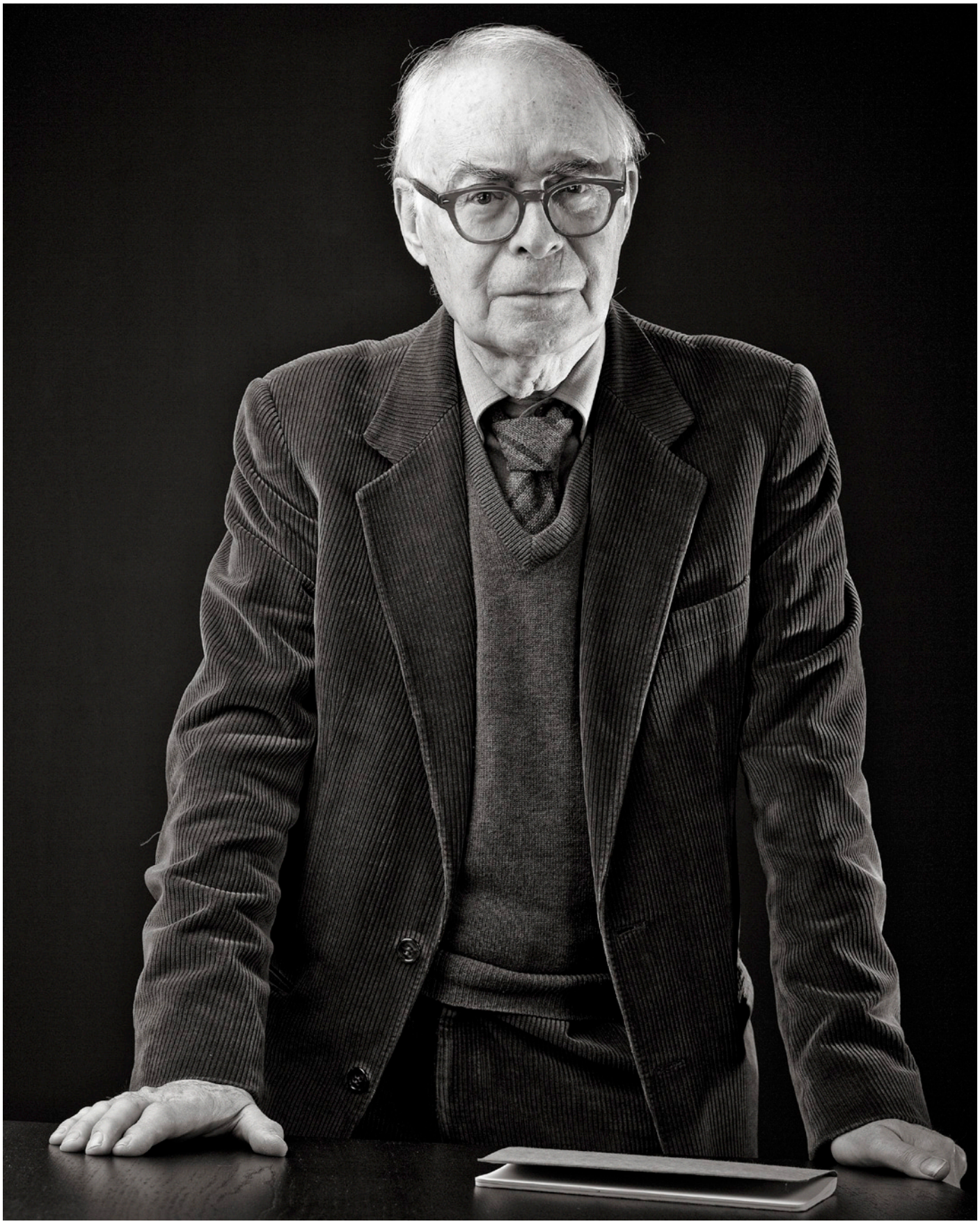
Doutor em Biologia
Professor Catedrático Jubilado

17-10-1939, Lisboa
Cientista

Maria de Sousa

Mário Ruivo

13-3-1927, Campo Maior
Cientista



“Reparar as velhas jangadas, ir criando algumas novas, pôr a bordo o que vale a pena e decidir depois onde acostar.”

27-4-1971, Vila Nova de Gaia
Cientista

Maria Manuela Mota

Luís Aires Barros

21-12-1931, Luso, Angola
Professor catedrático jubilado

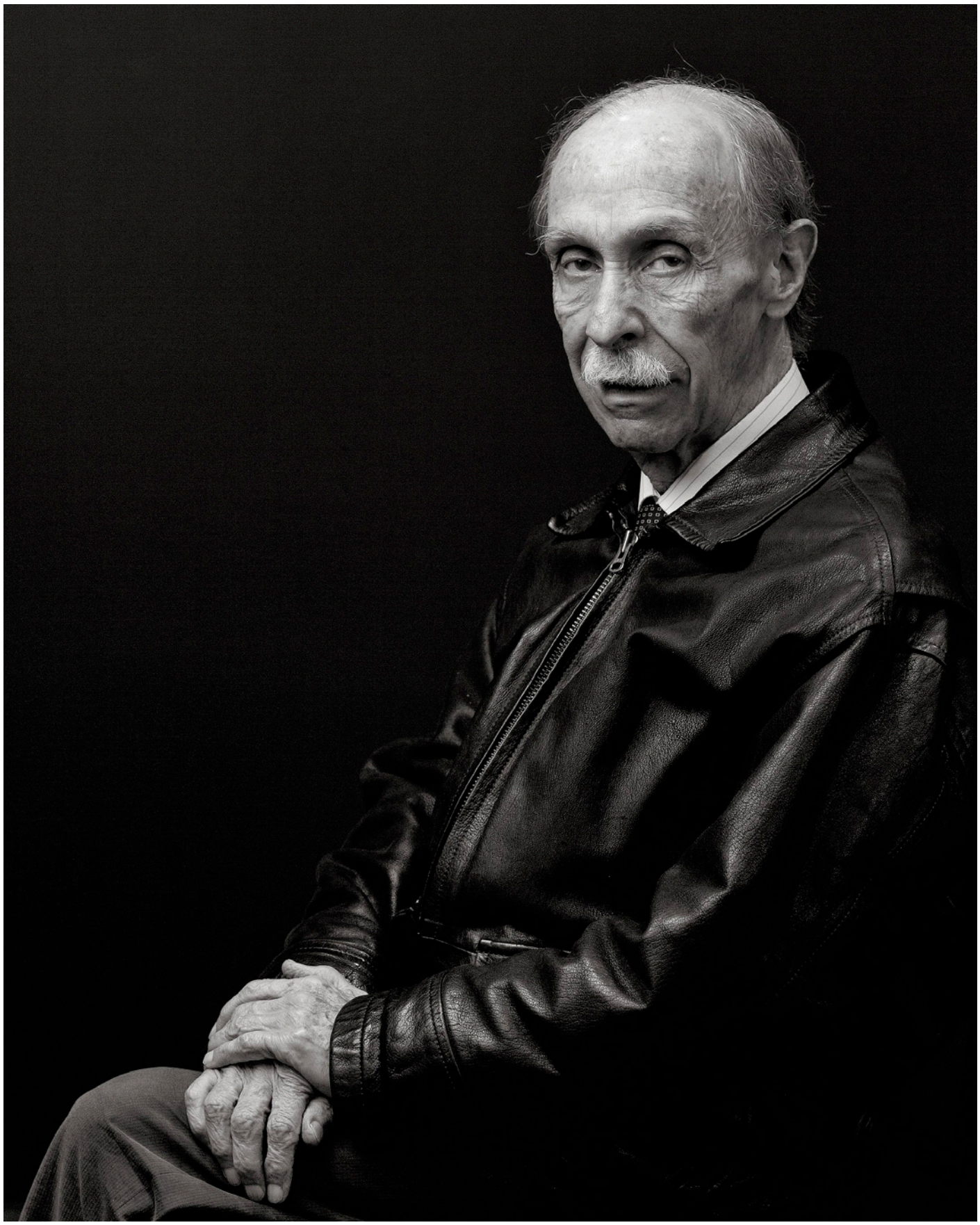
"A Terra ensina-nos um cântico de glória ao Belo. É o cântico das gemas esplêndidas com o seu jogo com a luz, e dos minerais opacos onde se esconde o metal, é o cântico dos cristais onde nada foi deixado ao acaso e dos estratos sedimentares onde se acumulam restos de biliões de seres, é o cântico das rochas cristalinas geradas no seio da crosta sob pressões fabulosas ou que foram lavas de vulcões hoje desaparecidos, é o cântico das planícies que ainda ontem foram mares e que amanhã conhecerão, de novo, as vagas dos oceanos, é o cântico das montanhas, autênticas catadupas de pedras sobrepostas.

Quando alguma vez se teve, sob os olhos, tais espectáculos, quando se foi iniciado nestas maravilhas, pensamos sempre nelas com a reconfortante sensação de observar o Belo. Mas também nos dão a noção de tocarmos o Desconhecido, o Mutável, o Instável. Estamos sempre a descobrir novas veredas que nos conduzem mais além onde há novos mistérios a desvendar.

No fundo, o que é importante na vida é nunca estar satisfeito consigo próprio, nem com os conhecimentos que se têm. E procurar sempre, esforçar-se sempre e subir sempre!"

6/4/1930, Bayonne, França
Engenheiro civil

Aquilino Ribeiro Machado



"Foi durante os dias sem fim do Verão sueco de 1960 que conheci Orlando Ribeiro, na excursão que antecedeu o Congresso Internacional de Geografia de Estocolmo. Dias depois, na sessão inaugural, verifiquei que o então Vice Presidente da União Geográfica Internacional não hesitava a fazer face sozinho à contenda mundial entre o *Leste* e o *Oeste*, para defender um colega alemão injustamente atacado no plano científico. Admirei também o alto nível das suas lindas comunicações.

Ao percorrer com ele as agrestes serras de xisto onde meandriza o Zêzere, comecei a iniciar-me à vida portuguesa e, lendo as antigas crónicas dos marinheiros lusos, fui matando as minhas saudades africanas. Mas deixo a palavra a quem se tornou em 1965 o meu marido, aproveitando a "Prefação" que escreveu para o penúltimo volume da *Etnografia Portuguesa* (1985):

"Quando minha mulher e colega Suzanne Daveau resolveu deixar os prados e bosques jurassianos e as adustas mas atraentes paisagens da Mauritânia (…), iniciando-se comigo nas leituras dos fundamentos da Geografia de Portugal, expliquei-lhe, por um símile, que Leite de Vasconcellos fora ao mesmo tempo o arqueólogo Déchelette, o arguto comentador de textos medievais Gaston Paris, o etimologista Antoine Thomas, o filólogo Vandries (…), S. Reinach (…). Surpreendeu Suzanne Daveau que, neste estranho país, se pudesse ser 'especialista' de coisas de tal disparidade (…) mas, quando das suas pesquisas de geografia regional, de evolução do povoamento e de organização dos territórios antigos (…), partilhou sem reservas a minha admiração pelo poço sem fundo de um erudito de tal quilate (…)".

Hoje, ao ultimar o tratamento do seu vasto Legado científico, acho graça notar que me encontro a preparar a publicação da preciosa correspondência que ele manteve com o Leite, há oitenta anos."

13-7-1925, Paris
Geógrafa

Suzanne Daveau

Jorge Gaspar

14-5-1942, Lisboa
Geógrafo

12-12-1925, Elvas
Geógrafa

Raquel Soeiro de Brito

José Manuel Simões

23-12-1955, Lisboa
Professor Universitário, Geógrafo

"Foi um acaso da vida que me trouxe até à Geografia!

Mas, desde o momento em que me fui embrenhando com paixão no mundo geográfico, nunca mais me ocorreu a ideia de outra profissão que não esta de geógrafo, especificamente como professor, investigador e consultor de planeamento territorial.

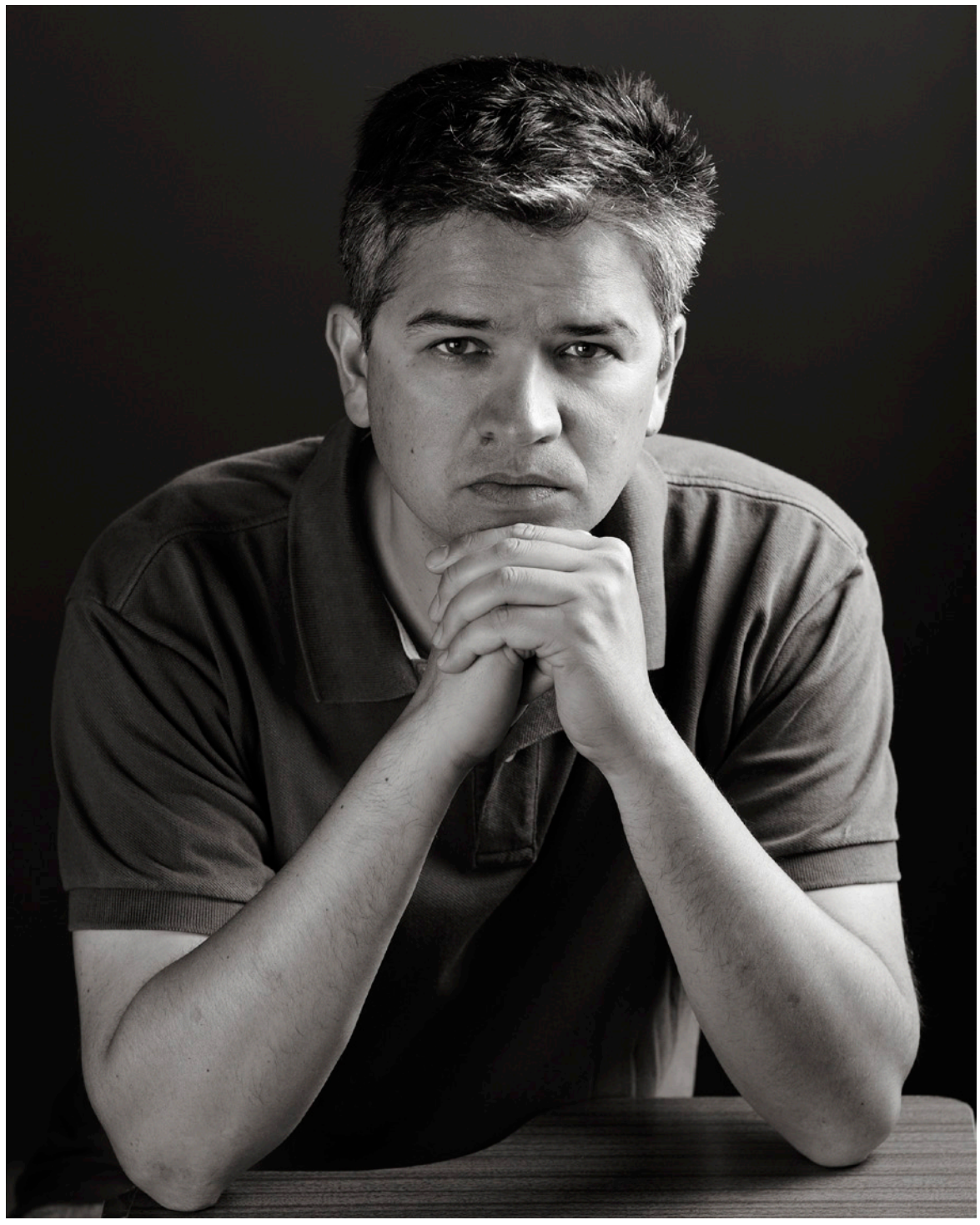
O segredo deve estar no meu gosto de sempre em deambular por territórios, conhecidos e desconhecidos, mergulhando, ora na quietude pacificadora da natureza e dos campos, ora no bulício excitante das cidades.

E sempre, sempre, comovendo-me com a beleza cénica das paisagens, a singularidade dos lugares e a autenticidade das gentes.

Foram certamente estas razões que também amadureceram em mim quer o gosto pela fotografia, dos grandes horizontes ao mais ínfimo detalhe, quer o prazer pela corrida em pleno ar livre, hobbies que desde há muito impregnaram o meu ADN."

27-4-1971, Lisboa
Geógrafo

Gonçalo Vieira



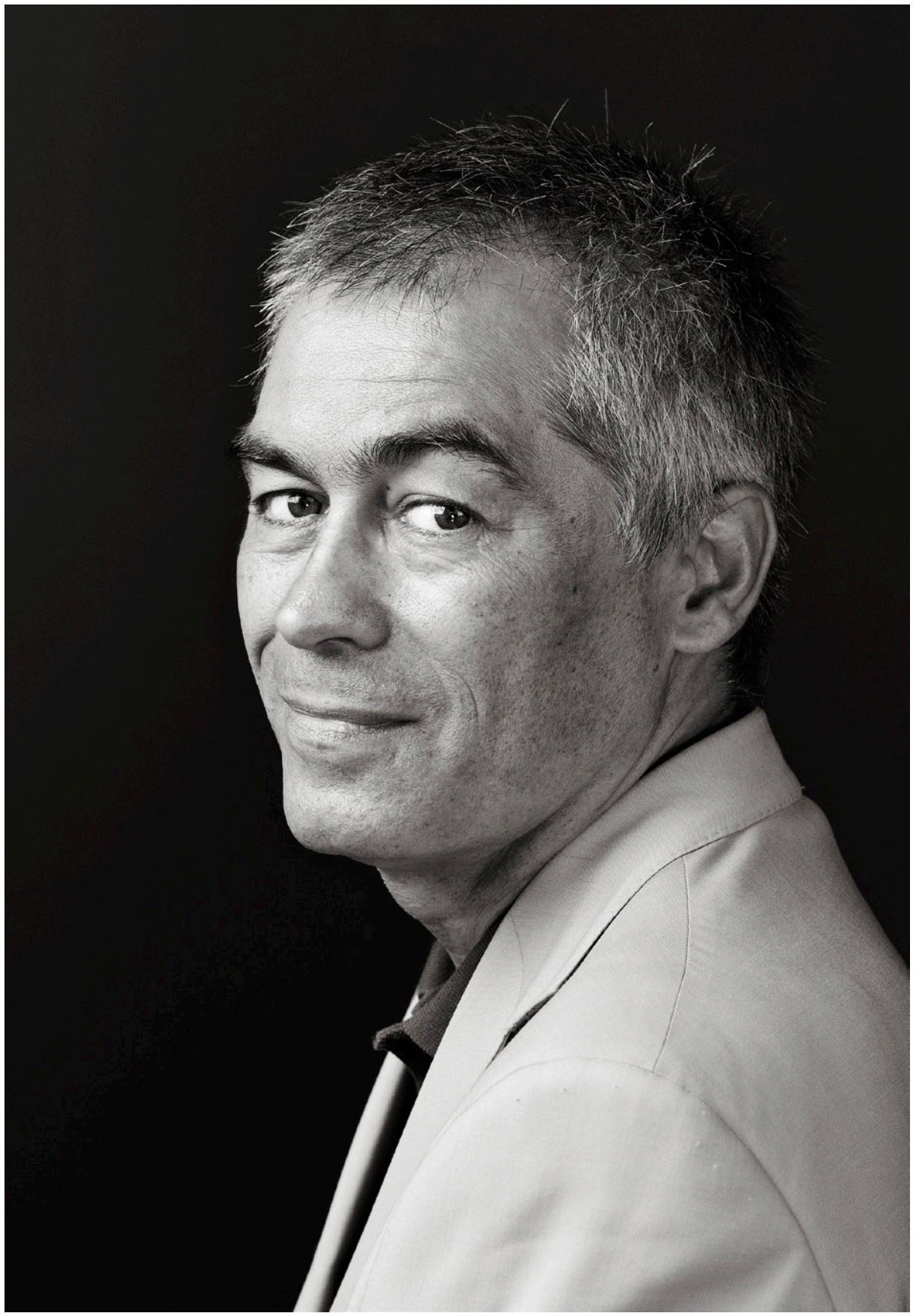
Entre dois pólos

As regiões polares e os componentes da criosfera terrestre, como a neve, o gelo marinho, os glaciares, o permafrost e o solo gelado sazonal, são determinantes para o equilíbrio do sistema climático global. Estas massas geladas, que há poucos anos faziam apenas parte dos nossos imaginários, começam agora a entrar no nosso dia-a-dia através de jornais, rádio e televisão. Aquilo que está a acontecer à criosfera nas remotas regiões do Árctico e Antárctida, é da responsabilidade de todos e deve ser uma das preocupações centrais da sociedade, pois as regiões polares são o ar condicionado da Terra e o seu impacte é global.

Portugal, depois de ter sido pioneiro na navegação do sub-Árctico e do Oceano Austral, esteve quase 500 anos afastado das regiões polares, mas envolveu-se fortemente no Ano Polar Internacional 2007-08. Foram várias as equipas de investigação nacionais que contribuiram para o esforço científico conjunto de mais de 50 mil investigadores e técnicos, contribuindo para criar as raízes para o desenvolvimento de um programa polar nacional.

Pedro Bettencourt

18-5-1960, Lisboa
Geólogo e Oceanógrafo

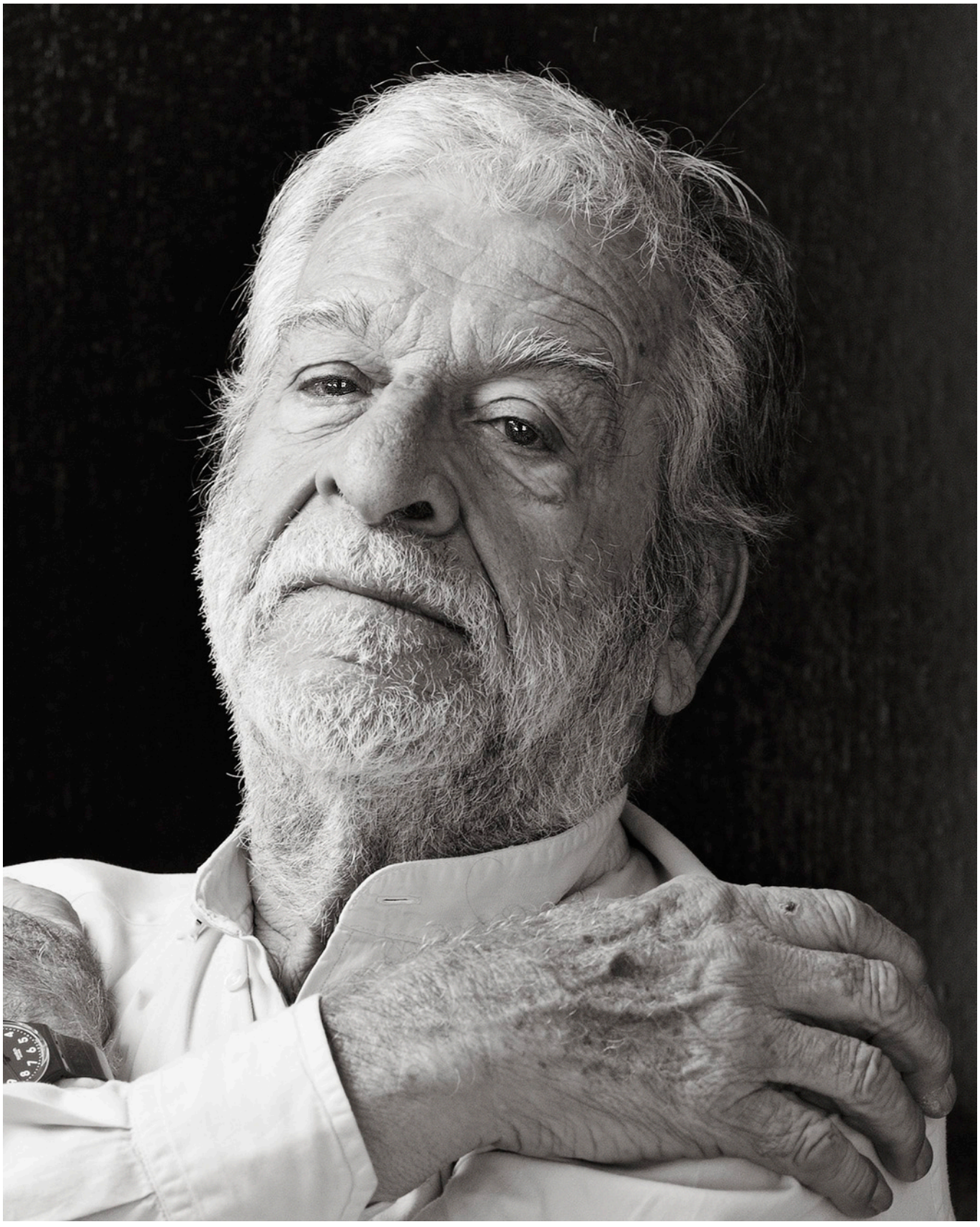


9-5-1971, Lisboa, Campo Grande
Geógrafo

Luís Manuel Baptista

Fernando Lemos

2-5-1926, Lisboa
Fotógrafo, Pintor e Poeta

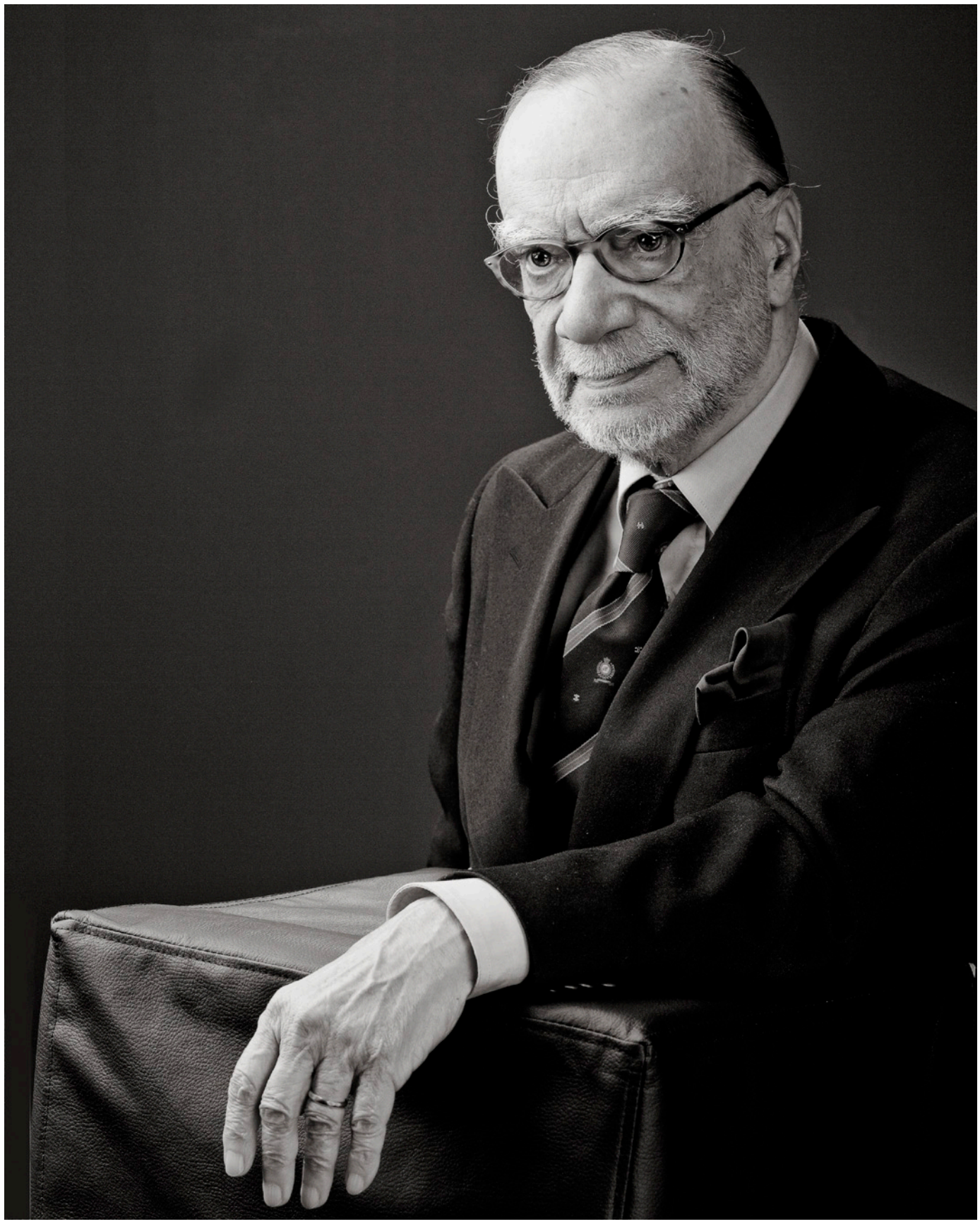


"Nasci na Rua do Sol ao Rato, em Lisboa em 1926. Fui para o Brasil em 1952. Fui estudante, serralheiro, marceneiro, estofador, impressor de litografia, desenhador, publicitário, professor, pintor, fotógrafo, tocador de gaita, emigrante, exilado, director de museu, assessor de ministros, pesquisador, jornalista, poeta, júri de concursos, conselheiro de pinacotecas, comissário de eventos internacionais, designer de feiras industriais, cenógrafo, pai de filhos, bolseiro, e tenho duas pátrias, uma que me fez e outra que ajudo a fazer. Como se vê, sou mais um português à procura de coisa melhor."

16-11-1922, Tomar

Historiador e Romancista, Professor
Catedrático Jubilado

José Augusto-França



"República, República, quem a tem chama-lhe sua. Presidentes da Primeira, ainda tive três e, depois, mais ou menos escolhidos, quatro em Estado Novo, após o que contei cinco na Segunda, três já com votos meus, de estima. Somam-me doze os Presidentes e ainda espero chegar aos treze - "record" possível que partilho com poucos dos retratados do álbum. Porém, em 1936, decidi ser Republicano Espanhol, à vista da situação portuguesa, e como tal me tenho políticamente, isto é moralmente, mais ou menos definido."

Raquel Henriques da Silva

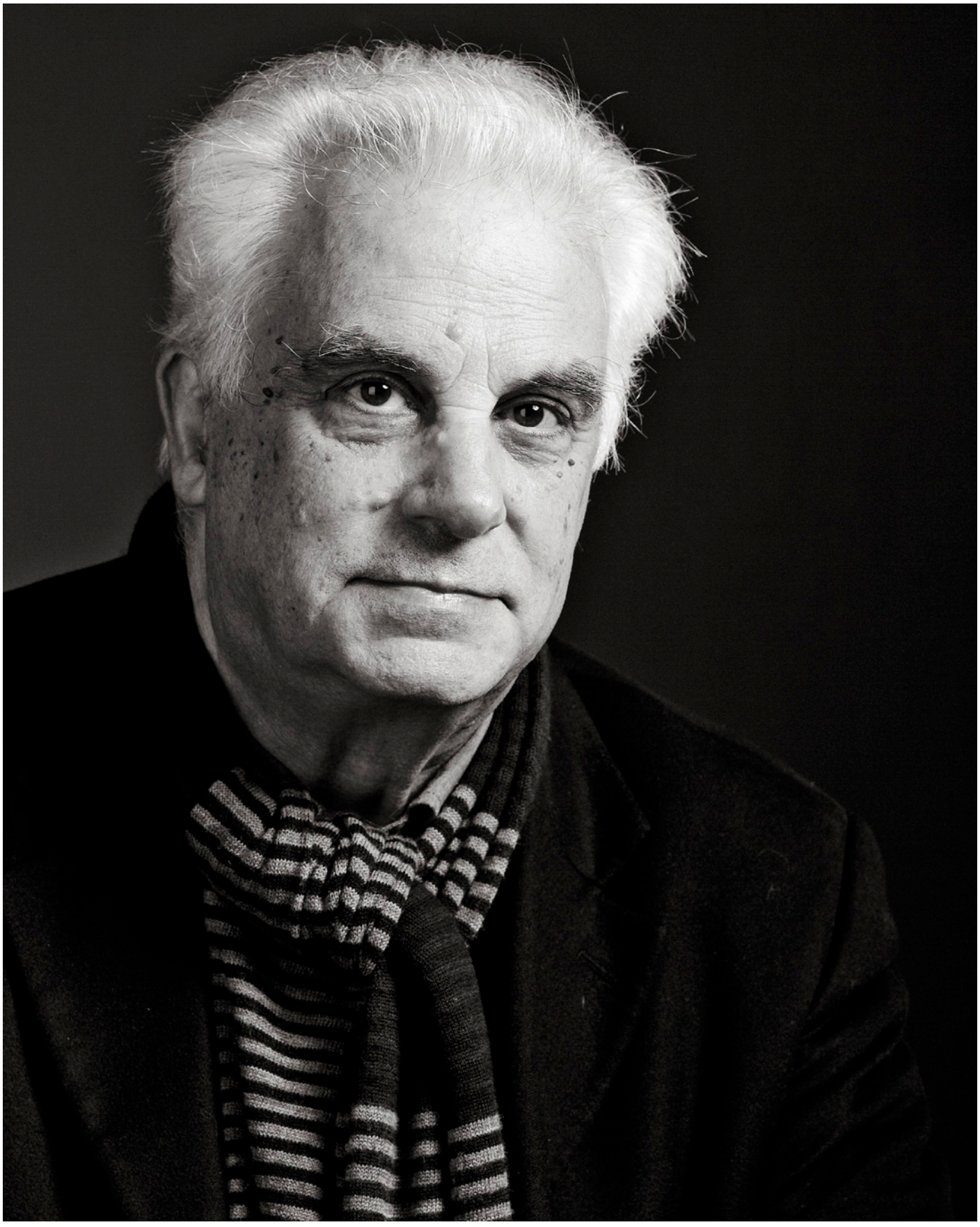
20-3-1952, Cascais
Professora Universitária

12-10-1934, Penafiel

Professor Catedrático Jubilado

Crítico de Arte

Rui Mário Gonçalves

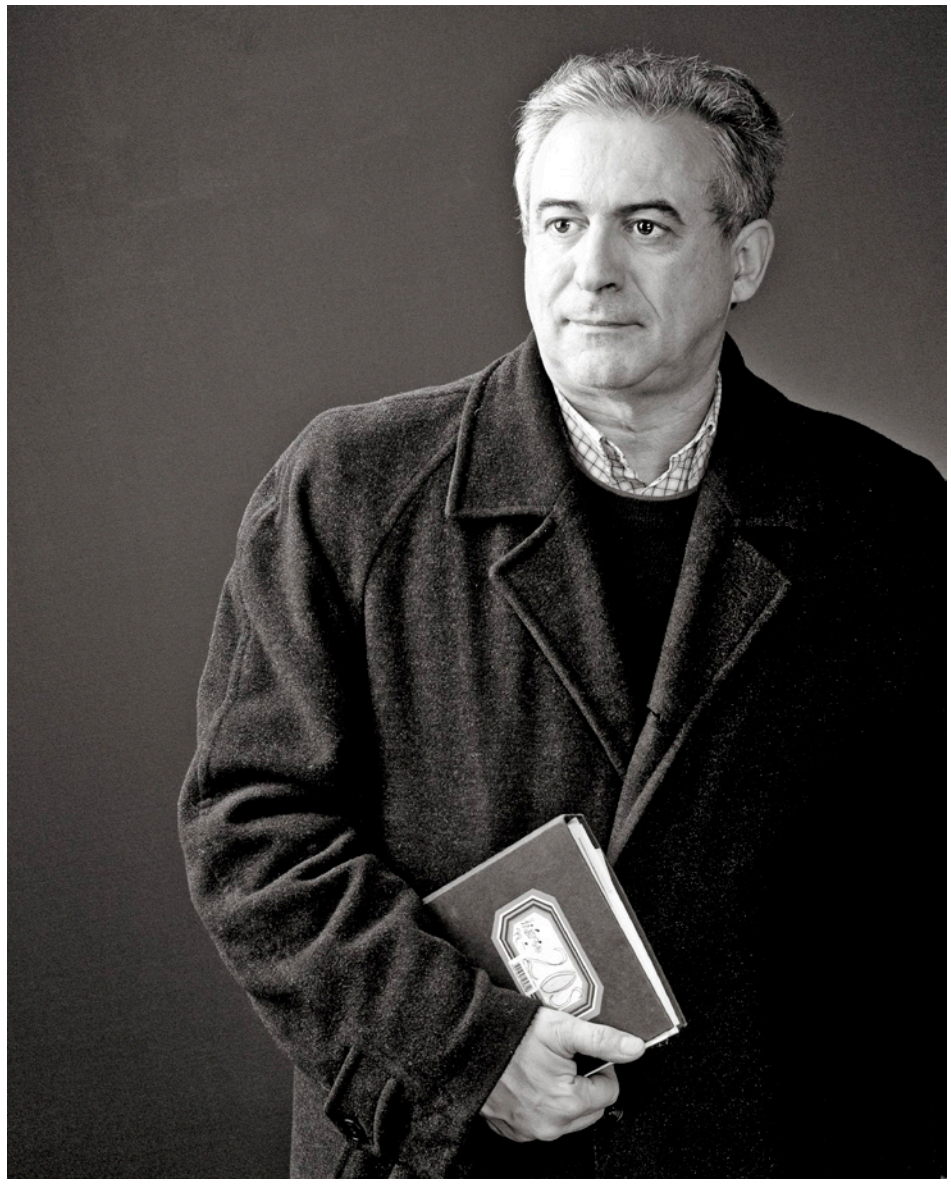


Teresa Lago

18-1-1947, Lisboa
Astrofísica

28-12-1952, Toulouse, França
Professor Catedrático, Historiador de Arte

Vítor Serrão

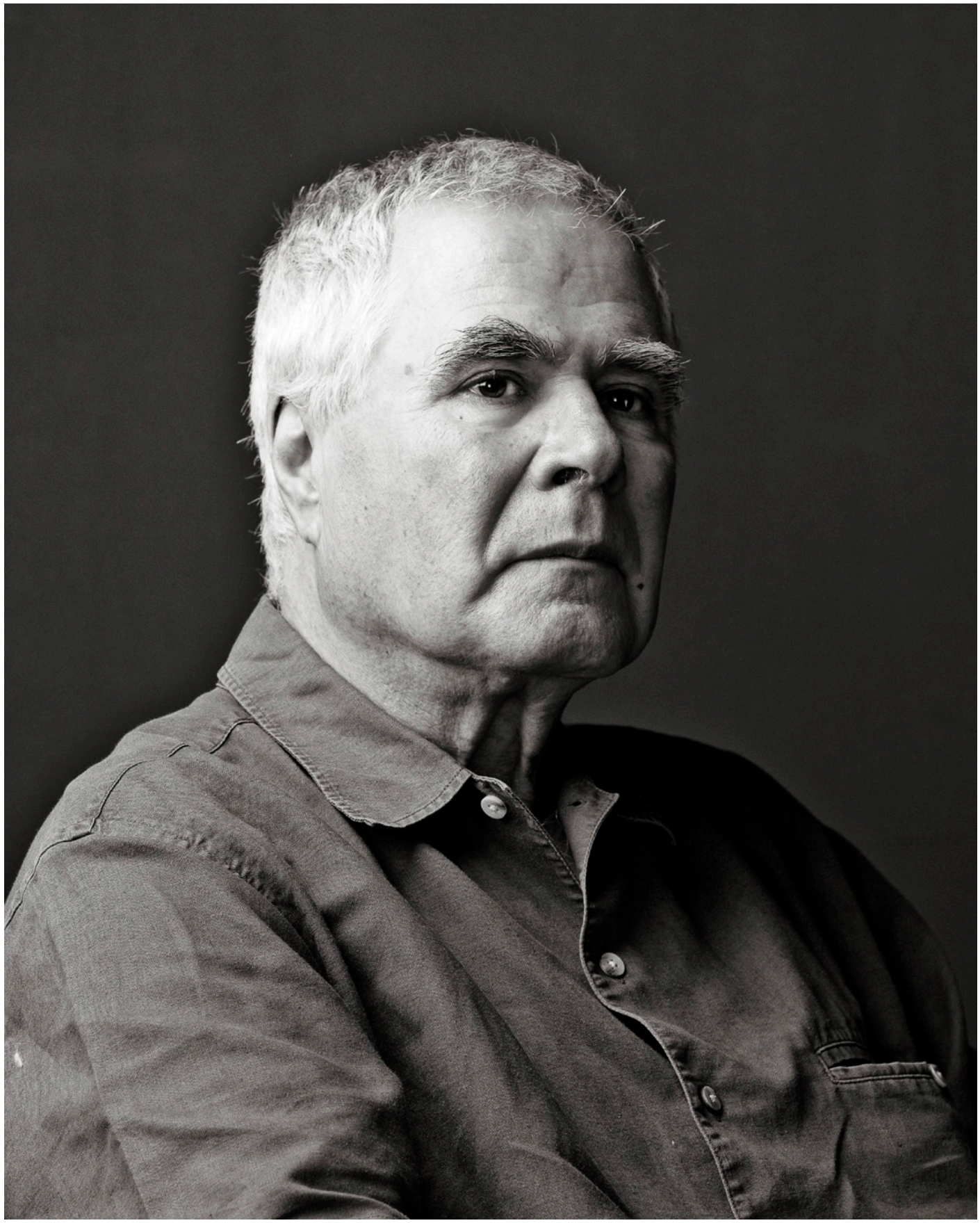


TEXTO (ES) BORRAtado
SOBRE ARTES E IMAGENS

Os autores pediram-me que falasse um pouco de mim, dos meus gostos, desejos, sonhos e curiosidades - sob a tónica do pensamento republicano.
Começo por me identificar nessa condição, uma condição que continua a dar sentido aos dias e a fazer sentido a um projecto de vida. A livre expressão da cidadania e a consciência de que as grandes transformações do mundo têm de ser construídas contra a opressão, a arrogância, o medo e o preconceito, têm ajudado a formatar esse caminho.
Sou historiador de arte por teimosia, por recalcamento e por vocação: teimosia, porque sim, porque faz falta dar voz aos patrimónios artísticos e sensibilizar as pessoas para a sua fruição; recalcamento, porque não, porque não fui capaz de ser pintor e de gerar arte, o que me levou a gostar de ver a arte dos outros; vocação, porque aprendo a gostar deste esgravatar nas memórias criadoras dos homens e de seguir o trilho das identidades perdidas.
Em Portugal, país de muitos esquecimentos e de estórias tristes de obscurantismo, é imperioso continuar a combater o atavismo, a auto-menorização, e uma colossal desmemória, que se sentem também em relação às valências do património artístico que se gerou com o nosso destino. Por isso, acho que importa (e muito) saber analisar as obras de arte, com ênfase na sua história e no seu sentido iconológico, criando linhas de convergência de práticas de estudo o mais possível alargadas e pluridisciplinares (e que as pessoas entendam) sobre os objectos, os espaços e as coisas que formam Património comum.
Também por isso, a minha prática-outra de professor levou-me a tentar estimular nos outros o re-conhecimento da arte portuguesa, e não só. No caso português, com um sentimento de pertença e de mais-valia comunitária e segundo uma visão de identidade que, tal como a língua falada, deve ser um espaço de partilha e sensibilização.
São coisas importantes. E actuais, sobretudo no actual estado de crise económica, de agravamento das condições de vida e de perda de valores. Problemas que terão a ver com o ser republicano e, no meu caso pessoal, com matriz à esquerda, no que à Esquerda cabe afirmar, penso eu, de justiça social, conhecimento plural, partilha infinita de saberes, na busca de um mundo mais fraternal e tolerável. Há cem anos, os homens do 5 de Outubro também se tinham inebriado em sonhos de possibilidade, em projectos de mudança, e a prioridade do conhecimento, da identidade da (e sobre a) História e o Património cultural, faziam parte das suas linhas de acção. No mundo multipolar em que nos encontramos hoje, com perdas de identidade e cicatrizes acumuladas, o estudo e a gestão das artes mantêm-se uma prioridade e, pelo que significam de aproximação dialogal entre os homens, continuam a constituir um imperativo da democracia.

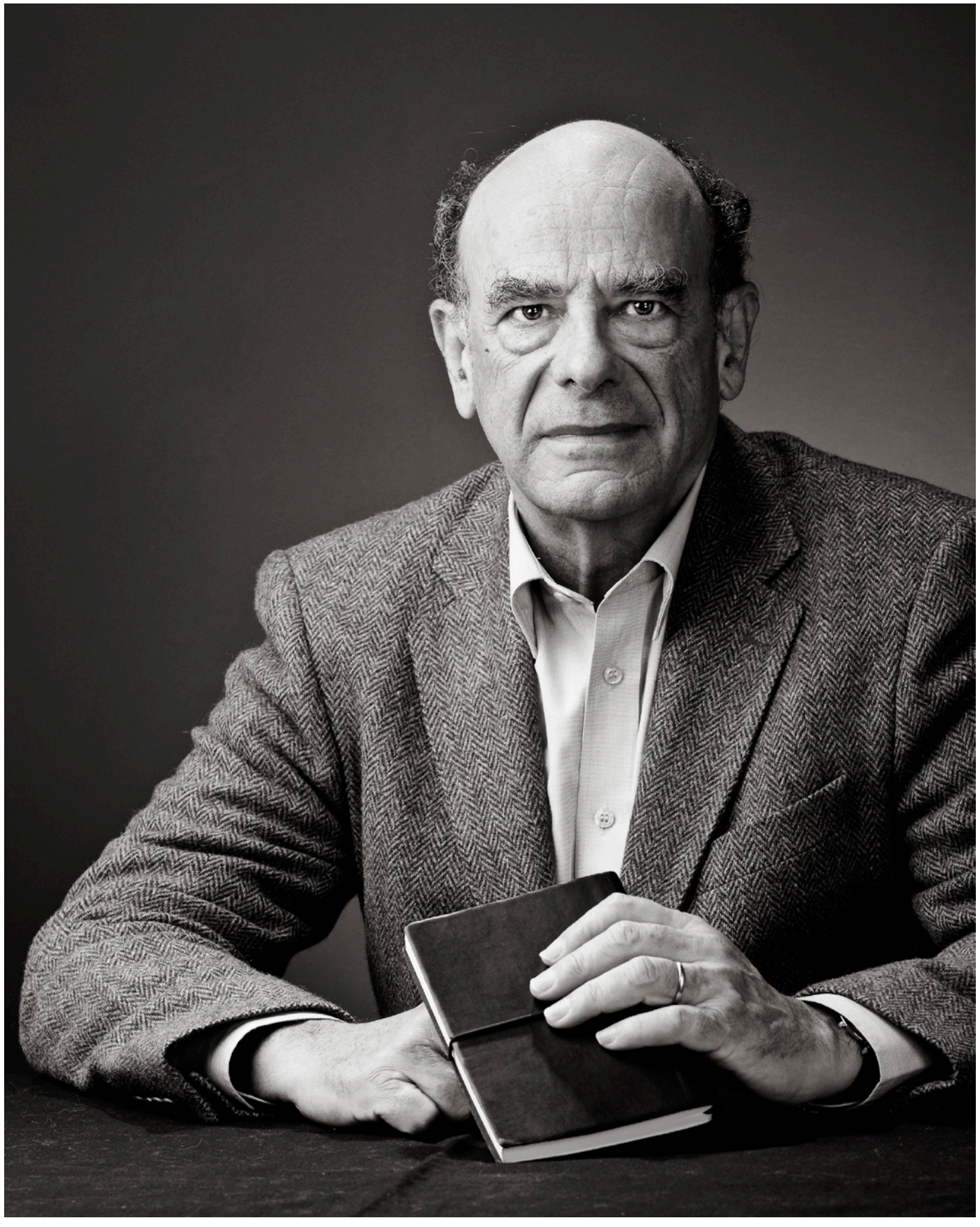
José Gil

15-6-1939, Muecate, Moçambique
Filósofo



15-5-1942, Lisboa
Cientista

Filipe Duarte Santos



Maria Fernanda Rollo

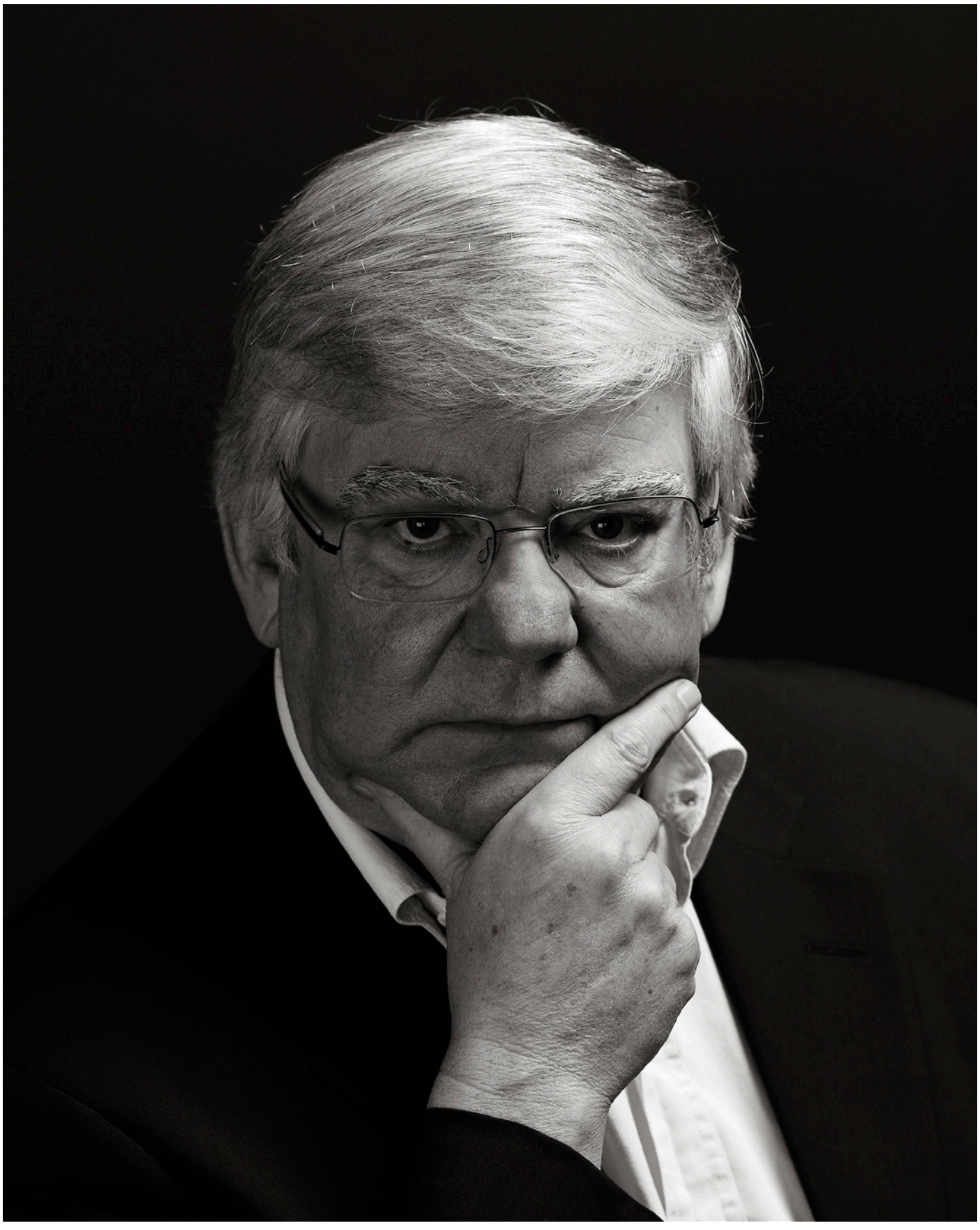
16-6-1965, Congo

Historiadora e Professora Universitária

30-7-1945, São Miguel do Rio Torto, Abrantes

Historiador

Fernando Catroga



Isabel Ponce Leão

25-3-1953, Coimbra

Professora Universitária Doutorada em Literaturas Hispânicas

"Convoco Cícero e digo De Re Publica num apelo ao diálogo preservador dos direitos humanos. Deixo-me embalar pelo Somnium Scipionis e creio num ecumenismo prático reiterado por Elisabeth Wesseling: "the retrieval of the past satisfies personal needs". Sem pré-conceitos, num salutar convívio de diferenças, se erige o futuro."

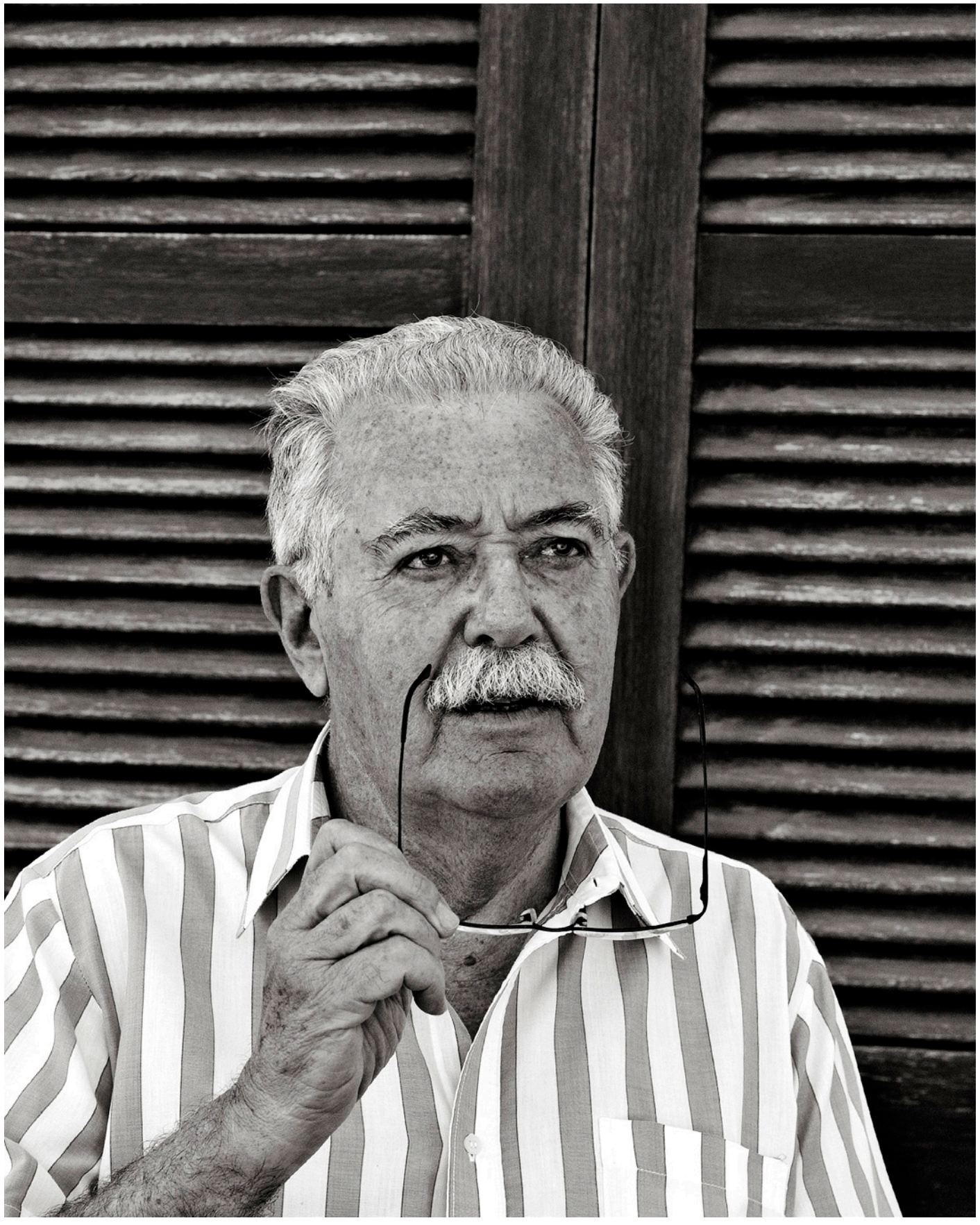
18-4-1973, Lisboa
Cientista

Mónica Bettencourt Dias

"O conhecimento científico contribui para o desenvolvimento social, económico e cultural de um país. É também imprescindível à compreensão do mundo que nos rodeia e nele assentam uma parte significativa das nossas decisões do dia a dia. O estudo da formação e regulação das células, unidade básica da vida e área em que trabalho, tem contribuído de inúmeras formas para a melhoria da nossa qualidade de vida ao longo dos últimos séculos: por exemplo, mostrando que as infecções não surgem do nada (ou demónios) mas da transmissão de micróbios, também eles em geral constituídos por células; ou que o cancro é uma doença onde há alteração de células já existentes no nosso corpo, levando à sua multiplicação descontrolada. Houve sempre em Portugal, curiosos e académicos interessados no estudo das células. Foi no entanto apenas no fim do séc. XX e princípio do séc. XXI, com a expansão do financiamento da investigação científica em Portugal e avaliação internacional desta, que esta área se expandiu, permitindo o recrutamento de vários jovens cientistas e o início da criação de uma massa crítica, tão fundamental ao progresso da ciência. Esta aposta na ciência, a longo prazo, é essencial para fomentar descobertas fundamentais, e também a sua aplicação à medicina e indústria."

Carlos Cruz Oliveira

27-6-1932, Lisboa
Militar Reformado e Médico



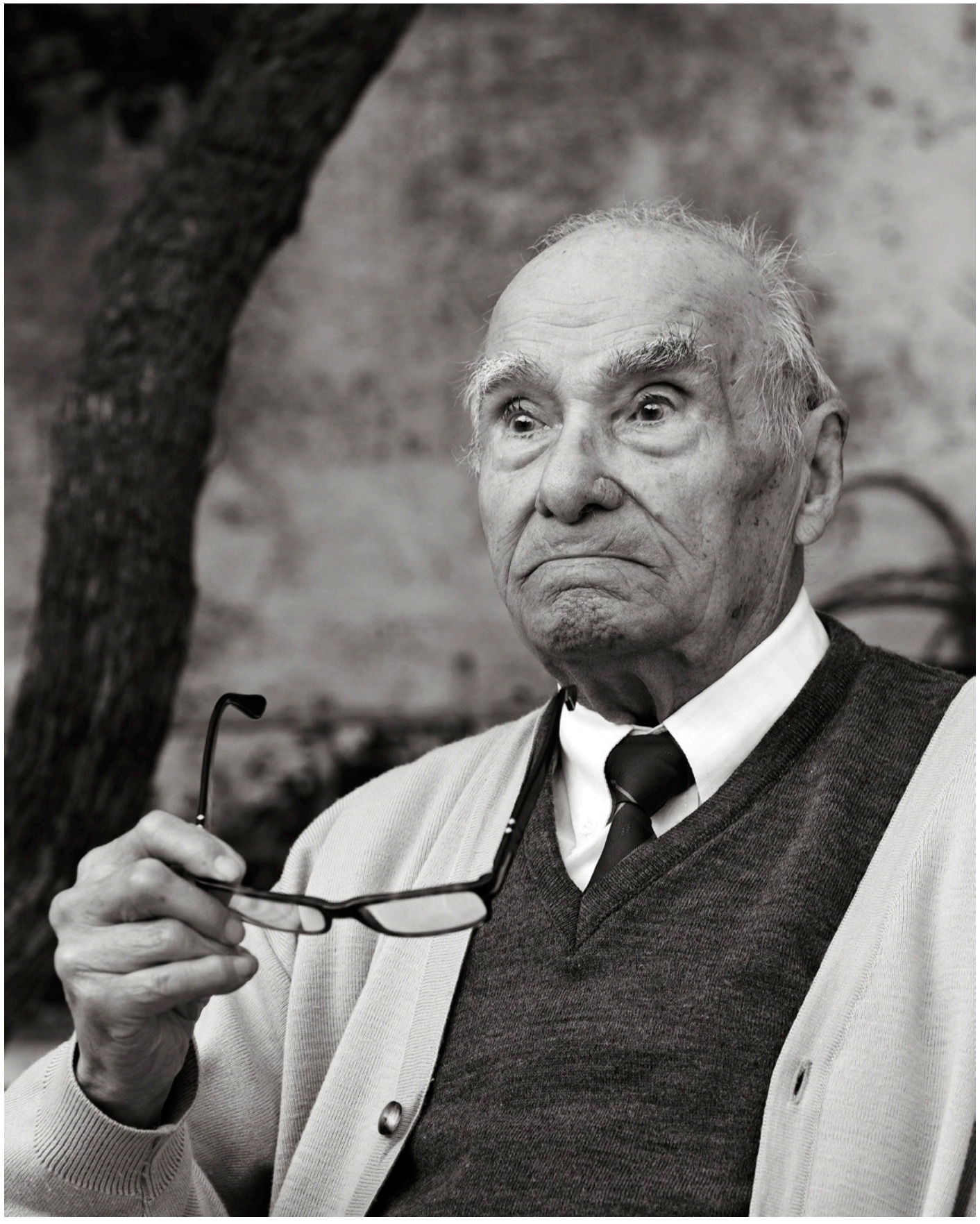
8-11-1918, Samouco

Correspondente de Línguas
Militante Político

Edmundo Pedro

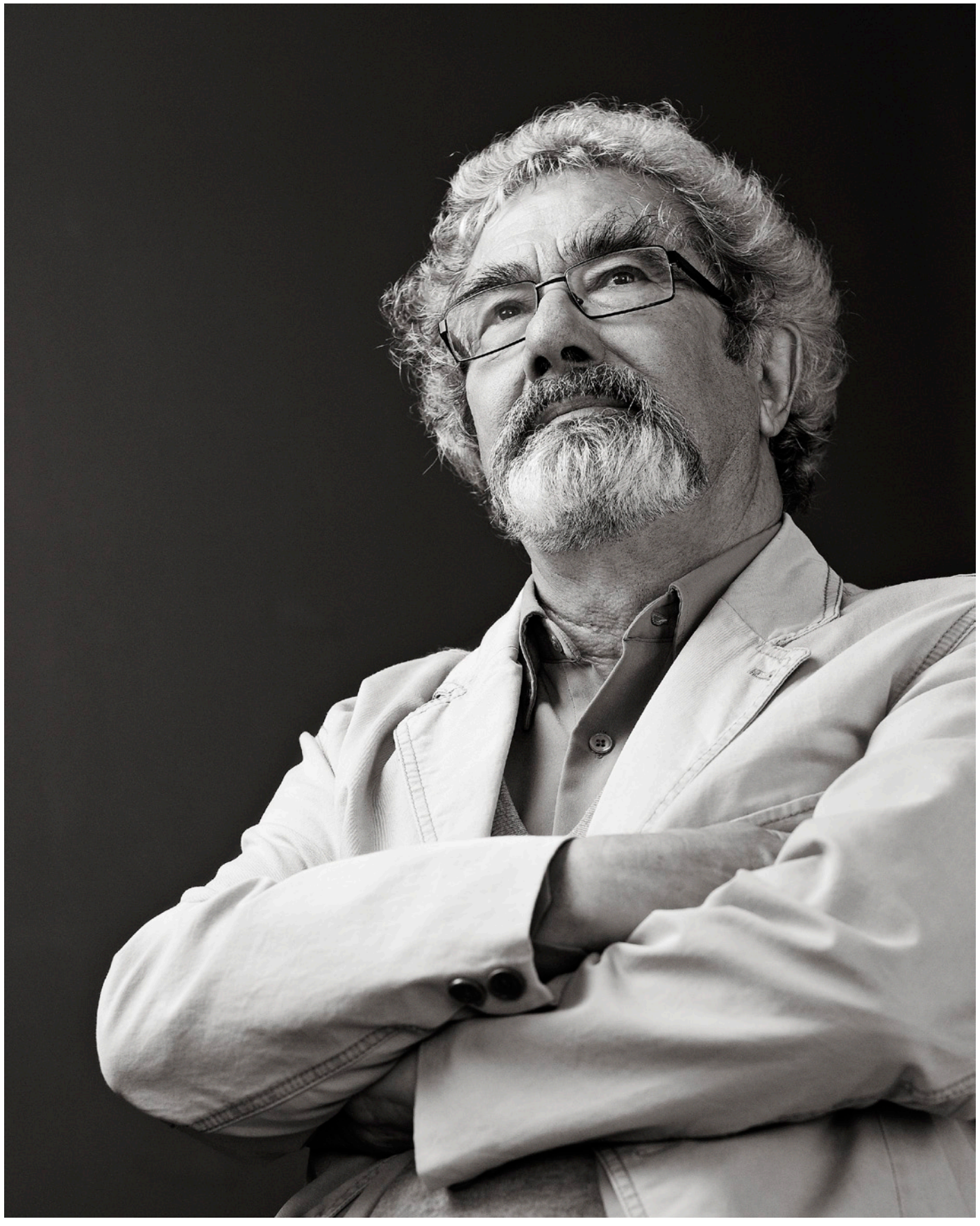
Joaquim Marrão

9-4-1916, Ericeira
Operário arsenalista
Militar (Primeiro sargento reformado)



11-1-1939, Tondela
Arqueólogo

Cláudio Torres



Cristina Branquinho

24-7-1967, Lisboa
Cientista

Poema da minha natureza

Crescem as flores no seu dever biológico,
e as cores que patenteiam, por sua natureza,
só podem ser aquelas, e não outras.
Vermelhas, amarelas, cor de fogo,
lilazes, carmezins, azuis, violetas,
assim, é só assim,
tudo conforme a sua natureza.
Ásperas são as folhas, macias, recortadas
ou não, tudo conforme;
e o aprumo como tal,
ou rasteiras, ou leves, ou pesadas,
tudo no seu dever,
por sua natureza.

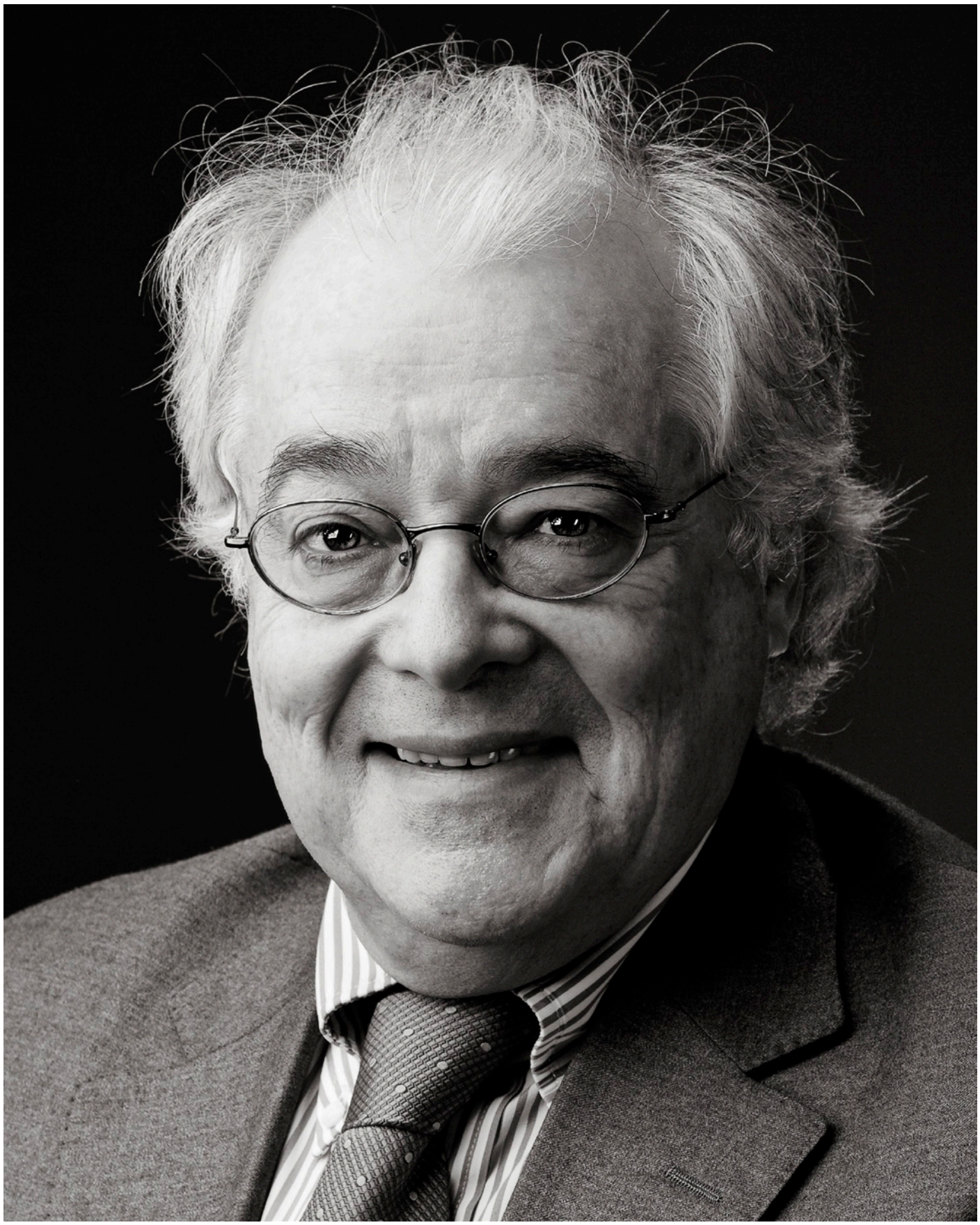
É como os animais.
Em cada qual, por sua natureza,
todo o dever se cumpre.
Comem, dejectam, dormem,
fazem amor nas horas competentes,
lutam, caçam, agridem,
rosnam à Lua, trinam, assobiam,
escondem-se, espreitam, fogem, amarinham,
dançam, mudam de pele, agacham-se, disfarçam-se,
tudo conforme a sua natureza.

Assim eu penso, e amo, e sofro, e vou andando.
Tudo conforme a minha natureza.

António Gedeão in "Poemas Escolhidos"

22-8-1945, Lisboa
Cientista

João Caraça



"A tarefa mais importante que temos entre mão é a de incutir nos mais novos o prazer de descobrir, o gosto de aprender, o gozo de imaginar.

No caminho para o futuro a ciência é uma arma fundamental, ao estimular e despertar uma atitude de constante abertura em relação aos outros nossos semelhantes e ao mundo."

Cristina Caldas

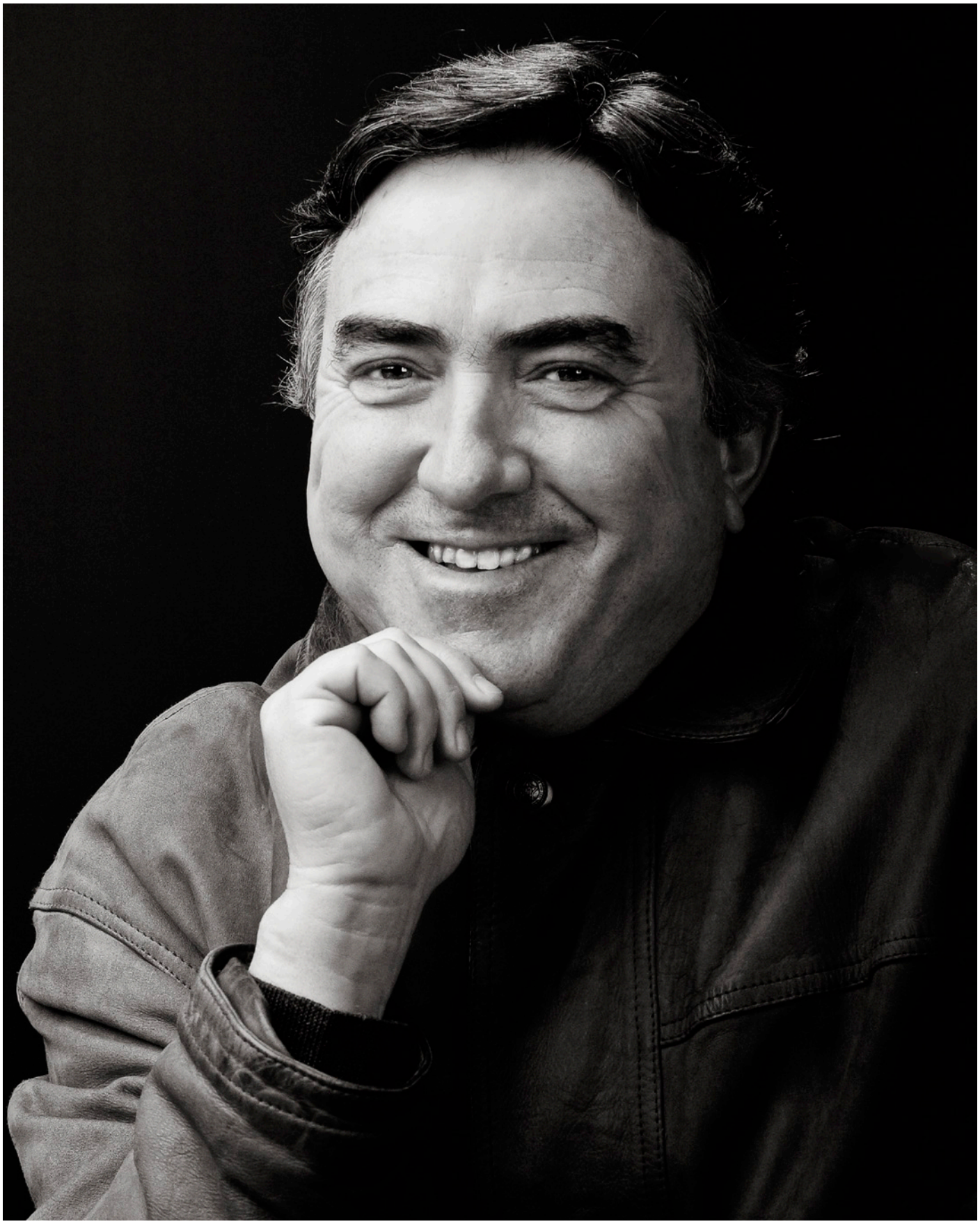
18-9-1970, Baixa da Banheira, Moita
Engenheira Civil

21-5-1924, Alverca da Beira, Pinhel
Engenheiro Especialista em Hidráulica

Armando Lencastre

Jorge Oliveira

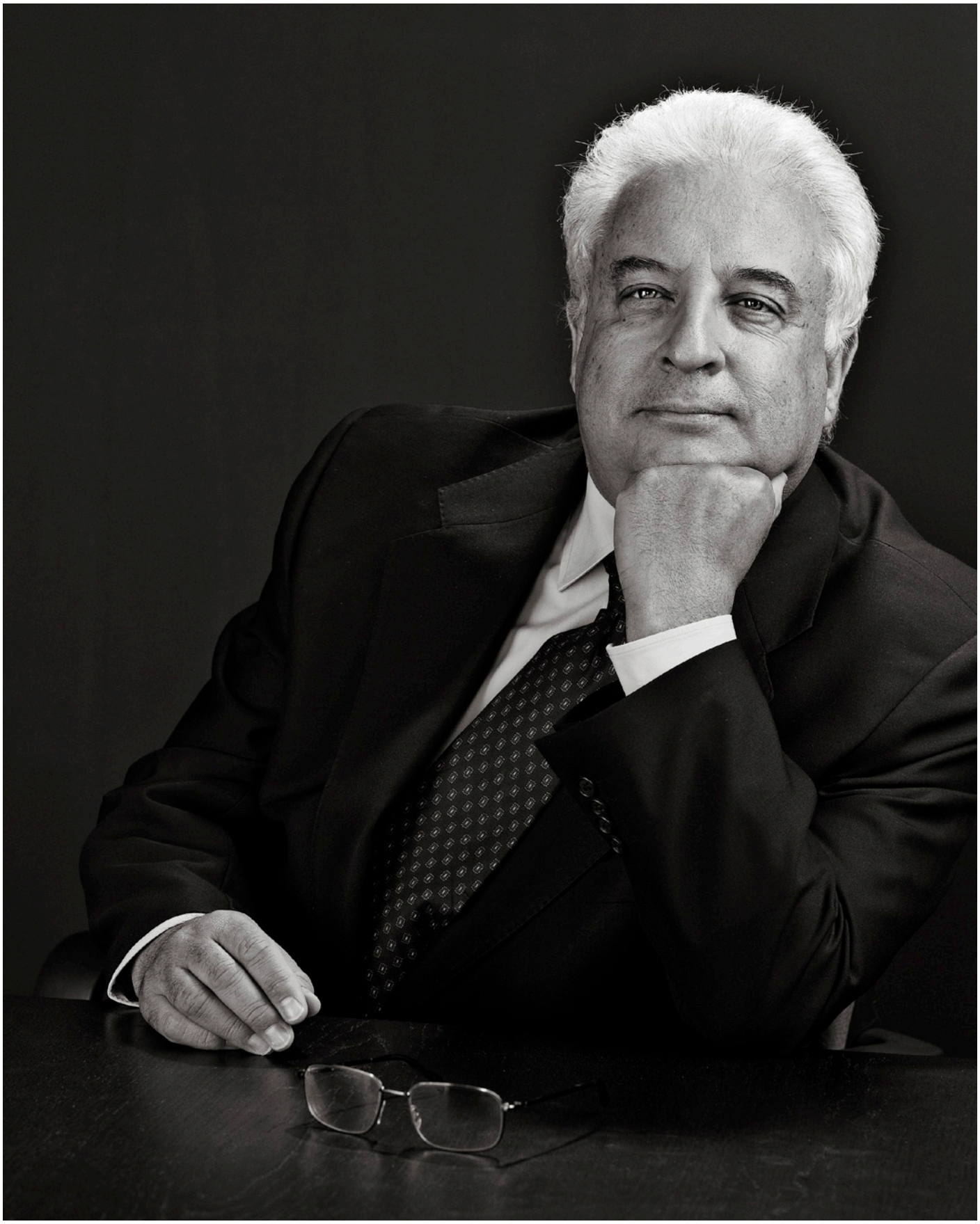
24-2-1955, Vila Pouca de Aguiar
Engenheiro Civil



20-12-1949, Praia do Ribatejo, Vila Nova da Barquinha

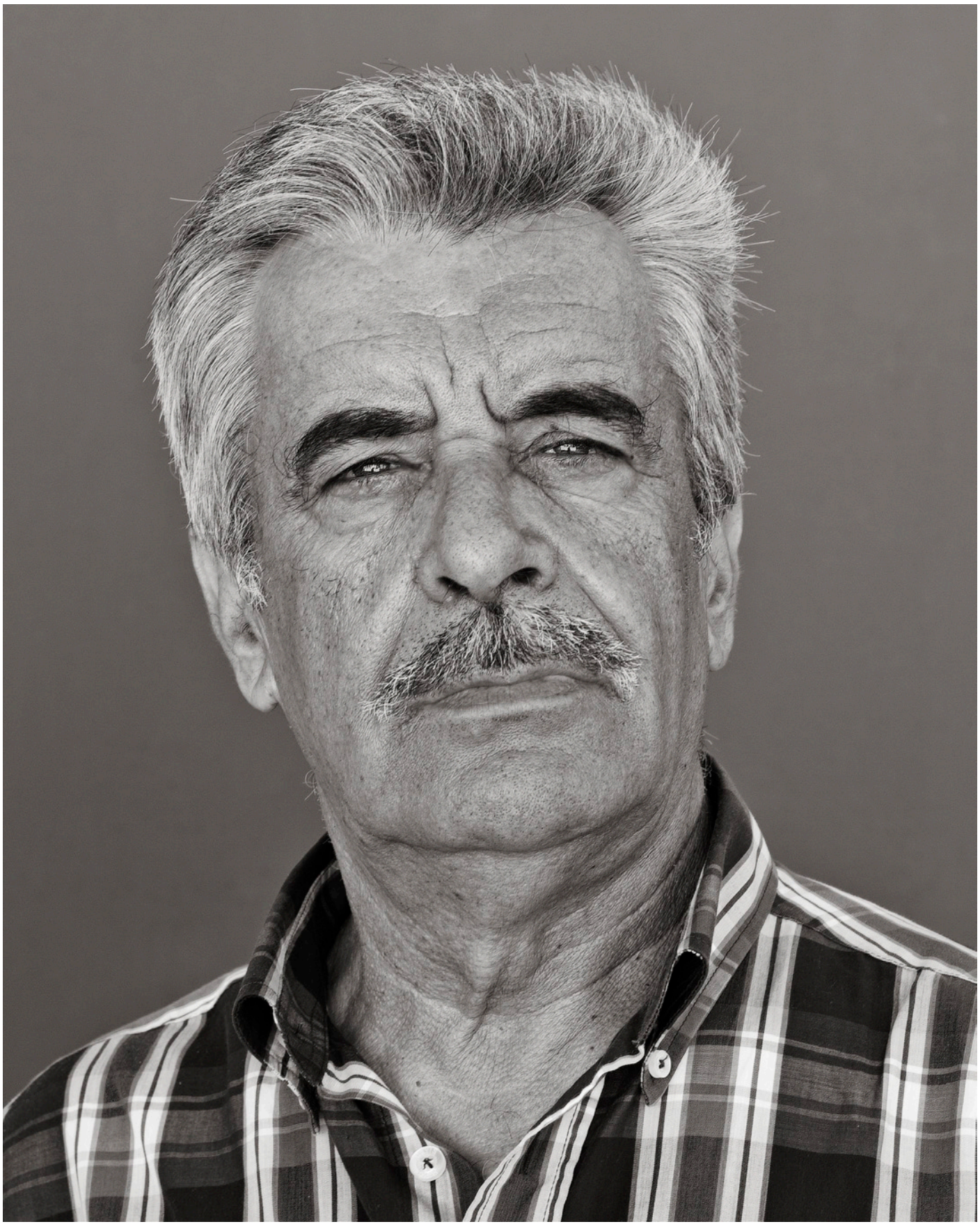
Professor Catedrático

José Tribolet



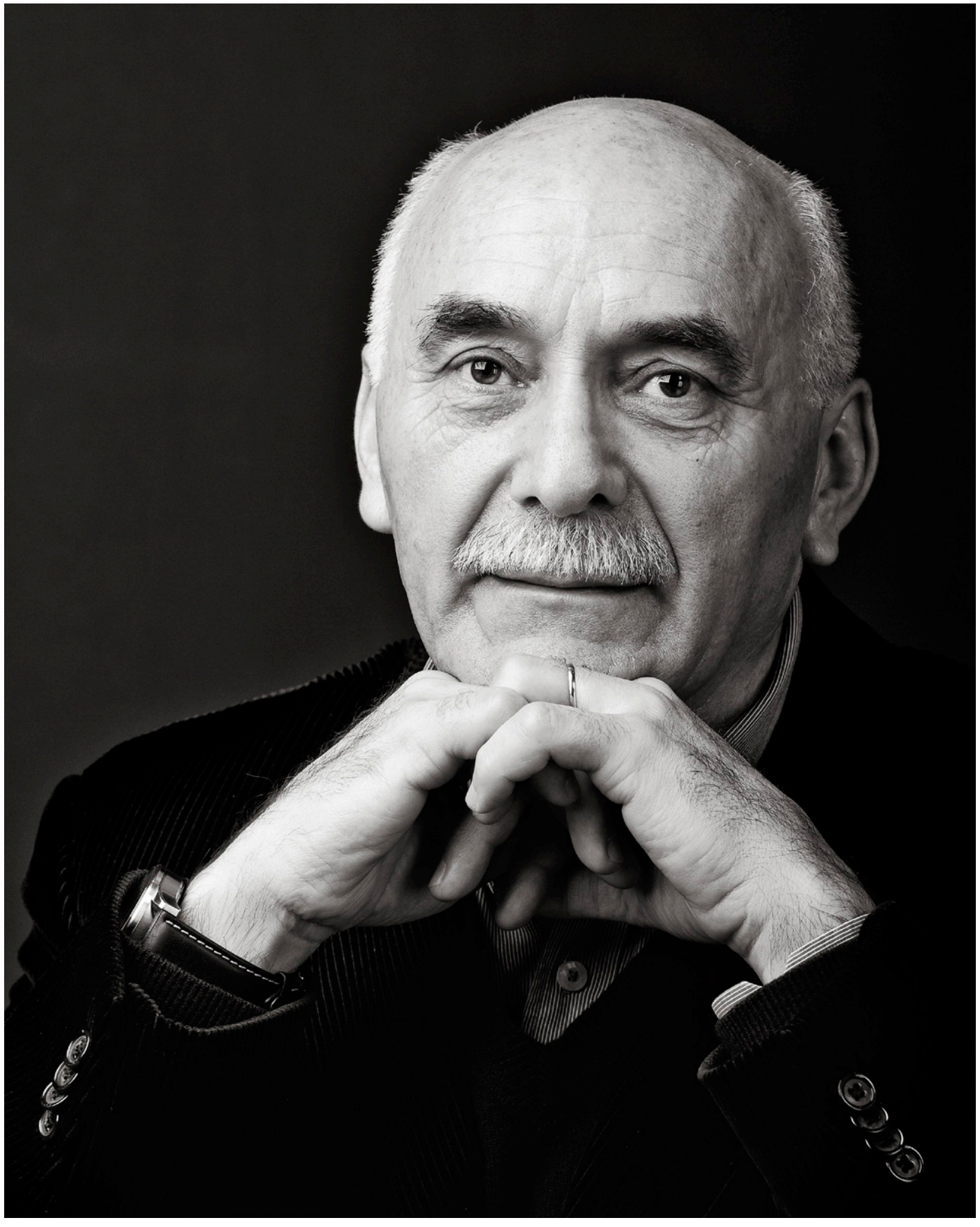
António Raposo

13-4-1947, Cercal
Engenheiro Técnico Agrário



11-7-1948, Covilhã
Especialista em Gestão Portuária

Luís Arroz



Germano Silva

13-10-1931, Penafiel
Jornalista e Historiador

25-8-1962, Sobral da Adiça, Moura, Beja

Engenheiro Civil

António Carlota

Jorge Vilela

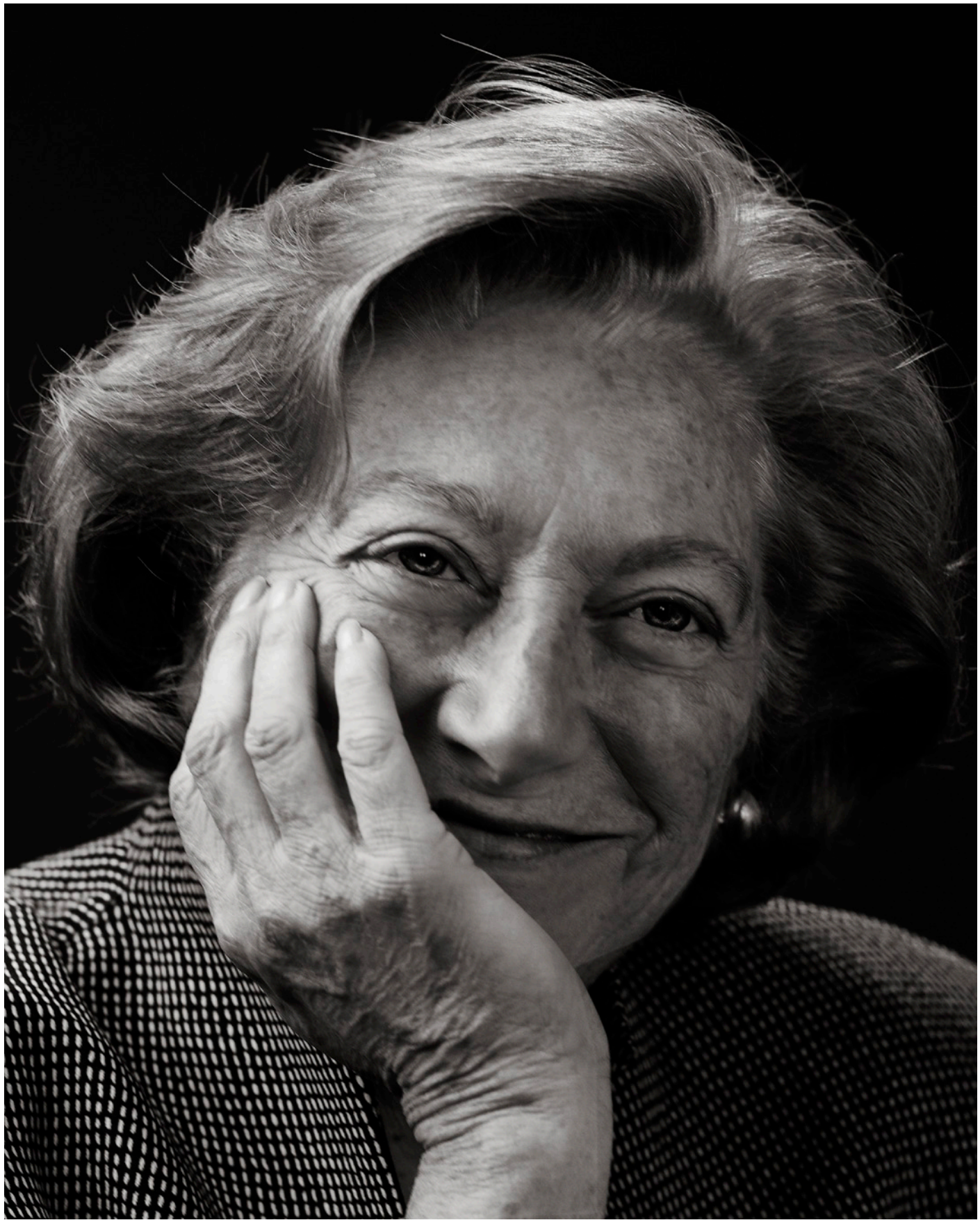
6-6-1960, Idanha-a-Nova
Engenheiro Civil

16-1-1946, Bailundo, Angola
Engenheiro Técnico Agrário

Artur Ricardo Torres

Maria Emília Brederode

21-3-1942, Lisboa
Especialista em Educação



8-1-1946, Angra do Heroísmo, Açores
Especialista em Educação

Ana Maria Dias Bettencourt

“A democracia permitiu a realização de progressos significativos no acesso à educação, mas existem ainda desigualdades profundas nos percursos educativos das crianças e jovens. Temos, por outro lado, uma dívida da Democracia para com os cidadãos que abandonaram precocemente a escola.

A melhoria da escola e o reforço da educação ao longo da vida são essenciais. A educação deve ser assumida, por todos, como um bem precioso, nesta sociedade de incerteza que é a nossa.

A Educação é uma condição decisiva para a realização das pessoas, para o Desenvolvimento e para que cada cidadão possa usufruir da Liberdade.”

Alberto de Castro

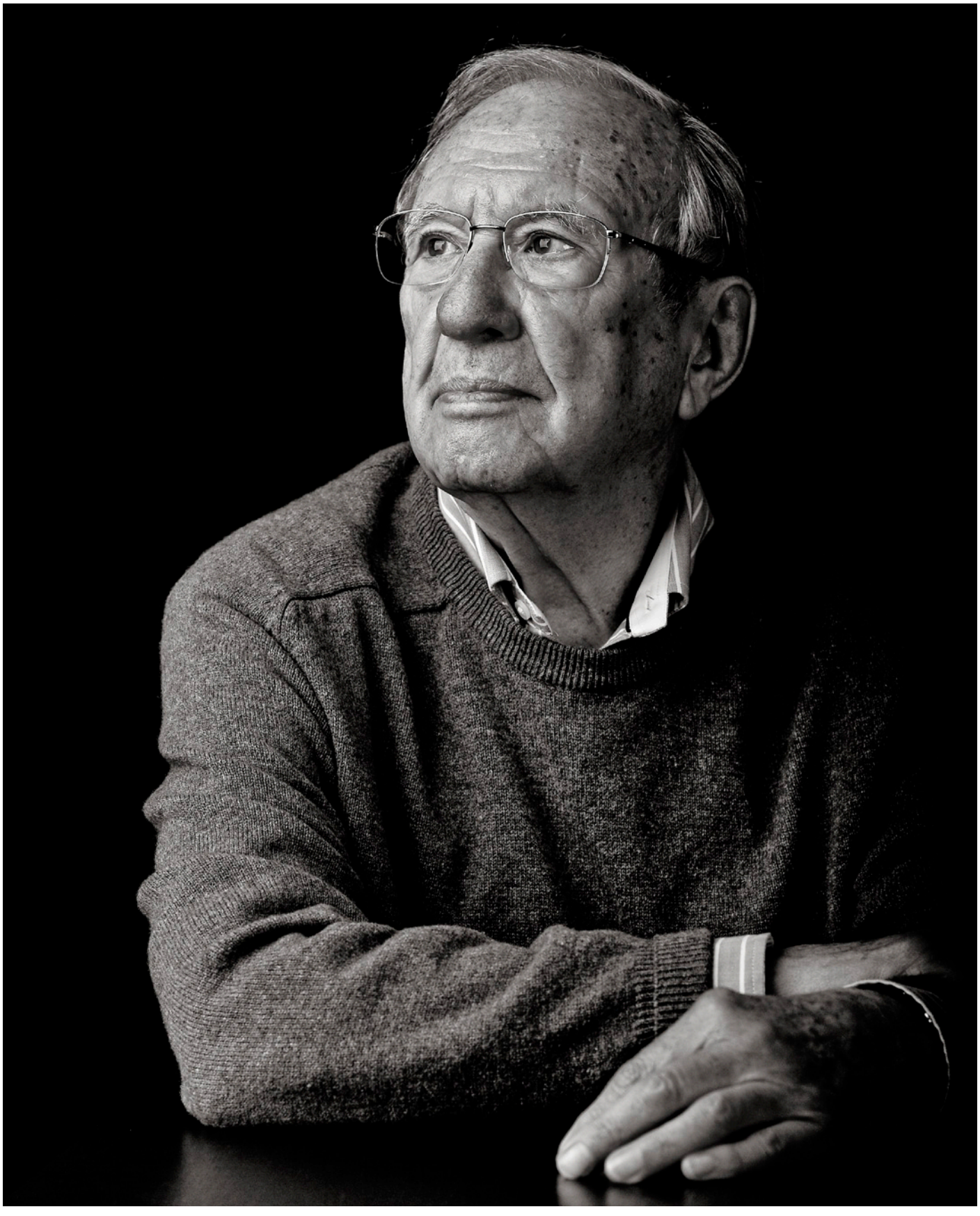
15-6-1952, Braga

Professor Catedrático de Economia

10-9-1924, Lisboa

Professor Universitário, Jurista, Dramaturgo e Teatrólogo

Luiz Francisco Rebello



"Ainda eu não tinha completado três anos de existência quando a censura dos espectáculos foi instituída por uma lei que mandava (textualmente) "fiscalizar e reprimir a actividade teatral". E durante quase meio século se me foi dado ver (e escrever) as peças que a censura me deixou que visse (e escrevesse), ou como ela entendia que deviam ser vistas (e escritas). Dessa ignomínia me (nos) libertou o 25 de Abril, que, restituindo-nos a liberdade, nos restituiu a República sob a qual nasci e com a qual então renasci."

Eduardo Barroso

26-1-1949, Lisboa
Médico

8-9-1946, Lisboa

Médico Psiquiatra e Professor Catedrático

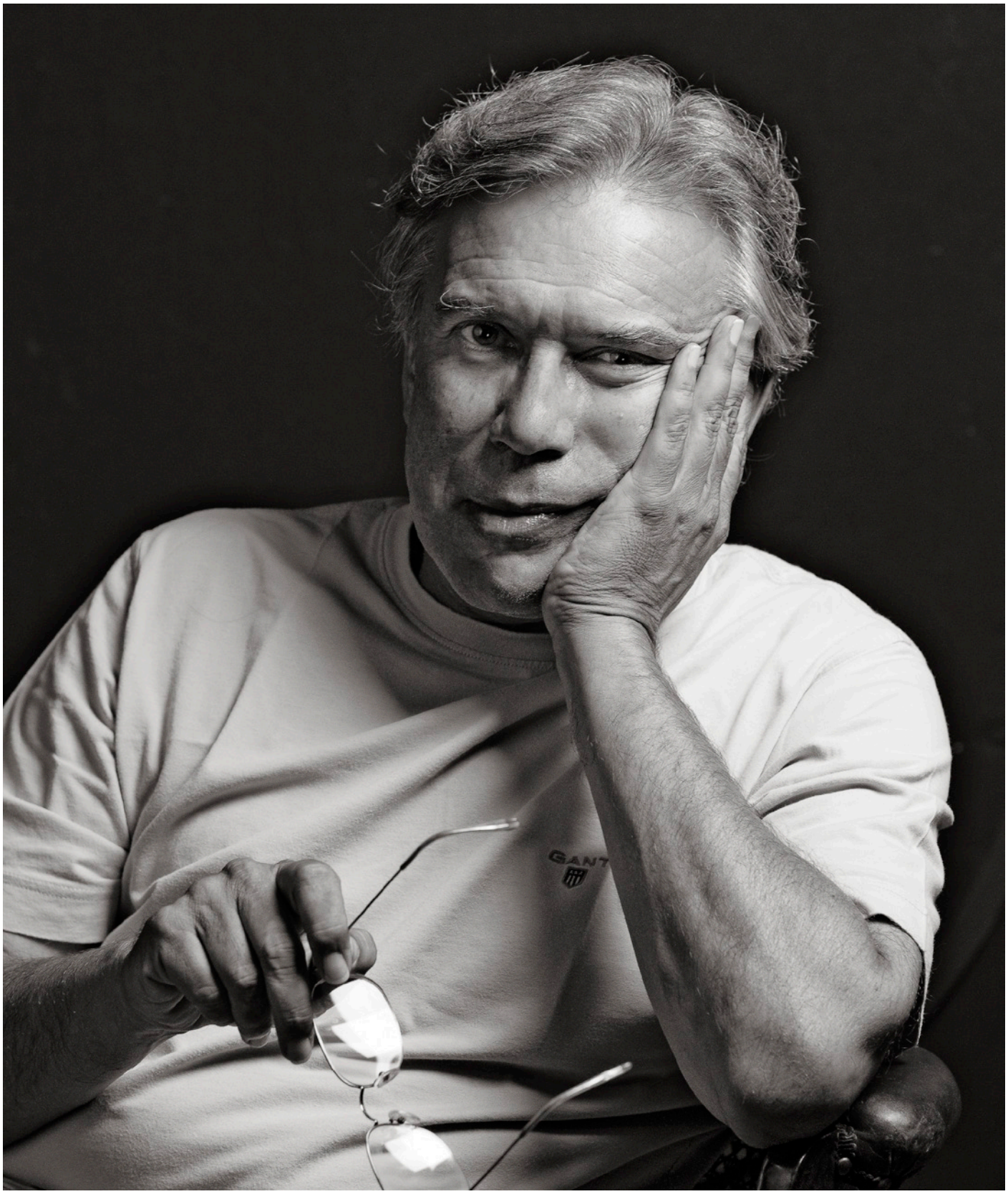
Daniel Sampaio

Pedro Nunes

17-3-1954, Lisboa
Médico

16-10-1949, Porto
Médico Psiquiatra e Professor Universitário

Júlio Machado Vaz



Duarte Caldeira

8-8-1951, Lisboa

Licenciado em Gestão
Presidente da Liga dos Bombeiros

14-11-1966, Setúbal
Ambientalista e Professor Universitário

Francisco Ferreira

"Estruturante e não conjuntural. Visionário e não imediatista. Sustentável e não depredador. Integrado e não direccionado. Economizador e não desperdiçador. Participado e não imposto. Um projecto que envolva o ambiente numa cultura republicana de futuro, tem de ser inovador e romper com os paradigmas estabelecidos, olhando para o final do século e não apenas para os próximos anos."

Guida Faria

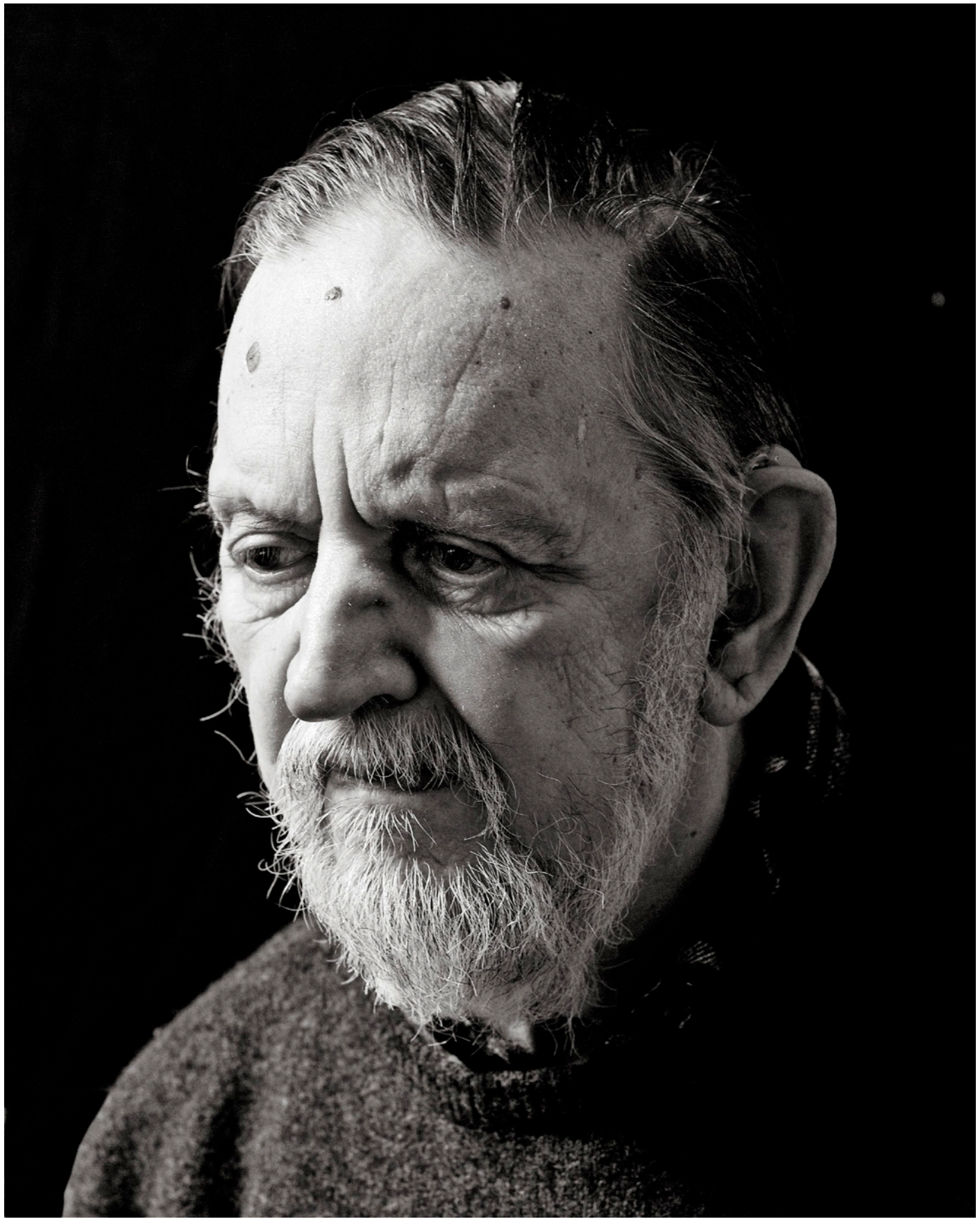
14-11-1932, Funchal
Activista de Voluntariado

25-6-1933, Matosinhos
Arquitecto

Álvaro Siza Vieira

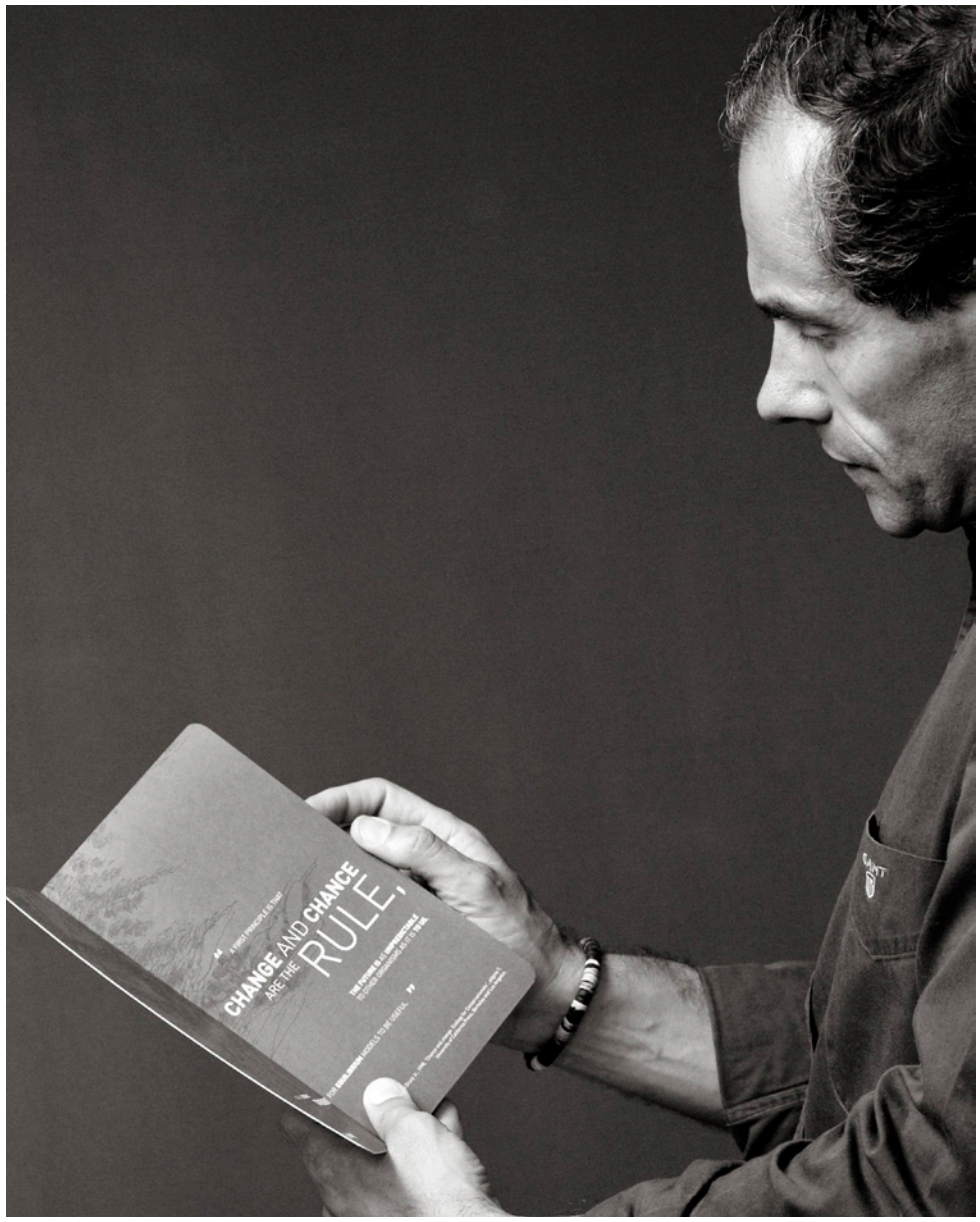
Nuno Teotónio Pereira

30-1-1922, Lisboa
Arquitecto



28-9-1962, Lisboa
Arquitecto Paisagista

Jorge Cancela



"Devo um especial agradecimento à excepcionalidade da vida, neste universo fértil de acaso e mudança.

E a mudança é com frequência repentina e catastrófica, no terramoto, no tsunami, no instante da morte e no instante da nova vida, no momento da decisão que tudo altera.

Mas, se esperarmos tempo suficiente, vemos que a mudança que nos parece inicialmente abrupta e aleatória se transforma afinal em pulsação, provavelmente evolutiva, muitas vezes cíclica, como o bater do coração, maré cheia e vazia, verão e inverno, crise e euforia, medo e coragem, pedogénese e meteorização, a vida e a vida depois da vida.

Esta pulsação será assim a resultante rítmica final de infindáveis movimentos, decorrentes da interactiva complexidade universal, aparentemente aleatórios?

Não o sei.

Mas sei que, se aqueles movimentos parecem caóticos, é porque a impressionante interacção e a maravilhosa complexidade de tudo com tudo, se por um lado nos impede de tudo compreender, outrossim nos maravilha, faz aceitar a diversidade como base da evolução, e como tal, impele a criar e a desfrutar da criação.

Se calhar, tudo muda em pulsação, e tudo muda nesse pulsar.

Então, e sem medo à mudança, a vida tem sentido assente no fluxo da energia, no ciclo da matéria e na espiral de memória."

Diz o Poeta:

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,
Muda-se o ser, muda-se a confiança:
Todo o mundo é composto de mudança,
Tomando sempre novas qualidades.
(Camões, Soneto LVII)

"O Sonho de ter asas"

Vem desde menino, o sonho de voar e o meu fascínio por aviões. Olhando a imensidão do céu, no Rio Grande do Sul onde nasci, eu seguia atentamente a trajectória dos aviões e aquele sonho ia crescendo junto comigo e ganhava forma: um dia eu vou voar bem alto!

Fosse devido a esse apelo, que desde logo em mim despertou, fosse por influência do meio familiar em que cresci e onde o avião me acompanhou desde sempre – meu pai era piloto comercial – ou antes em resultado da soma de todos esses factores, certo é que desde bem cedo acordei para essa realidade e voar foi o meu desígnio.

Por isso, ao longo da vida e na hora de fazer a minha escolha, a vontade de soltar asas falou alto e eu entrei na aviação. Juntamente com a realização desse sonho, caminhou sempre comigo nessa viagem, que é já longa, o "meu outro lado" do engenheiro / construtor, que coexiste em mim e que gosta de fazer, de lançar um projecto e seguir criando, erguendo esse projecto e caminhando até chegar ao objectivo.

Essa tem sido a linha que tenho percorrido em minha vida e que me tem norteado pelos céus do Mundo.

Viajar: ganhar asas e voar! Lugares de partida e de chegada, do feliz encontro de povos e culturas diferentes, feito da troca de experiências, do desafio, da mudança, da novidade e do enriquecimento pessoal e profissional que essa vivência nos dá e da alegria que nos proporciona.

Alegria essa, que é, talvez, indefinível em palavras, mas tangível e bem concreta no plano das emoções, dos sentimentos, e da nossa estreita ligação com os outros no Mundo, que é vasto, mas que, graças ao avião - e ao céu que não tem limites – fica hoje tão próximo e ao alcance de cada um de nós.

É essa a magia que a aviação carrega no seu código genético: ligar, estabelecer pontes, numa palavra, conectar-nos e aproximar-nos. Esta é, sem dúvida, uma indústria predominantemente de paz, do relacionamento entre pessoas, ao serviço do turismo e dos negócios.

Por isso, voar foi para mim uma escolha e uma paixão e continua sendo a concretização de um sonho, partilhado, aliás, com muitos: ganhar asas e vencer os limites que a nossa condição humana nos impõe, voando, voando sempre. Voando cada vez mais alto!

12-6-1949, Porto Alegre, Brasil
Gestor

Fernando Pinto

Fernanda Meneses

28-1-1941, Moimenta, Cinfães
Gestora

Rui Morgado

6-5-1960, Ilha de Moçambique, Moçambique

Engenheiro Técnico de Electrotecnia,
Licenciado em Estatística, Economia e Gestão
de Informação
Empresário

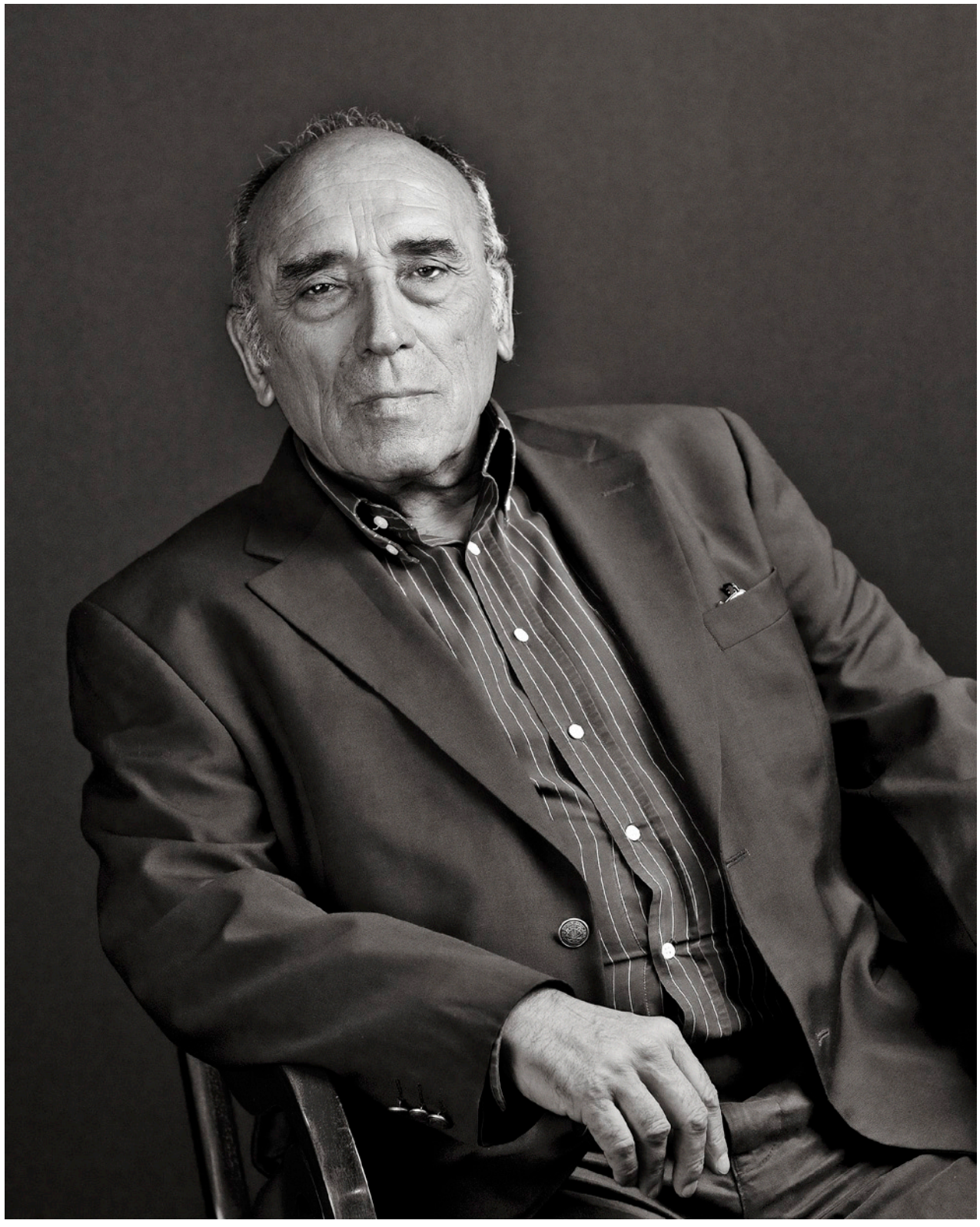
Carlos Martins

19-1-1956, Lisboa

Engenheiro Civil
Professor Universitário e Gestor

16-4-1942, Lisboa
Jornalista

João Paulo Guerra



Reviva a República:

A República não pode ser menos que aquilo que deve ser:
Liberdade. Igualdade. Dignidade. Justiça.
Democracia, direitos, cidadania, soberania do povo.
Coisa e causa pública. Coesão e república bem geral.
Ideias, cultura, educação.
Menos que isto não é República ou é mesmo republicídio.
Reviva a República! Viva!

Cândida Pinto

21-2-1963, Torres Vedras
Jornalista

25-6-1951, Porto
Jornalista e Escritor

Miguel Sousa Tavares

Diana Andringa

21-8-1947, Dundo, Lunda Norte, Angola

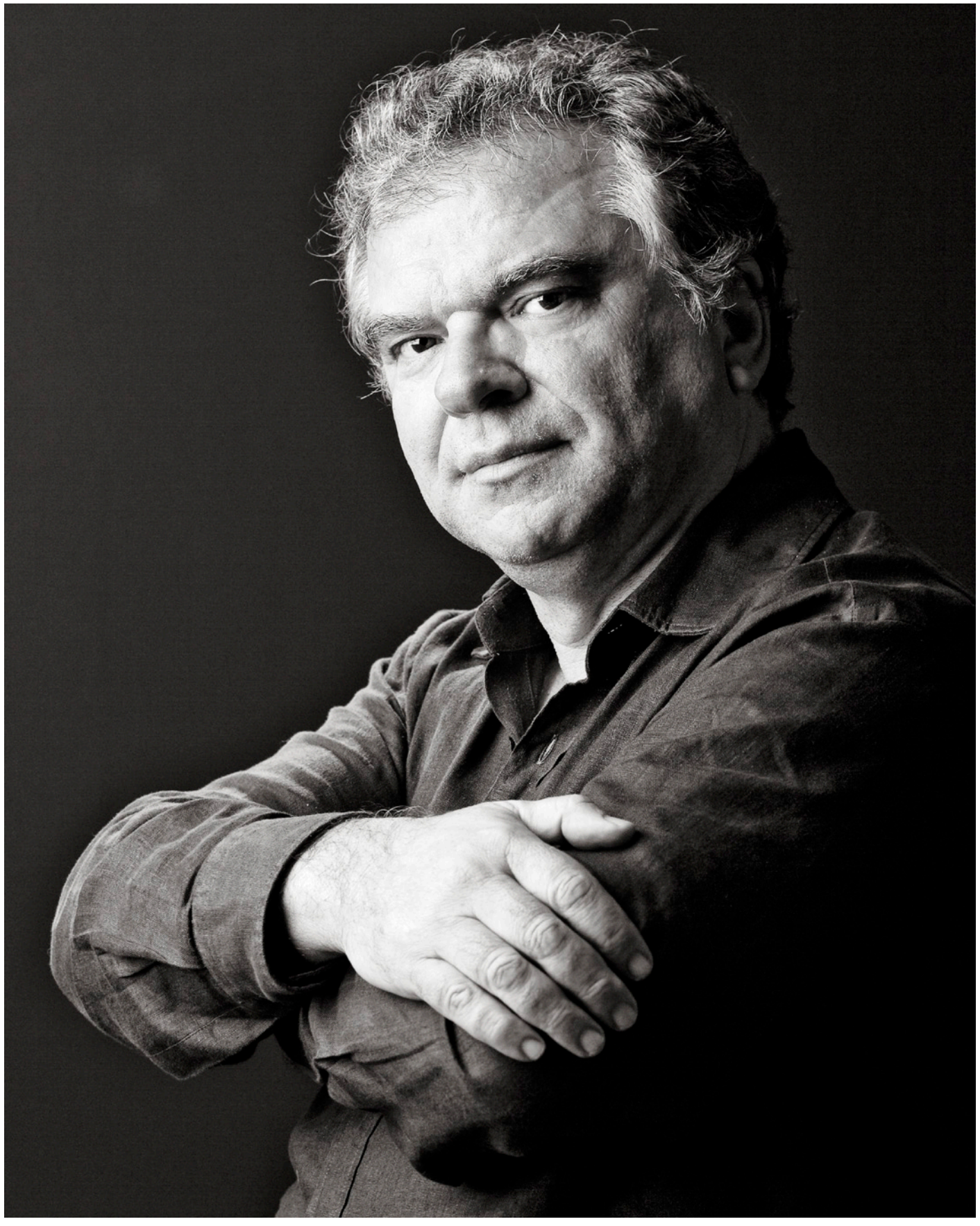
Jornalista

26-8-1964, Lisboa
Jornalista

Maria Flor Pedroso

Francisco Sena Santos

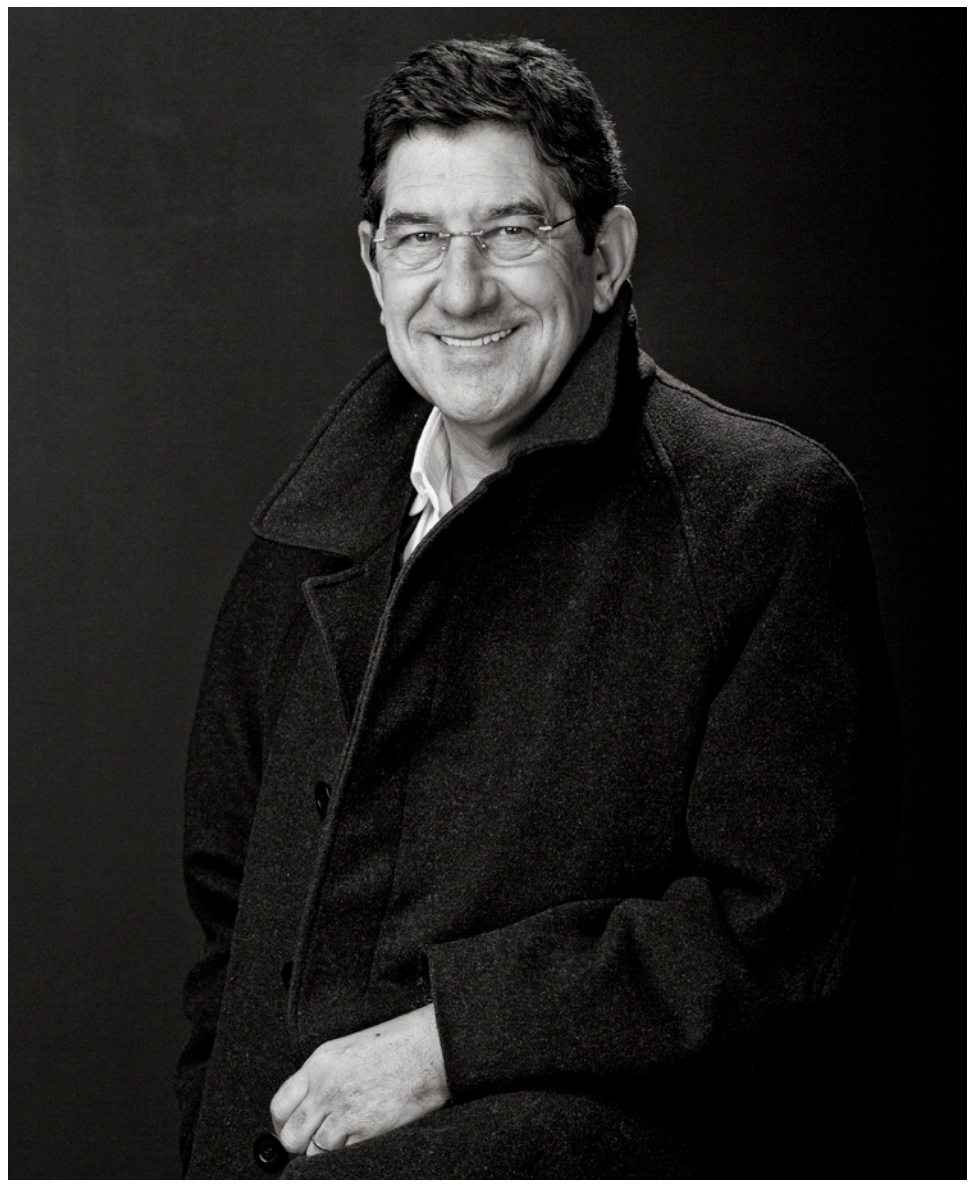
10-7-1954, Lisboa
Jornalista



“Estar, sentir, ver, ouvir, pensar e compartilhar. Com desejo e esforço para ser uma voz capaz de contar bem e trazer claridade.”

4-9-1955, Vinhais
Jornalista

Carlos Magno



"Nasci na ditadura e fiz a escola primária a ouvir dizer que Portugal se tinha perdido no cinco de Outubro. Sempre desconfiei de professores que insistiam no discurso da desordem e, por isso, durante o liceu, fixei-me no busto da República. O meu sonho adolescente era que aquela senhora decotada e de bandeira em punho fosse a nossa professora de filosofia. Mas Salazar estava sempre presente na sala de aula como um rei sem coroa e eu comecei a tirar os olhos da parede.

A primeira vez que vi uma fotografia dos revolucionários da rotunda tive vontade de ser jornalista. Apetecia-me entrevistar aqueles paisanos para perceber o seu gesto heróico mas só no 25 de Abril de 74 percebi o que era, de facto, ser repórter da História. A Revolução de Abril apanhou-me no primeiro ano da faculdade e foi pelas leituras de Marx que cheguei a Lenine. O líder da revolução bolchevique tinha um ácido humor soviético e foi, por isso, com espanto (mas não sem ironia) que descobri numa biografia trotskista o seu comentário sem escrúpulos ao assassinato do Rei Português: "Foi um acidente de trabalho! Os monarcas europeus devem estar todos preparados para acidentes profissionais como este!". Lenine terá dito isto no seu exílio na Suíça quando lhe deram a notícia da morte de D. Carlos bastantes meses depois de o regicídio ter ocorrido em Lisboa.

Imagino o calafrio que tal declaração terá provocado na aristocracia europeia daquela época e por isso permitam-me que deixe neste livro do meu Amigo Veríssimo Dias a frase que melhor resume a nossa República.

Foi escrita por José Relvas. Não num diário íntimo, nem na célebre proclamação que leu na varanda da Câmara de Lisboa. É uma nota breve. Um simples registo que só quem visita a sua Casa dos Patudos em Alpiarça pode ler. Trata-se de uma despesa registada no livro de contabilidade da sua empresa agrícola onde José Relvas no dia 5 de Outubro de 1910 anotou o preço de um bilhete de comboio. Com esta justificação que talvez as finanças reais não autorizassem: "um bilhete de comboio para ir a Lisboa fazer a República."

Teresa de Sousa

6-8-1951, Lisboa
Jornalista

15-3-1950, Sevilha
Jornalista

Pilar del Río

Saramago e a República

Saramago habitava a República com a mesma naturalidade com que habitava Portugal. A terra e o sistema político eram o seu país, o lugar onde crescia dia a dia e dia a dia o fazia crescer, usando esse instrumento maravilhoso a que chamamos razão e que deve servir, dizia ele, para fazer desta esquina e de todas as esquinas do mundo um lugar partilhado e habitável, partindo da singularidade de cada idioma, das características de cada cultura e com a carga, tantas vezes pesada, das heranças recebidas. Aí, como se o enunciado, idioma, cultura, história, fossem uma tela ou uma partitura, ou um campo que precisa de ser cultivado, havia que desenvolver, dizia Saramago, o pensamento, o respeito, a humanidade que merece o planeta Terra, mais belo ele do que aquele em que o tornámos à base de cobiça e de maldade. Repetia Saramago milhares de vezes que era direito e obrigação das pessoas viverem com consciência delas mesmas e dos outros, seres semelhantes com direito a dizer eu e a fazer-se ouvir, porque ninguém nasceu para ser mera estatística ou ser silenciado.

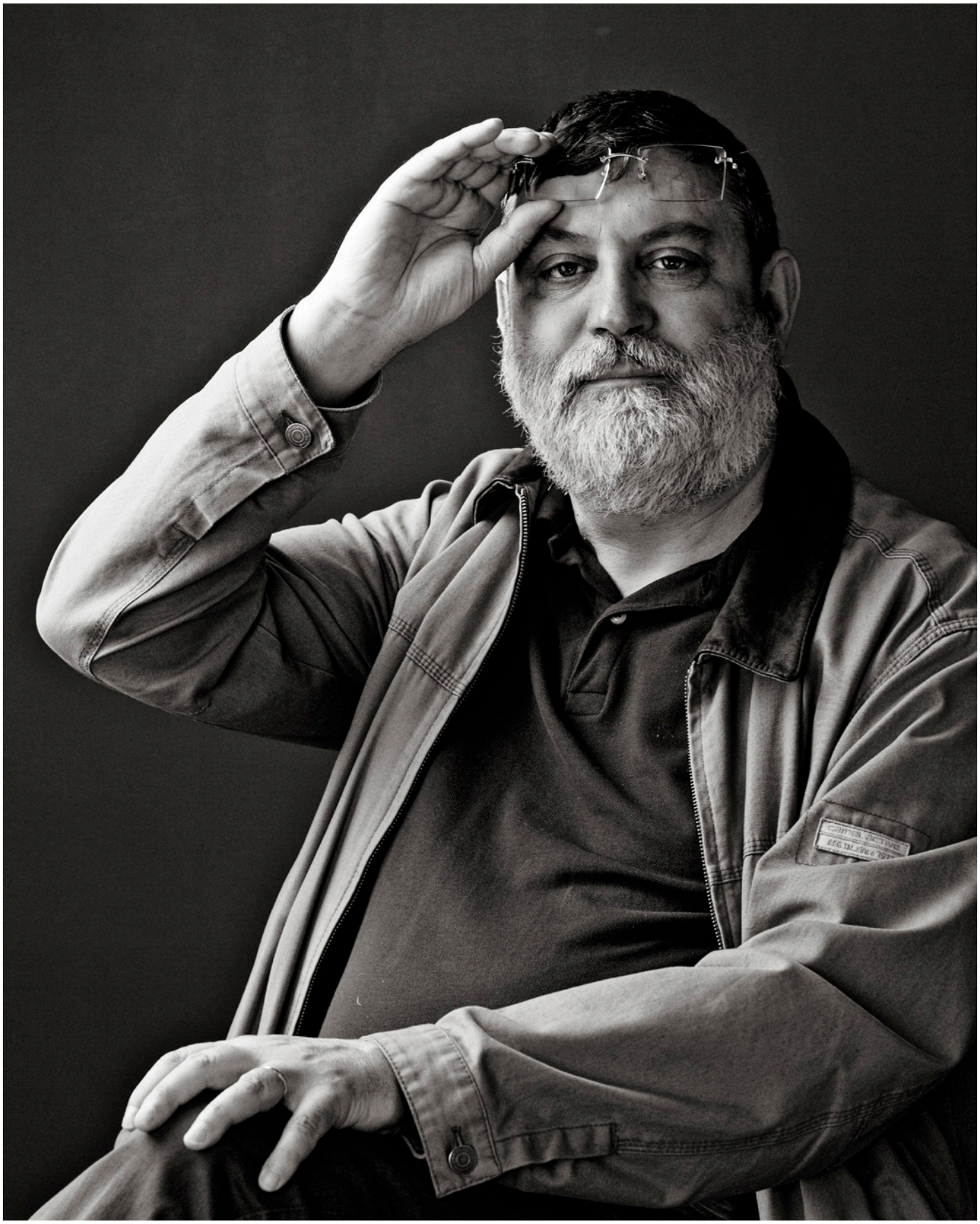
Em Portugal, que é República e já centenária, Saramago construiu-se porque encontrou os elementos necessários. Alguém disse um dia, no Brasil, que Portugal está cada vez mais parecido com Saramago e essa afirmação deixou perplexos a assistência e o escritor. Oxalá tivessem razão: Saramago não abdicou nunca da sua condição de português, de ser humano com todos os direitos e deveres, com inteligência para perguntar, com capacidade para dizer não, com alegria para partilhar o que o esforço do trabalho nos vai dando, de maneiras diferentes a uns e outros. O importante é chegar à noite e saber que não passámos em vão por esta vida que deveria ser harmoniosa para todos.

Saramago rasou a celebração do centenário da República. A República celebra agora Saramago porque ela, sim, está viva, ela, que sem possuir a condição da imortalidade, conceito estranho aos humanos, tem a capacidade para distinguir os seus cidadãos, abrir portas, pintar nas paredes imaginárias de sua casa, que é o país, os nomes mais belos, as dedicatórias mais generosas.

Nesse mosaico multicor estarão os nomes imprescindíveis, o de José Saramago entre eles, filho da República, laico e humano, transmissor do Iluminismo, homem que soube colocar o ser humano no centro das coisas, que nunca baixou a cabeça, que partilhou a sua dignidade com todo um povo. Bendito seja.

José Milhazes

2-10-1958, Póvoa de Varzim
Jornalista

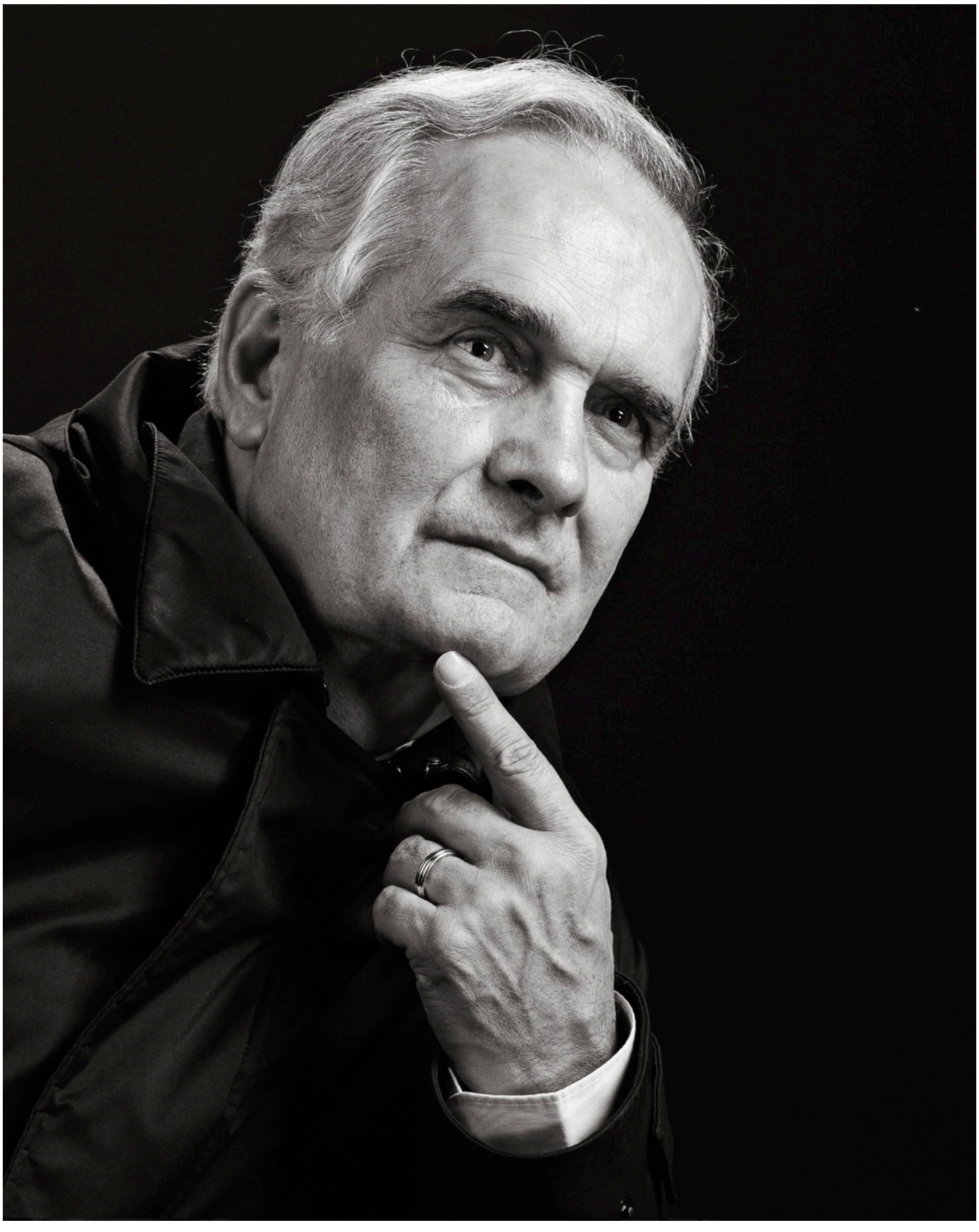


7-5-1966, Maputo
Jornalista

Eduarda Maio

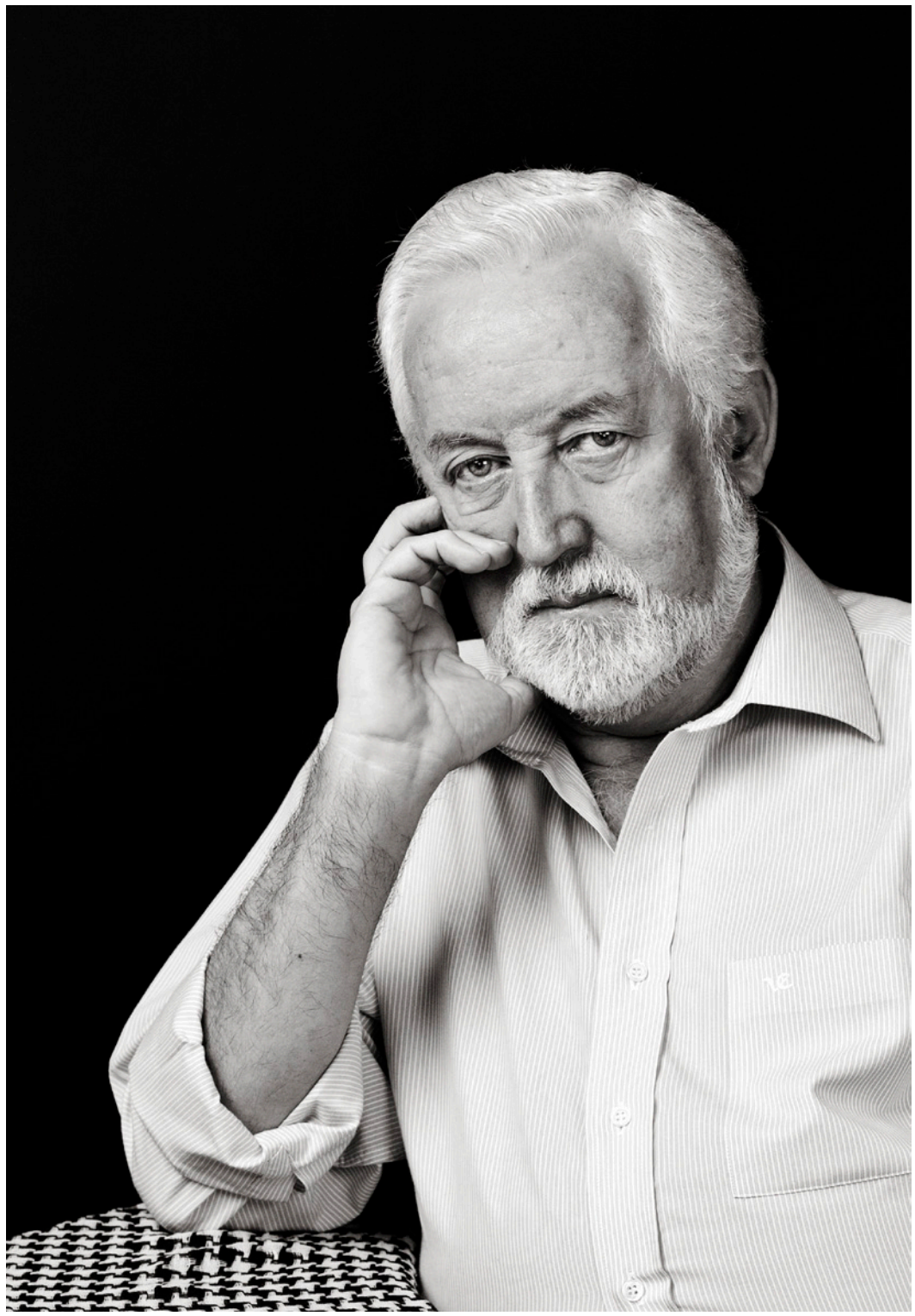
Emídio Rangel

21-9-1947, Lubango, Angola
Jornalista



10-9-1940, Freamunde
Jornalista, Advogado e Poeta

José Carlos de Vasconcelos

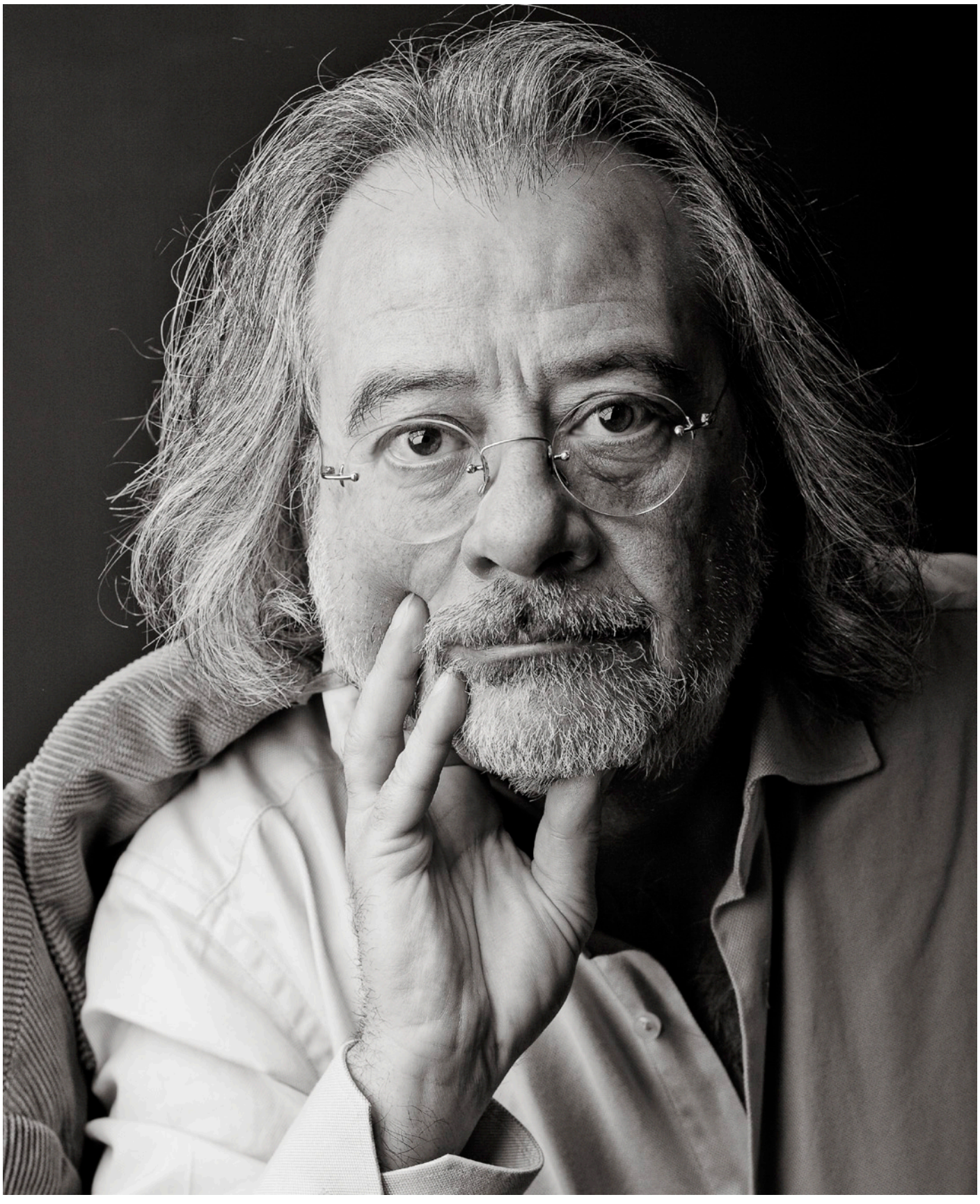


Rosto

Dia a dia me consumo,
dia a dia me desgasto,
minha vida é fogo posto.
E o que nem fica de fumo,
o que nem fica de rasto
— esse é o meu rosto.

António Macedo

4-11-1950, Lisboa
Jornalista e Animador de Rádio



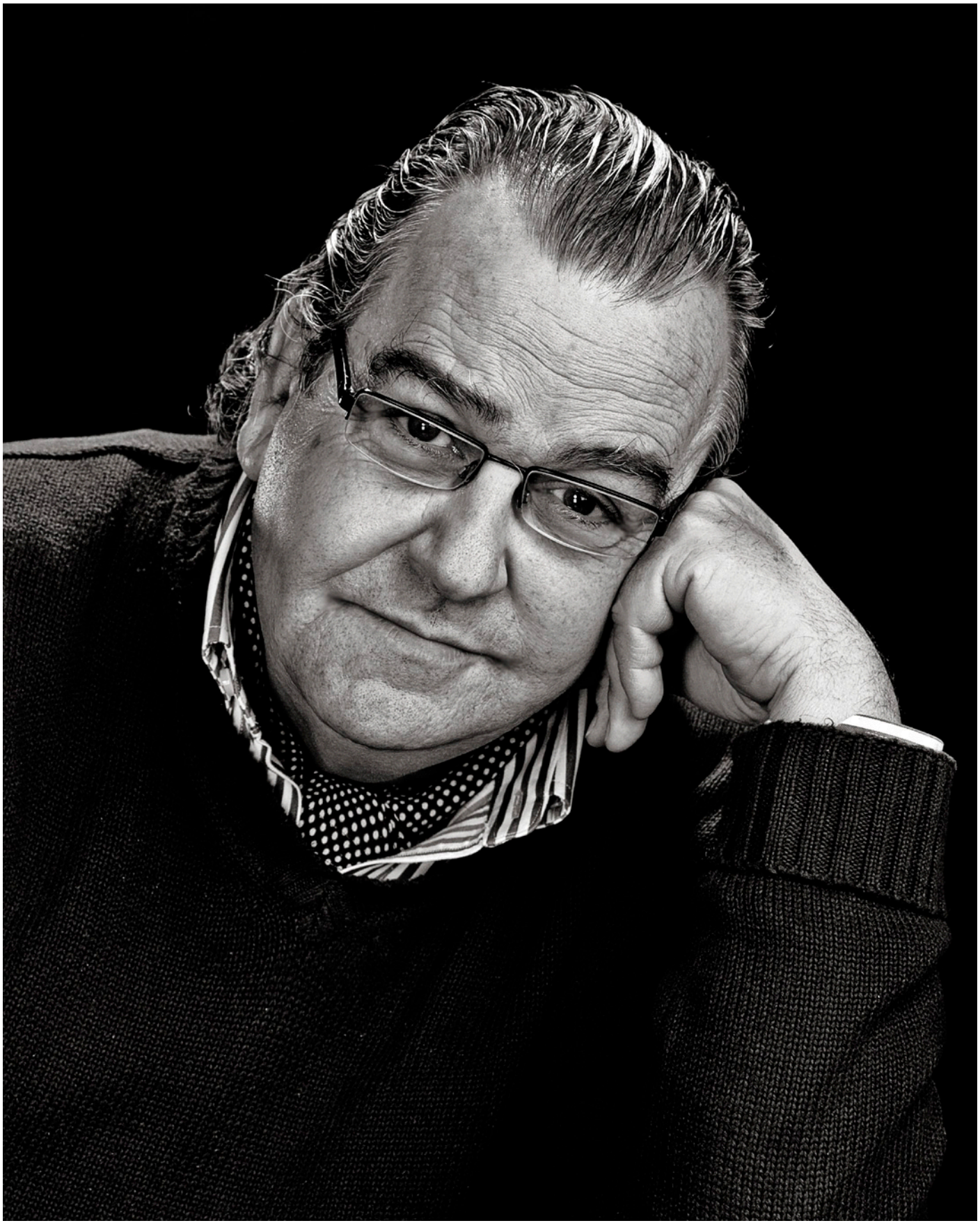
3-8-1956, Lisboa
Jornalista

Ana Sousa Dias

Armando Carvalheda

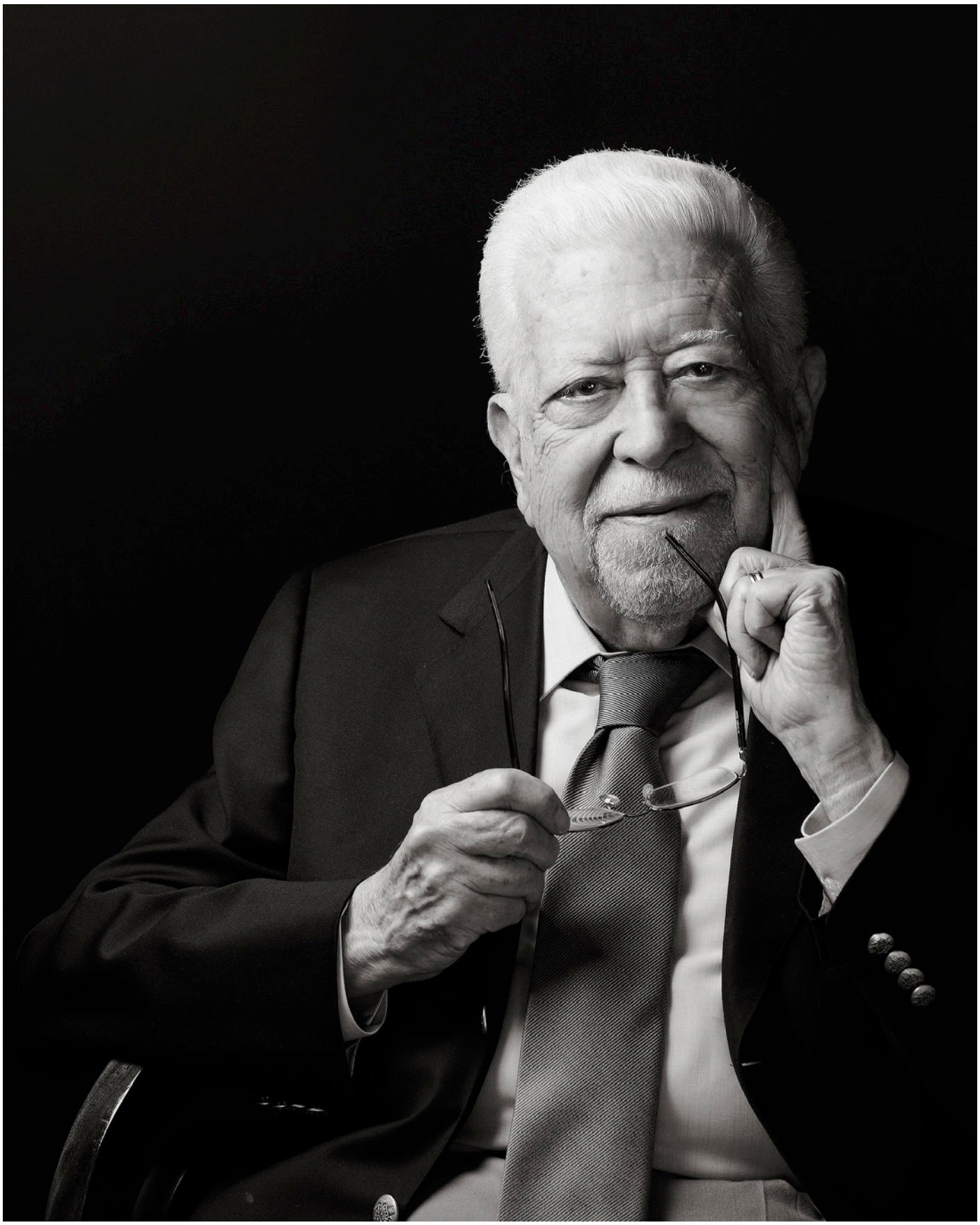
30-12-1950, Lisboa

Produtor de Programas de Rádio



25-12-1920, Lisboa
Jornalista e Actor

Artur Agostinho



Luísa Schmidt

28-12-1957, Livramento
Socióloga, Escritora e Jornalista

15-2-1975, Lisboa
Jornalista

Carla Matos Gomes

Maria Keil

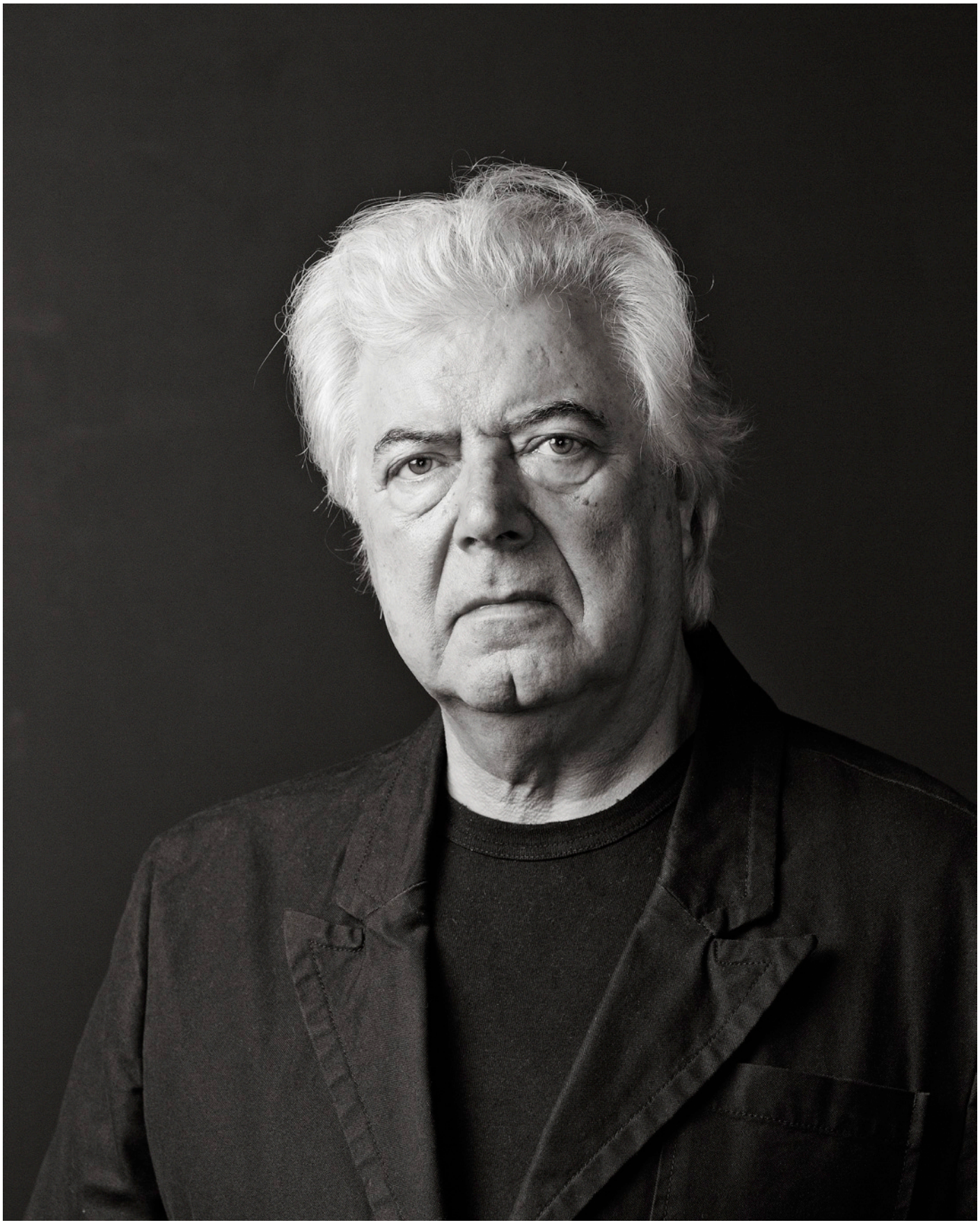
9-8-1914, Silves
Pintora

20-10-1975, Paço d'Arcos
Jornalista

Mafalda Anjos

José de Guimarães

25-11-1939, Guimarães
Artista Plástico



4-12-1920, Chaves
Pintor

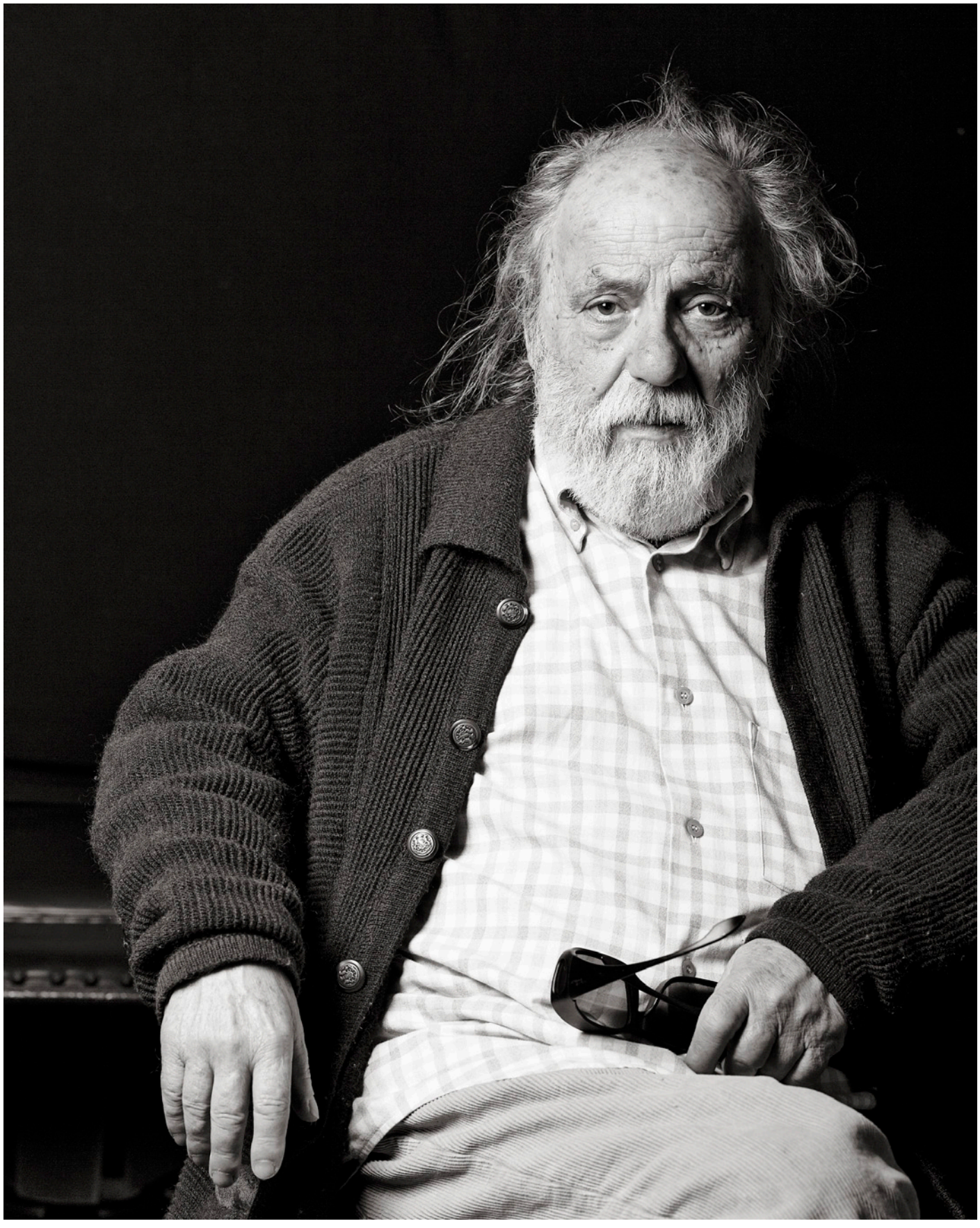
Nadir Afonso

João Cutileiro

26-6-1937, Lisboa
Escultor

12-10-1936, Luanda
Escultor

José Rodrigues



David Rosado

3-5-1976, Évora
Artista Plástico

8-11-1971, Paris
Artista Plástica

Joana Vasconcelos

“As artes e a surpresa perante a constante renovação da vida colocam-nos no limiar do mistério. O espanto e o deslumbramento abrem as portas à procura de um sentido que está para além do que sabemos ou percepcionamos.

É uma procura em tempo descontínuo, uma viagem entre luzes e sombras com inesperados lampejos de eternidade.”

22-8-1938, Lisboa
Pintora

Emília Nadal

Liliana Dias

22-3-1984, Sines
Historiadora de Arte

25-5-1980, Almada
Empresária e Consultora de Imagem

Dora Dias

António Vitorino d'Almeida

21-5-1940, Lisboa
Compositor e Maestro

18-2-1993, Póvoa de Varzim
Pianista

Raúl Costa

Joana Carneiro

30-9-1976, Lisboa
Maestrina

4-12-1956, Póvoa de Varzim
Advogado, Escritor e Poeta

Aurelino Costa

"O vento escreve
Silêncio
Na neve."

Ana Bela Chaves

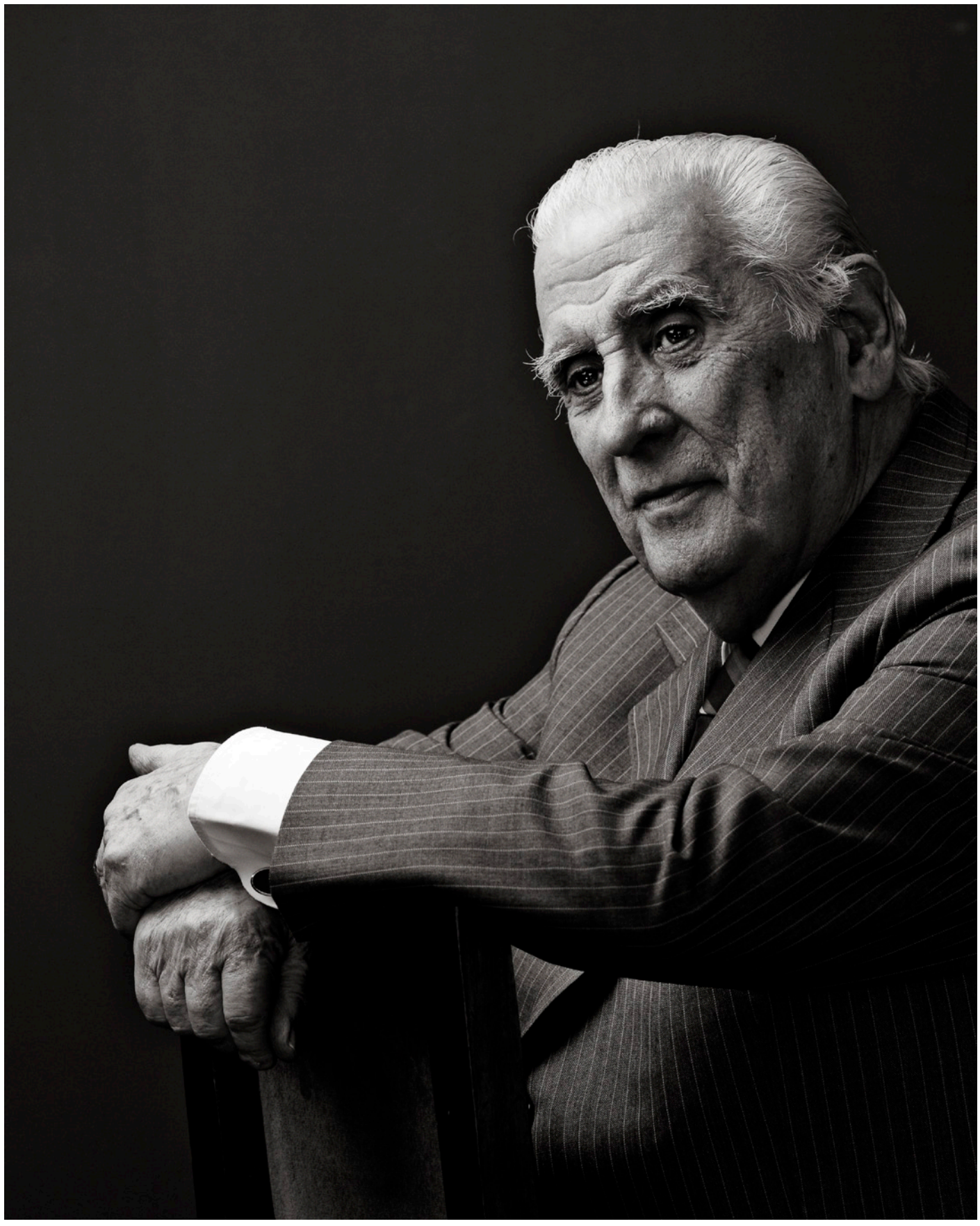
25-3-1952, Lisboa
Intérprete de Violeta

7-5-1914, Turim, Itália
Pianista

Nella Maíssa

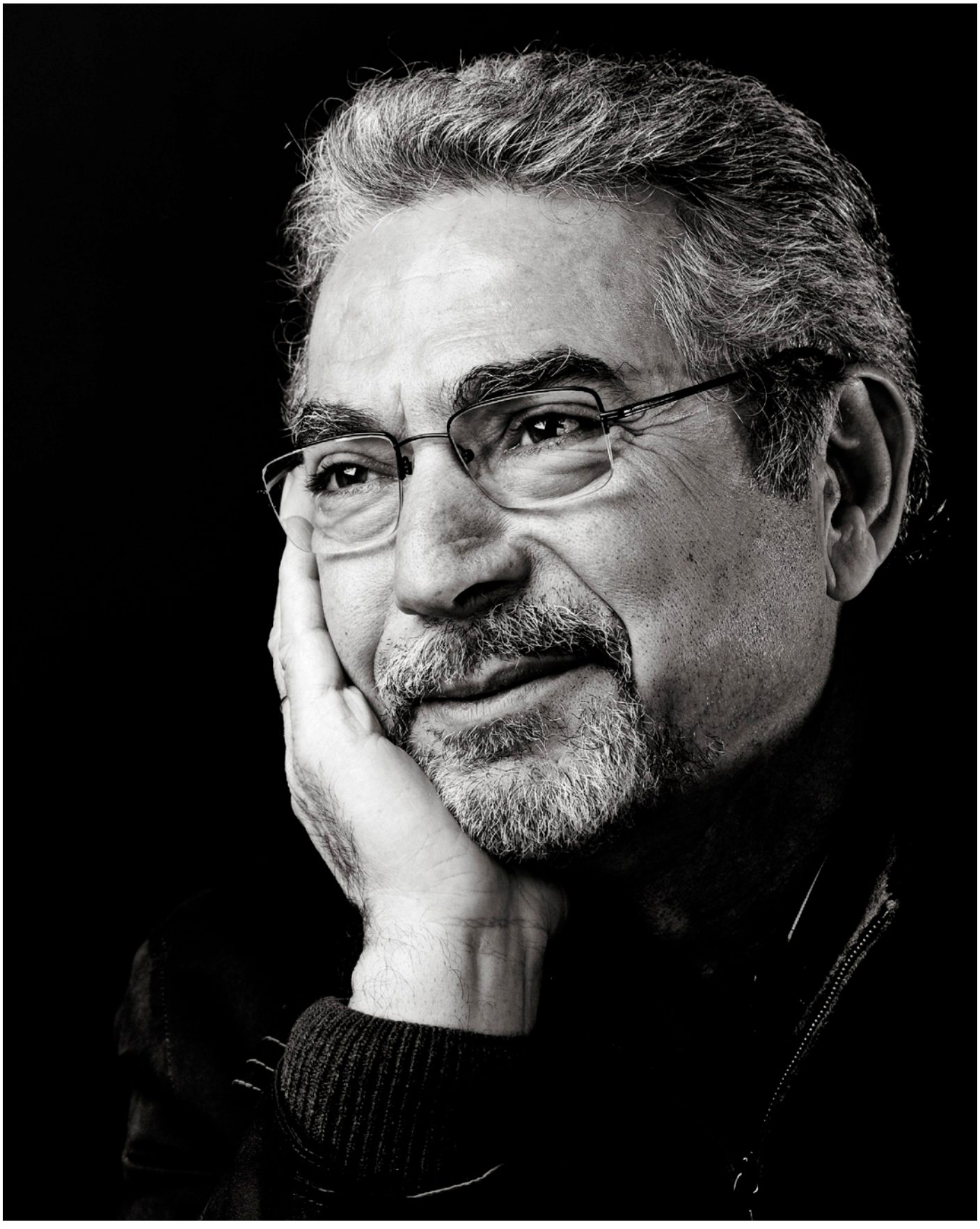
José Manuel Serra Formigal

9-2-1925, Bordeus, França
Jurista e Director Teatral



10-6-1947, Carviçais, Moncorvo
Músico

Manuel Póvoa



Fernando Tordo

29-3-1948, Lisboa
Músico e Cantor

21-12-1939, Lisboa
Fadista

Carlos do Carmo

"Como é triste o fado menor! Como é feliz o fado corrido!

Afinal este fantasma da nossa existência nos últimos cento e cinquenta anos é um permanente teste à nossa capacidade de resistir à nostalgia que nos corre nas veias, e se torna uma forma superior de sublimação.

Desde a sua matriz nos prostíbulos até ao mais sofisticado dos salões "estranha-se, depois entranha-se" citando Pessoa, não é melhor nem é pior, é diferente – digo eu – que lhe quero tanto.

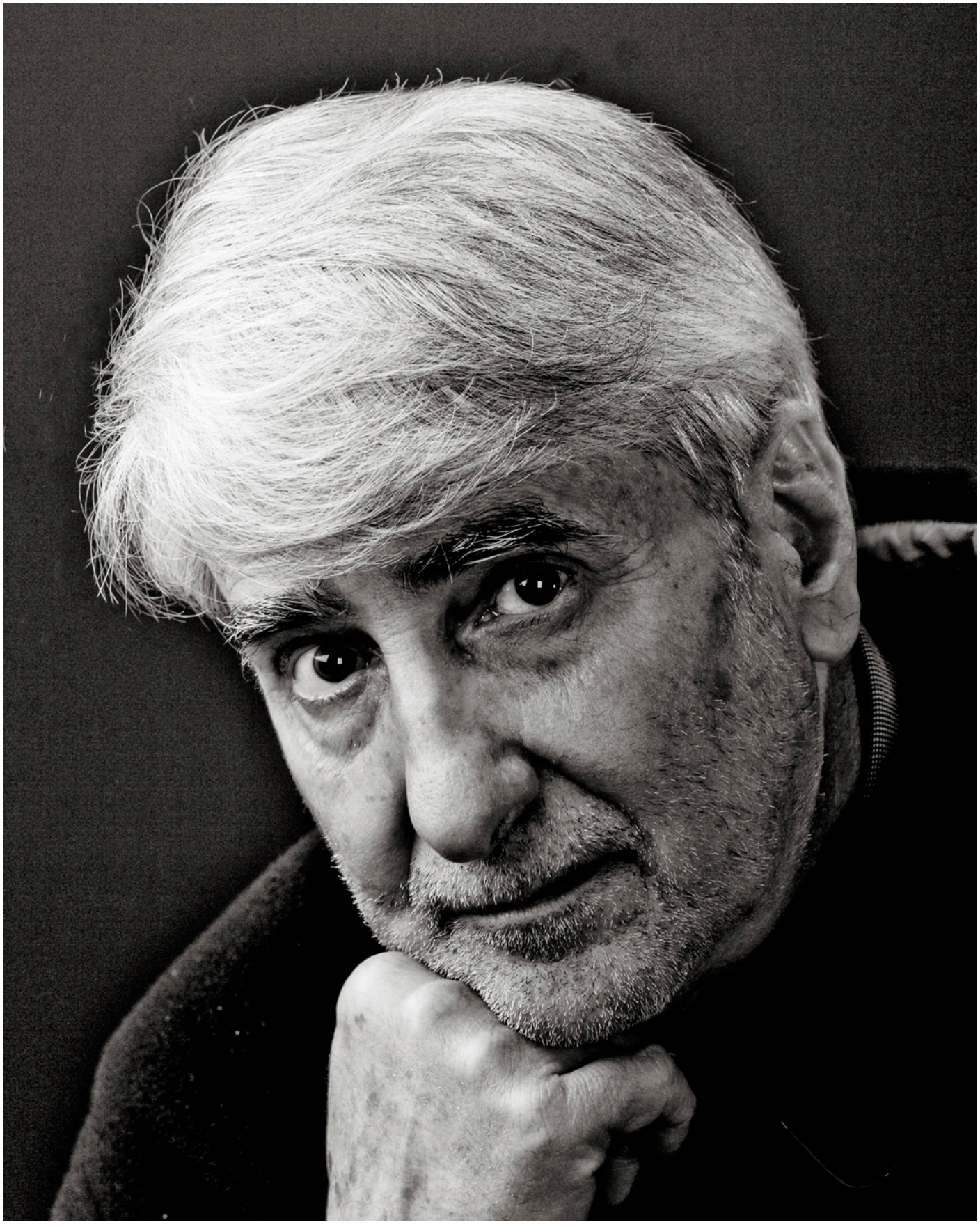
O triângulo cabeça, coração e voz apoia-se noutro triângulo, guitarra, voz e ouvinte (receptor). É tão severo e tão autêntico que nenhum dos seis vértices dos dois triângulos pode falhar. Falha, e o fado não acontece, tão simples como isto.

Beneficia com a distância. Difíceis de governar como somos – e de ser governados – aplicamo-nos mais quando longe do nosso natural espaço geográfico e aí, o fado, sejamos Transmontanos ou Algarvios, apela ao melhor dos nossos sentimentos e infelizmente muitas vezes é usado no pacote da "indústria da saudade" na qual somos peritos.

Que me perdoem os ateus, os agnósticos e todos os que não sentem a fé. Peço a Deus que a Unesco reconheça o fado como património imaterial e oral da humanidade. Se tal acontecer sinto que posso morrer em paz!"

Luís Cília

1-2-1943, Huambo, Angola
Músico



28-11-1950, Lisboa
Músico e Cantor

Pedro Barroso

12-12-1908, Porto
Realizador de Filmes

Manoel de Oliveira

Maria João Seixas

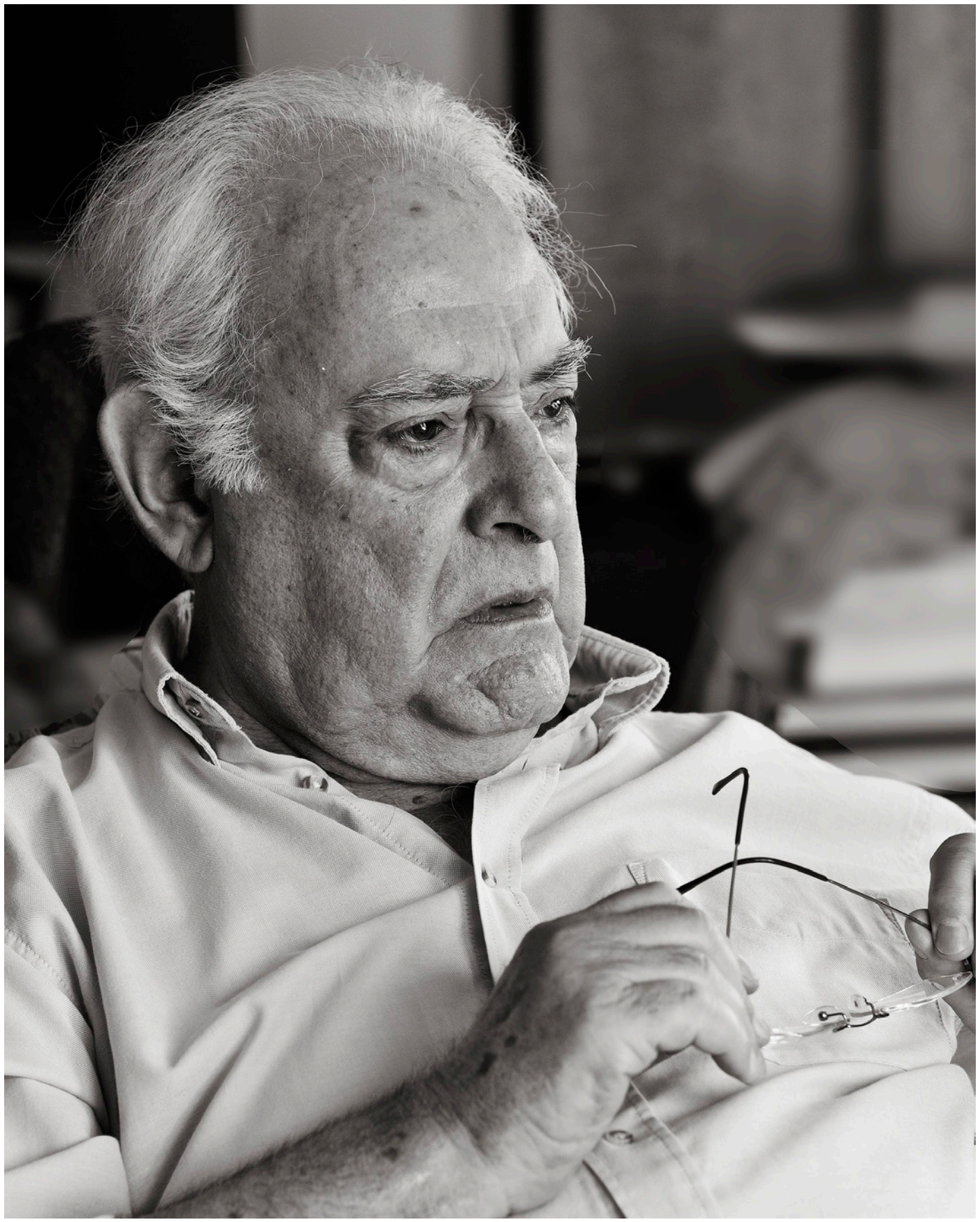
31-5-1945, Lourenço Marques
Jornalista

28-12-1935, Alvaiazere
Realizador de Filmes

Fernando Marques Lopes

Ruy de Carvalho

1-3-1927, Lisboa
Actor



“Preocupa-te com o sofrimento dos outros!”

6-12-1954, Lourenço Marques
Actor e Encenador

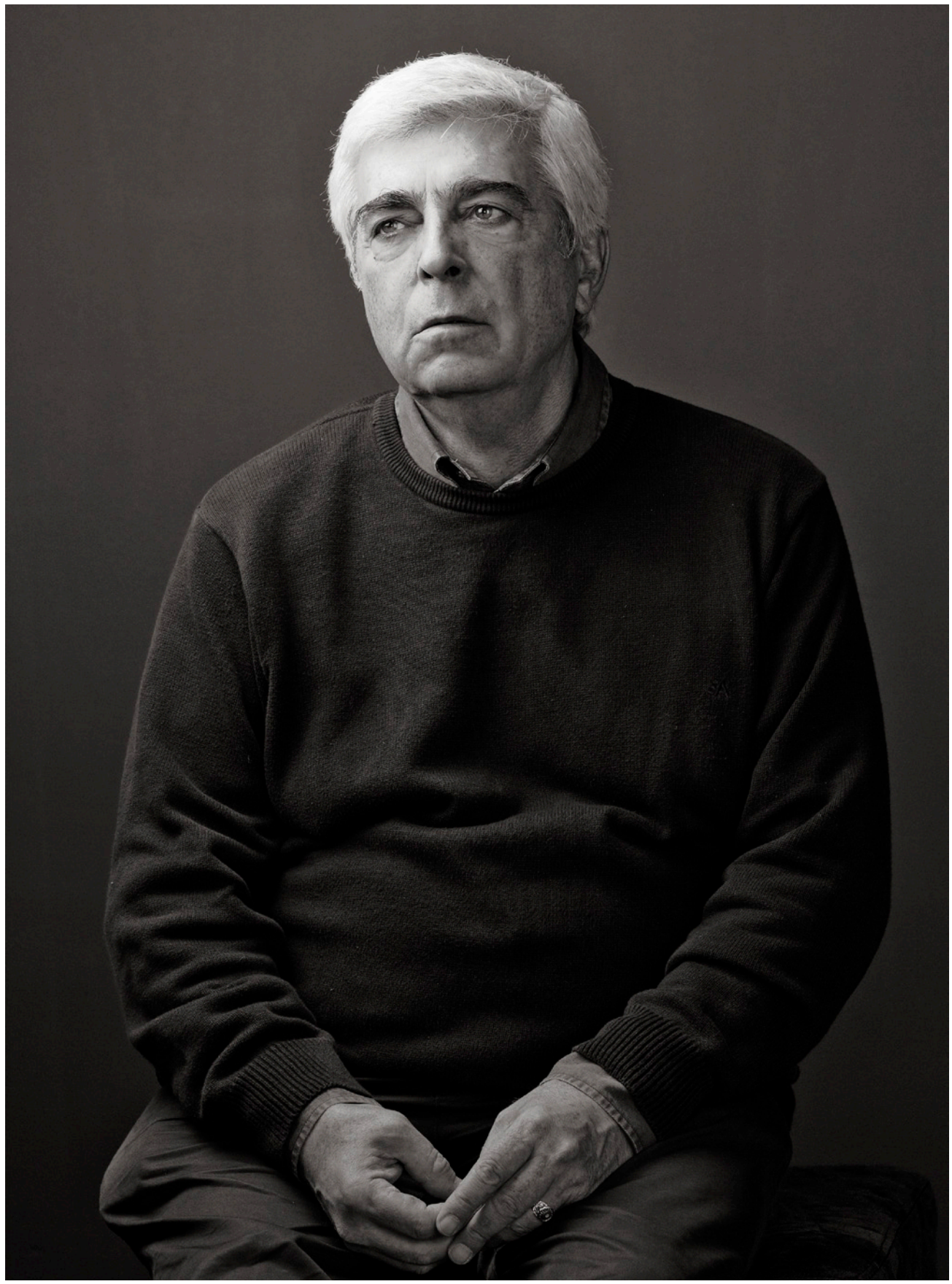
António Feio

Eunice Munoz

30-7-1928, Amareleja
Actriz

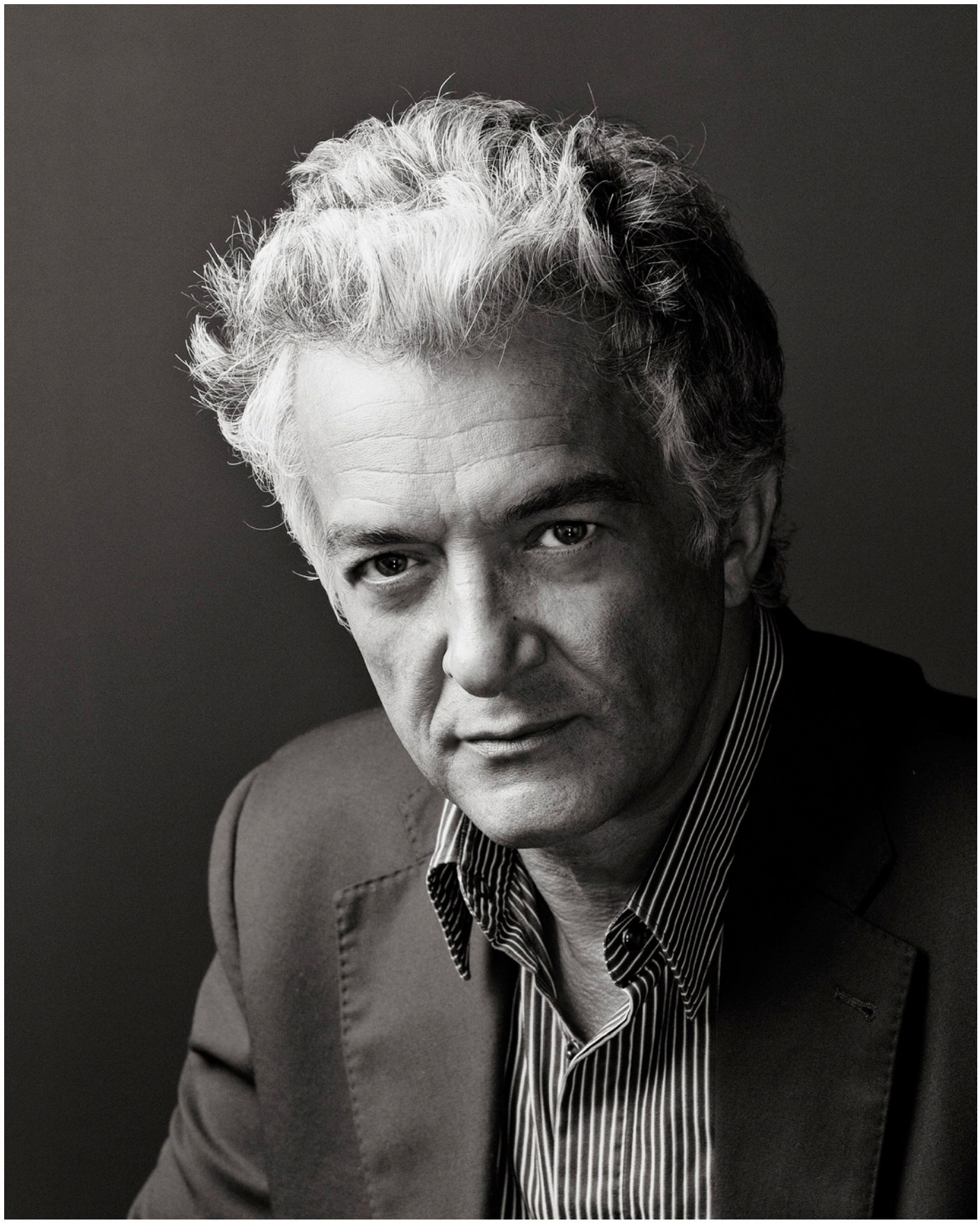
29-4-1949, Madrid
Actor e Encenador

Luís Miguel Cintra



Rogério Samora

19-10-1958, Lisboa
Actor



30-7-1940, Serpa
Actor e Encenador

Nicolau Breyner

Luísa Cruz

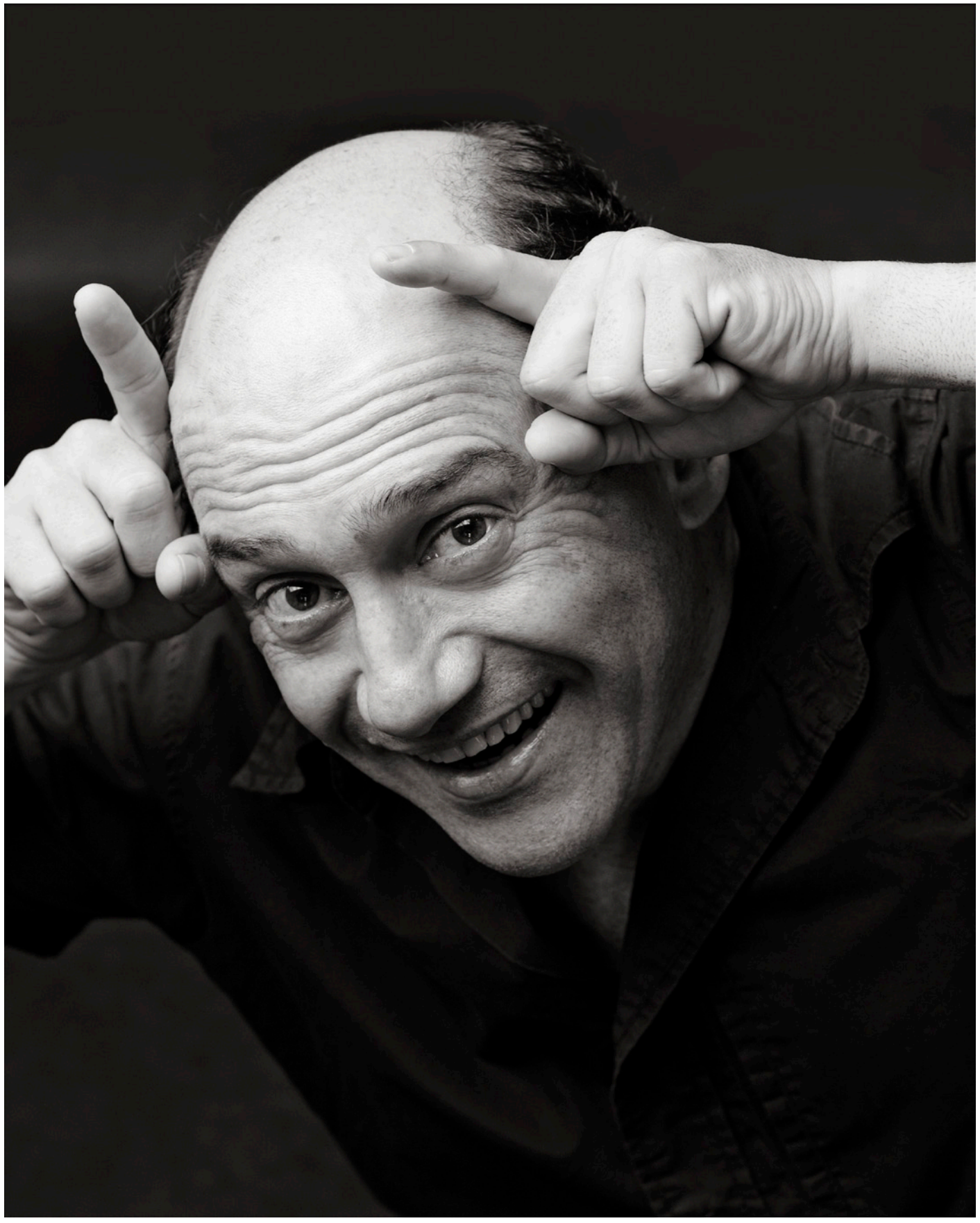
6-3-1962, Lisboa
Actriz e Cantora

"Pudesse eu não ter laços nem limites
ó vida de mil faces transbordantes,
para poder responder aos teus convites,
suspensos na surpresa dos instantes."

(Sophia de Mello Breyner)

3-2-1963, Dundo, Angola
Actor

José Raposo



Olga Roriz

8-8-1955, Viana do Castelo
Bailarina e Professora de Dança e Bailado

18-12-1930, Nápoles, Itália
Bailarina e Professora de Dança e Bailado

Anna Mascolo

"Desde o começo da Humanidade a Dança acompanha o Homem na sua evolução tendo os seus ritmos e movimentos assinalado os momentos mais díspares da existência.

Do movimento "convulsivo" dos seus primórdios a Dança chega até nós como a mais perfeita e completa das Artes e sofisticado meio de comunicação existente.

A sua própria natureza, mutável no tempo e no espaço tal como a Natureza que nos rodeia e diferenciada como os seus ritmos, os estados de alma e os anseios de cada ser humano, não possibilita uma só definição. Quando muito cada um poderá encontrar em si próprio o reflexo da Ideia que melhor a represente e identifique. Pessoalmente sinto a Dança como o Gesto e a Alma. Na junção das duas palavras reconheço-a no seu aspecto mais significativo e verdadeiro; que me seduz e leva a acreditar ter sido a Dança a primeira manifestação da Vida, mas da "Vida a um grau mais intenso". Primeira entre as Artes, no Rito e no Mito. Primeira a usar como instrumento sagrado, no seu anseio pelo divino do Homem, o próprio corpo. Porque o corpo é redentor.

Valery, o poeta da Dança, sobre ela se interroga: ... "que representa a Dança? ... nenhuma coisa... e todas as coisas. Tanto o amor como o mar; e a própria vida e o pensamento ... ela é o acto puro das metamorfoses."

Talvez assim se compreenda que a Dança ao assumir-se como o factor esotérico e cognitivo se realize por forças opostas de meditação e de acção sancionando a universalidade do seu espírito através do absoluto domínio do corpo.

Há alguns anos atrás afirmou Maurice Béjart que o Séc. XX passaria à História como tendo sido o século da Dança. De facto tem-se verificado em todo o Mundo uma autêntica explosão de entusiasmo por esta forma de expressão. O Jovem descobre a Dança! E, ao fazê-lo, nela canaliza a sua energia e dinamismo; nela descobre uma nova razão de interesse e de estar na Vida, com alegria. Nessa nova dimensão, em que todo o corpo e os sentidos participam, o equilíbrio e a calma restabelecem-se e novas forças, insuspeitadas, surgem para nos dar a confiança que determina o grau da nossa liberdade.

Continuo a pensar que lutar para tentar atingir tal objectivo pode preencher, largamente, toda uma vida."

Ana Lacerda

30-8-1972, Lisboa
Bailarina

20-10-1965, Lisboa
Bailarino, Músico e Compositor

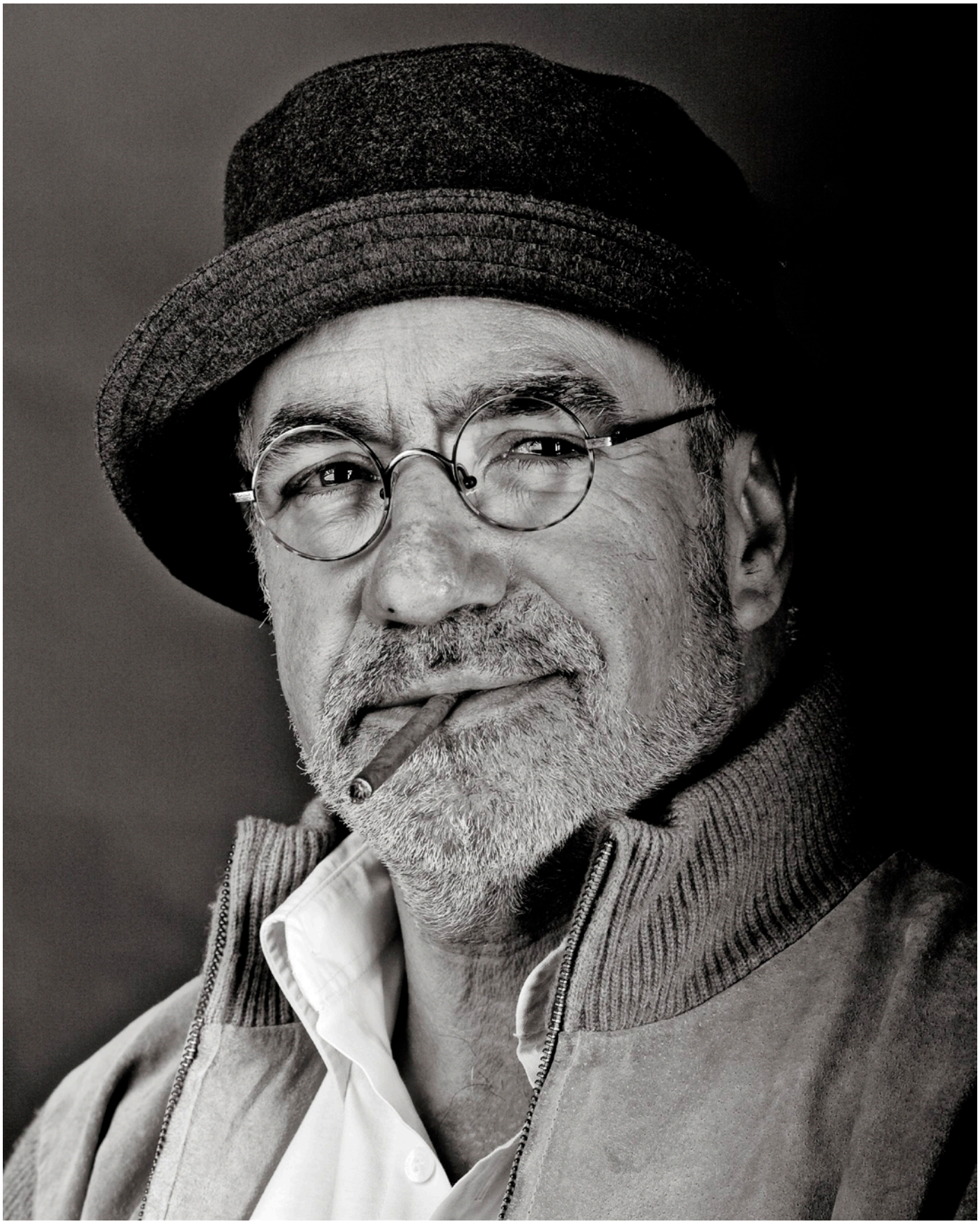
Mário Franco

José Manuel Rodrigues

4-5-1951, Lisboa
Fotógrafo

11-1-1945, S. Pedro do Sul
Fotógrafo

António Homem Cardoso



Luiz Carvalho

13-9-1954, Lisboa

Fotojornalista e Professor de Fotografia

Uma República a preto e branco

Quando há 25 anos publiquei Portugueses, quis dar do país um retrato cinzento, soturno, sem esperança, mas povoado por gente que amava e bailava entre concertinas e bandas ao pôr do Sol.

O meu amigo João Soares, o bravo editor que pagou caro do seu bolso esta aventura livresca a preto e branco, ainda me pediu: ponha lá uma imagem mais optimista, Portugal não é só tristeza!

Insisti na minha visão expressionista. Estava a pensar no Robert Frank, no seu "on the road" fotográfico " The Americans", e não escondia a influência do Mestre Gageiro na minha adolescência de fotógrafo.

Tinha ali um Portugal de granito, forte, eterno, de mão a bater no peito rezando e cantando, a personalidade de um povo antigo onde já se vislumbravam os primeiros sinais a caminho da modernidade. Isto é: o Portugal do centro comercial a comer a mercearia, da televisão a calar a família, o português suave que consumia lâmpadas de 15 velas em casas à portuguesa, a transformar-se num glutão consumidor.

Um Portugal que engordou em vez de crescer, que optou pela modernice que o cavaquismo consagrou, em vez da cosmopolita modernidade europeia.

É esta República que continuo a ver entre o branco puro e o preto profundo da impressão fotográfica, usando as meias tintas do cinzento para abrir mais ou menos a claridade do cinzentismo nacional.

Esta República colou-se à aceleração imparável do tempo, seguiu a aragem de uma Europa que dá e tira, fez-se de rica entre a ganância primária e uma evidente falta de aprendizagem. A ambição pessoal tornou-se desmedida e o objectivo de vida passou a ser a reforma antecipada, entretanto evaporada.

Num Mundo global, esta República embora queira um TGV, perdeu o comboio ronceiro que a podia ter levado à Europa das ideias, do saber. Em certa medida chegou lá à boleia mas sem grandes condições para permanecer.

Preferiu empanturrar-se com crédito bancário, enquanto uma classe política encenou um país das maravilhas, mudando de cenário ao ritmo do sacrossanto calendário eleitoral.

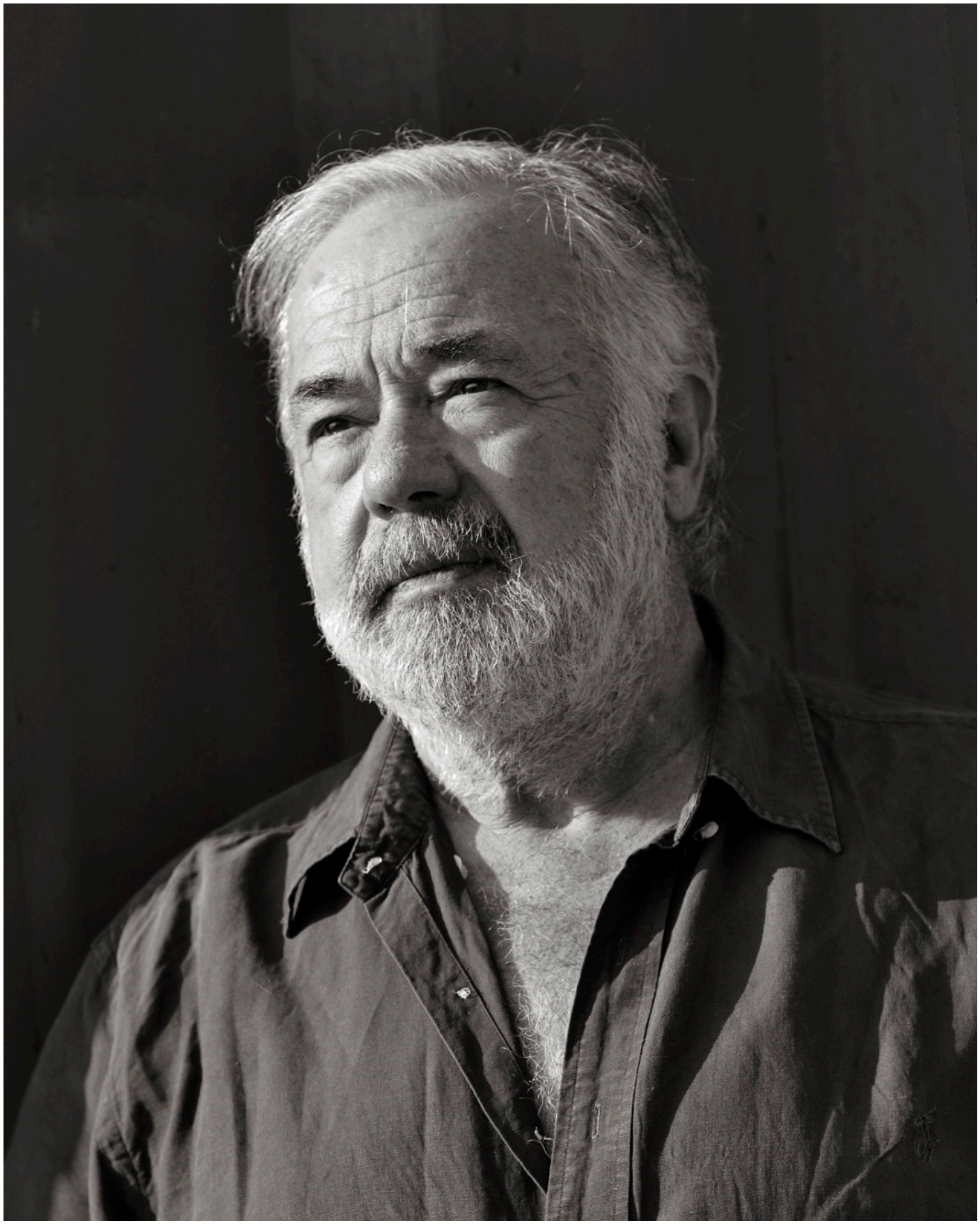
Os meus Portugueses de hoje não habitam uma República muito diferente da que comecei a retratar desde os meus 16 anos.

No fundo, deixámos cair por si uma monarquia decadente para instaurarmos ao tempo uma República das bananas, aceitámos uma ditadura branda em nome da autoridade, da Pátria, e do paternalismo de Estado, descobrimos a democracia com o favor de uns militares chateados com as benesses da sua carreira africana, rendemo-nos ao regime porque é um mal menor sem alternativa.

Volto a fotografar os "meus" Portugueses. Aliás, não faço outra coisa. Agora, para usar a tecnologia digital, pego na cor e deslavo-a completamente.

8-10-1942, Lisboa
Fotógrafo e Professor de Fotografia

Manuel Silveira Ramos

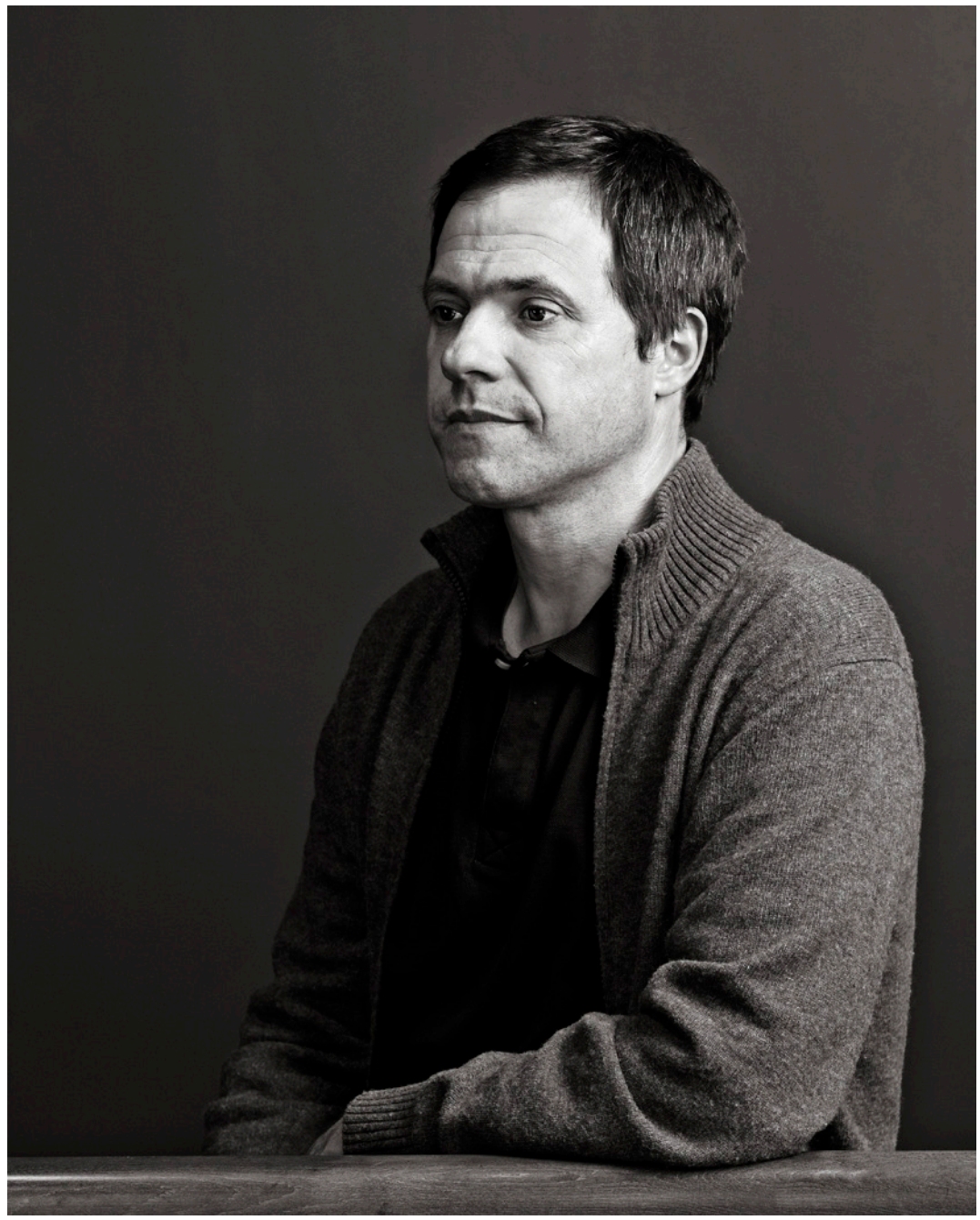


Daniel Malhão

13-8-1971, Lisboa
Fotógrafo

28-4-1968, Lisboa
Fotógrafo

Duarte Belo

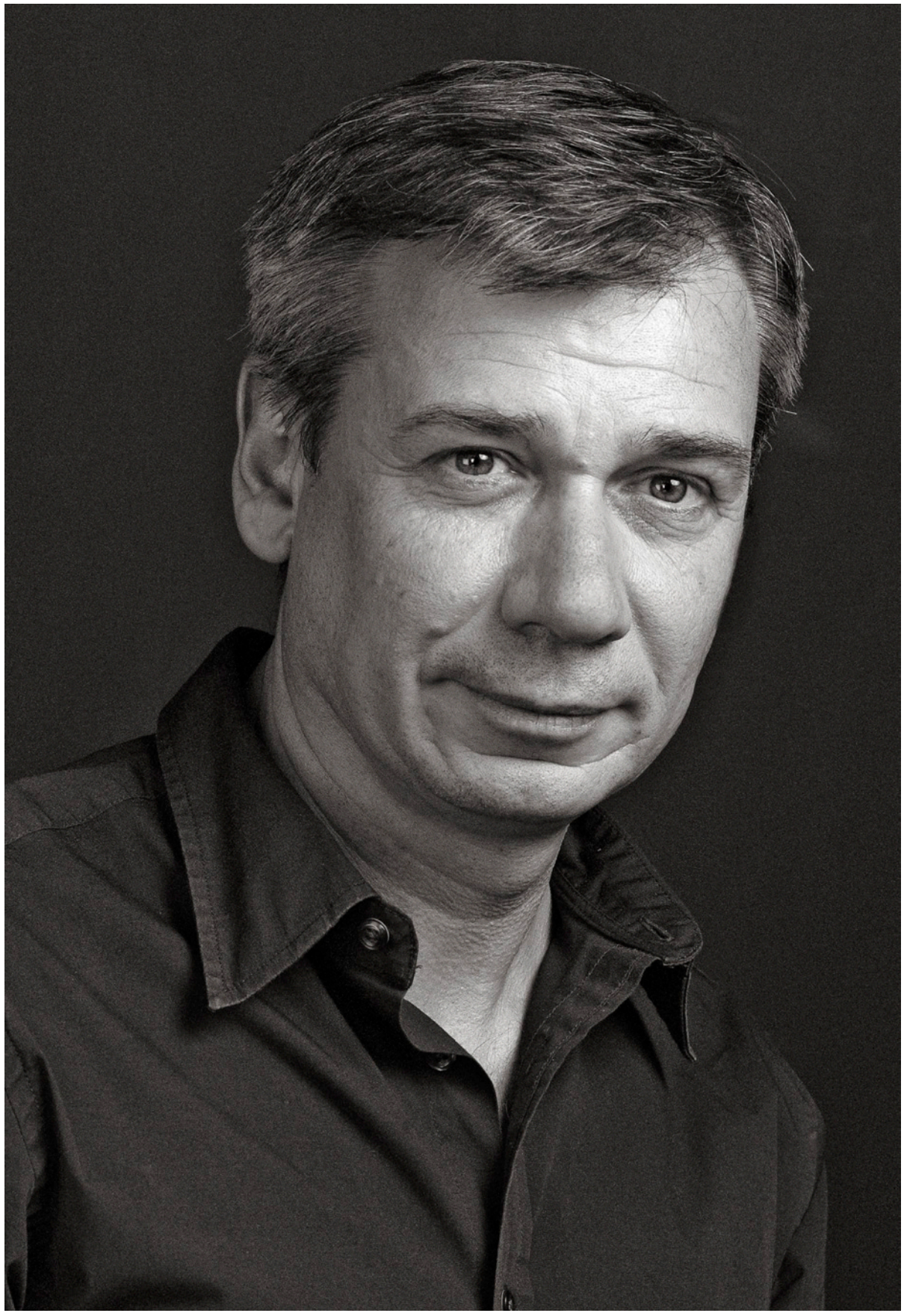


Momento-Movimento

A fotografia é aqui a face visível de um percurso, de um literal caminhar. São tempos que se interligam num jogo estranho, que começa com a programação de um movimento, de uma viagem, de uma recolha fotográfica e que, quase invariavelmente, termina num projecto que se vai tornando mais complexo. Formulação de pensamento em palavra. Nessa deslocação há um aproximar sucessivo à terra, à Natureza, mas também às construções humanas e às cidades. Há o manuseamento de instrumentos, de ferramentas de aproximação. Há a definição de metodologias de trabalho, que, ao invés de condicionarem a repetição de gestos, nos transportam para um plano de pesquisa elevado de novos itinerários entre a claridade e a escuridão. Da relação de uma fotografia de interpretação com uma outra documentalista, resulta uma teia complexa e fascinante. No documentalismo há uma constante sensação de perda, formulada na consciência de uma imensidão de situações que não podemos fotografar, num jogo de opções na voracidade do tempo que passa. Na interpretação jogam-se opções subtis e a tentativa de adensar uma capacidade de comunicar pela imagem e de, simultaneamente, revelar as dimensões ambíguas dos objectos, do ser e do estar. Neste mundo obstinado de fotografias, de centenas de milhar, quase sempre de lugares, resultará um arquivo que, por si só, definirá um lugar de habitar. Esta é uma casa a que diariamente se juntam novos espaços, num território nosso, de angústia e liberdade.

José Manuel Silva

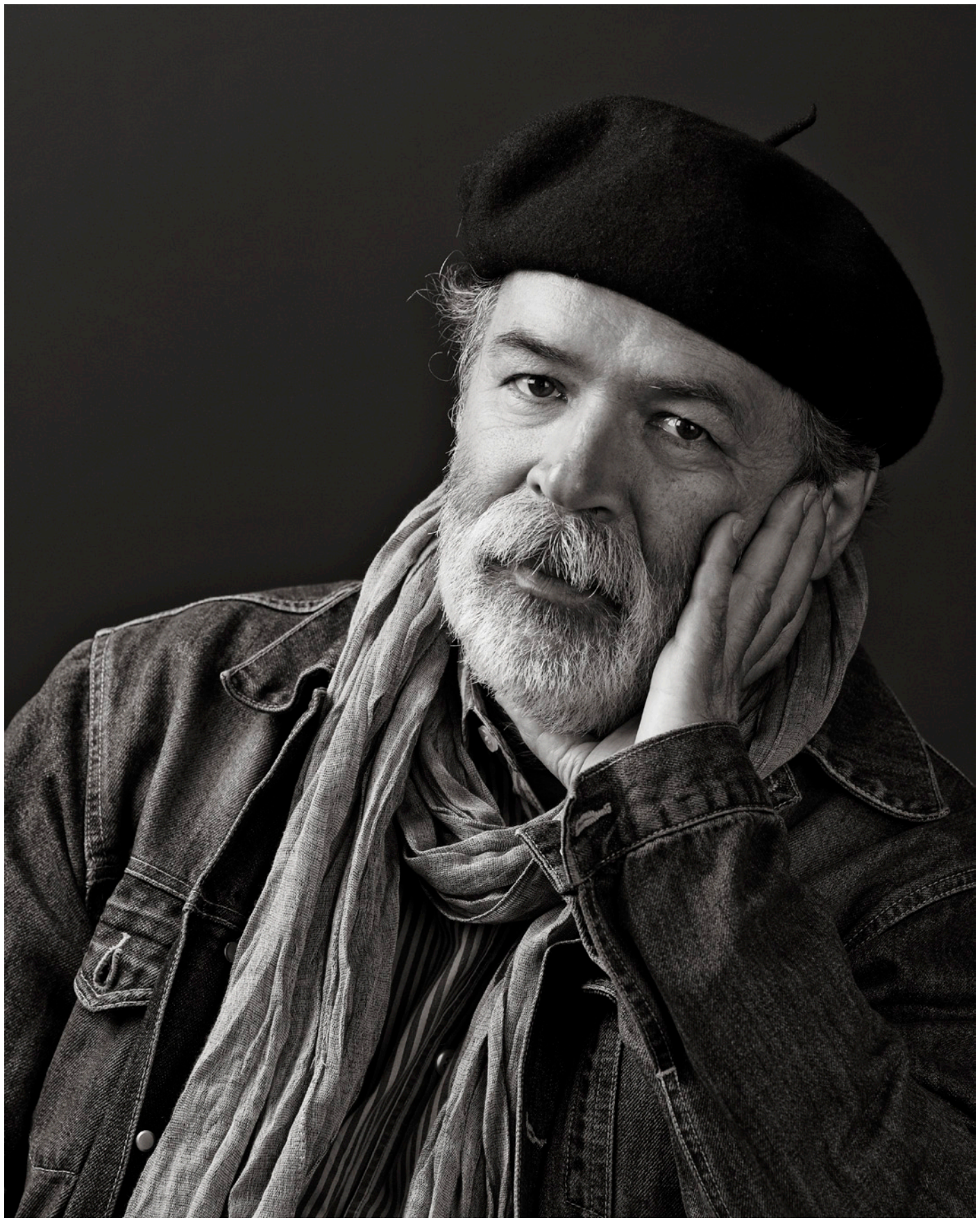
9-7-1960, Lisboa
Empresário



2-7-1954, Dornes, Ferreira do Zêzere

Técnico de Documentação Aeronáutica e
Fotógrafo Amador

José Luís Garcês



José Manuel Antas

2-2-1961, Angola

Profissional de Marketing da Canon

26-2-1954, Marco de Canavezes

Empresário de importação e exportação de material fotográfico

José Manuel Veríssimo Teixeira

Eduardo Lima

11-6-1965, Lisboa
Profissional de Fotografia

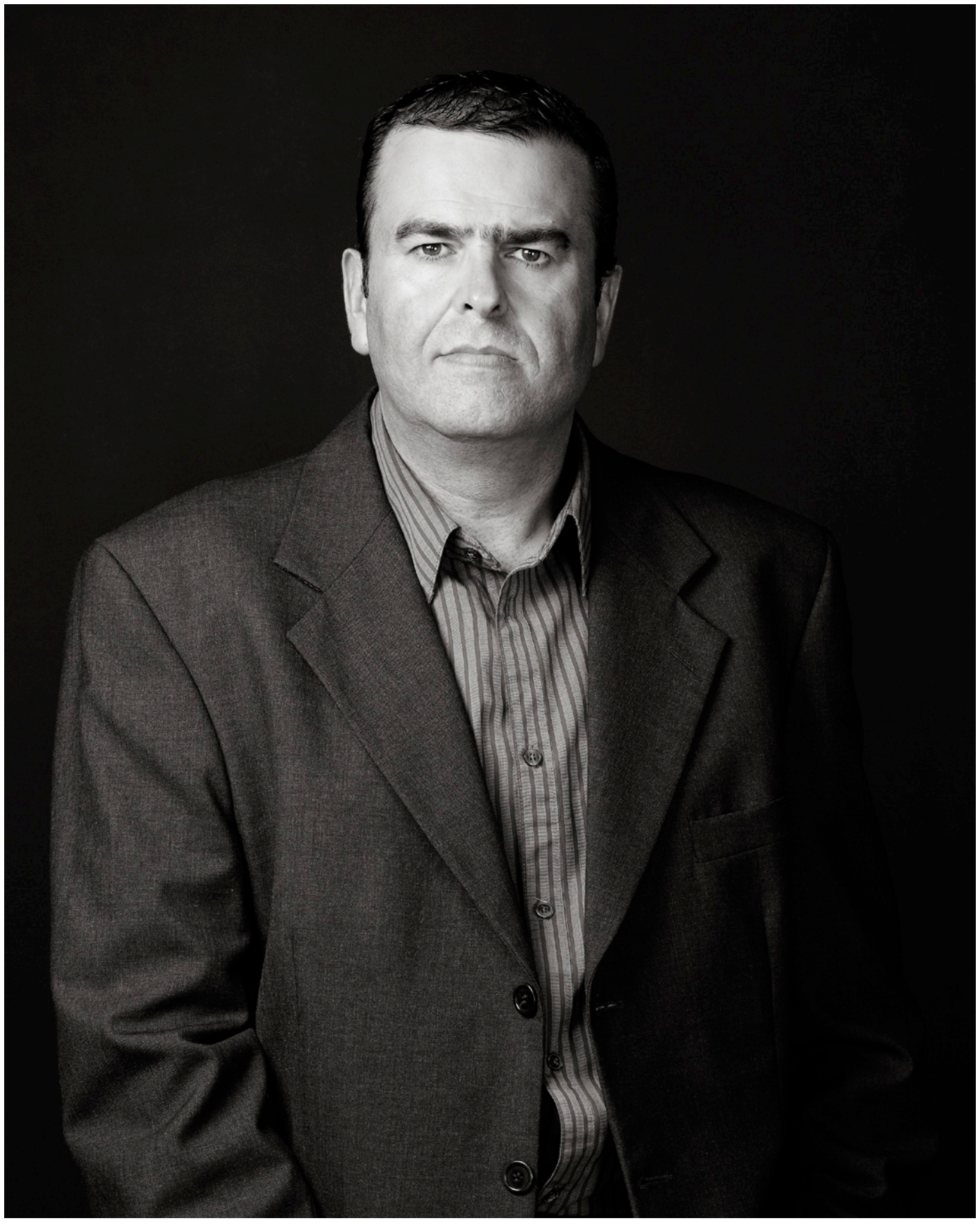
27-12-1968, Ílhavo

Técnico Superior de Finanças e Fotógrafo

Rui Pires

Júlio Lousada

28-8-1966, Portalegre
Técnico de Equipamento Fotográfico



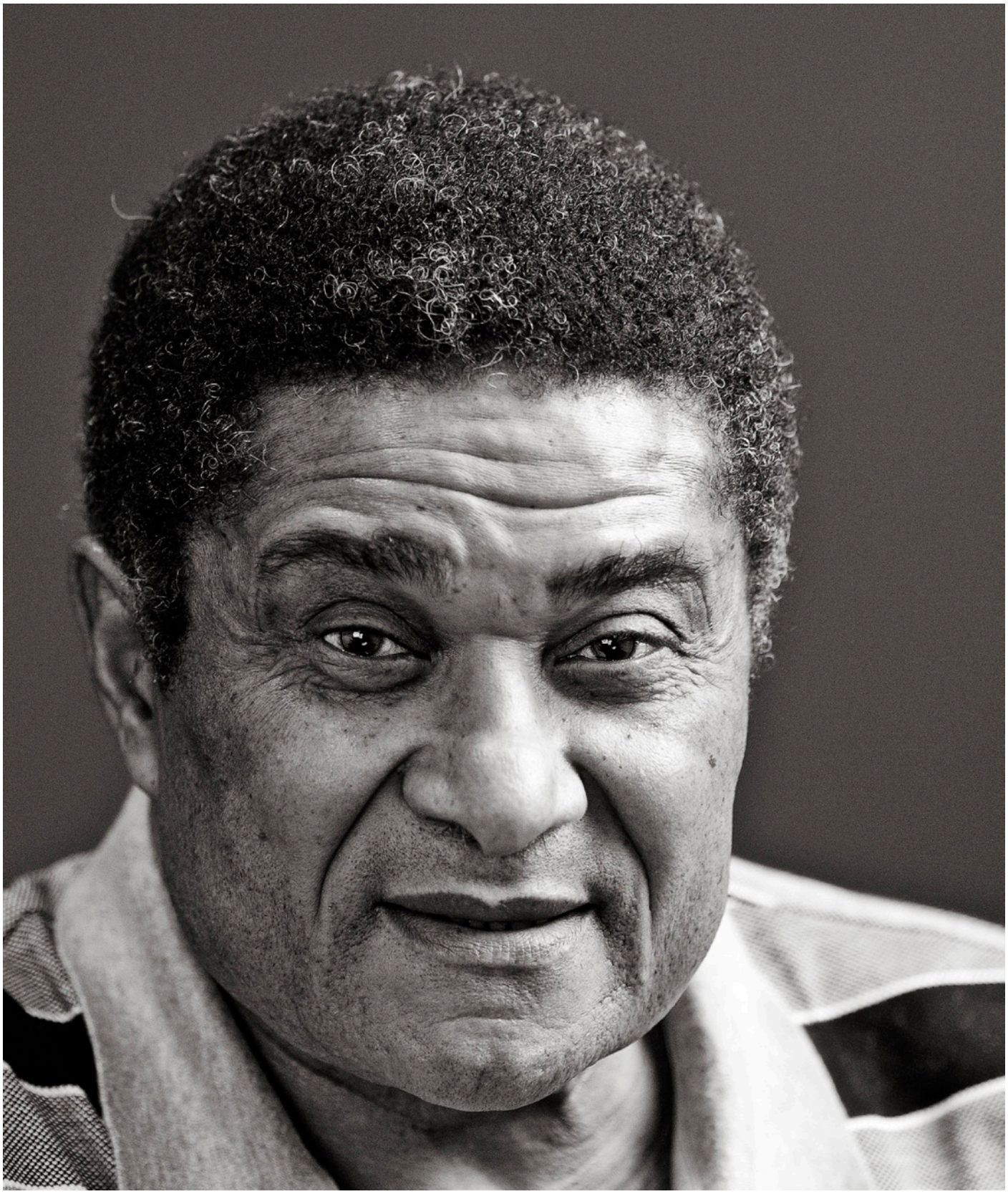
13-5-1961, Porto
Funcionário Autárquico e Fotógrafo Amador

Jorge Garcia

Eusébio da Silva Ferreira

25-1-1942, Lourenço Marques

Ex-Jogador de Futebol, "Embaixador" do Benfica e da Selecção Nacional de Futebol



"O Benfica faz parte da minha família e sem Benfica não há República."

11-2-1921, Lisboa

Desportista, Treinador de Atletismo e
Músico Amador

Mário Moniz Pereira

Rosa Mota

29-6-1958, Foz do Douro, Porto
Desportista
Divulgadora de Desporto e de Saúde

Patrícia Aguiar

3-12-1996, Porto

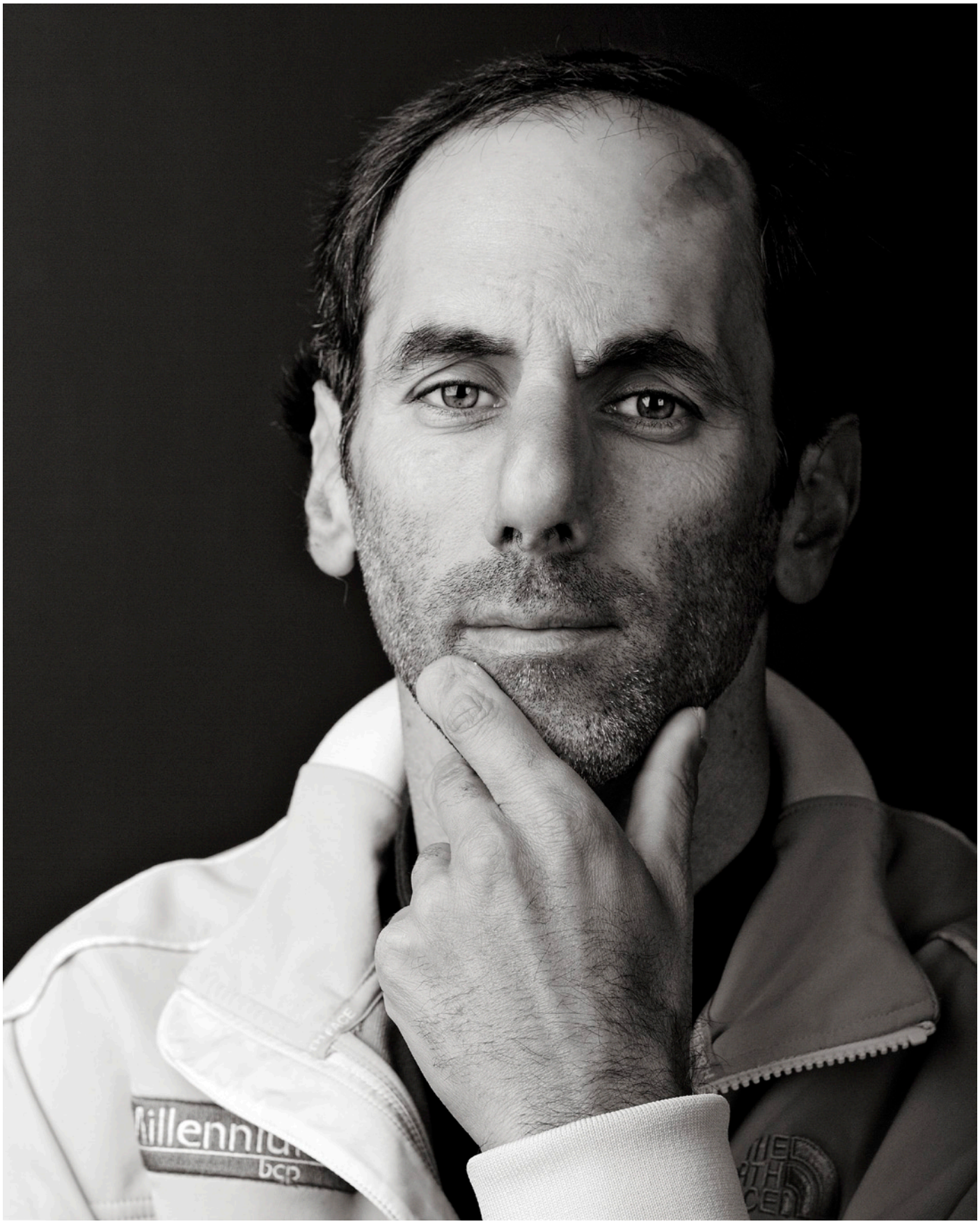
Estudante e Praticante de Karate Shotokan

Jorge Nuno Pinto da Costa

28-12-1937, Porto
Dirigente Desportivo

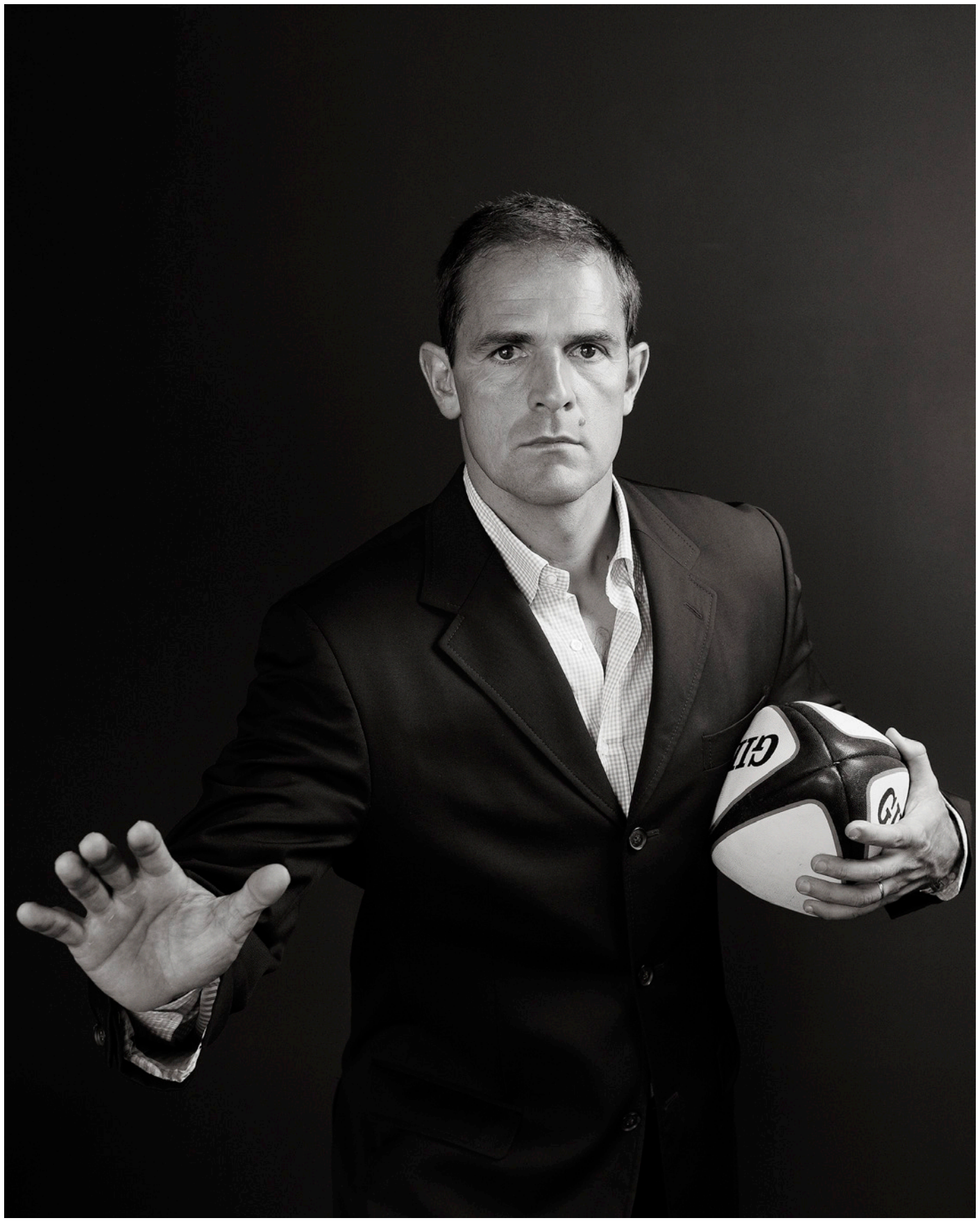
11-6-1967, Lisboa
Alpinista

João Garcia



Tomaz Morais

6-4-1970, Huambo, Angola
Treinador de Rugby



28-4-1984, Lisboa
Jogador de Rugby

Pedro Leal "Pipoca"

Manuel Vaz Vieira

22-11-1943, Guimarães

Professor de Matemática aposentado e várias vezes Campeão Nacional de Damas

"A prática do jogo de Damas (com a magia das suas admiráveis e extasiantes combinações e técnica sublime) cumpre, por um lado, uma função pedagógica pela valorização de capacidades (atenção, criatividade, raciocínio, memória, ...) e, por outro lado, uma função social salutar fortalecendo o convívio, o saber estar, a ética, ...

Deste modo, jogar Damas é mais do que participar num jogo; é valorizar-se a si próprio através dum diálogo mudo e interior com os outros."

28-1-1946, Casal da Mizarela, Coimbra
Jurista e Desportista

Fausto Martins de Carvalho

Vítor Nédio

15-9-1951, Benguela, Angola
Empresário e Dirigente Desportivo

21-2-1972, Lisboa

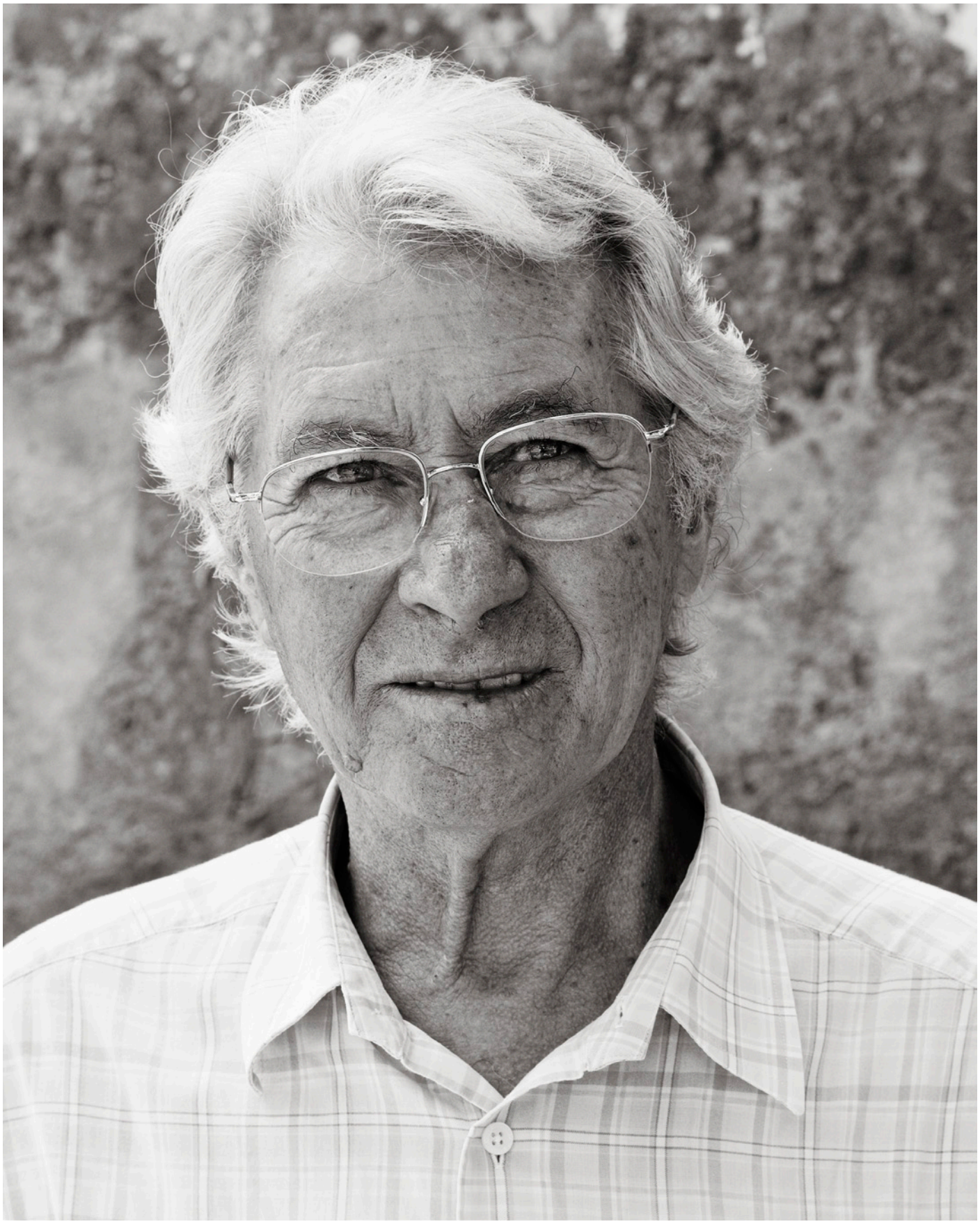
Mestre de Armas

Ex-Campeão do Mundo de Esgrima Artística

Miguel Andrade Gomes

José Manuel Mourinho Félix

12-2-1938, Ferragudo
Treinador de Futebol aposentado

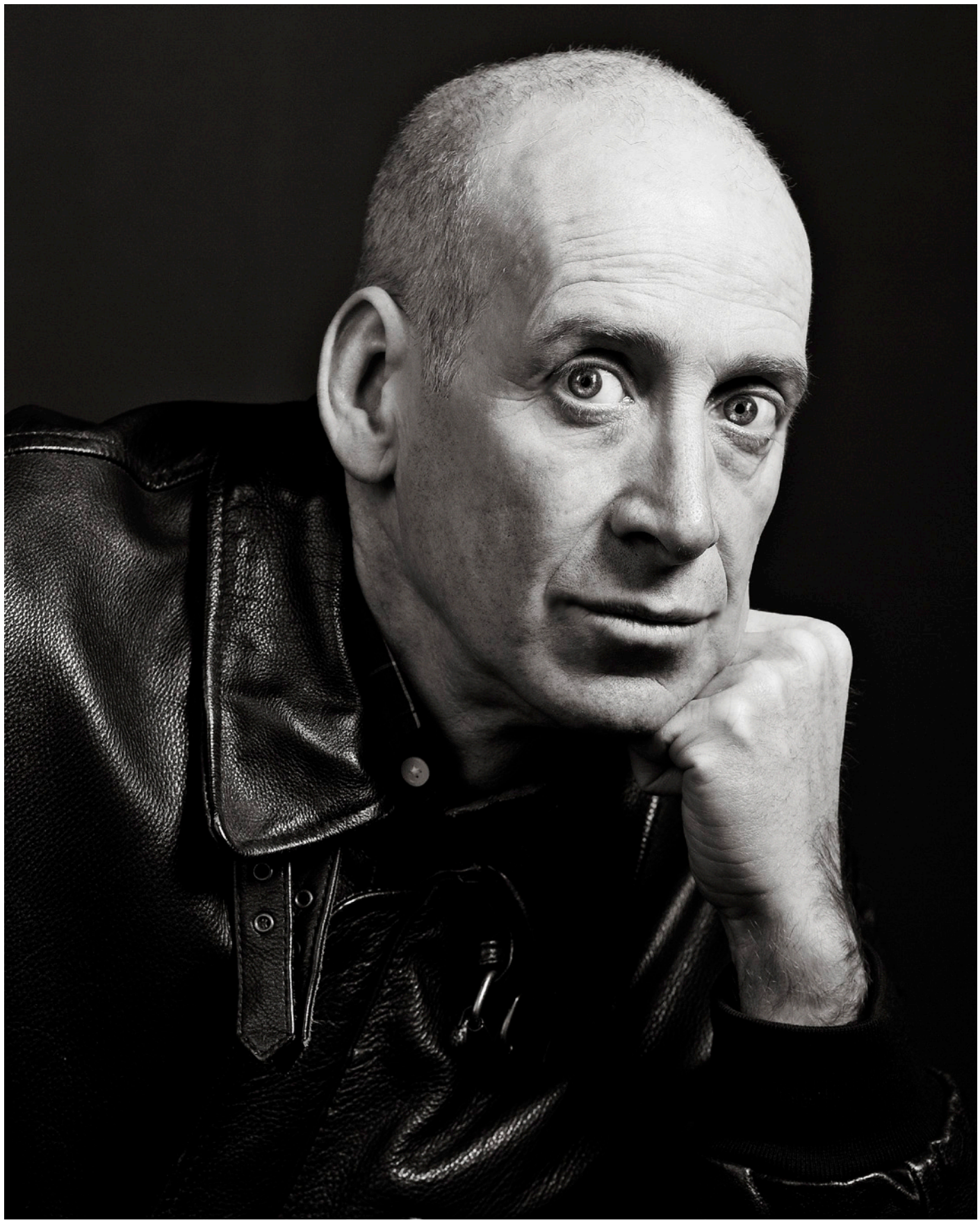


1-5-1960, Porto
Engenheiro Informático e Desportista

Perfeito Aguiar

Armando de Sousa Botelho

3-1-1960, Lisboa
Chefe de Departamento e Desportista



7-12-1988, S. Sebastião da Pedreira, Lisboa

Marinheira

Cristina Fialho Rivotti

Lisete Vicente

1-4-1980, Barreiro
Marinheira

3-9-1956, Sintra, Colares
Desenhador

Feliciano Camarão

General Alfredo

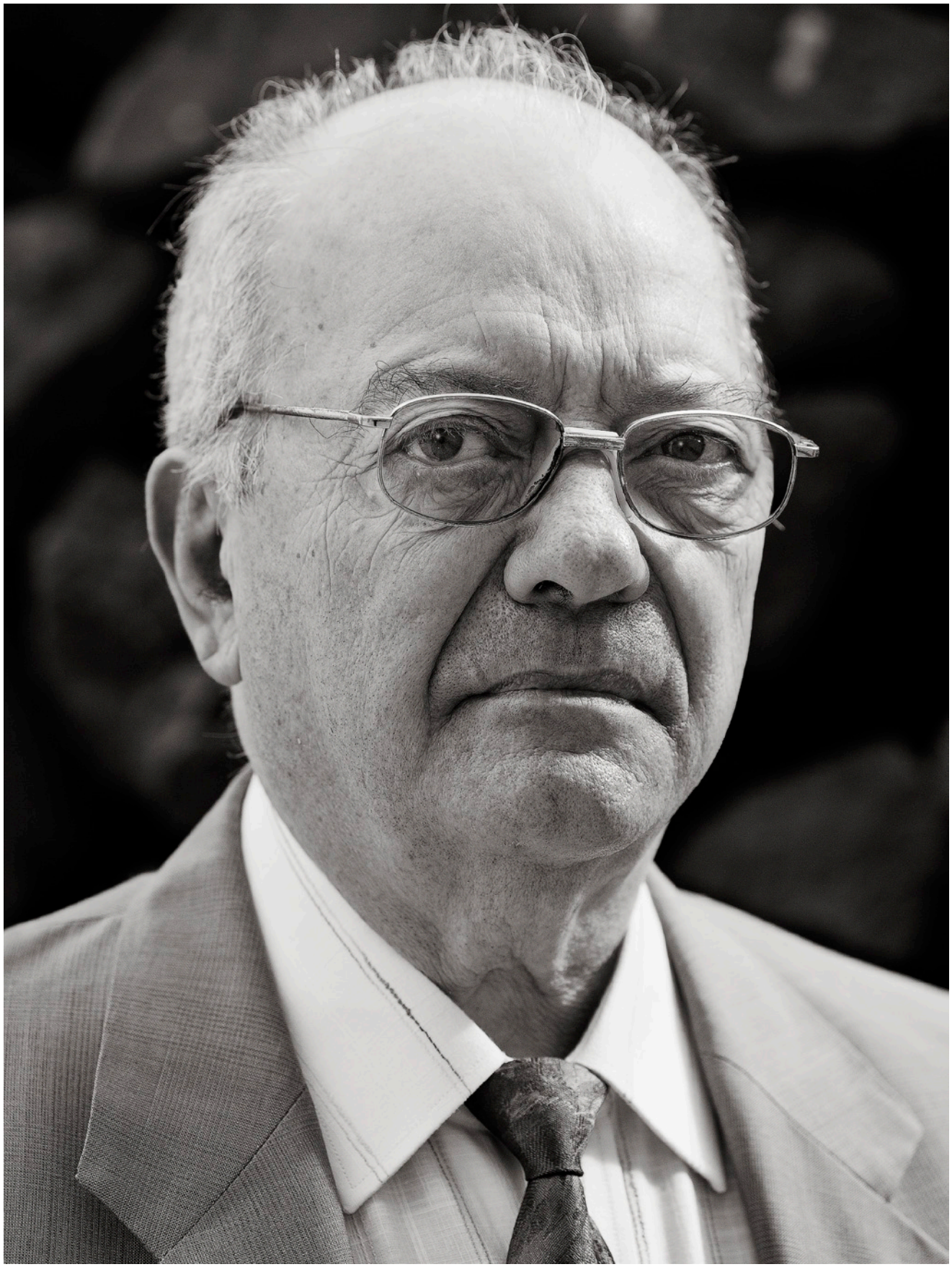
26-5-1924, São Tomé

Marítimo Aposentado, Cozinheiro e Desportista

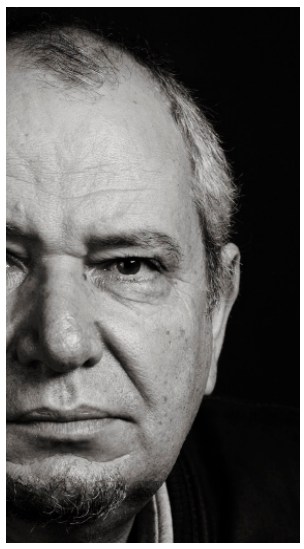
19-12-1936, Lisboa

Operador portuário aposentado e dirigente desportivo

Manuel Vieira de Jesus



BIOGRAFIA DOS AUTORES



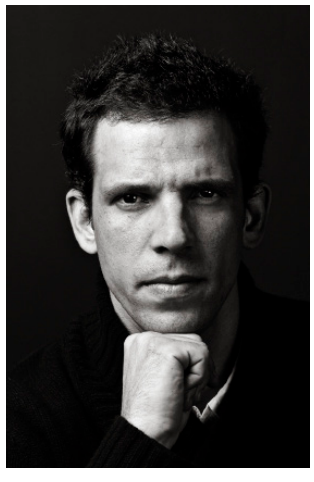
fotografia de *Ricardo Faria Paulino*

Veríssimo Dias é Silvicultor, Biólogo e Fotógrafo. Nasceu em Angola (Nova Lisboa, actual Huambo), em 19 de Abril de 1955. Fez o ensino secundário no liceu Salvador Correia em Luanda e o ensino superior (licenciaturas e doutoramento) na ex-URSS.

Foi docente muitos anos, trabalhando presentemente em regime liberal como projectista e consultor em matérias ambientais, particularmente em temas ligados água.

É casado e tem duas filhas.

Retratos da República é o seu segundo livro de retratos publicado e o terceiro de fotografia.



fotografia de *Veríssimo Dias*

Ricardo Faria Paulino nasceu no Funchal 13 de Dezembro de 1975. Fez os Ensinos primário e secundário naquela cidade, tendo vindo para Lisboa em 1997, onde se licenciou em Línguas e Literaturas Modernas, variante Português – Inglês.

É fotógrafo desde 2006, tendo realizado trabalhos de reportagem, moda e retrato, entre outros. Colaborou na realização do livro Retratos de Abril 35 anos depois e na fotografia do livro Cuidados Continuados - Um Modelo Integrado - 2008, sendo agora co-autor do Livro Retratos da República.

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO

José Mattoso 9

O IDEAL REPUBLICANO

Diogo Freitas do Amaral 11

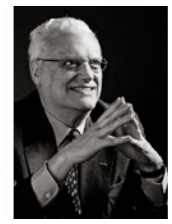
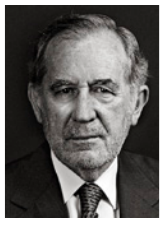
FUTURE OR NOT FUTURE

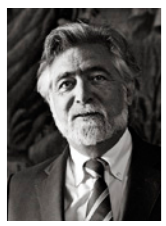
Eduardo Lourenço 13

DO AUTOR

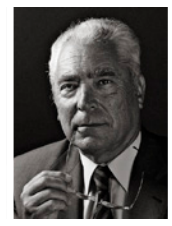
Veríssimo Dias 15

FOTOGRAFIAS

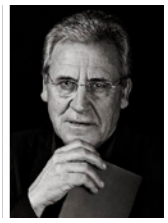
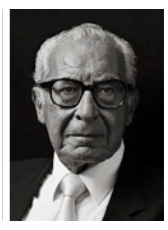
	Página		Página		Página
Aníbal Cavaco Silva	21	Maria José Rita	29	José Manuel Durão Barroso	37
Jorge Sampaio	23	Maria Barroso	30	 Diogo Freitas do Amaral	38
Mário Soares	25	Manuela Ramalho Eanes	31	António Vitorino	39
 António Ramalho Eanes	27	Jaime Gama	33	Luís Noronha Nascimento	41
Maria Cavaco Silva	28	José Sócrates	35	Rui Moura Ramos	43

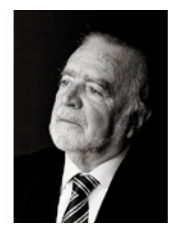
		Página
	Guilherme de Oliveira Martins	45
	Luís Amado	46
	Gabriela Canavilhas	47
	Fernando Teixeira dos Santos	49
	Pedro Silva Pereira	50
	Augusto Santos Silva	51
	Rui Pereira	52
	Alberto Martins	53
	José Vieira da Silva	54

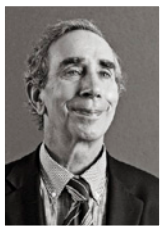
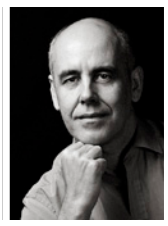
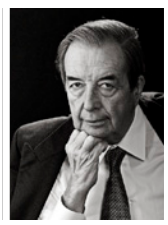
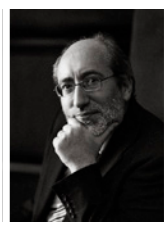
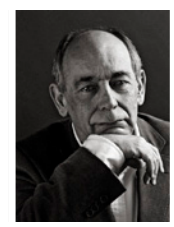
		Página
	Dulce Álvaro Pássaro	55
	Mariano Gago	56
	Isabel Alçada	57
	Ana Jorge	58
	Maria Helena André	59
	Pedro Passos Coelho	61
	Manuel Carvalho da Silva	63
	João da Eira	64
	João Proença	65

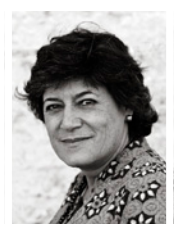
		Página
	Vasco Lourenço	66
	Otelo Saraiva de Carvalho	67
	José Baptista Alves	69
	Rogério Alves	70
	António Marinho e Pinto	71
	António José Seguro	72
	Guilherme Silva	73
	Luís Fazenda	74
	Teresa Caeiro	75

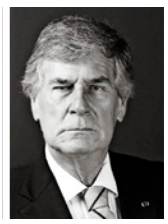
		Página
	Francisco Assis	76
	Miguel Macedo	77
	José Manuel Pureza	78
	Bernardino Soares	79
	Heloísa Apolónia	80
	Ana Drago	81
	Fernando Pinto Monteiro	83
	Alberto João Jardim	85
	Carlos César	87

		Página
	Paulo Portas	88
	Francisco Louçã	89
	Jerónimo de Sousa	91
	Miguel Relvas	93
	Carmelinda Pereira	94
	António Garcia Pereira	95
	João Bosco Mota Amaral	96
	António de Almeida Santos	97
	Victor Pereira Crespo	98

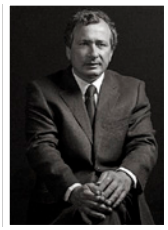
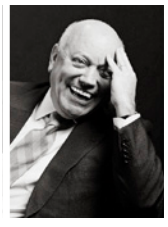
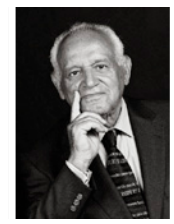
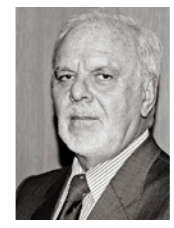
		Página
	António Barbosa de Melo	99
	António Guterres	100
	Pedro Santana Lopes	101
	Francisco Pinto Balsemão	102
	Marcelo Rebelo de Sousa	103
	José Vera Jardim	104
	Manuel Alegre	105
	Manuela Ferreira Leite	106
	Leonor Beleza	107

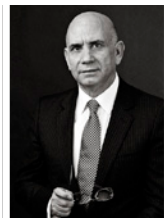
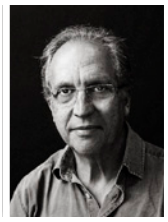
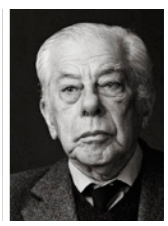
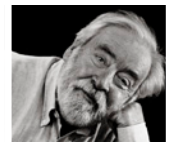
		Página
	Joaquim Gomes Canotilho	108
	António Capucho	109
	Jorge Miranda	110
	Fernando Nobre	111
	José Ribeiro e Castro	112
	José Luís Arnaut	113
	Vítor Ramalho	114
	João Gomes Cravinho	115
	Marcos Perestrello	116
	Carlos Zorrinho	117
	Laurentino Dias	118
	Idália Moniz	119
	Humberto Rosa	120
	José Luís Pinto Ramalho	121
	Fernando José Gomes	122
	Luís Evangelista Araújo	123
	Nuno Vieira Matias	124
	António Filipe	125
	Francisco Lopes	126
	Fernando Rosas	127
	João Semedo	128
	Maria de Belém Roseira	129
	Ana Catarina Mendes	130
	Sérgio Sousa Pinto	131
	Maria Teresa Morais	132
	José Pacheco Pereira	133
	José Soeiro	134

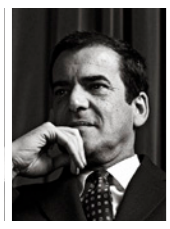
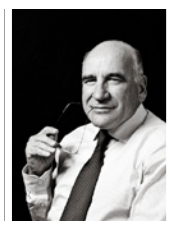
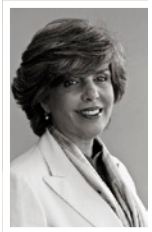
		Página
	Miguel Portas	135
	Marisa Matias	136
	Elisa Ferreira	137
	Vital Moreira	138
	Ana Gomes	139
	Paulo Rangel	140
	Eduardo Catroga	141
	Ilda Figueiredo	143
	Fernando Ruas	144

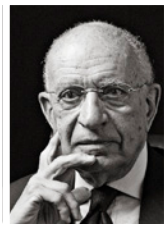
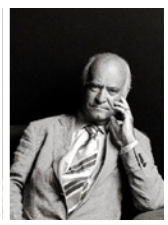
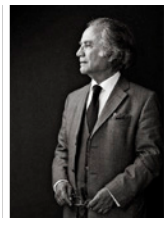
		Página
	Artur Trindade	145
	Vítor Constâncio	146
	Armando Leandro	147
	Maria Augusta Sousa	148
	José Manuel Nunes Liberato	149
	António Costa	150
	Maria da Luz Rosinha	151
	Rui Rio	153
	José Macário Correia	155

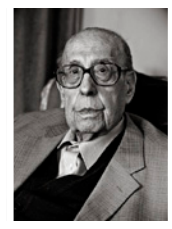
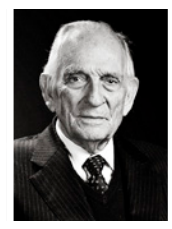
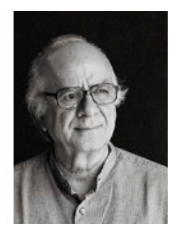
		Página
	Isaltino Morais	156
	Francisco Moita Flores	157
	Carlos Beato	158
	Esmeraldo Carvalhinho	159
	Pedro Paredes	160
	Manuel Coelho	161
	José Alberto Guerreiro	162
	Carlos Teixeira	163
	Carlos Pinto de Sá	164

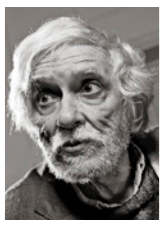
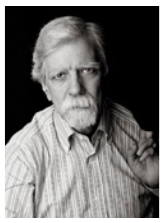
		Página
	Joaquim Morão	165
	Ana Vicente	167
	José António Monteiro	168
	Miguel de Albuquerque	169
	Francisco George	171
	Orlando Borges	173
	António Macieira Antunes	174
	Catarina Vaz Pinto	175
	José Ferreira da Costa	176
	António Camilo	177
	Narciso Miranda	178
	Fernando Gomes	179
	Daniel Campelo	180
	Abílio Fernandes	181
	Marta Pereira de Sousa	182
	Nilza Mouzinho de Sena	183
	Jorge Coelho	184
	José Medeiros Ferreira	185
	Mário Lino	186
	Manuel Pinho	187
	José Veiga Simão	188
	João Cravinho	189
	António Reis	190
	António Arnaut	191
	Luís Valente de Oliveira	192
	Nuno Morais Sarmento	193
	Roberto Carneiro	194

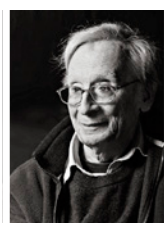
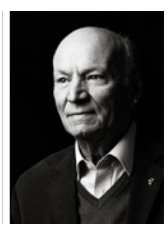
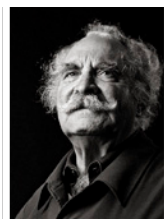
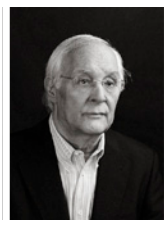
		Página
	Ângelo Correia	195
	José Pedro Aguiar Branco	196
	Álvaro Laborinho Lúcio	197
	António Bagão Félix	199
	Jorge Moreira da Silva	200
	Carlos Pimenta	201
	Tiago Pitta e Cunha	202
	Paulo Teixeira Pinto	203
	Maria José Nogueira Pinto	204
	Daniel Oliveira	205
	Domingos Duarte Lima	206
	Miguel Veiga	207
	Basílio Horta	208
	Joana Amaral Dias	209
	Carlos Carvalhas	211
	José Lamego	212
	Gonçalo Ribeiro Telles	213
	Luís Marques Mendes	214
	José Manuel Tengarrinha	215
	Carlos Antunes	216
	Isabel do Carmo	217
	Helena Cidade Moura	218
	Manuel Monteiro	219
	Américo Ferreira de Amorim	220
	Belmiro de Azevedo	221
	Luís Portela	222
	Artur Santos Silva	223

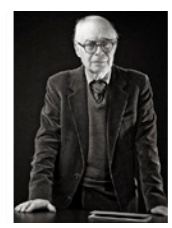
		Página
	Miguel Pais do Amaral	224
	Rui Moreira	225
	Jorge Baptista	226
	Rita Nabeiro	227
	Emílio Rui Vilar	228
	Teresa Patrício Gouveia	229
	Isabel Mota	230
	Eduardo Marçal Grilo	231
	Martin Essayan	232

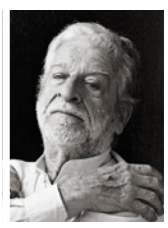
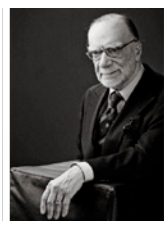
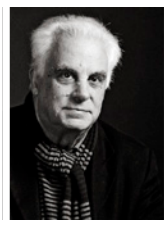
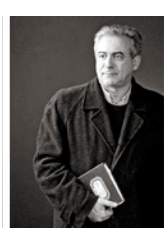
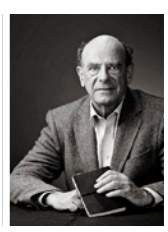
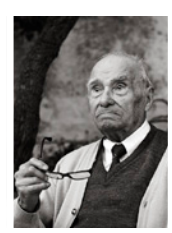
		Página
	Nuno Azevedo	233
	Simonetta Luz Afonso	234
	Iva Delgado	235
	Bárbara Coutinho	236
	Rui Alarcão	237
	Fernando Rebelo	238
	Helena Nazaré	239
	J. Renato Araújo	240
	Leopoldo Guimarães	241

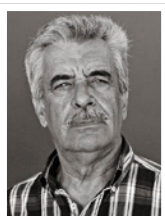
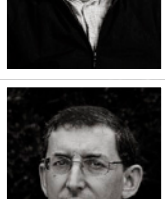
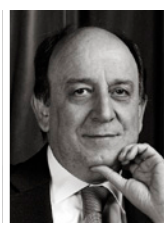
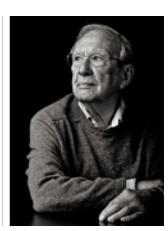
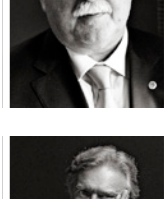
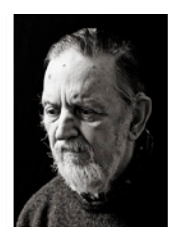
		Página
	Cristina Robalo Cordeiro	242
	Vitorino Magalhães Godinho	243
	Adriano Moreira	244
	Maria Helena Rocha Pereira	245
	Eduardo Lourenço	246
	José Mattoso	247
	Boaventura Sousa Santos	248
	António Barreto	249
	Viriato Soromenho Marques	250

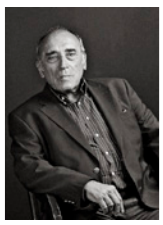
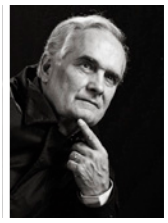
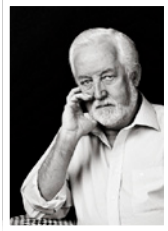
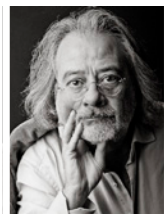
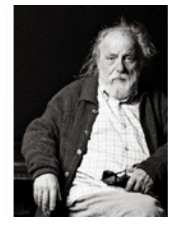
		Página
	Abdool Vakil	251
	Esther Mucznik	252
	Fernando Soares Loja	253
	Manuel Clemente	254
	Manuel Martins	255
	Ana Hatherly	257
	António Ramos Rosa	259
	José Manuel Mendes	260
	Lídia Jorge	261

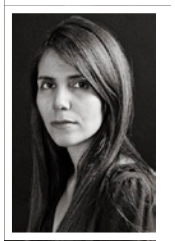
		Página
	Vasco Graça Moura	263
	Urbano Tavares Rodrigues	265
	Mário Cláudio	266
	Manuela Saraiva de Azevedo	267
	Albano Martins	268
	Fernando Echevarría	269
	Armando Baptista-Bastos	270
	Patrícia Reis	271
	Carlos Matos Gomes	272

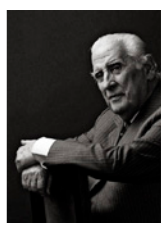
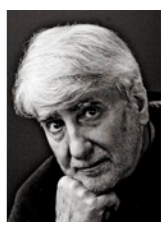
		Página
	José Maria Vieira Mendes	273
	Fernando Dacosta	274
	Richard C. Zimler	275
	Alexandre Quintanilha	276
	Elvira Fortunato	277
	Fernando Catarino	278
	Maria de Sousa	279
	Mário Ruivo	280
	Maria Manuela Mota	281

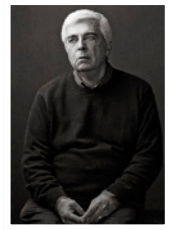
		Página
	Luís Aires Barros	282
	Aquilino Ribeiro Machado	283
	Suzanne Daveau	285
	Jorge Gaspar	286
	Raquel Soeiro de Brito	287
	José Manuel Simões	288
	Gonçalo Vieira	289
	Pedro Bettencourt	290
	Luís Manuel Baptista	291
	Fernando Lemos	292
	José Augusto-França	293
	Raquel Henriques da Silva	294
	Rui Mário Gonçalves	295
	Teresa Lago	296
	Vítor Serrão	297
	José Gil	298
	Filipe Duarte Santos	299
	Maria Fernanda Rollo	300
	Fernando Catroga	301
	Isabel Ponce Leão	302
	Mónica Bettencourt Dias	303
	Carlos Cruz Oliveira	304
	Edmundo Pedro	305
	Joaquim Marrão	306
	Cláudio Torres	307
	Cristina Branquinho	308
	João Caraça	309

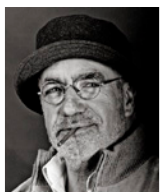
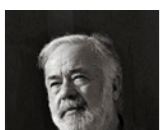
		Página
	Cristina Caldas	310
	Armando Lencastre	311
	Jorge Oliveira	312
	José Tribolet	313
	António Raposo	314
	Luís Arroz	315
	Germano Silva	316
	António Carlota	317
	Jorge Vilela	318
	Artur Ricardo Torres	319
	Maria Emília Brederode	320
	Ana Maria Dias Bettencourt	321
	Alberto de Castro	322
	Luiz Francisco Rebello	323
	Eduardo Barroso	324
	Daniel Sampaio	325
	Pedro Nunes	326
	Júlio Machado Vaz	327
	Duarte Caldeira	328
	Francisco Ferreira	329
	Guida Faria	330
	Álvaro Siza Vieira	331
	Nuno Teotónio Pereira	332
	Jorge Cancela	333
	Fernando Pinto	335
	Fernanda Meneses	336
	Rui Morgado	337

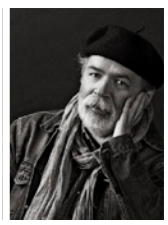
		Página
	Carlos Martins	338
	João Paulo Guerra	339
	Cândida Pinto	340
	Miguel Sousa Tavares	341
	Diana Andringa	342
	Maria Flor Pedroso	343
	Francisco Sena Santos	344
	Carlos Magno	345
	Teresa de Sousa	346
	Pilar del Río	347
	José Milhazes	348
	Eduarda Maio	349
	Emídio Rangel	350
	José Carlos de Vasconcelos	351
	António Macedo	352
	Ana Sousa Dias	353
	Armando Carvalheda	354
	Artur Agostinho	355
	Luísa Schmidt	356
	Carla Matos Gomes	357
	Maria Keil	358
	Mafalda Anjos	359
	José de Guimarães	360
	Nadir Afonso	361
	João Cutileiro	362
	José Rodrigues	363
	David Rosado	364

		Página
	Joana Vasconcelos	365
	Emília Nadal	367
	Liliana Dias	368
	Dora Dias	369
	António Vitorino d'Almeida	370
	Raúl Costa	371
	Joana Carneiro	372
	Aurelino Costa	373
	Ana Bela Chaves	374

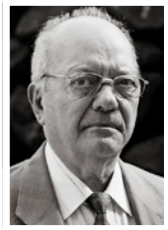
		Página
	Nella Maíssa	375
	José Manuel Serra Formigal	376
	Manuel Póvoa	377
	Fernando Tordo	378
	Carlos do Carmo	379
	Luís Cília	380
	Pedro Barroso	381
	Manoel de Oliveira	383
	Maria João Seixas	384

		Página
	Fernando Marques Lopes	385
	Ruy de Carvalho	386
	António Feio	387
	Eunice Munoz	388
	Luís Miguel Cintra	389
	Rogério Samora	390
	Nicolau Breyner	391
	Luísa Cruz	392
	José Raposo	393

		Página
	Olga Roriz	394
	Anna Mascolo	395
	Ana Lacerda	396
	Mário Franco	397
	José Manuel Rodrigues	398
	António Homem Cardoso	399
	Luiz Carvalho	400
	Manuel Silveira Ramos	401
	Daniel Malhão	402

		Página
	Duarte Belo	403
	José Manuel Silva	404
	José Luís Garcês	405
	José Manuel Antas	406
	José Manuel Veríssimo Teixeira	407
	Eduardo Lima	408
	Rui Pires	409
	Júlio Lousada	410
	Jorge Garcia	411

		Página
	Eusébio da Silva Ferreira	412
	Mário Moniz Pereira	413
	Rosa Mota	414
	Patrícia Aguiar	415
	Jorge Nuno Pinto da Costa	416
	João Garcia	417
	Tomaz Morais	418
	Pedro Leal "Pipoca"	419
	Manuel Vaz Vieira	420

		Página
	Fausto Martins de Carvalho	421
	Vítor Nédio	422
	Miguel Andrade Gomes	423
	José Manuel Mourinho Félix	424
	Perfeito Aguiar	425
	Armando de Sousa Botelho	426
	Cristina Fialho Rivotti	427
	Lisete Vicente	428
	Feliciano Camarão	429
	General Alfredo	430
	Manuel Vieira de Jesus	431

Patrocínio

Apoios